

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

HELGA LÍVIA APARECIDA SILVA DE MELO

CLÍTICOS: VARIAÇÃO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS EM
DOCUMENTO DO SÉCULO XVII

Belo Horizonte / MG
2017

HELGA LÍVIA APARECIDA SILVA DE MELO

CLÍTICOS: VARIAÇÃO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS EM
DOCUMENTO DO SÉCULO XVII

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

M528c

Melo, Helga Livia Aparecida Silva de.

Clíticos [manuscrito] : variação da colocação pronominal no Português em documento do século XVII / Helga Livia Aparecida Silva de Melo. – 2017.

175 f., enc. : il.,grafs, tabs, maps (color) (p&b)

Orientadora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 132-138.

Apêndices: f. 139-175.

1. Língua portuguesa – Variação – Teses. 2. Linguística histórica – Teses – 3. Língua portuguesa – Pronomes – Teses. 4. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 5. Língua portuguesa – história – Teses. I. Cohen, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

CLÍTICOS: VARIAÇÃO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS EM DOCUMENTO DO SÉCULO XVII

HELGA LÍVIA APARECIDA SILVA DE MELO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 30 de junho de 2017, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Antonieta A de M Cohen - Orientador
UFMG

Prof(a). Alexia Teles Duchowny
UFMG

Prof(a). Soélis Teixeira do Prado Mendes
UFOP

Belo Horizonte, 30 de junho de 2017.

*por todos os momentos vividos e partilhados
pela cumplicidade além do espaço e do tempo
pela sagacidade nas horas certas e incertas
dedico este trabalho às minhas irmãs
que vieram em forma de primas:*

Lívia e Carol

AGRADECIMENTOS

Foi movida por um amor maior e incompreensível que resolvi encarar este desafio do Mestrado. Desde os primeiros dias, de festa e deslumbramento, até a esses últimos, de dificuldades, imprevistos e adiamentos, esse tal amor era o que me impulsionava em cada passo da caminhada. Sem amor, não seria possível chegar até aqui.

Primeiramente, e acima de tudo, agradeço a Deus. Por me resgatar na fé, por me indicar os caminhos e por me fortalecer na esperança, quando todos os ventos pareciam soprar na direção contrária. Por ser fonte de inspiração e de persistência, por ser o nome da minha “Força e Vitória”.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional em todas as etapas. Por compreenderem, cada um a seu modo, minhas escolhas e decisões. Aos meus familiares; irmão, primos, tios, pelas palavras de incentivo e pela compreensão das ausências.

À Prof.^a Tilah, pela orientação segura e sempre aberta ao diálogo, pelo incentivo nos momentos de insegurança, pela paciência nos momentos de dificuldade e pelo apoio em todas as etapas, desde o início deste projeto, ainda na graduação.

Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo financiamento das pesquisas que resultaram nesta dissertação (Projeto 830215/1999-9, Processo 133503/2016-0).

Aos amigos Cris, Manu, Alisson e Chaim, por estarem sempre ao meu lado, não só nos melhores, como também nos piores momentos. Por me incentivarem, mas também por me distraírem de vez em quando. Aos meus primos Gustavo, Lívia e Carol, que estiveram presentes nos momentos mais decisivos, que sempre me apoiaram, mas também compreenderam quando me ausentei.

Aos amigos “tugas”, agradeço mais do que pelas preciosas contribuições linguísticas; à Márcia, por ser dentre as distantes, a mais presente; à Raquel, pelas maravilhas e bandeirinhas de Portugal; e ao Celso, por nunca ter conseguido me convencer de que falamos línguas diferentes.

Enfim, a Portugal, por ser minha maior inspiração, em quase todos os sentidos...

“Minha pátria é a Língua Portuguesa.”

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Esta dissertação traz uma contribuição para o estudo do Português seiscentista, apresentando uma descrição detalhada da colocação dos pronomes clíticos em 83 cartas missivas da rainha Catarina de Bragança, que foram escritas entre os anos de 1685 e 1692. Considera-se um *corpus* confiável, pois trata-se de um documento monotestemunhal, original e pouco explorado em pesquisas linguísticas. Nessas cartas, foram coletadas todas as ocorrências de pronomes clíticos, levando em conta seus verbos hospedeiros. As ocorrências foram classificadas de acordo com a posição do pronome em relação ao verbo e da posição do verbo na frase. A análise foi feita de acordo com os modos verbais (indicativo, subjuntivo e imperativo) e com as formas nominais (gerúndio e infinitivo), nos casos de sintagmas verbais simples, e com os tipos de perífrases verbais (com participípio, com gerúndio, ou com infinitivo), nos casos de sintagmas verbais complexos. Os casos de interpolação foram analisados separadamente. A partir da aparente variabilidade entre próclise e ênclise, procedeu-se a uma descrição detalhada dos ambientes em que a escolha por uma ou por outra forma variante é determinada por fatores sintáticos, bem como por ambientes em que a variação se mostra possível. Com o verbo hospedeiro no modo indicativo, em contextos relevantes, a variação de colocação ocorreu em favor da próclise (86% das ocorrências). Já com o verbo hospedeiro no infinitivo, a variação ocorreu em favor da ênclise (55,7%). Considerando a colocação dos clíticos como um fator indicativo das mudanças linguísticas ocorridas no português europeu, esta descrição revela uma gramática mais conservadora, uma vez que mantém certos padrões que viriam a cair em desuso nos séculos seguintes, como o uso generalizado da próclise em orações finitas “neutras”, contexto que a gramática atual revela como predominante enclítico.

Palavras-chave: clíticos; hospedeiros verbais; século XVII; Portugal; variação e mudança linguística.

ABSTRACT

This dissertation brings a contribution to the study of seventeenth-century Portuguese language, by means of a detailed description of the clitic placement in 83 letters written by the Queen Catarina de Bragança, between 1685 and 1692. It is considered a valuable *corpus*, because it is authograph, original and nearly unknown to linguistic research. In these letters, all the occurrences of clitics were collected, taking into account their host verbs. The occurrences were classified according to the clitic placement (proclisis or enclisis) and according to the types of sentence. The analysis was made according to the finite (indicative, subjunctive and imperative) and non finite (gerund and infinitive verbal forms and to types of verbal periphrases (with past participle, gerund, or infinitive). The interpolation was analyzed separately. On the basis of the apparent variability between proclisis and enclisis, a detailed description of the syntactic contexts in which the choice between one or the other variant form determined by syntactic factors has been made, and also a description of the syntactic context in which the alternance was possible. When the host verb is in the indicative mode, in variation contexts, we have the predominance of proclisis (86%). When the host verb is in the infinitive, the variation occurred in favor of the enclisis (55,7%). Considering the clitic placement as a grammatical indicator of the linguistic change that has occurred in European Portuguese, this description reveals a more conservative grammar, since it maintains some patterns that would become obsolete in the following centuries. The generalized use of proclisis in finite clauses is a context that the current grammar is predominantly enclitic.

Keywords: clitics; verbal hosts; XVII century; Portugal; variation and linguistic change.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPAS

Mapa 1 – Lusitânia Romana no tempo de Augusto	22
Mapa 2 – Reinos cristãos no século XI	24
Mapa 3 – Formação do Reino de Portugal	24
Mapa 4 – Área primitiva do galego-português e da Reconquista	25

FIGURAS

Figura 1 – Fólios 4 e 24 do <i>fac-simile</i> das cartas de Catarina	42
Figura 2 – Retrato da jovem Catarina de Bragança recém-chegada à Inglaterra	46
Figura 3 – O Rei D. Carlos II e a Rainha D. Catarina de Bragança	47
Figura 4 – Estátua de D. Catarina de Bragança em Lisboa	48
Figura 5 – Organização das frases com ocorrências de clíticos	69

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Próclise e ênclise por autores portugueses dos séculos XV ao XIX	61
Gráfico 2 – Frequência da ênclise em textos portugueses de 1200 a 1900	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Propostas de periodização da história da língua portuguesa	28
Quadro 2 – Pronomes pessoais átonos	51
Quadro 3 – Coesão dos grupos clíticos	52
Quadro 4 – Verbos que ocorrem no <i>corpus</i> com clíticos dependentes	71
Quadro 5 – Variação ênclise / próclise com os mesmos verbos no indicativo	97
Quadro 6 – Variação ênclise / próclise com os mesmos verbos no infinitivo	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Próclise e ênclise por autores portugueses do século XV ao XIX	61
Tabela 2 – Clíticos nas Cartas CB	68
Tabela 3 – Distribuição dos clíticos em posição pré-verbal	68
Tabela 4 – Clíticos nas Cartas CB (atualizada)	69
Tabela 5 – Verbos que ocorrem apenas com próclise	73
Tabela 6 – Verbos que ocorrem apenas com ênclise	80
Tabela 7 – Verbos que ocorrem com próclise e com ênclise	81
Tabela 8 – Distribuição de próclise e ênclise com verbos do grupo III em tempos simples	84
Tabela 9 – Distribuição de próclise e ênclise em tempos simples	87
Tabela 10 – Distribuição de próclise e ênclise com verbos no indicativo de acordo com o elemento pré-verbal	88
Tabela 11 – Contextos relevantes de variação com verbos no indicativo	93
Tabela 12 – Distribuição de próclise e ênclise com verbos no infinitivo de acordo com o elemento pré-verbal	103
Tabela 13 – Contextos relevantes de variação com verbos no infinitivo	106
Tabela 14 – Clíticos em perífrases verbais de acordo com o verbo principal	115
Tabela 15 – Distribuição dos casos de interpolação no <i>corpus</i>	125
Tabela 16 – Interpolação de acordo com o elemento interpolado e com o verbo	126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EM PORTUGUÊS

a.C.: antes de Cristo	pl.: plural
Acus. ou Ac.: Acusativo	Port.: Português
Cartas CB: Cartas de Catarina de Bragança	PP: particípio passado
CL: clítico	Pro: próclise
CL+V: clítico em posição pré-verbal	Séc.: século
CORDIAL-SIN: <i>Corpus</i> Dialectal para o estudo da Sintaxe	sg.: singular
CRPC: <i>Corpus</i> de Referência do Português contemporâneo	SP: sintagma preposicional
D.: Dom / Dona (rei / rainha)	Subj.: subjuntivo
d.C.: depois de Cristo	SV: sintagma verbal
Dat.: Dativo	SVO: Sujeito-Verbo-Objeto
Enc.: ênclise	v.: volume
Ger.: gerúndio	V+CL: clítico em posição pós-verbal
Imper.: imperativo	V: verbo
Indic.: indicativo	V1: verbo em posição inicial na frase
Inf. Flex.: infinitivo flexionado	V _{aux} : verbo auxiliar
Inf.: infinitivo	V _{ger} : verbo no gerúndio
Interp.: interpolação	V _{inf} : verbo no infinitivo
n.: número	V _{part} : verbo no particípio
Org.: organizadores	
p.: página(s)	
Part.: particípio	
PB: Português Brasileiro	
PE: Português Europeu	
Perif.: perífrase verbal	

EM LATIM

<i>apud</i> : citado por
<i>et al.</i> : e colaboradores
<i>ibidem</i> : na mesma obra
<i>Loc. cit.</i> : <i>Loco citato</i> = no lugar citado
<i>Op. cit.</i> : <i>Opus citatum</i> = na obra citada

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: HISTÓRIA E GRAMÁTICA	18
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	20
1.1.1 Formação histórica de Portugal e da língua portuguesa	21
1.1.2 Periodização da história do Português	27
1.1.3 O Português como língua de prestígio e de cultura	30
1.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	33
1.2.1 Filologia e crítica textual: instrumentos da linguística histórica	35
1.2.2 Variação linguística	39
1.2.3 O <i>corpus</i>	41
1.2.3.1 As cartas: aspectos relevantes	41
1.2.3.2 A transcrição e a coleta dos dados	44
1.2.3.3 D. Catarina de Bragança: breve biografia	45
1.3 CLÍTICOS NA LÍNGUA PORTUGUESA	49
1.3.1 Sintaxe: a tradição gramatical	50
1.3.1.1 A colocação dos clíticos	53
1.3.2 A sintaxe dos clíticos na história	60
CAPÍTULO 2: CLÍTICOS NAS CARTAS CB	66
2.1 DADOS GERAIS DO <i>CORPUS</i>	68
2.1.1 Reorganização dos dados	69
2.2 OS HOSPEDEIROS VERBAIS	71
2.3 CLÍTICOS EM FRASES FINITAS	87
2.3.1 Ordem fixa (modo indicativo)	88
2.3.1.1 Ênclise como padrão fixo	88
2.3.1.2 Próclise como padrão fixo	89
2.3.2 Ordem variável	93

2.3.3 Mesmo verbo, contextos diferentes	97
2.4 CLÍTICOS EM FRASES NÃO-FINITAS	102
2.4.1 Ordem fixa (infinitivo)	103
2.4.1.1 Ênclise como padrão fixo	103
2.4.1.2 Próclise como padrão fixo	104
2.4.2 Ordem variável	106
2.4.3 Mesmo verbo, contextos diferentes	110
2.5 PERÍFRASES VERBAIS	114
2.5.1 Dados gerais	115
2.5.2 Perífrases verbais com particípio passado	119
2.5.3 Perífrases verbais com gerúndio	121
2.5.4 Perífrases verbais com infinitivo	122
2.5.4.1 Infinitivo com semiauxiliares temporais	122
2.5.4.2 Infinitivo com semiauxiliares aspectuais	123
2.5.4.3 Infinitivo com semiauxiliares modais	123
2.6 INTERPOLAÇÃO	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	132
ANEXO I – Modo Indicativo	139
ANEXO II – Modo Subjuntivo	154
ANEXO III – Modo Imperativo	157
ANEXO IV – Infinitivo	158
ANEXO V – Gerúndio	165
ANEXO VI – Perífrases verbais	167
ANEXO VII – Interpolação	173

INTRODUÇÃO

Investigar fases pretéritas da história de uma língua envolve um desafio imediato: a impossibilidade de resgatar o comportamento linguístico dos seus falantes em situações reais de uso. Assim sendo, o pesquisador que pretenda descrever ou interpretar aspectos diacrônicos de sua língua, o que compreende o conhecimento e descrição de sincronias pretéritas, não terá a mesma facilidade em discernir certas formas linguísticas contando apenas com sua competência de falante.

Quando começamos a investigar aspectos gramaticais da própria língua, temos a enganosa convicção do conhecimento intuitivo, que pode nos levar a conclusões precipitadas. Muitas vezes, corremos o risco de passar por cima de certos aspectos por nos parecerem óbvios; e de tão óbvios, tornam-se imperceptíveis, mesmo ao olhar de um pesquisador atento.

Estamos, portanto, diante de um paradoxo: de um lado, as aparentes obviedades de uma língua já conhecida; do outro, as diferenças mais marcantes, que podem causar diversos graus de estranhamento e dificultar o entendimento do texto antigo a se analisar. Sabemos que as línguas apresentam variação em diversos níveis e aspectos. Também sabemos que alguns tipos de variação podem desencadear mudanças linguísticas ao longo do tempo, ao passo que outros mantêm-se estáveis.

Outro desafio inerente a uma investigação no campo da linguística histórica consiste em buscar compreender, também, a história da formação da língua que se pretende estudar, bem como a cultura dos povos que a falam. Antes de descrever mais a fundo os aspectos linguísticos por si só, é preciso situar esse estudo no tempo e no espaço, bem como nos seus contextos de uso. Língua e nação estão diretamente correlacionadas, assim como estudar a história de uma língua pressupõe um conhecimento da história de sua nação.

O século XVII, embora ainda pouco caracterizado linguisticamente, é alvo de discussões e controvérsias quanto às prováveis mudanças que teriam ocorrido no português, durante esse período. Visando fornecer uma contribuição ao conhecimento do português seiscentista, este trabalho tem por objetivo investigar aspectos sintáticos em variação, em um *corpus* constituído por cartas missivas. A delimitação do *corpus* foi feita com base em critérios da linguística histórica e da crítica textual. Configura-se

em um total de 83 cartas autógrafas da Rainha Catarina de Bragança, escritas entre os anos 1685 e 1692. As transcrições dessas cartas (COHEN *et al.*, 1999) foram realizadas segundo normas da Diplomática e os dados foram sistematizados para análise tendo como norteadores alguns dos princípios da teoria variacionista.

A importância deste *corpus* reside no fato de ser um documento não literário, sendo material inédito para pesquisas linguísticas. Por se tratar de cartas familiares, de conteúdo pessoal, supõe-se que sua escrita possa revelar aspectos do português tal como era usado nesse período, de maneira espontânea, sem muita preocupação com as normas gramaticais vigentes. Além disso, temos um documento de autoria feminina, fator que era incomum nessa época, já que as mulheres sempre estiveram à margem da alfabetização, mesmo nas camadas mais altas da sociedade.

O que aqui se propõe é uma sistematização e uma descrição detalhada das ocorrências de pronomes clíticos, tema bastante explorado no campo da sintaxe. Pela tradição gramatical, a ênclise seria a posição esperada dos pronomes pessoais átonos, ou seja, a ordem não-marcada para línguas SVO, como o português. A próclise resultaria de condicionamentos e ambientes especiais para ocorrer. Portanto, a colocação dos clíticos é variável em alguns contextos, mas na maioria dos casos, é condicionada por fatores intra-linguísticos, geralmente pelo tipo de oração e/ou pela posição do verbo na sentença e muitos outros fatores.

A metodologia adotada foi a coleta de todas as ocorrências de pronomes clíticos no documento, em continuidade a trabalho realizado no âmbito da iniciação científica (MELO, 2013), no qual foram identificados os casos de próclise e de ênclise em formas verbais simples e complexas, com ou sem interpolação de outros elementos entre o clítico e o verbo. Na presente análise, passa-se a considerar também os verbos que ocorrem como hospedeiros, classificando essas ocorrências de acordo com o modo verbal (formas finitas) ou com a forma nominal (formas não finitas). As formas complexas (perífrases verbais) e os casos de interpolação são considerados separadamente. Todas as ocorrências são quantificadas e subcategorizadas de acordo com os elementos pré-verbais e com os tipos de orações. Assim, procede-se a uma descrição detalhada de todos esses contextos.

Com uma metodologia mais precisa no tratamento dos dados, levando em conta os verbos hospedeiros e os ambientes sintáticos, o objetivo desta pesquisa é verificar a variabilidade da colocação pronominal no português seiscentista, através

de um *corpus* inédito e original. Neste sentido, é possível elucidar a gramática da autora das cartas e situá-la no contexto linguístico do século XVII, através da comparação de resultados com os de outros estudos, sincrônicos, diacrônicos e contemporâneos.

A discussão que perdura entre sintaticistas quanto à colocação pronominal no século XVII gira em torno da datação da mudança linguística que teria invertido o padrão de uso dos pronomes átonos no português europeu. Em contextos relevantes, ou seja, contextos que permitem variação, a próclise era a ordem preferencial, mas aos poucos teria perdido espaço para a ênclise, que veio a tornar-se predominante e permanece até os dias de hoje como a norma padrão de uso dos falantes portugueses. Assim sendo, o objeto de estudo fica delimitado no âmbito desta variedade da língua.

A presente dissertação é dividida em dois capítulos, sendo o primeiro uma apresentação geral do tema e da metodologia, e o segundo a apresentação e análise dos resultados. No capítulo 1, temos uma contextualização histórica da formação e expansão da língua portuguesa, os pressupostos teórico-metodológicos da filologia e da crítica textual como fontes de trabalho essenciais para a linguística histórica, do variacionismo, e a revisão bibliográfica do tema nas principais gramáticas portuguesas. No capítulo 2, temos a quantificação das ocorrências de clíticos e dos ambientes sintáticos em que ocorrem, levando em conta os verbos hospedeiros. A análise dos dados é feita com base nas formas verbais (finitas ou nominais), nos contextos em que o padrão de colocação mostrou-se fixo (próclise ou ênclise obrigatória), nos contextos de possível variação, nos tipos de conjugação verbal (simples ou complexa) e nas ocorrências de interpolação.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA E GRAMÁTICA

“E se mais mundo houvera, lá chegara...”

(Luís de Camões)

APRESENTAÇÃO

Neste primeiro capítulo, que subdivido em três partes, apresento o tema deste trabalho e, no início de cada seção, a bibliografia consultada para sua elaboração. Primeiramente, na seção 1.1, faço uma breve contextualização da história da língua portuguesa, desde a chegada dos romanos à Península Ibérica, até ao século XVII, período em que se concentra o presente estudo.

Na seção 1.2, apresento os fundamentos teórico-metodológicos em que se apoia a pesquisa, justificando a delimitação do *corpus* e descrevendo as etapas do trabalho: a transcrição dos manuscritos, a coleta dos dados e os critérios levados em conta para essa coleta e análise. Também nessa seção é feita uma descrição do *corpus* utilizado, considerando aspectos relevantes dos documentos, tais como autoria, datação, localização e gênero textual.

Na seção 1.3, faço uma revisão da literatura consultada sobre o tema principal da dissertação, os pronomes átonos (clíticos). Essa seção é subdividida em duas partes, sendo a primeira uma revisão da tradição gramatical sobre os clíticos no português europeu e a segunda uma apresentação mais específica dos clíticos na história e principalmente no período em análise.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Nesta primeira seção, em que são retomados os primórdios da história da formação de Portugal e da língua portuguesa, baseio-me nas obras: *Lições de Filologia Portuguesa* (1946) de Carolina Michaëllis de Vasconcelos; *Pontos de Gramática Histórica* (2004 [1976]) de Ismael de Lima Coutinho; *História da Língua Portuguesa I. Séculos XII, XIII e XIV* (1989) de Amini Boainain Haury; *História da Língua Portuguesa II. Século XV e meados do século XVI* (1988) de Dulce de Faria Paiva; *História da Língua Portuguesa III. Metade do século XVI e século XVII* (1987) de Segismundo Spina; *História da Língua Portuguesa* (1994 [1980]) de Paul Teyssier; *Curso de História da Língua Portuguesa* (1991), *Introdução à História do Português* (2011 [2004]) e o texto *Formação da Língua Portuguesa* (2013), de Ivo Castro; *O Essencial sobre a História do Português* (2006) de Esperança Cardeira; *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2008 [1995]) de Celso Cunha e Lindley Cintra; *A Língua Portuguesa – Teoria, Aplicação e Investigação* (2014), de Maria Helena Mira Mateus e a introdução da coletânea *O Português Quinhentista: estudos linguísticos* (2002), organizada por Rosa Virgínia Mattos e Silva e Américo Venâncio Lopes Machado Filho.

Para uma breve discussão sobre a periodização da história da língua, acrescento: *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (1971 [1931]) de Manuel Said Ali; *Estudos de Filologia Portuguesa* (1961) de José Leite de Vasconcelos; *Gramática Portuguesa* (1971) de Pilar Vazquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz; *História da Língua Portuguesa* (1986 [1952]) de Serafim da Silva Neto e o texto *O primeiro século do português escrito* (2007) de Ana Maria Martins.

Para tratar dos séculos XVI e XVII, revisito outros autores, como Maria Leonor Carvalhão Buescu, com o prefácio da edição de *Origem e Ortografia da língua portuguesa* (1975 [1576]), *Gramáticos portugueses do século XVI* (1978) e *A Galáxia das línguas na época da expansão* (1992); o prefácio de José Eduardo Franco e João Paulo Silvestre (2012) da edição fac-similada da *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536); e o prefácio de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes (2007) da edição fac-similada do *Methodo Grammatical para todas as linguas* de Amaro de Robredo (1606). Todas essas obras em conjunto foram de fundamental importância para a compreensão e apreciação da história da língua e de Portugal.

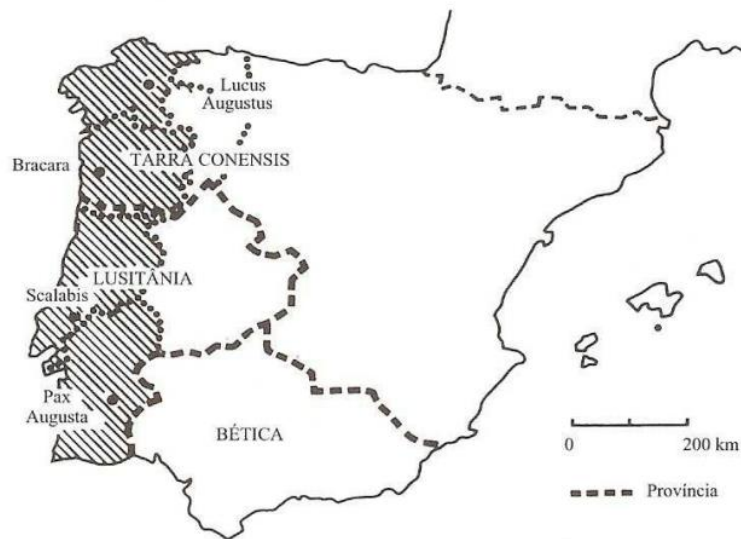
1.1.1 Formação histórica de Portugal e da língua portuguesa

Sabe-se que todas as línguas românicas provêm do Latim Vulgar, que diferentemente do latim clássico dos textos literários e eclesiásticos, não era uma língua homogênea. Falado em um vasto território, esse latim era uma língua viva, que apresentava muitos tipos de variações: espaciais, temporais, sociais, etc. Com a expansão do Império Romano e o contato com as línguas nativas dos povos conquistados, eram diversas as inovações e variedades dialetais que surgiam em cada região, na medida em que seus povos aceitavam, adotavam e também adaptavam aos seus próprios costumes a língua dos conquistadores.

Os romanos chegam à Península Ibérica, já habitada por povos de diversas origens, aproximadamente no ano de 218 a.C. e adentram aos poucos o território, em uma fase predominantemente guerreira (COUTINHO, 2004, p. 48). Quando chegam ao oeste da península, encontram muita resistência por parte dos lusitanos, povo de origem indo-europeia que lá vivia, e essa resistência somente se apaziguaria no reinado de Augusto, o primeiro imperador, já por volta do ano 27 a.C., quando a assimilação da cultura romana começa a ser decisiva em toda a península. Todos os povos peninsulares, à exceção dos Bascos, aceitam a língua recém-chegada com os conquistadores (CARDEIRA, 2006; CASTRO, 2011).

Os romanos haviam já dividido a península em Hispânia Ulterior e Citerior e Augusto divide a Hispânia Ulterior em duas províncias: a Lusitânia, ao norte do Rio Guadiana, e a Bética, ao sul. Entre os anos 7 a.C. e 2 a.C., a parte da Lusitânia situada ao norte do Douro, chamada Gallaecia, é anexada à Província Tarraconense (a antiga Hispânia Citerior), sendo a romanização mais intensa e completa nos centros urbanos do Sul do que no Norte. O mapa 1 ilustra essa subdivisão da Hipânia Ulterior.

Mapa 1 – Lusitânia Romana no tempo de Augusto



Fonte: TEYSSIER, 1994, p. 6.

Quando chegam os invasores germânicos, em 409 d.C., Alanos ocupam a Lusitânia e a Cartaginense, enquanto Suevos e Vândalos ocupam a Gallaecia e a Bética. Nos anos seguintes, à exceção dos Suevos, esses povos são derrotados pelos Visigodos, que por sua vez, são romanizados, convertidos ao cristianismo, de modo que se diluem na sociedade e na cultura hispano-romana, acabando por oferecer pouca contribuição linguística. Com eles, rompe-se a unidade romana, mas o latim escrito mantém-se como única língua de cultura. Por outro lado, o latim vulgar evolui rapidamente e diversifica-se de tal modo, que no início do século VIII, é falado em quase toda a península e já se encontra “compartimentado linguisticamente”. A península estaria então “dividida em dois romanches, um setentrional e um meridional, mesmo que no plano político o estado visigodo fosse um único” (CASTRO, 2011, p. 60-61). Entretanto, nos séculos seguintes, o mapa linguístico que já estava quase definido volta a sofrer alterações em consequência das invasões muçulmanas.

Os árabes, sírios e bérberes invadem a península em 711 e sete anos depois, já dominam toda a anterior Espanha Visigótica, a Lusitânia e a Gallaecia. Os ibéricos chamam-nos de “mouros”. Os “mouros” colaboram com o crescimento da agricultura, da indústria, do comércio, das ciências e das artes, e, segundo Cunha e Cintra (2008, p. 17), introduzem muitas palavras para designar os novos conhecimentos, influenciando diretamente o léxico das línguas que estavam se formando no território conquistado. Em português, estima-se o número de vocábulos

de origem árabe em mais de mil termos, sendo quase todos substantivos e referindo-se, em geral, à organização guerreira (alferes), à agricultura (açúcar, alface), ao comércio (armazém), a pesos e medidas (arroba, quilate), a ofícios e cargos (alfaiate, almoxarife), a instrumentos musicais (alaúde, tambor) e às ciências (álgebra, algoritmo)¹. Também grande parte da toponímia portuguesa, em especial ao sul do Mondego, tem origem árabe (Odemira, Odivelas, Alfama). Cardeira (2006, p. 32) refere-se a essa influência como “convívio linguístico pacífico”, pois a forte presença do léxico árabe nas línguas românicas peninsulares não as modificou de forma profunda, assim como a cultura e a religião desses povos, que sempre foram considerados como invasores, não alteraram significativamente os costumes dos habitantes da Península. Desse convívio entre a língua popular de estrutura românica e a língua árabe, resultou o moçárabe, língua falada pela população cristã que viveu submetida ao domínio dos árabes.

Ao final do século VIII, inicia-se o processo da Reconquista Cristã, movimento que só viria a ser consolidado em 1492. Foi durante o século IX, na região lusitana compreendida entre o Douro e o Minho, e na Galiza, que se teria formado o galego-português (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 18). Para Joseph-M. Piel (1975, *apud* CASTRO, 2011, p. 64), o limite sul do galego-português teria sido a ria de Aveiro e o rio Vouga que nela deságua. Assim, a língua teria nascido na Gallaecia (Galiza) Magna, território constituído pelas regiões onde atualmente existem as cidades portuguesas do Douro Litoral, o Minho e ocidente de Trás-os-Montes, quase toda a Galiza e parte ocidental da província de Oviedo.

A invasão muçulmana e a Reconquista, segundo Teyssier (1994, p. 5), foram os acontecimentos mais determinantes na formação dos três grandes grupos linguísticos da península: o galego-português a oeste, o castelhano no centro e o catalão a leste. Entre os séculos X e XI, as unidades originárias da Reconquista cristã já definem um novo mapa político. Ao longo desse processo, surgem os Estados medievais e a península é subdividida em reinos. O galego-português espalha-se pelos territórios reconquistados, onde até então eram falados os dialetos moçárabes. Forma-se então o Condado Portucalense, com centro governativo em Guimarães, razão pela qual esta cidade é até hoje conhecida como “berço” de Portugal.

¹ Mais exemplos em: CUNHA e CINTRA (2008, p. 17).

O Condado Portucalense torna-se uma entidade política autônoma e independente com a tomada do poder por D. Afonso Henriques, em 1139 e a separação dos reinos de Leão e de Castela, e também da Gallaecia (mapa 2). Assim, Portugal e Galiza afirmam-se como núcleos políticos distintos, o que conseqüentemente resulta nas fronteiras linguísticas que se definiriam ao longo dos séculos seguintes.

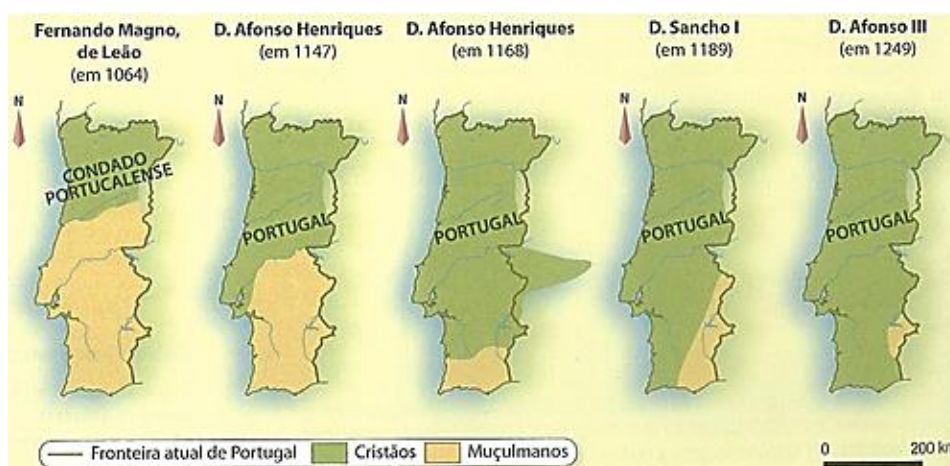
Mapa 2 – Reinos cristãos no século XI



Fonte: http://hgp-recursos.blogspot.com.br/2008/03/mapa-dos-reinos-cristos-no-sculo-xi_06.html

Entre os séculos XI e XIII, o reino estende-se para o centro e sul, anexando as regiões reconquistadas: Coimbra (em 1064), Santarém e Lisboa (em 1147), Évora (em 1165) e, finalmente, Faro (em 1249), conforme mostra o mapa 3 abaixo. A partir de então, as fronteiras de Portugal já se encontram completamente delineadas, como as mais antigas e estáveis da Europa (MIRA MATEUS, 2014; CARDEIRA, 2006).

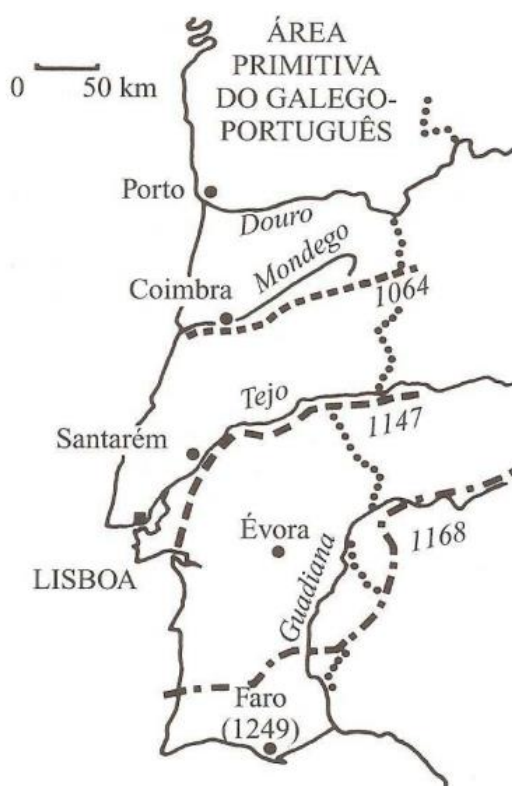
Mapa 3 – Formação do Reino de Portugal



Fonte: <https://pt.slideshare.net/patriciagrignorio3/as-guerras-de-reconquista-e-a-formao-do-reino-de-portugal>

O português é decretado como língua de escrita oficial da nação no reinado de D. Dinis, em 1279. O então rei de Portugal também promove a criação da primeira universidade portuguesa, a Universidade de Coimbra, em 1290, o que contribui para que o eixo Lisboa-Coimbra passe a formar o centro do domínio e da norma padrão da língua (TEYSSIER, 1994, p. 40). Entretanto, o latim clássico ainda permanece como língua de ensino e de cultura até ao século XVI, e o português continua a ser uma língua mais falada do que escrita. No mapa 4, temos a área onde se formou o galego-português e as datas da reconquista de cada região.

Mapa 4 – Área primitiva do galego-português e da Reconquista



Fonte: TEYSSIER, 1994, p. 9.

Em 1255, Afonso III instala-se em Lisboa, que passa a ser a capital definitiva do país. Mesmo que o latim continue a pautar a vida jurídica e eclesiástica (HAUY, 1989, p. 29), a produção de textos lírico-literários em português começa a se intensificar com as poesias trovadorescas, as cantigas de amor e de amigo, as *Cantigas de Santa Maria* e a tradução da *Demanda do Santo Graal* (conjunto de lendas escritas originalmente em francês na primeira década do século XIII). A partir daí ocorre, entre os séculos XIII e XIV, a separação definitiva do português em relação ao galego (COUTINHO, 2004, p. 50).

Os séculos XIII e XIV caracterizam-se mais pela oralidade, pois além do português não ser ainda um idioma estudado, a “elite intelectual” correspondia a apenas 2% da população, maioria ligada à nobreza e ao clero. As poucas pessoas que escreviam em português, os “profissionais da escrita”, escreviam da maneira como ouviam, ainda que dentro de determinadas tradições (MATTOS E SILVA, 2002, p. 30). Castro (1991, p. 174) chama a atenção para a escassez de fontes escritas disponíveis e editadas para fins de estudos linguísticos, ressaltando também a dificuldade para se estabelecer a relação entre os planos da grafia e da oralidade nesse período.

É no século XV que o português começa a apresentar características próprias e distintas do galego-português e começam a surgir as primeiras prosas informativas e literárias. O rei D. Duarte amplia o acesso da população ao ensino e na segunda metade do século, passa a ser comum o bilinguismo, devido às relações políticas, sociais e culturais entre Portugal e Castela. A supremacia hispânica alcança tamanhas dimensões, que o castelhano falado e escrito passa a ser usado como segunda língua em Portugal, não só pelos aristocratas, como também pelas pessoas cultas e letradas (PAIVA, 1988, p. 8-12). *O Leal Conselheiro* (1435-1438), de D. Duarte, e as crônicas de Fernão Lopes são as obras que marcam a produção literária do período quatrocentista. Inicia-se, então, a expansão ultramarina, que irá marcar em vários aspectos a história de Portugal e conseqüentemente, da língua portuguesa.

1.1.2 Periodização da história do português

A história do português é periodizada de diferentes maneiras por diferentes autores. Todos são concensuais quanto à formação da língua ter ocorrido entre os séculos IX e XII, e esse ciclo ter se desenrolado ao longo das grandes e rápidas transformações sociais sofridas no território português desde sua ocupação pelos romanos, até à sedimentação de Portugal como entidade política autônoma. Entretanto, a língua realmente falada nesse período não teria deixado grandes rastros documentais, já que as pessoas eram majoritariamente analfabetas e falavam, certamente, uma língua que quase ninguém escrevia.

Os documentos mais antigos escritos em português já encontrados são a *Notícia de Fiadores*, datada de 1175 e o *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais*, sem data, mas que segundo Castro (2013, p. 11), pode ser ainda mais antigo. O *Testamento de Afonso II*, em duas cópias, e a *Notícia de Torto*, ambos datados do início do século XIII, integram o rol de documentos pioneiros do português. Também há divergências entre pesquisadores quanto à datação e à atribuição desse *status* de documentos mais antigos².

Quanto ao período posterior ao século XIII, os historiadores subdividem a evolução da língua com denominações um pouco diferentes, embora os critérios utilizados para essa datação sejam basicamente os mesmos: eventos no plano da língua escrita, através do estudo de documentos antigos. O quadro 1 a seguir, adaptado de Castro (2011, p. 73), simplifica essas propostas de periodização:

² Para mais detalhes sobre essa discussão: MARTINS, Ana Maria. *O primeiro século do português escrito*. In: Na nosa lyngoage galega: a emergencia do galego como lingua escrita na Idade Media. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, Instituto da Lingua Galega, 2007. p. 161-184. Disponível em: http://www.clul.ul.pt/files/ana_maria_martins

Quadro 1 – Propostas de periodização da história da língua portuguesa

Período	Cuesta & Luz	Cunha & Cintra	Michaëlis, Vasconcellos, Coutinho, Hauy	Serafim da Silva Neto	Ivo Castro, Said Ali	
Até Séc. IX	Pré-literário	Pré-literário	Pré-histórico	Pré-histórico	Antigo / Ciclo da Formação	
Séc. IX a XII			Proto-histórico	Proto-histórico		
Séc. XII a XIV	Galego-port.	Antigo	Histórico	Trovadoresco		
Séc. XIV e XV	Pré-clássico	Médio		Comum		
Séc. XVI a XVIII	Clássico	Clássico		Moderno		Moderno / Ciclo da Expansão
Séc. XVIII a XX	Moderno	Moderno				

Fonte: CASTRO, 2011, p. 73 (adaptada).

Nota-se que, por mais que as propostas acima se diferenciem quanto à denominação de cada período, os marcos divisórios entre cada fase da história da língua são semelhantes. Cuesta e Luz, assim como Cunha e Cintra, definem como pré-literário o período entre o século IX e o XII, considerando que ainda não havia produção escrita em português nesse momento; Coutinho, Vasconcelos, Michaëlis e Hauy subdividem o mesmo período em pré-histórico (séc. IX), considerando a evolução do latim falado na Gallaecia e na Lusitânia, e proto-histórico (séc. X a XII), momento em que os documentos em latim começam a apresentar palavras e expressões do galego-português. Segundo Hauy (1989, p. 22):

A partir do século XIV, ainda na fase arcaica, por motivos históricos e sociais, a relativa unidade linguística galego-portuguesa começa a se cindir, e tal excisão se completa no século XVI, quando a literatura, sob o influxo do Renascimento, e o trabalho dos gramáticos e teóricos da língua, aliados à influência dos dialetos meridionais moçárabes que tinham dado à fonética portuguesa características especiais, marcam a fixação do português padrão.

Michaëlis (1946), Vasconcellos (1961), Coutinho (1976) e Hauy (1989) subdividem o período denominado como Histórico em duas fases: a Arcaica (séculos XIII a XVI) e a Moderna (do século XVI em diante), tomando a expansão marítima e a produção das primeiras gramáticas, com a fixação da norma, como marco divisório entre essas duas fases. Para Silva Neto (1952), esse mesmo período pode ser subdividido em Trovadoresco, marcado pelas cantigas medievais em galego-português; Comum, sendo o período da prosa histórica e verdadeiramente portuguesa; e Moderno, que tem como marco inicial e de maior importância a obra de Camões (1572), *Os Lusíadas*.

Said Ali (1971, p. 18) considera o início do português histórico no século XII e denomina como Antigo o português desse início até ao século XV, e como Moderno, o português dessa época em diante. Castro (2011, p. 74) faz a mesma subdivisão temporal que Said Ali, entretanto prefere dividir a história da língua em duas grandes unidades cíclicas, refletindo: a) o ciclo da formação da língua e do estado português, entre os séculos IX e XV; b) o ciclo da expansão, posterior ao século XV, quando o português passa a ser realmente estudado e descrito, deixando de ser um idioma exclusivo apenas do território lusitano.

1.1.3 O Português como língua de prestígio e de cultura

No século XVI, momento em que Portugal abre as portas do mundo ocidental para o mundo moderno, com as grandes navegações e os descobrimentos (SPINA, 1987, p. 10), a língua começa a ser estudada como fator de identidade nacional. Portugal firma-se como um império glorioso e as várias conquistas decorrentes das navegações refletem-se na língua, que passa a ser reconhecida como patrimônio de uma nação que se destacava no panorama mundial e portanto havia de ter seu idioma louvado, registrado e normatizado em gramáticas (COHEN, 2015, p. 24). Esta língua, capaz de se adaptar a diferentes culturas e servir de comunicação para diferentes povos, já é capaz de se impor como veículo de dilatação da fé e do império de um reino que estendia seu poder. Em consequência dessa expansão, o português chega ao Brasil, ao litoral africano, aos portos da Índia e ao sudeste asiático (MIRA MATEUS, 2014, p. 32).

A grande obra de Camões, *Os Lusíadas*, segundo Coutinho (2004, p. 57), constitui a verdadeira epopeia nacional portuguesa e também pode ser vista como o marco divisório entre as duas principais fases da história da língua (ver quadro 1). Nas palavras do autor:

Nela se acham retratados o espírito de aventura, a resistência no sofrimento, as qualidades guerreiras, o heroísmo, numa palavra, todas as grandes virtudes da nação portuguesa. Não é Vasco da Gama o herói do poema. A descoberta do caminho marítimo para a Índia foi apenas o pretexto para Camões escrever seu imortal poema. O assunto é a história de Portugal, rica de episódios e de lances dramáticos. O seu herói é o povo português.

O espírito do Renascimento e do Humanismo reflete esse ideal de afirmação da nacionalidade na língua e na ciência gramatical. Em defesa dessa autonomia, Fernão de Oliveira (1536) publica a “*primeira anotação*³ *da língua portuguesa*” (p. 47), onde ressalta a individualidade do português em relação ao latim, como uma língua capaz de liderança entre as demais. Segundo Franco e Silvestre (2012, p. 11), essa obra marca a evolução da reflexão linguística no Renascimento e evidencia que somente uma língua unificada pode garantir, não só autonomia política,

³ O fato do próprio Fernão de Oliveira ter usado o termo “anotação” para designar sua obra gramatical, deu espaço para que a publicação de João de Barros, quatro anos mais tarde, fosse considerada a primeira gramática de língua portuguesa em sentido completo. Mais detalhes sobre essa discussão em: BUESCU, 1975, p. 84.

como laços de comunicação, de afetos, de religião, de costumes, de doutrina e de memória coletiva.

A seguir, em 1540, João de Barros publica a *Grammatica da Lingua Portuguesa*, que passa a ser considerada a primeira gramática realmente normativa, dotada de sistematização e de um caráter não apenas pedagógico (BUESCU, 1978, p. 9). João de Barros considerava o latim como língua morta, dizendo que “ainda se pode crer que estas vozes com antiguidade já devem ser corrompidas”, mesmo que em sua gramática procurasse definir a sistemática do modelo gramatical latino. Barros também escreveu uma *Cartinha* (cartilha para o ensino do português) e o *Diálogo em louvor da nossa linguagem*.

Na segunda metade do século XVI, são publicados os primeiros tratados de ortografia: *Regras que ensinam a maneira de escrever a orthographia da língua portuguesa*, por Pero Magalhães de Gândavo (1574), e a *Ortographia*, por Duarte Nunes do Lião (1576). Segundo Buescu (1992, p. 25), enquanto Gândavo via na proximidade ou semelhança ao latim “a razão maior e talvez única das perfeições e excelências da língua portuguesa”, Lião empenhava-se em demonstrar a individualidade do português em relação à língua latina, mesmo remontando às suas origens. Buescu (1992, p. 21) afirma que a grande proeza desses primeiros gramáticos foi “dotar a língua portuguesa do estatuto de língua digna e capaz de todas as aventuras da comunicação e da expressão”, ou seja, um idioma pronto para se difundir pelos novos territórios conquistados.

No início do século XVII, em 1606, por oposição ao caráter normativo da *Ortographia*, Lião publica *Origens da língua portuguesa*, obra fortemente vinculada ao tempo, e, segundo Buescu (1975, p. 11), “um testemunho documental e elucidativo da transição, talvez dramática, do espírito do Renascimento para o espírito barroco, enredado numa nova angústia e numa nova maneira de estar no mundo”. Cardeira (2006, p. 70), que define esse período como Clássico, diz que nesta fase a língua literária já estaria consolidada com grande expressividade, abrindo caminhos para figuras de linguagem, construções frásicas abundantes de subordinação, além de retomar alguns latinismos. O padrão linguístico já estaria firmado pela literatura e pelas obras normativas, tais como gramáticas, ortografias e dicionários. Cuesta e Luz (1971, p. 196) afirmam que:

é no século XVII – em geral até agora tão mal apreciado – que surgem os verdadeiros criadores da prosa portuguesa, os que com a sua arte de grandes estilistas a elaboram e enfeitam, fazendo-a capaz de exprimir com clareza e precisão qualquer classe de conteúdo ideológico. Para isso, aperfeiçoam a ligação das frases, que perde muito da indecisão e falta de nitidez que tinha no século XVI, e aligeiram o ritmo, que se torna mais variado e harmonioso.

Amaro de Roboredo foi o mais notável gramático português desse período e deixou um importante legado de obras imprescindíveis ao estudo da historiografia linguística portuguesa e da didática das línguas. Estranhamente, suas obras de teor linguístico só tiveram primeira edição, das quais restam exemplares raríssimos. Inclusive, sua obra pioneira, *Regras da Orthographia Portugueza*, ainda está desaparecida (ASSUNÇÃO e FERNANDES, 2007).

O português seiscentista, segundo Said Ali (1971, p. 20) caracteriza-se por obras moralistas, sermões, histórias de santos e milagres. O autor mais notável dessa época teria sido o Padre Antônio Vieira, cuja produção é utilizada como “abundante material para as investigações de língua portuguesa”. Dom Francisco Manuel de Melo, Padre Manuel Bernardes e Frei Luís de Sousa também se destacam na literatura seiscentista, a qual se costuma chamar escola gongórica (*Ibidem*). Segundo Castro (2013, p. 7),

entre a primeira metade do século XVI e finais do XVIII, o desenvolvimento da alfabetização e da leitura, graças à imprensa, à ação normalizadora dos gramáticos e à influência de grandes modelos literários fornecem alguns dos traços mais vinculados a este longo período, durante o qual a língua falada se aproxima do seu estado moderno.

Apesar de todas as peculiaridades que demonstram ter sido o século XVII tão importante na história da língua, trata-se de um período ainda pouco estudado e que não tem recebido a atenção merecida e suficiente por parte dos linguistas (CUESTA e LUZ, 1971). Os estudos referentes ao século XVII, em sua maioria, centram-se no desenvolvimento da língua nos territórios conquistados e nos processos da intensa miscigenação cultural daquele período, mas a língua de Portugal e em Portugal, país que já não apresentava tanto prestígio quanto no século anterior, fica no esquecimento até mesmo dos estudiosos. Há diversas lacunas em relação ao conhecimento linguístico desse período e também controvérsias entre os principais estudos dedicados à sintaxe do português seiscentista. Essas controvérsias serão detalhadas na seção 1.3.2 deste capítulo.

1.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A elaboração desta seção levou em conta os conceitos da filologia e da crítica textual como fontes de trabalho essenciais para a linguística histórica, e a teoria da variação como modelo teórico. Primeiramente, coloco em discussão as questões metodológicas, bem como as dificuldades e problemáticas envolvidas na investigação de línguas antigas. Baseio-me, principalmente, nas obras: *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa* (1990), de Fernando Tarallo; *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico* (1989) e *Caminhos da linguística histórica* (2008), de Rosa Virgínia Mattos e Silva; no texto *Fenômenos de mudança na história do português* de Rita Marquilhas (2013)⁴, e nos artigos: *A língua do século XVII e a língua contemporânea* (1996), *Pressupostos teórico-metodológicos do projeto Filologia Bandeirante* (2000), *A busca linguística em sincronias pretéritas do português: questões metodológicas* (2015) e *Pelos caminhos de Minas: o português nos manuscritos da Estrada Real* (2016) de Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

Para uma melhor compreensão desses conceitos e teorias, também utilizei as obras: *Estudos de Filologia Portuguesa* de José Leite de Vasconcellos (1961); *Historical Linguistics*, de Theodora Bynon (1986 [1977]) e *Sincronia, Diacronia e História*, de Eugenio Coseriu (1979). As obras de Ivo Castro: *Curso de história da língua portuguesa* (1991) e *Introdução à História do Português* (2011), já mencionadas na seção anterior, complementam essa bibliografia.

Quanto à teoria da variação linguística e ao modelo teórico-metodológico da sociolinguística, baseio-me nas obras: *Padrões Sociolinguísticos* (2008 [1982]), de William Labov; *A pesquisa sociolinguística* (2003 [1985]) de Fernando Tarallo e a coletânea *Introdução à Sociolinguística* (2012 [2004]), organizada por Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga. Desta coletânea, utilizo os textos: *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação*, de Maria Cecília Mollica; *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*, de Anthony Julius Naro; *Relevância das variáveis linguísticas*, de Vera Lúcia Paredes da Silva e *Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul*, de Maria Marta Pereira Scherre e Anthony Julius Naro.

⁴ Capítulo 2 da Gramática do Português. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

Relativamente à metodologia utilizada na preparação do *corpus*, considero as *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, propostas por Avelino de Jesus Costa (1993 [1977]), da Universidade de Coimbra, com adaptações de Cohen (2009). O trabalho de transcrição e revisão do documento seiscentista aqui analisado é coordenado por Cohen e vem contando com a participação de projetos de iniciação científica com apoio da FAPEMIG, os quais já resultaram em duas monografias de graduação: a de Cassandra C. Lima (2009): *Transcrição de manuscrito seiscentista do português não-literário lusitano para fins de estudos linguísticos* e a de Helga Livia de Melo (2013): *O português lusitano do século XVII: análise da colocação dos pronomes clíticos nas cartas de Catarina de Bragança*.

Na apresentação do *corpus*, além da descrição do códice, apresento uma breve biografia da autora das cartas, situando o contexto em que foram escritas. As referências utilizadas foram: *Dona Catarina de Bragança: Rainha de Inglaterra, filha de Portugal* (1956), de Augusto Casimiro; o artigo *D. Catarina de Bragança, personagem histórica X Catarina, figura feminina* (1998) de Maria Antonieta Cohen; o texto *D. Catarina de Bragança, uma princesa portuguesa na Corte dos Stuarts* (2005), de Maria Lúcia de Oliveira Lopes Afonso, uma biografia escrita por Maria Luísa Paiva Boléo: *D. Catarina de Bragança, Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra* (2005) e o *site* do Arquivo Nacional Torre do Tombo.

1.2.1 Filologia e crítica textual: instrumentos da linguística histórica

O primeiro passo para a investigação de estágios pretéritos de qualquer língua é ultrapassar o problema de ser obviamente impossível a observação direta de seus falantes e do seu comportamento em sociedade. Castro (2011, p. 78) compara o estudo de uma língua antiga com o estudo de uma língua estrangeira, “pois em ambos os casos falta a experiência de um contato direto e susceptível de controle”. Os textos antigos são o único registro que ficou dos usos pretéritos da língua, mas “o diacronista não tem condições de testar suas hipóteses com falantes da época em que o texto sob análise foi escrito” (COHEN, 2015, p. 20). Portanto, a partir dessas fontes e para cada época da história, o pesquisador descreve aspectos da gramática da língua, passando então à identificação de mudanças entre épocas sucessivas (MARQUILHAS, 2013, p. 21-22). Desta forma, pode-se atribuir a determinados textos antigos, metaforicamente, o papel de “informantes linguísticos” dos estudos sincrônicos e diacrônicos.

Assim como nas pesquisas sociolinguísticas, a escolha desses informantes não pode ser feita de maneira aleatória. A documentação a ser estudada e a delimitação do *corpus* deve seguir vários critérios, onde a filologia e a crítica textual devem estar presentes. Cohen (2016, p. 13) relembra uma citação de Erich Auerbach sobre a filologia como edição crítica de textos. Segundo esse autor, a filologia é “o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do homem. Uma de suas formas mais antigas, a forma por assim dizer clássica, considerada por numerosos eruditos como a mais nobre e a mais autêntica, é a edição crítica de textos”. Mattos e Silva (1989, p. 54) também ressalta a importância do trabalho filológico para o linguista, porque:

somadas as metodologias próprias a cada uma dessas especialidades, haverá, sem dúvidas, melhores condições para o trabalho pretendido: a análise sincrônica, segundo princípios teóricos e metodológicos da linguística descritiva e a documentação escrita de um estado linguístico passado, cuja história e interpretação só podem ser realizadas segundo os princípios teóricos e metodológicos da filologia.

Bynon (1979, *apud* COHEN, 2015) define Linguística Histórica como o ramo da linguística que se ocupa de investigar e descrever o processo de mudanças na estrutura de uma língua ao longo do tempo. A linguística histórica procura investigar a maneira pela qual as línguas modificam ou mantêm suas estruturas no decurso do tempo. Castro (1991, p. 15) define a linguística histórica como o estudo das mudanças

linguísticas (de uma ou de várias línguas, ou em geral), e a história da língua como o estudo de uma língua em particular, dentro do contexto histórico que pode ter condicionado os fatos linguísticos.

Coseriu (1979, p. 17) discute o uso dos termos sincronia e diacronia como aplicáveis apenas ao plano da investigação linguística, e não ao plano da linguagem propriamente dita. Assim, a sincronicidade pertence ao “ser da descrição” e as mudanças linguísticas seriam fatores de descontinuidade em relação ao passado e de continuidade em relação ao futuro (*Op. Cit.*, p. 27-28). Mattos e Silva (2008, p. 9) demonstra que as análises sincrônicas datadas e localizadas são historicamente contextualizadas e podem ser incluídas no campo da linguística histórica.

Bynon (*Op. Cit.*) também demonstra que o linguista histórico, além de registrar similaridades e diferenças isoladas, precisa mostrar de maneira sistemática como as regras da língua mudaram. O domínio da linguística histórica é a linguagem no seu aspecto diacrônico, mas somente através da comparação entre estudos sincrônicos de sucessivas épocas é possível a observação do desenvolvimento histórico das estruturas gramaticais de uma língua. “Nesse sentido, a linguística diacrônica pode ser considerada secundária à sincrônica, uma vez que o linguista histórico deduz as mudanças que a língua sofreu por meio da comparação de gramáticas sincrônicas sucessivas” (BYNON, 1986, p. 1-2).

Quanto aos cuidados específicos com a leitura e interpretação dos textos escritos a serem usados em uma análise linguística, Cohen (1996; 2015) demonstra a importância de se estabelecer critérios para a coleta e o tratamento dos dados, considerando que “o rigor e a disciplina provém dos casos particulares, dos textos-nos-contextos, e não das leis e das regras” (COHEN, 2015, p. 19). Com base no pensamento de Becker (1988), a autora propõe que:

os dados da língua antiga devem fazer parte de um texto que contenha unidade temática, que possa ser datado, do qual se conheçam o contexto de produção, se apógrafo, autógrafo, tradução, etc., ou seja, informações que nos permitam verificar a fidedignidade do texto em questão e inseri-lo no contexto que o produziu. As limitações do trabalho diacrônico são tantas, que não se pode abrir mão de informações que possam nos facilitar o acesso à língua antiga.

Mattos e Silva (2008, p. 7-15) ainda acrescenta que para cumprir essa tarefa é essencial o trabalho filológico de recuperação dos textos que servirão de *corpora* a análises linguísticas. A autora ressalta a importância da filologia e das

edições de textos confiáveis para estudar o passado de uma língua, utilizando-se de duas metáforas criadas por especialistas em linguística histórica: “ouvir o inaudível”, de R. Lass (1997) e “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”, de William Labov (1982); maus dados porque “os fragmentos da documentação escrita que permanecem são o resultado de acidentes históricos para além do controle do investigador” (MATTOS E SILVA, 1996, p. 29).

Em uma edição para fins de estudos linguísticos, a transcrição do texto deve ser feita de modo a preservar as características originais do documento, preservando a ortografia, a pontuação, a acentuação, e também as abreviaturas. Deve ser feita uma revisão minuciosa dessa transcrição, com o intuito de manter o máximo possível de fidedignidade aos originais. Nesta tarefa, o revisor deve estar sempre atento para não aplicar “correções” que atualizem a ortografia da língua. É importante manter as características da escrita original, ainda que haja variações que naturalmente causem estranhamentos, pois são essas variações que podem revelar aspectos da língua da época em diferentes níveis: ortográficos, fonético-fonológicos, sintáticos, etc. São esses graus de estranhamento, segundo Cohen (1996), que podem sugerir o que mudou entre a língua apresentada pelo texto e a língua contemporânea do pesquisador.

As informações contidas num texto de outro momento histórico podem revelar aspectos da língua tal como era usada naquele período, mas o leitor contemporâneo deve ser cuidadoso para não interpretar erroneamente determinadas características que lhe causem estranhamentos numa primeira leitura. Um exemplo citado por Tarallo (1990, p. 21-22) é a cliticização dos pronomes pessoais oblíquos e dos pronomes reflexivos ao verbo (exemplo: *fazendolhe* = *fazendo-lhe*), e dos determinantes ao nome (exemplo: *osfomentadores* = *os fomentadores*), características comuns na escrita antiga até à primeira metade do século XVIII.

Castro (1991; 2011) também ressalta que um linguista histórico deve ter certa familiaridade com a língua escrita da época que pretenda analisar, afinal, a leitura de manuscritos antigos exige conhecimentos paleográficos e cuidados específicos. Para a reconstrução da história de qualquer língua, é necessário que se utilize documentação representativa e confiável, da qual seja possível conhecer o máximo de informações quanto à sua originalidade, autoria, datação, entre outros fatores que possam influenciar a autenticidade do estudo a ser feito.

Em concordância com esses pressupostos, acredita-se que cartas que constam de narrativas pessoais possam favorecer estudos da variação linguística. As cartas aqui utilizadas são classificadas como missivas, que, segundo Laufer (1980 *apud* COHEN, 1998, p. 90), diferenciam-se das epístolas por terem um destinatário real, de caráter privado. Trata-se, portanto, de um gênero textual bastante pertinente para pesquisas no campo da linguística. Assim sendo, nosso “informante linguístico” do século XVII são as cartas pessoais de uma rainha portuguesa, através das quais colocamos em prática a arte de “ouvir o inaudível” e tentar decifrar aspectos da linguagem comum no período de sua produção, a saber, a colocação pronominal.

Expostos os principais conceitos que dão suporte à metodologia de transcrição das cartas e de coleta dos dados, passemos agora aos conceitos da sociolinguística variacionista. Na próxima subseção, veremos resumidamente as principais teorias e conceitos que serão aplicados na etapa de análise dos dados obtidos no *corpus*.

1.2.2 Variação linguística

A análise dos dados, que será apresentada no capítulo 2, baseia-se principalmente nos conceitos de variação linguística. Segundo Tarallo (2003, p. 6), “trata-se de um modelo teórico-metodológico que assume o caos linguístico como objeto de estudo”, modelo iniciado pelo linguista americano William Labov (1963) que demonstrou, através de um trabalho pioneiro em Martha’s Vineyard, que a heterogeneidade linguística pode ser sistematizada, estruturada e organizada. Esse modelo laboviano é também conhecido por sociolinguística quantitativa, uma vez que são feitas análises estatísticas dos dados coletados (TARALLO, 2003, p. 8).

Tarallo (*Loc. Cit.*) define variantes linguísticas como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Estas diversas maneiras são as variantes linguísticas, as formas em “competição” no meio de um aparente caos. O conjunto de variantes recebe o nome de *variável linguística* e as variáveis subdividem-se em dependentes e independentes. As variáveis dependentes referem-se ao fenômeno sob análise; dependentes porque o uso de uma ou de outra variante pode ser determinado por fatores de diversas naturezas. Já as variáveis independentes são o grupo de fatores que influenciam o uso de cada variante em questão (MOLLICA, 2012, p. 10-11). Também Anthony Naro (2012, p. 15) afirma que existem condições que favorecem ou desfavorecem, variavelmente e com pesos específicos, o uso de cada forma variante em cada contexto.

A teoria da variação parte do pressuposto de que toda variação é motivada por um conjunto de fatores que podem ser extralinguísticos (sociais ou contextuais) e intralinguísticos (fonomorfossintáticos, semânticos, discursivos ou lexicais). Desse modo, as variáveis cujo uso é motivado ou condicionado por quaisquer desses fatores, são chamadas de variáveis dependentes (MOLLICA, 2012, p. 10-11).

Um estudo sociolinguístico tem como objetivos descrever, analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas. Naro (*Loc. Cit.*) chama a atenção para as relações existentes entre as categorias que atuam numa regra variável: “as frequências brutas, embora concretas e intuitivamente bastante reais, podem ser falaciosas”, afinal o seu cálculo não considera essas relações. Lucchesi e Araújo (2004, *site* da UFBA) assim explicam a metodologia da análise estatística:

calcula-se a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema linguístico, possui na realização de uma ou de outra variante. Ao formalizar esse cenário, a análise sociolinguística busca estabelecer a relação entre o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento (isto é, *sincronicamente*) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (isto é, *diacronicamente*).

Nesta tarefa, cabe ao linguista identificar os fatores relevantes, levantar e codificar os dados empíricos e “interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua” (NARO, 2012, p. 25). Tarallo (2003) demonstra, com exemplos e resultados de análises já realizadas, como deve ser feito o levantamento dos dados, a descrição detalhada da variável e das variantes que a constituem, a análise dos possíveis fatores condicionadores do uso de cada variante, o encaixamento e a projeção histórica da variável no sistema linguístico. Essa sistematização dos dados possibilita uma formulação de regras variáveis de um determinado fenômeno ou fato linguístico em determinado sistema. O autor (*Op. Cit.*, p. 33) usa a expressão “desmascarar a assistemática do caos”.

Scherre e Naro (2012, p. 147) explicam a análise quantitativa das variantes e variáveis desde o levantamento do *corpus* e a escolha do fenômeno a ser estudado, até à interpretação dos resultados estatísticos. A partir dos dados obtidos, devem ser identificados os contextos variáveis, que são aqueles em que é possível encontrar as formas variantes em questão, e os contextos invariáveis ou categóricos, que são aqueles que provocam o uso de uma ou de outra variante de forma não variável. Somente os contextos variáveis entram na análise quantitativa dos dados, entretanto os invariáveis são de fundamental importância para uma descrição linguística completa de determinado *corpus* (*Ibidem*, p. 152).

Paredes da Silva (2012, p. 69-71) ressalta a exigência teórica de que as formas variantes de fenômenos sintáticos ocorram no mesmo contexto e a importância de distinguir o peso das influências sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas na variação em estudo. A autora coloca em evidência os fatores intralinguísticos, visando a um aprofundamento das questões teóricas e da própria metodologia variacionista, estendendo-a para áreas do conhecimento linguístico inicialmente não consideradas.

1.2.3 O corpus

Este trabalho nasceu de um projeto⁵ coordenado por Cohen desde 1996, em que são preparadas para edição cartas escritas em português, pela então rainha consorte de Inglaterra, D. Catarina de Bragança. Todas essas cartas teriam sido enviadas a seu irmão D. Pedro II, rei de Portugal, na 2ª metade do século XVII. O documento completo faz parte da Coleção Egerton, nº. 1534, foi localizado por Cohen em 1983 e está guardado no Departamento de Manuscritos do Museu Britânico. Consta de 176 fólios, dentre os quais estão 88 cartas, assim distribuídas: 83 são autógrafas de D. Catarina, apenas três são respostas de D. Pedro II de Portugal e outras duas são do Padre Manoel Dias, conselheiro da rainha. Há também na coletânea fólios em branco ou com carimbos do museu e resumos dos conteúdos das cartas. Uma introdução redigida em francês, datada de 1851, com informações sobre as cartas e o contexto histórico vivido por D. Catarina, abre o documento.

1.2.3.1 As cartas: aspectos relevantes

Segundo Cohen (1996), trata-se de um documento “inédito, que possui unidade temática e se circunscreve em um período de tempo identificado”. Caracterizam-se por cartas missivas, de caráter privado, em um *codex unicus*, ou seja, possuem uma única versão. Apesar de não serem completamente datadas (ou, quando sim, constam apenas de dia e mês), essas cartas fazem referências a fatos históricos ocorridos na Europa àquela época. Quanto ao aspecto formal / material das cartas, Cohen (1998, p. 91) assim as descreve:

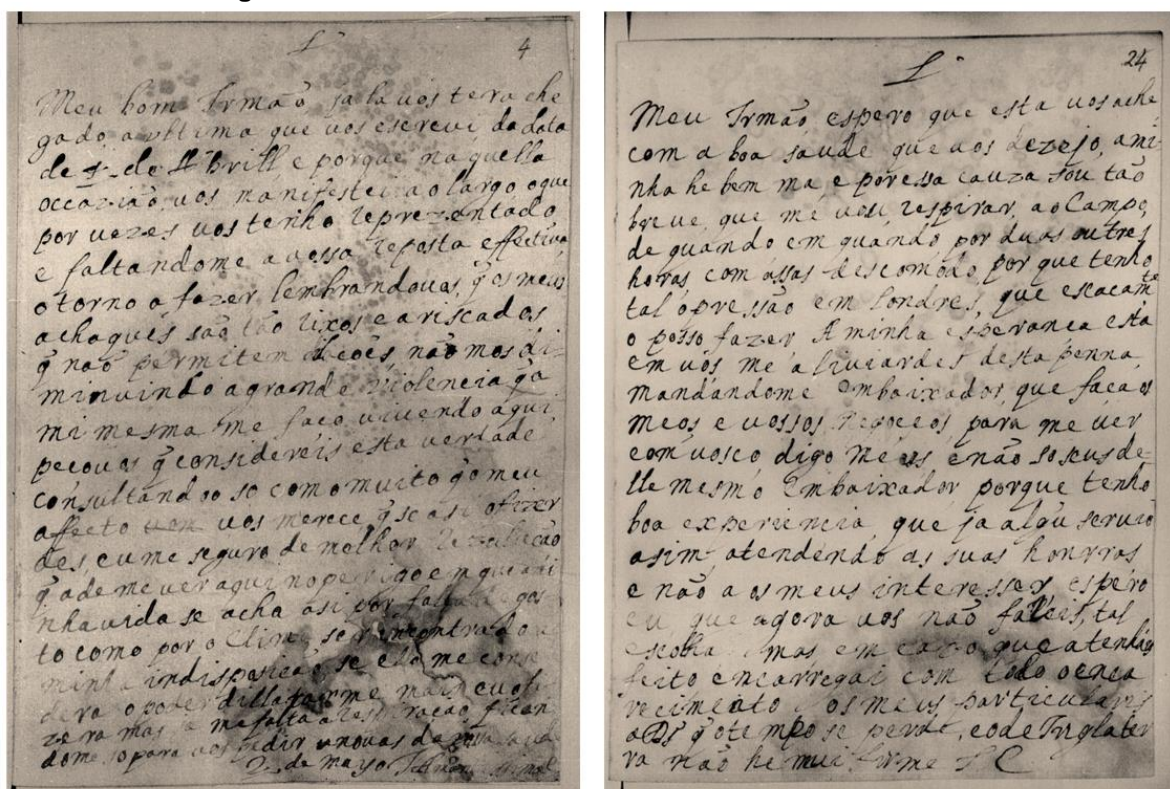
- Volume encadernado com a borda das folhas levemente douradas, em excelentes condições de manuseio e leitura;
- Letra: boa caligrafia, melhor e mais legível do que a de D. Pedro;
- Há uma síntese do conteúdo de cada carta no verso da mesma, ou à sua margem, com duas caligrafias diferentes (...). Há duas numerações, com caligrafias diferentes. A partir da carta de nº 70, a primeira numeração é riscada, e a carta renumerada. Há, por exemplo, duas cartas de nº 110. A partir da carta 52, os resumos vêm com outra caligrafia, quase ilegível.
- Há de quando em quando alguns lacres. Há também carimbos do Museu Britânico e das armas reais, posteriores à época em que as cartas foram escritas;

⁵ O projeto, em sua fase atual, intitula-se *Datação das cartas de Catarina de Bragança, do século XVII: interface entre forma e conteúdo*. Fale / UFMG, 2016.

- As páginas apresentam manchas cor de vinho desbotadas que muitas vezes dificultam a leitura no original e em duas ou três, há marcas que nos pareceram ser de lágrimas.

Na 1 a seguir, temos dois fólios do documento em *fac-simile* com o qual trabalhamos na etapa de transcrição. Esses fólios são representativos da forma geral como se apresentam as cartas em sua maioria: bem conservadas, apesar de alguns borrões e marcas do tempo, com uma caligrafia boa e legível. No cabeçalho de todas as cartas, há um L maiúsculo no cabeçalho, que provavelmente refere-se a Londres (COHEN, 1998, p. 93). As cartas sempre são iniciadas com uma saudação a seu destinatário (“Meu Irmão”, ou “Meu bom Irmão”) e concluídas com uma despedida carinhosa (“Irmã q’ vos ama”, “Irmã Amantíssima”).

Figura 1 – Fólios 4 e 24 do microfilme das Cartas de Catarina



Fonte: Original Letters of Catherine of Braganza Queen of Charles II. Manuscripts Department of British Museum

A principal temática das cartas da rainha Catarina de Bragança (doravante, Cartas CB) é o seu forte desejo de regressar a Portugal. Com um teor melancólico e queixoso, a rainha desabafa para o irmão as grandes agonias que vinha sofrendo na Inglaterra; relata doenças, injustiças e tristezas, as hostilidades que sofria pela corte e as acusações de que vinha sendo vítima. Supõe-se que muitas dessas cartas tenham sido censuradas, pois há passagens em que Catarina comenta que elas não

eram enviadas sem antes passar por uma revisão, como expressa na sentença (1) a seguir. Além disso, ela sempre se queixa da falta de respostas (2), o que nos leva a inferir que muitas não teriam chegado ao seu destinatário, ou mesmo que essas respostas não lhe teriam sido entregues (3). No códice investigado, há apenas três cartas redigidas por D. Pedro II. Estas não são analisadas no presente trabalho.

- (1) *por esta cauza, como por me dizerem, q' nenhũa carta vai sem exame me não alargo mais.*
- (2) *naquela occazião vos manifestei ao largo o que por vezes vos tenho representado, e faltandome a vossa reposta effectiva, o torno a fazer lembrandovos, q os meus achaques são tão rixos e ariscados, q' não permitem dilações.*
- (3) *Meu Irmão. esta vai a ventura pois de tantas q' vos tenho escrito não devião de chegar a vossa mão ou a minha não chegarão as vossas respostas o que eu tenho por mais serto, pois vos não ^{me} podias faltar.*

Quanto aos aspectos linguísticos, o que primeiro se destaca é a quase ausência de pontuação (4) e o abundante uso de orações coordenadas e subordinadas (5), o que dificulta a compreensão da continuidade dessas sentenças em uma primeira leitura. Abreviaturas também são frequentes em todas as cartas. Cohen (1998, p. 94) chama a atenção para a linguagem utilizada pela rainha, que revela a complexidade de sua figura feminina: por um lado amorosa e sensível (6), e por outro, atuante política e religiosamente (7), característica pouco comum para uma mulher daquela época.

- (4) *não cuidava eu que na liberdade em q' D's me pos me avia de vir nenhum outro bom effeito q' o de vossa companhia mas enganeime, pois me acho so com a falta del Rey q' D's tem com amesma distancia de vos, Meu Irmão.*
- (5) *na ultima q' uos escreui como vos colhereis pollos numeros uos daua conta do recado e termos, q' este Rey tinha tido, comigo, pois era mandarme significar, q' era conveniente p^a segurança de seu governo me sahisse, eu do meu Palacio e caza a offerecendome qualquer dos seus.*
- (6) *e pello mesmo q' este Amor he tão delicado, da menor couza fas g^{de} reparo, mas consolasse com não achar em si couza q' desmereço.*
- (7) *Meu Irmão. por fazer esta em dia de Paschoa não tenho outra couza, q' vos dizer senão dezejavos, aquellas que vos eu dezejo, q' so nisso eu não sou moderada, por estar cançada, não dos officios, largos, da Somana Sancta pois, o não forão mas de ver a grande assistencia e fervor cõ q' esta pobre gente acudirão a esta minha capella pois he so a única, não so de Londres mas de toda a Inglaterra.*

O simples fato de Catarina ser uma pessoa letrada e culta já a coloca à frente das mulheres de seu tempo, quando as taxas de analfabetismo eram altíssimas, o que não se restringe apenas às classes populares. Além disso, sempre houve imensa desigualdade entre homens e mulheres no que se refere ao aprendizado da escrita, que nas sociedades antigas, era considerada “inútil e perigosa para o sexo

feminino” (CHARTIER, 2009, p. 115) e mesmo as que aprendiam a ler e a assinar o nome não sabiam, necessariamente, escrever.

Outros fatos linguísticos relevantes já apontados por Cohen são a colocação de adjetivos antepostos aos nomes, algumas supostas marcas de oralidade, como construções repetitivas, e a predominância do uso da próclise. Essa predominância foi o fenômeno sintático que despertou o interesse por fazer um estudo pormenorizado da colocação pronominal no documento.

1.2.3.2 A transcrição e a coleta dos dados

Para a transcrição do documento utilizado como *corpus*, foi adotada a metodologia da Crítica Textual. Consideram-se as *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, propostas por Avelino de Jesus Costa (1993), com adaptações feitas por Cohen *et al.* (2010). A preparação dos textos foi realizada de acordo com os seguintes critérios:

- a. A transcrição é conservadora;
- b. As abreviaturas são mantidas com exatidão;
- c. Não é estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduz hífen ou apóstrofo onde não os há no documento original;
- d. A pontuação, ou mesmo sua ausência, é mantida;
- e. A acentuação também é mantida;
- f. É respeitado o emprego de maiúsculas e de minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, esse aspecto não é considerado relevante. A comparação do traçado da mesma letra deve ser feita;
- g. Intervenções de terceiros do documento original devem ser escritas no final do documento, informando-se a sua localização. Estas intervenções deverão ser raríssimas, permitidas apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem dúvidas e quando ocorrerem, devem vir entre colchetes;
- h. Letra ou palavra não legível por deterioração não justificam intervenção do editor na forma do item anterior. Devem vir com a indicação entre colchetes: [ilegível];
- i. Trecho de maior extensão não legível por deterioração receberá a indicação [corroída + 5 linhas]. Se for o caso de trecho riscado ou inteiramente anulado por borrão ou papel colado em cima, será registrada a informação pertinente entre colchetes e sublinhada;
- j. A divisão das linhas e as mudanças de fólio do documento original são mantidas;
- k. Na transcrição, as linhas são numeradas de cinco em cinco, a partir da quinta à esquerda. Essa numeração é feita de maneira contínua por fólio;
- l. Os fólios são numerados no canto direito superior da página com o número e indicação de *recto* (r) e *verso* (v).

As cartas utilizadas como *corpus* são classificadas como cartas missivas, ou seja, correspondências de caráter pessoal e privado, endereçadas a um único destinatário. É também um documento localizado (sabe-se de onde as cartas foram escritas) e parcialmente datado (parcialmente, porque nem todas as cartas apresentam uma data completa; em algumas, encontram-se apenas o dia e o mês, mas é possível estimar o intervalo de anos em que foram escritas).

A coleta de dados foi feita por meio das cartas já transcritas a partir de seu *fac-simile*, no trabalho de iniciação científica de Melo (2013). Primeiramente foram destacadas todas as ocorrências dos pronomes átonos (clíticos), sem considerar os tipos de orações em que figuram no texto. Foram encontradas, no total, 1219 ocorrências, então subdivididas em dois grandes grupos: casos de próclise e casos de ênclise. Procedeu-se a uma busca por todos os verbos que ocorrem com clíticos adjacentes ou dependentes e a partir dessa lista, foram quantificados os verbos que ocorrem apenas com próclise, os que ocorrem apenas com ênclise e os que ocorrem com as duas possibilidades de colocação, ou formas variantes. Os casos de perífrases verbais e de interpolação foram listados, quantificados e analisados separadamente. As listas completas dessas ocorrências estão nos anexos I a VII desta dissertação.

1.2.3.3 D. Catarina de Bragança: breve biografia

Catarina de Bragança nasceu a 25 de novembro de 1638, em Vila Viçosa, sendo a quarta filha da duquesa D. Luísa de Gusmão (da casa espanhola de Medina Sidónia) e do oitavo duque de Bragança, D. João II. Como padrinho, foi escolhido o marquês de Ferreira, D. Francisco de Melo. Após o movimento da Restauração da Independência de Portugal, a 1 de Dezembro de 1640, D. João II foi aclamado rei e passou a ser chamado de D. João IV, o Rei da Restauração (AFONSO, 2005, p. 121).

Catarina estudou em um convento em Alcântara, onde aprendeu muitas lições de música, história e religião, mas por outro lado, a educação extremamente recatada não a preparou para um casamento, muito menos para se tornar rainha de qualquer nação europeia (BOLÉO, 2005). Mesmo assim, as negociações para lhe arranjar um casamento que fortalecesse as alianças de Portugal com outras cortes começaram quando a infanta tinha oito anos de idade (AFONSO, 2005, p. 123).

Após algumas tentativas de acordo, Catarina tornou-se rainha da Inglaterra pelo casamento com Carlos II, 3º monarca da casa de Stuart, como parte de um

tratado entre os dois países, quando foi restaurada a monarquia inglesa após onze anos da república de Cromwell (COHEN, 1998, p. 92). O contrato de casamento previa um dote de dois milhões de cruzados, a praça de Tânger em África, o livre comércio no Brasil e nas Índias, e a ilha de Bombaim, na Índia. Segundo Boléo (2005), essas possessões portuguesas significavam muito para a Inglaterra, por se tratarem de pontos estratégicos em termos de comércio e de guerra.

Figura 2 – Retrato da jovem Catarina de Bragança recém-chegada à Inglaterra (Pintura da autoria de Dirk Stoop)



Fonte: <http://www.adiaspora.com/cronicas>

Portugal pedia em troca segurança à Catarina e que fosse respeitada a sua liberdade de culto na religião católica. No contrato era previsto que deveria ser mantida uma capela para ela e para os de sua casa, ingleses ou portugueses, que praticassem o catolicismo (AFONSO, 2005, p. 128), além de outras cláusulas relativas à manutenção de criados, à doação de 30.000 libras anuais por parte do rei, e um palácio que ela conservaria em seu poder, mesmo que o marido lhe faltasse. Portugal pedia também proteção militar constante, sendo a Inglaterra obrigada a manter a segurança do país, em caso de ataques pela Espanha ou Holanda (COHEN, 1998; AFONSO, 2005). O casamento foi realizado em duas cerimônias, uma pelo rito

católico, a pedido de Catarina, e a oficial, pelo rito da Igreja Anglicana, a 21 de maio de 1662 (*site do Arquivo Nacional Torre do Tombo*).

Figura 3 – O Rei D. Carlos II e a Rainha D. Catarina de Bragança



Fonte: <http://geneall.net/pt/nome/4078/d-catarina-de-braganca-infanta-de-portugal/>

Era em espanhol que Catarina se comunicava com o marido. Além das damas portuguesas que levava consigo, correspondia-se frequentemente com a mãe e com os irmãos. Teve dificuldade para aprender o idioma inglês, não era bem vista pela corte inglesa, tampouco pela população, e tivera que suportar humilhações como os boatos acerca de sua lealdade, as inúmeras amantes do rei e principalmente a frustração de não lhe ter dado filhos (COHEN, 1996; 1998). Por outro lado, a rainha portuguesa levou à Inglaterra algumas inovações de costume, como o uso de porcelana e o hábito do consumo de chá, que veio a tornar-se o tradicional “chá das cinco” britânico.

Depois da morte do rei Carlos II, a 6 de fevereiro de 1685, Catarina ainda permaneceu na Inglaterra por mais nove anos, dos quais viveu oito em Whitehall e o último em Somerset House. Nesse período, subiu ao trono inglês seu cunhado, Jaime II, e posteriormente Guilherme de Orange, que adotou o título de Guilherme III. Este rei, como era protestante, embora respeitasse a rainha viúva, mandou reduzir sua criadagem e passou a tratá-la com ainda mais desconfiança e hostilidade (BOLÉO, 2005). Assim, Catarina passou a viver recolhida, escrevendo cartas constantes ao

irmão e rei de Portugal, D. Pedro II, nas quais desabafava seu sofrimento e solicitava meios de regressar a Portugal. São estas as cartas aqui utilizadas como *corpus*.

Catarina conseguiu finalmente realizar seu desejo ao final de 1692 e chegou a Portugal no início de 1693, sendo recebida com muita festa. Por motivo de impedimento de seu irmão D. Pedro II, foi por duas vezes regente e faleceu no palácio que mandara construir, o Palácio da Bemposta, a 31 de dezembro de 1705. No Parque Tejo, em Lisboa, encontra-se uma estátua de bronze de D. Catarina de Bragança, réplica de outra que foi construída nos Estados Unidos pela Associação *Friends of Queen Catherine*, de autoria da pintora e escultora Audrey Flack.

Figura 4 – Estátua de D. Catarina de Bragança em Lisboa



Fonte: Acervo pessoal (MELO, 2016)

1.3 CLÍTICOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Além de algumas obras já mencionados nas seções anteriores, esta revisão gramatical baseia-se principalmente nos textos: *Tipologia e distribuição das expressões nominais* (2006 [1983]), de Ana Maria Brito, Inês Duarte e Gabriela Matos (capítulo 20 da *Gramática da Língua Portuguesa* de Maria Helena Mira Mateus *et al.*), *A posição dos pronomes pessoais clíticos* (2013), de Ana Maria Martins (capítulo 65 da *Gramática do Português*) e *O português no contexto das línguas românicas* (2013), de Rodolfo Ilari (capítulo 3 da *Gramática do Português*). Outras obras também são utilizadas como suporte: *Dificuldades da Língua Portuguesa* (2008 [1908]) e *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1969 [1923]), de Manuel Said Ali, *Syntaxe Histórica Portuguesa* (1970 [1918]) de Augusto Epiphânio da Silva Dias e a *Gramática do Português Antigo* (1986 [1933]) de Joseph Huber.

Em atenção especial aos aspectos diacrônicos, são consideradas as teses e dissertações: *Os clíticos na história do português* (1994) de Ana Maria Martins; *Língua Barroca: sintaxe e história no português dos 1600* (2004) de Maria Clara Paixão de Souza e *Clíticos: ingredientes da cozinha portuguesa do século XVII* (2009) de Nilzete da Silva Rocha. Também entram na bibliografia os artigos: *A sintaxe do clíticos* (1996) de Tânia Lobo; *The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese* (2005) de Charlotte Galves, Helena Britto e Maria Clara Paixão de Sousa, *A ordem dos clíticos* (2009) de Galves e Lobo; *A ênclise no português clássico* (2012) de Charlotte Galves; *Clíticos na História do português à luz do teatro vicentino*; *Variação sintática no português quinhentista* e *Mudanças fahadas no português dos séculos XV a XVII* (2016) de Ana Maria Martins.

Ressalto que esta pesquisa refere-se à variedade lusitana da língua portuguesa. Embora este trabalho tenha uma orientação variacionista, são aqui utilizadas algumas terminologias características do gerativismo, que já se tornaram usuais. Segundo esta perspectiva, o conceito de gramática refere-se à possibilidade de se gerar sentenças, não a um conjunto de estruturas sintáticas consideradas “corretas”. Os juízos de gramaticalidade e agramaticalidade, citados na bibliografia e na análise dos dados, referem-se exclusivamente ao Português Europeu.

1.3.1 Sintaxe: a tradição gramatical

A denominação de clíticos refere-se aos “itens lexicais sem acento prosódico atribuído no léxico (tal como os afixos e contrariamente às palavras), mas com uma certa liberdade posicional (tal como as palavras, mas contrariamente aos afixos)” (MARTINS, 2013, p. 2231), sendo esta propriedade determinante para que essas subclasses de palavras não possam surgir isoladamente no discurso (BRITO, DUARTE e MATOS, 2006, p. 828). Logo, os clíticos são itens lexicais dependentes de palavras que possuam acentuação própria, usualmente designadas como seus hospedeiros. Na língua portuguesa, as formas clíticas são os artigos, as preposições e os pronomes pessoais oblíquos átonos. Esses pronomes são denominados “clíticos especiais”, por apresentarem uma propriedade particular que lhes permite variar seu posicionamento em relação ao hospedeiro. Tal mobilidade difere os pronomes átonos dos artigos e das preposições, que são “clíticos simples” (*Loc. Cit.*).

As formas pronominais átonas (daqui em diante, pronomes clíticos, ou simplesmente clíticos) exigem um hospedeiro verbal e ocorrem como complementos do verbo. No português contemporâneo são as formas: *me, te, o, a, lhe, se, nos, vos, os, as, se e lhes*, com suas respectivas contrações (SAID ALI, 1969; HUBER, 1986; BRITO *et al.*, 2006; CUNHA e CINTRA, 2008, entre outros). Considerando a função gramatical que desempenham nas orações, os pronomes clíticos são classificados como mostra o Quadro 2, adaptado de Martins (2013, p. 2232) e Brito *et al.* (2006, p. 827). Segundo Martins, os termos “Acusativo”, “Dativo” e “Nominativo” são utilizados com base nas distinções casuais associadas aos nomes que desempenhavam essas funções em latim e estas designações “são comuns na tradição gramatical para distinguir entre si pronomes pessoais, mesmo em línguas sem flexão casual para os nomes, porque a forma desses pronomes é sensível à sua função gramatical”.

Quadro 2 – Pronomes pessoais átonos

Pessoas gramaticais	Clíticos não-reflexos			Clíticos reflexos
	Acusativo	Dativo	Nominativo	Acus. / Dat.
1ª sg	me	me	-	me
2ª sg	te	te	-	te
3ª sg	o / a	lhe	se	se
1ª pl	nos	nos	-	nos
2ª pl	vos	vos	-	vos
3ª pl	os / as	lhes	se	se

Fonte: BRITO, DUARTE, MATOS (2006, p. 827); MARTINS (2013, p. 2232)

Joseph Huber (1986, p. 174) afirma que os pronomes pessoais átonos têm apenas as formas de dativo e de acusativo, não considerando o clítico *se*, que quando não-reflexo, ocorre com a função de nominativo. Os clíticos reflexos são os pronomes reflexivos que se referem ao próprio sujeito do verbo, como em (1a), (1b) e (1c), ou que denotem ações recíprocas, como em (1d), (1e) e (1f). Os exemplos a seguir são extraídos da Gramática Secundária de Said Ali (1969, p. 62):

- (1) a. *Eu feri-me com a faca.*
 b. *Nós abstemo-nos de acompanhar os outros.*
 c. *Ele vingou-se do inimigo.*
 d. *Nós respeitamo-nos um ao outro.*
 e. *Eles feriram-se um ao outro.*
 f. *Eles odeiam-se de ódio mortal.*

Há contextos em que o pronome *o*, dativo, e suas variações (*os*, *a*, *as*) transformam-se na forma *no*, em decorrência da nasalidade da última sílaba do vocábulo imediatamente anterior. Advérbios como *não*, *bem* e *também*, assim como os pronomes *quem*, *alguém*, *ninguém* e outras palavras terminadas em ditongo nasal favorecem esse fenômeno (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 292), que é exemplificado nas sentenças (2a) e (2b) a seguir⁶:

- (2) a. *As aventuras humilhavam-no, estava farto.* (CRPC, C. Pires, *Delfim*).
 b. *Não no tirassem lá donde estava.* (CRPC, A. Nobre, S, 77)

⁶ As citações de frases do CRPC (*Corpus de Referência do Português Contemporâneo*) utilizadas como exemplos nesta seção foram extraídas do texto de Martins (2013). As referências completas encontram-se ao final da dissertação.

Quando a forma verbal termina em vogal ou ditongo oral, empregam-se as formas *o, a, os, as*, como em (3a) Se termina em uma das consoantes *-r, -s* ou *-z*, estas consoantes são suprimidas, e o pronome assume as modalidades *lo, la, los, las* (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 292; BRITO *et al.*, 2006, p. 831). Estas formas, segundo Cunha e Cintra (*Loc. Cit.*), derivam das formas antigas do pronome oblíquo objeto direto, que seriam provenientes do acusativo do demonstrativo latino *ille, illa, illud* (respectivamente *aquêle, aquela, aquilo*). A sentença (3a), extraída de Cunha e Cintra (2008, p. 292) exemplifica esse fenômeno:

(3) a. *Se quiseres, podes **fazê-lo** hoje.* [fazer + o]

Quando ocorre mais do que um pronome clítico associado ao mesmo verbo, numa mesma oração, forma-se um grupo clítico. Essa associação pode ocorrer tanto com uma fusão dos dois elementos, ocasionando numa contração, ou com dois clíticos em sequência, antes ou depois do verbo. Cunha e Cintra (2008, p. 322), assim como Cuesta e Luz (1971, p. 395) demonstram que esses pronomes átonos também podem sofrer contrações e se associar, quando em co-ocorrência na mesma oração, um em posição de complemento direto e outro de indireto, formando as combinações que se seguem no quadro 3:

Quadro 3 – Coesão dos grupos clíticos

me + o = mo	me + a = ma	me + os = mos	me + as = mas
te + o = to	te + a = ta	te + os = tos	te + as = tas
lhe + o = lho	lhe + a = lha	lhe + os = lhos	lhe + as = lhas
nos + [l]o = no-lo	nos + [l]a = no-la	nos + [l]os = no-los	nos + [l]as = no-las
vos + [l]o = vo-lo	vos + [l]a = vo-la	vos + [l]os = vo-los	vos + [l]as = vo-las
lhes + o = lho	lhes + a = lha	lhes + os = lhos	lhes + as = lhas

Fonte: CUESTA e LUZ (1971, p. 395)

A coesão dos grupos clíticos pode ocorrer em domínios infinitivos que permitem variação entre próclise e ênclise, como se vê nas sentenças (4a) e (4b), mas a separação entre dois clíticos complemento de um mesmo verbo infinitivo não é permitida. O sinal de asterisco (*) assinala a agramaticalidade de construções como as de (4d) e (4e) no português europeu contemporâneo (MARTINS, 2013, p. 2235).

- (4) a. *Vou devolver o livro a António.* = *Vou devolver-lho.* (*lhe* dat. + *o* ac. = devolver o livro a ele)
 b. *Tenho de lho devolver.*
 c. * *Tenho de lhe devolvê-lo.*
 d. * *Tenho de o devolver-lhe.*

Nos grupos clíticos em que a contração não é possível, os pronomes pessoais que co-ocorrem e a ordem como surgem é fixa e igualmente distinta da canônica, aparecendo primeiro o clítico impessoal (sujeito), depois o dativo e por fim o acusativo. (BRITO *et al.*, 2006, p. 830). O pronome *se* precede sempre qualquer outro clítico, como na sentença (5a), bem como um clítico dativo precede sempre um acusativo. É também possível a formação de grupos com três clíticos, apresentando a ordem *se* + clítico dativo + clítico acusativo, exemplificado na sentença (5b), sendo que esses dois últimos apresentam-se em contração (MARTINS, 2013, p. 2235).

- (5) a. *Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.* [*se* + dativo] (MARTINS, 2013)
 b. *Compra-se-lhos logo que seja possível.* [*se* + dativo + acusativo] (BRITO *et al.*, 2006)

Quando o constituinte a que se refere o pronome é redobrado e a posição canônica do complemento verbal é preenchida por outro material lexical, sendo o constituinte redobrado um pronome pessoal forte com os mesmos traços de pessoa e número que o clítico e precedido da preposição *a*, realizando um único argumento verbal, ocorre o fenômeno chamado redobro de clítico (MARTINS, 2013; BRITO *et al.*, 2006). Em (6a), o constituinte redobrado é um pronome forte e em (6b), um quantificador.

- (6) a. *Nasceu-lhe um dente a ele, não à Maria.* (MARTINS, 2013, p. 2237)
 b. *Os professores ofereceram-lhes gelados a todos eles no dia das crianças.* (BRITO *et al.*, 2006, p. 832)

1.3.1.1 Posicionamento dos clíticos

Quanto ao posicionamento, os clíticos podem ocorrer antes do verbo (próclise), depois do verbo (ênclise), ou mesmo em posição interna ao verbo (mesóclise). A colocação mesoclítica é possível somente com formas verbais do futuro do presente ou do futuro do pretérito e ocorre em contextos sintáticos normalmente enclíticos, sendo uma variante morfológica da ênclise, ou uma colocação alternativa para esses tempos verbais (BRITO *et al.*, 2006, p. 865; MARTINS, 2013, p. 2241). Ilari (2013, p. 61), assim como Said Ali (1969, p. 204) explica a formação histórica da mesóclise como uma derivação de perífrase latina na qual se juntavam o infinitivo de

uma forma verbal plena e o presente ou imperfeito de um verbo usado para indicar tempo, normalmente o verbo latino *habere*. Assim, os pronomes cliticizam ao infinitivo, numa sequência *infinitivo + clítico + forma restante de habere*. Em orações negativas, mesmo com o verbo em tempo futuro ou condicional, é a próclise que permanece, como demonstrado na sentença (7d).

- (7) a. *Disseste-me* isso ontem. [ênclise]
b. *Já me disseste* isso. [próclise]
c. *Dar-lhe-ei* o recado. [mesóclise]
d. *Não lhe darei* o recado. [negativa: próclise obrigatória]

Na maioria dos contextos, próclise e ênclise não se encontram em variação livre, como demonstrado nos pares de sentenças (8a), (8b) e (8c), extraídos de Brito *et al.* (2006, p. 848-9). Em toda a história do PE, segue-se a uma generalização conhecida por Lei de Tobler-Moussafia, que diz que as formas clíticas não podem ocupar a posição inicial absoluta de frase, sendo a ênclise o padrão básico de colocação dos pronomes clíticos, como em (8b) e (8c). Essa generalização é válida apenas no português europeu, mas não o é nas outras línguas românicas, nem no português brasileiro. Para Cuesta e Luz (1971, p. 493), a preferência pela posição enclítica em início de frases deve-se à atonicidade desses pronomes, que seriam impronunciáveis para os falantes portugueses, em início absoluto de sentenças.

- (8) a. *Canta-lhe* os parabéns! / * *Lhe* canta os parabéns.
b. *Comportando-se* deste modo, ela não consegue ter amigos. / * *Se* comportando deste modo, ela não consegue ter amigos.
c. *Não te* reconheceria *se te* visse na rua. / * *Não* reconheceria-*te* se visse-*te* na rua.

Cunha e Cintra (2008, p. 322) consideram que a posição normal dos pronomes átonos seria a enclítica, já que eles funcionam como objeto direto ou indireto de um predador verbal, considerando o padrão SVO (Sujeito-Verbo-Objeto) de estrutura oracional. Para Epiphanyo Dias (1970, p. 315), se o verbo é de oração principal do indicativo, imperativo ou infinitivo, e não é precedido de palavra negativa ou interrogativa, a ordem preferencial é a ênclise. Brito *et al.* (2006, p. 849) também defendem que a posição enclítica é o padrão básico, não marcado, para orações principais afirmativas e que a posição proclítica seria induzida por fatores de natureza sintático-semântica ou prosódica. Nas palavras das autoras:

A distribuição da ênclise e da próclise na variedade europeia padrão pode, então, ser captada pela seguinte generalização: na ausência de atratores de próclise que c-comandem e precedam o clítico no mesmo sintagma entoacional, a ênclise é o padrão que se obtém.

Ilari (2013, p. 61) observa que a explicação tradicional fala da ênclise como a posição básica e explica a outra posição possível, a próclise, como efeito de uma atração exercida por certos elementos lexicais, os chamados “proclisadores”, ou “unidades desencadeadoras / indutoras de próclise”. Esses elementos podem ser: um sintagma negativo (*não, nada, ninguém, nunca, nem, sem*), um advérbio de focalização (*também, até, mesmo, apenas, só, somente, logo, antes*) ou aspectual (*já, ainda, quase, bem, mal*), um sintagma do tipo *qu-* (interrogativo, relativo ou exclamativo), ou um quantificador distributivo ou grupal (*todos, ambos, qualquer*).

A definição de proclisadores é admitida em toda a tradição gramatical luso-brasileira do início do século XX (SAID ALI, 1909; DIAS, 1919; Brito *et al.*, 2006) e comprovada em trabalhos como os de Lobo (1992), Martins (1994, 2013, 2016), Galves, Britto e Paixão de Souza (2005), entre outros. Os pares de sentenças a seguir (9a), (9b), (9c), (9d) e (9e), extraídos de Brito *et al.* (2006, p. 854-5), exemplificam o padrão proclítico na presença de alguns desses elementos e a agramaticalidade da ênclise em contextos idênticos:

- (9) a. O João não **me** telefonou. / * O João não telefonou-**me**.
b. O João chegou sem **me** avisar. / * O João chegou sem avisar-**me**.
c. A Maria também **nos** viu. / * A Maria também viu-**nos**.
d. O João ainda **se** lembra desse incidente. / * O João ainda lembra-**se** desse incidente.
e. Quem **te** disse que eu ia hoje jantar contigo? / * Quem disse-**te** que eu ia hoje jantar contigo?

Said Ali (2008, p. 24) diz que o pronome átono é um item pospositivo que, “ou se encosta ao verbo, ou a outro vocábulo anterior” e ocupa na sentença o lugar que na construção usual compete aos complementos. O autor (1969, p. 204) usou os termos *deslocamento* ou *deslocação* para explicar a anteposição do clítico ao verbo regente como uma “solicitação de outro vocábulo”, ao qual o pronome átono se submete e liga, quando passa de enclítico verbal a enclítico do vocábulo anterior:

o deslocamento, isto é, a passagem de enclítico verbal a enclítico de vocábulo anterior, efetua-se, no falar lusitano, geralmente para valorizar o termo deslocante, cuja pronúncia é ou extremamente fraca (palavra átona) ou mais forte que a habitual (palavras interrogativas, exclamativas e enfáticas). Termo deslocante e verbo constituem um todo fonético e pronunciam-se ligados. Inversamente, não é deslocante a palavra que requer pausa, ainda que fraca, antes de se proferir o verbo acompanhado de régimen átono. Esta última regra não se aplica, todavia, aos casos em que entre um termo deslocante e

o verbo se intercalam outros dizeres. Persiste então o deslocamento; porém o pronome átono, que na linguagem antiga podia ser arrastado para junto do primeiro termo, limita-se em português moderno a ficar anteposto ao verbo.

Relativamente à pronúncia, Huber (1986, p. 177) diz que por serem átonos, os pronomes-complemento devem sempre aparecer imediatamente após uma palavra fortemente acentuada e sua relação com algo precedente faz com que se desloquem o máximo possível para o começo da frase. Assim, eles são naturalmente enclíticos, não necessariamente ao seu hospedeiro verbal, mas à palavra precedente de acento mais forte.⁷

Em orações finitas (orações em que o verbo principal ocorre em um dos modos finitos: indicativo, subjuntivo, ou imperativo), a posição do clítico pode ser categórica em alguns ambientes, ou variável em outros. Em orações principais afirmativas (10a) ou imperativas (10b), quando o verbo está em posição inicial na frase, prevalece a colocação enclítica, padrão que se mantém estável na história da língua em Portugal. No subjuntivo com valor imperativo, pode ocorrer a ênclise, se em início de frase (10c), ou a próclise, se em contexto de subordinação (10d).

- (10) a. *Dou-lhe onze anos no máximo.* (CRPC, C. Pires, *Delfim*)
b. *Despache-se, senhor.* (CRPC, C. Pires, *Hóspede*)
c. *Valha-te Deus, homem!* (MARTINS, 2013, p. 2241)
d. *Dizem-me e eu gosto que mo digam!* (CRPC, F. Namora, *Adoradores*).

Em estruturas de coordenação, segundo Brito *et al.* (2006, p. 856), a próclise pode ser motivada por conjunções correlativas (*não só... mas / como também; ou... ou; quer... quer, nem... nem*), como em (11a) e (11b), mas em adversativas (11c) e em explicativas (11d), prevalece a ênclise. Em estruturas disjuntivas (11e), a colocação do clítico é opcional (MARTINS, 2013, p. 2298)

- (11) a. *Não só a Maria o insultou, como também o Pedro **lhe** bateu.* (*id. ibid.*)
b. *Quer te agrade, quer não te agrade, vou à festa.* (*id. ibid.*)
c. *O tenente coronel voltou para o andar a pé, exaltado, mas o efeito do licor diluía-se rapidamente na cabeça.* (CRPC, L. Antunes, *Fado*)
d. *Não o preocupava que a aventura tivesse representado a hipoteca da courela, pois ao alentejano cerca-o uma tal generosa vastidão que um homem não se sente escravo dos dois palmos onde **lhe** assentam os pés.* (CRPC, F. Namora, *Trigo*)
e. *Ele ainda vai aparecer ou te telefona [ou telefona-te] a explicar o que aconteceu.* (*id. ibid.*)

⁷ “A ortografia do português antigo também merece cuidadosa atenção. Quando se escreve **eute** leixey já (Rom XI, 389), eu cuidava **quete** avia leixado (*ibid.*), e foi **peralhe** chagar (*ibid.*), não se trata de forma alguma de um acaso, mas estas grafias indicam claramente que, para o antigo sentimento da língua, estes pronomes eram enclíticos.” (MEYER LÜBKE, *apud* HUBER, 1986). Grifos meus.

Todos os tipos de orações subordinadas, como (12a), exceptuadas as gerundivas, são ambientes de padrão proclítico. Nota-se que em (12b) e (12c), “não há adjacência entre o complementador (sublinhado) e o clítico (em itálico)”, o que não interfere na colocação proclítica nos domínios subordinativos (MARTINS, 2013).

(12) a. *Senti, de novo, que **me** beliscavam o nariz.* (CRPC, F. Namora, Domingo)

b. *Vejam lá os senhores com quem aquele camelo **se** foi logo espetar.* (CRPC, L. Antunes, Fado)

c. *Queria certificar-se da existência de bares em que, sob a atmosfera de um jazz desencaminhador, **se** divertem estrangeiros e altos burocratas.* (CRPC, F. Namora, Adoradores)

Quanto às orações não finitas, há contextos de regra categórica e contextos de regra variável. Quando o clítico ocorre como complemento de infinitivo precedido de artigo (13a), ou de artigo precedido de preposição (13b), a posição obrigatória é a ênclítica, independentemente do infinitivo ser simples ou flexionado. Quando o infinitivo é regido por preposição, o clítico pode ser deslocado para a posição pré-verbal, sendo esse deslocamento facultativo se o infinitivo estiver na forma simples (13c) e obrigatório se estiver na forma flexionada (13d). Os exemplos a seguir são extraídos de Said Ali (1969, p. 205).

(13) a. *O fazer-**se** a obra é que importa.*

b. *Ao verem-**no** partir, começaram a chorar.*

c. *Depois de cansar-**se** muito.*

d. *Depois de escreverem-**nos** muitas cartas.*

Em orações gerundivas afirmativas não introduzidas por preposição, a ênclise é o padrão regular, desde que em posição pré-verbal não conste um dos elementos proclisadores já mencionados, exceto os conectores de subordinação, que neste caso, não funcionam como atratores da próclise (MARTINS, 2013, p. 2290). Em (14a), temos exemplos de duas orações gerundivas em período composto, que mantêm o padrão enclítico. Em (14b), o mesmo padrão se mantém diante do elemento conector (sublinhado) em uma oração comparativa. Em (14c) e (14d), respectivamente, temos o sintagma de negação e um advérbio proclisador (sublinhados) atraindo a colocação pré-verbal, mesmo com os verbos no gerúndio.

(14) a. *Olhando-**a** naquela idade, e conhecendo-**a** depois, senhora da lagoa, deduz-se que o corpo que viria a ser inabitado se encaminhava desde cedo para as formas seguras e instaladas das madonas do mar.* (CRPC, C. Pires, Delfim)

b. *Ela acenou que sim e Barbaças, emocionado, não soube traduzir melhor o seu agradecimento que apertando-**lhe** as mãos.* (CRPC, F. Namora, Trigo)

c. *As senhoras impacientavam-se por ver lojas, não **lhes** bastando a bem fornecida boutique do hotel.* (CRPC, F. Namora, Adoradores)

d. *Eram instáveis como meteoros, lá lhes parecendo que tinham asas para outros voos.* (CRPC, F. Namora, Domingo)

Orações participiais não admitem pronomes clíticos e em perífrases verbais com participio passado (15a), o clítico hospeda-se sempre ao verbo finito e não ao verbo do qual é complemento. De forma semelhante comportam-se as perífrases verbais com gerúndio (15b): o clítico necessariamente seleciona como hospedeiro o verbo na forma finita (MARTINS, 2013, p. 2293; BRITO *et al.*, 2006, p. 857).

- (15) a. *E a secura violenta da pergunta fez-nos sentir a ambos que era como se ele **me tivesse mordido**.* (CRPC, J. Sena, Sinais)
b. [...] *arregalou muito os olhos e pôs-se a crescer como se alguma coisa desconforme **a fosse tomando** por dentro.* (CRPC, C. Pires, Hóspede)

Nas perífrases verbais com infinitivo, quando o clítico hospeda-se ao verbo finito que seleciona a oração completiva infinitiva, ocorre a chamada subida do clítico. Essa denominação é utilizada porque o clítico “sobe da forma verbal infinitiva da oração subordinada para a forma da qual depende a oração subordinada” (MARTINS, 2013, p. 2234) e seleciona o verbo do qual não é dependente para hospedeiro verbal. No exemplo (16a), temos um caso de próclise e em (16b), um caso de ênclise. Em ambas as sentenças, a forma clítica está associada à forma finita do verbo auxiliar e não aos respectivos verbos dos quais são complementos.

- (16) a. *Parece que **os estou a ouvir**: dois pregadores em fúria.* (CRPC, C. Pires, Delfim)
b. *A esta hora, **começam-me a arder** os olhos.* (CRPC, F. Namora, Trigo)

Resíduo do português antigo e clássico, outro traço que sobrevive como opção estilística é a possibilidade de ocorrência de outros elementos sintáticos entre um clítico e seu hospedeiro verbal. Esse fenômeno, chamado interpolação, era muito comum no português antigo (17a) e clássico (17b), em que vários tipos de constituintes podiam ocorrer interpolados, tais como: um constituinte negativo, um advérbio, um sintagma preposicional, um pronome sujeito e um pronome forte objeto direto (BRITO *et al.*, 2006, p. 847). Martins (1994, p. 182) especifica esses elementos:

exceptuados os elementos que precedem o clítico em estruturas com interpolação (isto é, conjunção ou pronome relativo, nas orações dependentes finitas; preposição, nas orações dependentes não-finitas; advérbio, quantificador ou sintagma focalizado, nas orações não-dependentes), qualquer constituinte que, no português medieval e clássico, pudesse ocupar na oração uma posição pré-verbal, podia ocorrer interpolado entre o clítico e o verbo.

(17) a. *Dom Froyaz amaua-a muyto e numca **lhe tantas cousas pode fazer** que a podesse fazer falar.* (Séc. XIV, Pádua, 1960, p. 53 *apud* MARTINS, 2013)

b. *Ellas Senhoras prometerão e obygarão de le mãter asy este emprazamento nas dytas tres vydas e de lho lyurarem e deffemderem e fazerem sempre bõo lyure e seguro e de paz e desembargado de quem quer que **lhe sobre elle e parte delle e sobre as ditas casas e qualquer cousa delas algum embargo ou empedymto puser.*** (Doc. de 1540, Martins, 2001, p. 556)

Esse tipo de construção ainda ocorre em alguns dialetos de comunidades rurais em diferentes regiões de Portugal. As sentenças (18a), (18b) e (18c) a seguir são extraídas do CORDIAL-SIN – *Corpus* Dialectal para o Estudo da Sintaxe, citadas em Martins (2013, p. 2296).

(18) a. Quando me eu criava, a gente comia só pão, daquele pão preto de centeio. (CORDIAL-SIN, Monsanto, Castelo Branco)

b. Também **se cá usa**, mas agora não sei dizer qual é esta. (CORDIAL-SIN, Figueiró da Serra, Guarda)

c. Ainda **os ontem tirei** do carroço. (CORDIAL-SIN, Monsanto, Castelo Branco)

Apresentados os contextos que podem condicionar a aparente variação entre próclise e ênclise, com base nas gramáticas descritivas do português europeu, passemos a uma breve explanação sobre os principais estudos referentes à história dos clíticos. Na próxima seção, tratar-se-á dos debates e controvérsias que ainda perduram entre sintaticistas, no que diz respeito à história das variações e mudanças ocorridas ao longo do tempo. Embora esses conceitos refiram-se às regras de uso vigentes no português contemporâneo, serão aplicados na análise dos dados do português seiscentista aqui descritos a partir das cartas de Catarina de Bragança, no segundo capítulo deste trabalho.

1.3.2 A sintaxe dos clíticos na história da língua

A mobilidade dos clíticos em relação ao verbo, ou seja, a variação entre próclise e ênclise em contextos idênticos é uma exclusividade do português em relação às demais línguas românicas (no italiano, por exemplo, a posição do pronome clítico é determinada exclusivamente pelo modo verbal). A história dessa variação constitui um importante aspecto a ser analisado no percurso evolutivo das mudanças gramaticais ocorridas no português, tanto na variedade lusitana, quanto na variedade brasileira, sendo um dos principais pontos da sintaxe em que as duas se diferenciam.

Mattos e Silva (1989), a partir de uma tradução dos Diálogos de São Gregório, texto literário do século XIV, atestou predominância da ênclise, à exceção de contextos em que a posição do sujeito é preenchida. Nesses contextos, em orações não-dependentes afirmativas, a colocação preferencial foi a próclise. Segundo a autora, entre os séculos XIII e XVI, orações principais afirmativas não introduzidas por proclisadores são ambientes em que a variação sempre se mostrou possível.

Lobo (1996) descreveu a sintaxe dos clíticos no século XVI por meio da Carta de Pero Vaz de Caminha e de Cartas da Corte do Rei D. João III e demonstrou, nesses dois *corpora*, a prevalência da próclise em orações não-dependentes neutras, independentemente da presença ou não de elementos que a condicionassem. Comparando esses resultados com os de séculos anteriores, em que a preferência era pela ênclise, Lobo considera que tal mudança possa ter sido a linha divisória entre o português antigo e o clássico.

Na história do português europeu, foco da presente análise, algumas mudanças gramaticais se alteram a meio do percurso (MARTINS, 2016). A ênclise era a posição preferencial no português antigo (séculos XIII a XVI), mas a próclise era possível em frases finitas que não fossem introduzidas por proclisadores. Entre os séculos XVI e XVII, houve uma inversão desse padrão, passando a próclise a ser preferencial, situação que se inverte na fase moderna, em que a ênclise volta a ser predominante. Esse padrão prevalece até os dias de hoje. Martins (1994) descreveu esse percurso evolutivo da história dos clíticos no português, demonstrando a evolução da ênclise para a próclise do século XIII ao XVI e, a partir do XVIII, a mudança em sentido inverso: da próclise para a ênclise, sendo o século XVII o possível marco temporal dessa variação. A autora considera como contextos

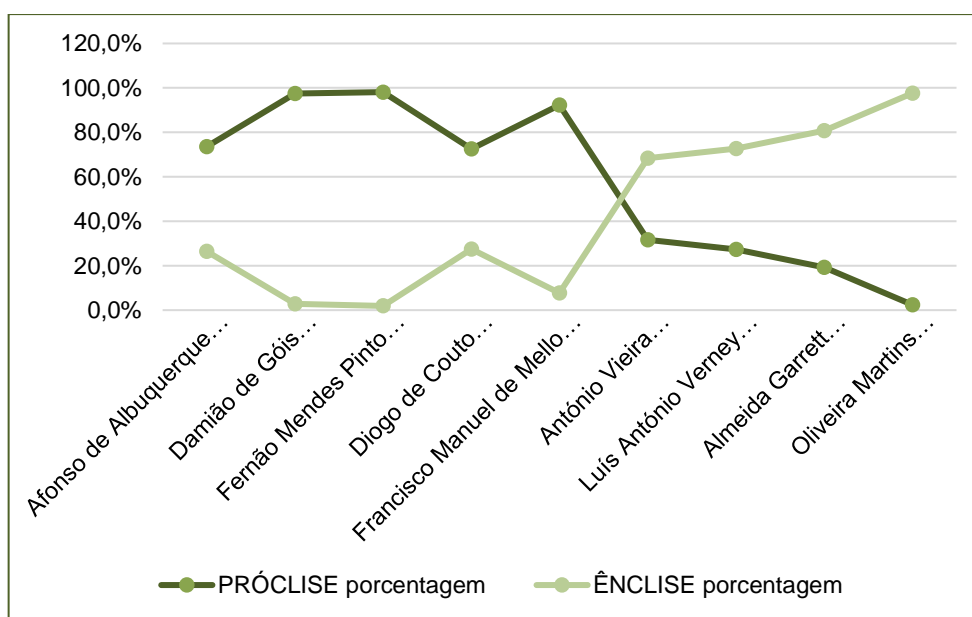
relevantes apenas as orações não-dependentes neutras, excluindo as ocorrências de clíticos naqueles contextos em que a colocação pré ou pós-verbal é determinada por outros fatores sintáticos. Vejamos a tabela 1, retirada da tese de Martins (1994, p. 273) e o gráfico gerado a partir dos dados da tabela.

Tabela 1 – Próclise e ênclise por autores portugueses do século XV ao XIX

AUTOR	PRÓCLISE		ÊNCLISE	
	porcentagem	ocorrências	porcentagem	ocorrências
Afonso de Albuquerque (1462?-1515)	73,5%	119	26,5%	43
Damião de Góis (1502-1574)	97,5%	130	2,9%	4
Fernão Mendes Pinto (1510?-1583)	98,1%	102	1,9%	2
Diogo de Couto (1542-1616)	72,5%	74	27,5%	28
Francisco Manuel de Mello (1608-1666)	92,3%	36	7,7%	3
António Vieira (1608-1697)	31,6%	117	68,4%	248
Luís António Verney (1713-1792)	27,3%	18	72,7%	48
Almeida Garrett (1799-1854)	19,3%	11	80,7%	46
Oliveira Martins (1845-1894)	2,4%	2	97,6%	80

Fonte: MARTINS (1994, p. 273)

Gráfico 1 – Próclise e ênclise por autores portugueses dos séculos XV ao XIX



Fonte: gráfico gerado a partir de dados da tabela 1

Observando a linha da próclise, percebe-se um leve declínio de sua frequência entre as obras de Fernão Mendes Pinto, e Diogo de Couto (de 98% para 72,5%), no século XVI. Essa frequência volta a subir, com Francisco Manuel de Melo, no século XVII, mas a partir de António Vieira, na mesma época, o uso da próclise sofre uma queda brusca para 31,6% e nos períodos subsequentes vai diminuindo, até chegar a 2,4% com Oliveira Martins, já no século XIX. Entretanto, é pouco provável que os autores contemplados nessa análise reproduzam a linguagem vernacular de suas respectivas sincronias, uma vez que o *corpora* utilizado é composto por textos literários, nos quais prevalece a linguagem culta, com recursos estilísticos e poéticos. Em trabalhos mais recentes (2011, 2016), a mesma autora afirma que esses dados criam a “ilusão de uma linha de continuidade entre diferentes objetos”, pois os textos considerados representam uma “variedade socioletal de prestígio e, por isso, mascaram a complexidade linguística do período histórico” (MARTINS, 2016, p. 3).

Um debate linguístico que perdura quanto à colocação dos clíticos no século XVII é entre os trabalhos de Martins (1994, 2011, 2015, 2016, entre outros) e Galves *et al.* (2003, 2005, 2009, entre outros). As duas pesquisadoras são consensuais no que se refere aos contextos de ordem fixa, ou seja, contextos sintáticos em que nunca houve variação, tampouco mudança: um conjunto de tipos de estruturas em que a obrigatoriedade do uso da ênclise ou da próclise manteve-se estável em todas as fases do português europeu. Nas palavras de Galves (2003, p. 246 *apud* ROCHA, 2009):

O que chama a atenção na história da colocação dos clíticos no português europeu é que, por um lado, os contextos de próclise obrigatória nunca mudaram, e, por outro lado, a ênclise sempre foi obrigatória nos contextos V1. No que diz respeito a esses dois contextos, as regras de colocação têm sido, portanto, notadamente estáveis.

Também nos trabalhos de Martins mostram-se constantes ao longo do tempo os mesmos contextos que apresentam necessariamente a ênclise e aqueles em que se tem necessariamente a próclise. O ponto de conflito entre Martins e Galves refere-se à variação entre próclise e ênclise em orações não-dependentes neutras. As autoras discordam quanto aos motivadores dessa variação ao longo do tempo e quanto à datação da mudança que resultaria na predominância da ênclise no português contemporâneo. Enquanto Galves (2003) afirma que essa variação foi possível até à segunda metade do século XIX, Martins aponta para a ideia de ter sido o século XVII o período de transição, em que a estrutura enclítica, inovadora, estaria

em progressão. Baseando-se nos sermões do Padre António Vieira, Martins (1994) assim o descreve:

autor cujos textos manifestam, nas orações não-dependentes, o abandono da colocação preferencialmente proclítica, característica do português do século XVI, e o aparecimento em força da ordem “verbo-clítico”. É relevante, pois, que nos textos do mesmo autor se registre quase sempre a ordem “clítico-verbo” em orações infinitivas regidas de preposição (nomeadamente, nas introduzidas pela preposição *a*, em que a ordem “verbo-clítico” veio a tornar-se obrigatória).

Martins considera que Vieira teria sido, portanto, o representante da evolução da próclise para a ênclise, ao que Galves (2003, p. 247) argumenta com dados de outros textos da mesma época, inclusive com correspondências do próprio Vieira, que revelam um padrão tão proclítico quanto os autores do século anterior. Textos teatrais do escritor D. Francisco Manuel de Melo, já analisados por Martins, também revelaram a predominância do uso da próclise.

Paixão de Sousa demonstra a distinção, não só entre Vieira e D. Francisco Manuel de Melo, mas também entre textos do próprio Vieira: de um lado, os *Sermões* e de outro, suas *Cartas*. Galves, Britto e Paixão de Souza (2005) examinaram textos literários dos séculos XVI a XIX, sugerindo que a mudança teria ocorrido mais tarde do que Martins considera, porém mais cedo do que Galves havia afirmado.

Outro argumento de Galves *et al.* (2005) quanto aos Sermões de António Vieira é a hipótese de que o padrão enclítico revelado nessa obra estaria relacionado ao estilo contrastivo do espírito barroco. Assim, esses textos não seriam “válidos” como prova de mudança gramatical. Elas defendem que a predominância da ênclise nos *Sermões* seria apenas um “recurso estilístico da oratória barroca, revelando uma gramática associada ao contraste”. Sua hipótese é a de que as mudanças gramaticais em questão ter-se-iam iniciado em 1705, com a obra de Matias Ayres.

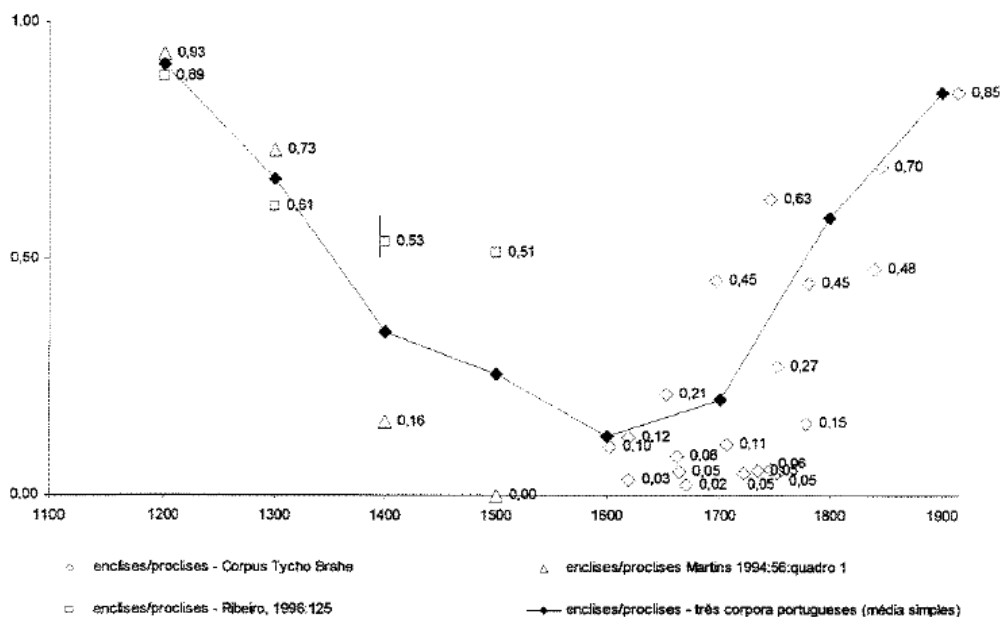
Rocha (2009, p. 90) já havia apontado para esse embate, acrescentando que as *Cartas* apresentam estilos específicos de acordo com seus destinatários, não devendo ser tomadas em conta como cartas pessoais, de linguagem informal, que poderiam, portanto, revelar a verdadeira gramática de Vieira. As *Cartas* eram formais e sua construção exigia protocolos específicos. Vieira se correspondia com Irmãos da Ordem e com pessoas representativas na sociedade portuguesa e nas outras cortes europeias (inclusive, com D. Catarina de Bragança).

Rocha (2009) apresenta dados inéditos do século XVII, a partir de um *corpus* constituído por receitas de cozinha, datadas de 1680, e corrobora a afirmação de Martins, de que a manifestação de uma nova gramática relativa à sintaxe dos clíticos teria surgido no século XVII. Na obra do cozinheiro português Domingos Rodrigues, a autora encontra uma gramática inovadora, apresentando 68% de ênclises contra 32% de próclise em contextos de possível variação (orações não-dependentes neutras).

O gráfico 2 a seguir, retirado da tese de Paixão de Sousa (2004, p. 40 do apêndice) é baseado em diferentes tipos de *corpora* portugueses, inclusive faz menção aos resultados de Martins (1994) e de Ribeiro (1996), mostrando como a frequência da ênclise em orações afirmativas começou alta nos textos mais antigos. Essa frequência foi se declinando ao longo da história, até que, no início do século XVII, chega a 10%. É a partir desse período que o uso da colocação pós-verbal volta a crescer lentamente, chegando a 20% no final do mesmo século. Observando este gráfico, vemos que a mudança do padrão proclítico para o enclítico, que começou a se manifestar no século XVII, toma um impulso considerável no século XVIII (de 20% para 63%) e se consolida no início do século XX, com 85%.

Gráfico 2 – Frequência da ênclise em textos portugueses de 1200 a 1900

Gráfico (i): Ênclises versus Próclises em XV
(Martins, 1994; Ribeiro, 1996; Galves, Britto e Paixão de Sousa, 2003)
por data de produção dos textos



Fonte: PAIXÃO DE SOUSA (2004, p. 40 do apêndice)

Martins também aponta para a perda da interpolação como um indicativo de mudança gramatical no século XVII. Uma vez que a próclise generalizada foi perdendo espaço, o uso da interpolação foi ficando cada vez mais restrito e esse recurso, que era muito comum em contextos de próclise obrigatória no português antigo, caiu em desuso. Vimos na seção anterior que ainda são encontrados rastros desse fenômeno em alguns dialetos rurais de Portugal, ou como recurso estilístico, em textos literários. Entretanto, o uso da interpolação de diversos elementos, como ocorria no português antigo, torna-se agramatical para qualquer falante do português contemporâneo.

Após essa breve reflexão sobre os principais estudos linguísticos dedicados a descrever a sintaxe dos pronomes clíticos, concluo este capítulo demonstrando a importância de oferecer novos dados a essas discussões sobre a língua do século XVII. A sintaxe do português seiscentista continua a ser uma lacuna em torno da qual perduram várias questões, hipóteses e teorias, principalmente quanto à colocação pronominal. Prossigamos, então, à análise dos dados.

CAPÍTULO 2

CLÍTICOS NAS CARTAS CB

*“A língua de tam nobre gente e terra como he Portugal
Viverá contente e folgará de se estender pollo mundo.”*

(Fernão de Oliveira, 1536)

APRESENTAÇÃO

Neste segundo capítulo, que subdivido em seis seções, apresento uma descrição detalhada de todos os contextos de ocorrências de clíticos no *corpus*, a partir da natureza variável da colocação desses pronomes. A variação, que como se viu no capítulo anterior é reconhecida por toda a tradição gramatical, será aqui resumida sob a fórmula CL+V ~ V+CL. Procede-se a uma análise que detalha as colocações proclítica e enclítica, levando em conta os verbos (hospedeiros) com os quais os clíticos ocorrem. Desta forma, serão apresentados neste capítulo: a) um perfil completo das ocorrências dos pronomes átonos nas Cartas CB, considerando todos os verbos dos quais esses pronomes são complementos; b) uma descrição dos ambientes em que ocorrem, quais sejam: na posição proclítica (CL+V), na enclítica (V+CL), ou em ambas (CL+V ~ V+CL).

Em 2.1, apresento resumidamente os dados obtidos na primeira análise, realizada no âmbito da iniciação científica e já descritos no meu trabalho final de graduação (MELO, 2013). Em 2.2, acrescento a metodologia adotada para a presente análise, partindo dos hospedeiros verbais. São listados todos os verbos que ocorrem no *corpus* com pronomes clíticos dependentes. Esses verbos são divididos em três grupos, considerando as possibilidades de ocorrerem: a) apenas com próclise; b) apenas com ênclise; c) tanto com próclise, quanto com ênclise. Também as ocorrências são divididas em grupos, de acordo com os modos verbais (indicativo, subjuntivo e imperativo) e/ou com as formas nominais (infinitivo e gerúndio). As perífrases verbais e as ocorrências de interpolação não entram nessa quantificação. Em 2.3, procedo à análise das sentenças com verbos no modo indicativo, verificando as possibilidades de variação entre próclise e ênclise de acordo com os contextos sintáticos em que esses clíticos ocorrem. Também são analisados os casos particulares em que a colocação de um mesmo clítico ocorre em variação com o mesmo verbo, em tempos e modos idênticos. Em 2.4, faço a análise das sentenças com verbos no infinitivo, segundo os mesmos critérios adotados com os verbos no indicativo. Em 2.5, descrevo as ocorrências de perífrases verbais, de acordo com a forma do verbo não finito (infinitivo, gerúndio e particípio). Finalizando o capítulo, na seção 2.6, descrevo as ocorrências de interpolação.

2.1 DADOS GERAIS DO CORPUS

Em Melo (2013), verificou-se que neste documento há um predomínio da próclise, que perfaz 83,5% do total de pronomes átonos, contra 16,5% de ênclise. Nesta visão geral, não foram considerados os fatores condicionadores de uma ou de outra colocação, nem os ambientes sintáticos das ocorrências. Na tabela 2, temos a quantificação de clíticos no documento, segundo essa primeira análise.

Tabela 2 – Clíticos nas Cartas CB

Próclises	Ênclises	Total
994	196	1190
83,5%	16,5%	100%

Fonte: MELO, 2013, p. 18

Retirando-se os casos de ênclise desta etapa da descrição do *corpus*, os casos de próclise foram organizados de acordo com a conjugação verbal do hospedeiro: simples ou complexa (perífrase). Identificados os casos de interpolação, estes também foram organizados separadamente, segundo o mesmo critério. Na tabela 3, temos a organização geral dos dados nesta primeira análise:

Tabela 3 – Distribuição dos clíticos em posição pré-verbal

Tempo verbal	Sem interpolação	Com interpolação	Total
Simple	740 (81,2%)	58 (70%)	798
Complexo	171 (18,8%)	25 (30%)	196
Total	911	83	994

Fonte: MELO, 2013, p. 19.

Dentre as 911 ocorrências de clíticos sem interpolação, tivemos 740 precedendo verbos em tempos simples (81,2%) e 171 precedendo conjugações compostas (18,8%). As ocorrências de interpolação localizadas foram 83, sendo 58 com verbos em tempos simples (70%) e 25 com conjugações complexas (30%).

Posteriormente a essa quantificação, foi feita uma descrição das ocorrências, conforme os critérios demonstrados acima. As conjugações compostas foram subdivididas de acordo com a natureza do verbo finito. Também foram descritos os casos de interpolação. Esta primeira descrição não contemplou os contextos sintáticos que teriam ocasionado a elevada porcentagem da próclise.

2.1.1 Reorganização dos dados

Partindo desta metodologia inicial de sistematização dos dados, os casos de ênclise passam a ser incluídos na presente análise. Foi realizada uma busca eletrônica, que permitiu uma coleta mais minuciosa das ocorrências, com a finalidade de conferir detalhadamente os dados já obtidos no trabalho anterior. Foram encontradas 1219 ocorrências de clíticos (ou seja, 29 dados a mais que na primeira quantificação). A tabela 4 apresenta o número de próclises e ênclises encontradas no *corpus* por meio desta segunda coleta:

Tabela 4 – Clíticos nas Cartas CB (atualizada)

Próclises	Ênclises	Total
1020	199	1219
83,7%	16,3%	100%

Fonte: dados da pesquisa

Nota-se que o acréscimo no número de dados não alterou de forma significativa as proporções já encontradas de próclises e ênclises em relação ao total: de 83,5% para 83,7% e de 16,5% para 16,3%. A estrutura proclítica prevalece no documento, ainda sem se considerar os contextos sintáticos que a apresentam.

As frases com ocorrências de clíticos foram coletadas de forma a recuperar uma contextualização mínima de cada enunciado e foram organizadas em planilhas (listas completas em anexo), seguindo-se a ordem alfabética dos verbos hospedeiros. As ocorrências foram organizadas de acordo com o modo verbal. A figura 5 a seguir demonstra como foi feita essa organização das frases:

Figura 5 – Organização das frases com ocorrências de clíticos

	VERBO	Modo verbal	Frases
1			
2	ABANDONAR	Indicativo	p ^a outra occazião serei mais larga, abandono vos licença pois he so o tempo q' vivo o q' fallo com vosco
3	ABREVIAR	Subjuntivo	e com este seguro me fica a esperanca de vos ver pedíndovos com toda a instancia o abrevieis (13)
4	ABRIR	Indicativo	e por essa cauza se permite o q' por nenhuma outra, e bem se ve pois se abrem as clauzuras, por se irem buscar os remedios que o lugar não pode dar de si (15)
5		Inf. Flex.	achei q' o tnhão embargado, por 40 dias, e pois este me faltou, q' eu cuidava a ser o caminho, mais breve e seguro em rezão, das Cartas, se abrirem , e deterem mas (40)
6	ACABAR	Indicativo	e esta observancia tem feito a Corte e não se acabão de admirar da cauza della tirão o excesso do meu Amor p ^a com vosco
7	ACCELERAR	Imperativo	segurandovos que este meu Dezejo não he appetite mas madura rezolução acellerayia vos pois podeis, como eu faço
8	ACHAR	Indicativo	com a penna na mão me acha o vosso enviado elle me tras hũa Carta vossa que sendo estas para mi sempre, de gosto e estima (81)
9			não me fica outra couza mais que segurar vos que em todo o tempo me achareis sempre tão firme (83)
10		Subjuntivo	em quanto não ay embaixador nomeado peço vos o queirais fazer ou q' esta ia o ache feito, para que com tida a diligencia se ponha a caminho (74)
11	ACHAR	Subjuntivo	Meu Irmão, espero que esta vos ache com a boa saude que vos dezejo (12)
12			espero que esta vos ache avos e a Raynha minha Irmãa com perfeita saude
13			

Fonte: dados da pesquisa

A partir desta sistematização das ocorrências por verbo, procedeu-se à reorganização dos dados seguindo dois critérios: a) possibilidade de um mesmo verbo apresentar as duas formas variantes ou ocorrer, restritamente, com apenas uma das formas; b) os modos verbais das ocorrências.

2.2 OS HOSPEDEIROS VERBAIS

A partir de um arquivo único contendo a transcrição já revisada de todas as cartas que compõem o *corpus*, foram identificados todos os verbos que ocorrem com pronomes clíticos dependentes, quer em construções com tempos simples ou em perífrases verbais, quer com outros elementos interpolados entre o clítico e o verbo ou perífrase verbal do qual esse clítico depende. Os verbos, que perfazem um total de 258, são listados no quadro 4 a seguir:

Quadro 4 – Verbos que ocorrem no *corpus* com clíticos dependentes

1. abandonar	66. considerar	131. executar	196. pilhar
2. abreviar	67. consolar	132. explicar	197. poder
3. abrir	68. constar	133. exprimir	198. por
4. acabar	69. consultar	134. facilitar	199. preparar
5. acelerar	70. contar	135. falar	200. pretender
6. achar	71. contentar	136. faltar	201. prevenir
7. achar-se	72. continuar	137. favorecer	202. privar
8. acomodar	73. convir	138. fazer	203. procurar
9. acompanhar	74. correr	139. festejar	204. prometer
10. aconselhar	75. crer	140. fiar	205. propor
11. acrescentar	76. criar	141. ficar	206. queixar-se
12. acudir	77. culpar	142. fortalecer	207. querer
13. admirar	78. curar	143. fugir	208. rasgar
14. afastar	79. dar	144. fundar	209. receber
15. afirmar	80. declarar	145. furtar	210. recomendar
16. afligir	81. defender	146. governar	211. relatar
17. agradecer	82. deferir	147. grangear	212. remediar
18. ajudar	83. deitar	148. guardar	213. remeter
19. ajuntar	84. deixar	149. haver	214. renovar
20. alargar	85. demasiar	150. honrar	215. repetir
21. alcançar	86. desacomodar	151. impedir	216. reportar
22. alegar	87. desalojar	152. impor	217. representar
23. alegrar	88. desanimar	153. imputar	218. requerer
24. aliviar	89. descobrir	154. informar	219. resignar
25. amar	90. descuidar	155. insinuar	220. resolver
26. apertar	91. desculpar	156. inventar	221. responder
27. apontar	92. desejar	157. ir	222. restituir
28. apostemar	93. desempenhar	158. jactar	223. resultar
29. arguir	94. desmandar	159. julgar	224. retardar
30. arrepender	95. despedir	160. justificar	225. retirar

31. arriscar	96. deter	161. lançar	226. revezar
32. asertar	97. dever	162. lembrar	227. rogar
33. assentar	98. diferir	163. levar	228. saber
34. assistir	99. dificultar	164. livrar	229. sair
35. atender	100. dilatar	165. magoar	230. satisfazer
36. atrever	101. diminuir	166. mandar	231. segurar
37. aumentar	102. ditar	167. manifestar	232. ser
38. avaliar	103. dizer	168. maravilhar	233. servir
39. aventurar	104. duplicar	169. merecer	234. significar
40. aviar	105. duvidar	170. meter	235. soar
41. avisar	106. efetivar	171. molestar	236. sofrer
42. avistar	107. embarcar	172. mostrar	237. solicitar
43. bastar	108. embargar	173. mover	238. sossegar
44. bulir	109. empenhar	174. nascer	239. suceder
45. buscar	110. empregar	175. negar	240. sujeitar
46. caber	111. encaminhar	176. nomear	241. sustentar
47. cansar	112. encarregar	177. numerar	242. temer
48. causar	113. encomendar	178. obedecer	243. ter
49. certificar	114. encontrar	179. obrigar	244. tiranizar
50. chamar	115. enfadar	180. ocorrer	245. tirar
51. chegar	116. enfraquecer	181. ocupar	246. tocar
52. começar	117. enganar	182. oferecer	247. tomar
53. comparar	118. entender	183. opor	248. tramar
54. competir	119. enternecer	184. ouvir	249. tratar
55. compor	120. entregar	185. pagar	250. trazer
56. comunicar	121. enviar	186. parecer	251. unir
57. conceder	122. escolher	187. passar	252. valer
58. concluir	123. escrever	188. patrocinar	253. vencer
59. condenar	124. escusar	189. pedir	254. ver
60. conduzir	125. esmerar	190. perder	255. verificar
61. confirmar	126. esperar	191. perdoar	256. verter
62. conhecer	127. esquecer	192. permitir	257. vir
63. conseguir	128. estar	193. persuadir	258. viver
64. consentir	129. estimar	194. pertencer	
65. conservar	130. excluir	195. pesar	

Esses verbos foram agrupados de acordo com as ocorrências de clíticos a eles associados. Os verbos *achar* e *achar-se* foram considerados separadamente devido a diferenças de significado e de regência, como nas frases: “*com a penna na mão me acha o vosso enviado elle me tras hũa Carta vossa que sendo estas para mi*

sempre, de gosto e estima” [Carta 81] e “*nesta desconsolação me acho não sabendo q’ caminho busque para saber de vos*” [Carta 25]. A partir da lista de frases com cada um desses 258 verbos, foi feita uma subdivisão em três grupos, a saber:

- A. Grupo I, com 174 verbos que ocorrem apenas com próclise;
- B. Grupo II, com 16 verbos que ocorrem apenas com ênclise;
- C. Grupo III, com 68 verbos que ocorrem com próclise e com ênclise.

Posteriormente, as ocorrências com tempos simples foram agrupadas de acordo com a conjugação verbal: modo indicativo (Indic.), modo subjuntivo (Subj.), modo imperativo (Imper.) e formas nominais: infinitivo (Inf.) e Gerúndio (Ger.). As ocorrências com perífrases verbais (Períf.) e os casos de interpolação (Interp.) foram agrupadas separadamente, pois são fenômenos com características especiais, que serão detalhadas nas seções 2.5 e 2.6. Segue a descrição dos três grupos verbais estabelecidos:

Grupo I: verbos com os quais ocorre apenas a próclise. Foram localizados 174 verbos que ocorrem apenas com próclise. Nota-se que a maioria desses verbos ocorre uma única vez (*abreviar, acomodar, aliviar, bulir, convir, desmandar*, entre outros), ou são de baixa frequência no *corpus* (*abrir, alcançar, arguir e arrepender*, que ocorrem apenas duas vezes cada; *encontrar, sair e solicitar*, 3 vezes). Chamo a atenção para os 24 dentre esses verbos que estão “zerados” na tabela 5 a seguir, que se refere apenas aos casos de tempos simples. Esses 24 verbos ocorrem apenas em perífrases verbais, que serão analisadas separadamente. Assim sendo, temos 150 verbos com os quais ocorrem 287 casos de próclise em tempos simples.

Tabela 5 – Verbos que ocorrem apenas com próclise

VERBOS	Formas Finitas			F. Nominais		Total por verbo
	Indic.	Subj.	Imper.	Inf.	Ger.	
Abreviar		1				1
Abrir	1			1		2
Acabar	1					1
Achar	4	3				7
Acomodar	1					1
Acompanhar	2			1		3
Aconselhar	1	1		1		3
Acrescentar				1		1

VERBOS	Formas Finitas			F. Nominais		Total por verbo
	Indic.	Subj.	Imper.	Inf.	Ger.	
Admirar	6					6
Afastar	1					1
Afirmar	1					1
Afligir	1					1
Agradecer	2			3		5
Alcançar	1					1
Alegar						0
Alegrar	2					2
Aliviar		1		1		2
Amar	6					6
Apertar	1					1
Apontar						0
Apostemar	1					1
Arguir				1		1
Arreponder	1					1
Arriscar	1					1
Asertar	1					1
Assentar	1					1
Assistir	3					3
Atrever	2	1				3
Aumentar		1				1
Avaliar	1					1
Aventurar						0
Aviar						0
Avisar	2	1				3
Avistar	1					1
Bulir						0
Buscar						0
Caber	1					1
Causar	3					3
Chamar						0
Chegar	3					3
Começar	1					1
Comparar	1					1
Competir	1					1
Compor				1		1
Comunicar				1		1
Conceder	1	1		2		4

VERBOS	Formas Finitas			F. Nominais		Total por verbo
	Indic.	Subj.	Imper.	Inf.	Ger.	
Concluir				1		1
Conduzir						0
Confirmar				1		1
Conseguir	2			1		3
Consentir		1				1
Conservar		1				1
considerar	2					2
Contar	2					2
Contentar					1	1
Convir	1					1
Correr	1					1
Culpar		1				1
Curar						0
Declarar	1				1	2
Defender	2			2		4
Deferir						0
Deitar	1					1
Deixar	7	2				9
Demasiar					1	1
Desacomodar	1					1
Desalojar						0
Desanimar	1					1
Descuidar					1	1
Desempenhar	2					2
Desmandar		1				1
Despedir	2					2
Dever	3	1				4
Dificultar	1					1
Diminuir					1	1
Ditar	1					1
Duplicar	1					1
Duvidar		1				1
Efetivar						0
Embargar						0
Empregar	1					1
Encarregar	4	1		1		6
Encomendar	1					1
Encontrar	1			1		2

VERBOS	Formas Finitas			F. Nominais		Total por verbo
	Indic.	Subj.	Imper.	Inf.	Ger.	
Enfadar						0
Enfraquecer	1					1
Entender	4					4
Enternecer	1					1
Entregar				1		1
Enviar		1				1
Escolher	1					1
Esmerar	1					1
Estar						0
Estimar	5			1		6
Excluir						0
Executar						0
Explicar		1				1
Facilitar				1		1
Falar	3					3
Favorecer		1				1
Festejar		1				1
Fiar		1				1
Fugir						0
Fundar	1					1
Governar	1					1
Grangear	1					1
Haver	1					1
Honrar	1					1
Impedir	3	1				4
Impor	1					1
Informar		1				1
Inventar						0
Jactar	1					1
Justificar		1				1
Levar				1		1
Magoar	1					1
Manifestar	2	1		1		4
Maravilhar	1					1
Merecer	10					10
Meter	1					1
Molestar	1					1
Nascer	1					1

VERBOS	Formas Finitas			F. Nominais		Total por verbo
	Indic.	Subj.	Imper.	Inf.	Ger.	
Obedecer				1		1
Obrigar	2	1		1		4
Ocorrer		1				1
Ocupar	1			1		2
Opor					1	1
Pagar	1					1
Passar						0
Patrocinar		1		2		3
Perder	2					2
Perdoar	1					1
Permitir	3	3				6
Pertencer	2					2
Pilhar	1					1
Preparar		1		2		3
Pretender	1					1
Prevenir				1		1
Privar	1					1
Queixar-se	1			1		2
Querer	3	2		1		6
Rasgar	1					1
Recomendar				1		1
Relatar	1					1
Remediar				2		2
Renovar						0
Repetir	1					1
Reportar	1					1
Representar	1	1				2
Requerer						0
Resolver	2	1				3
Restituir	1					1
Resultar						0
Retardar	1					1
Revezar				1		1
Rogar	1					1
Saber	2	1		1		4
Sair	1	1				2
Satisfazer	1					1
Servir	4	1		2		7

VERBOS	Formas Finitas			F. Nominais		Total por verbo
	Indic.	Subj.	Imper.	Inf.	Ger.	
Soar	1					1
Sofrer	1					1
Solicitar	2					2
Suceder		1				1
Sustentar	1					1
Temer						0
Ter	5	2		2		9
Tirarizar				1		1
Tramar						0
Unir	2					2
Vencer				1		1
Verificar	1					1
Verter				1		1
Viver	1			1		2
TOTAL	188	45	0	48	6	287

Fonte: dados da pesquisa

Há neste grupo 188 ocorrências de clíticos em frases finitas com verbos no modo indicativo, 45 com verbos no modo subjuntivo e nenhuma com o modo imperativo. Quanto às formas nominais, há 48 ocorrências com verbos no infinitivo e seis com verbos no gerúndio.

Um dos fatores que pode explicar a alta ocorrência da próclise, não apenas neste grupo como em todo o *corpus*, é a abundância de orações subordinadas. Os conectores de subordinação desencadeiam a próclise em qualquer tempo e modo verbal, como mostram as sentenças (1a) e (1b), com verbos no indicativo e as sentenças (2a) e (2b), com verbos no subjuntivo. Mesmo que o conector nem sempre ocorra imediatamente adjacente ao clítico, como na sentença (3a), ou que não esteja expresso, como na sentença (3b), orações subordinadas são ambientes de ordem fixa pré-verbal. Os números indicados entre colchetes referem-se à numeração das cartas na sequência em que se encontram organizadas no código.

- (1) a. *Meu Irmão, quando esta la chegar ja tereis recebido aminha, em q' vos dizia o g^{de} gosto, q' me cauzou a boa nova de vos ter nacido hũ filho, queira D's q' a este se ajuntem outros [18]*
b. *esta liga protestante, espera o fortalecersse, com Calumnias e aleives, em os quais nos metem a todos [37]*
- (2) a. *queirais dar Ordem para que Bellas se prepare para me receber pois dizẽ os Medicos, e protestão que não so pode aver risco, na minha saude, mas tão bem na minha vida [37]*

b. *he serto o não poderem diminuir, nenhuãs diligencias, se ouver quem as faça o q' não cuida a vera* [9]

(3) a. *ja se entende q' eu so fallo dos meus particulares q' o vir el Rey ontem fazer me hũa vizita a qual de parte a parte se ouve com toda a seremonia* [47]

b. *Bem creio <que> me considerareis nimia, pois tantas vezes vos molesto cõ cartas minhas, mas juntam^{te} spero <que> me perdoareis esta falta* [23]

Dentre as 48 ocorrências de próclise com verbos deste grupo no infinitivo, 36 são antecedidas por preposições (*a*, *de*, *em* e *para*) que favorecem o uso da colocação pré-verbal, como em (4a) e em (4b), embora também admitam o uso da ênclise em contextos específicos que serão detalhados na descrição dessas ocorrências em 2.4. Conectores de subordinação também desencadeiam a próclise nessas frases, como mostra a sentença (5):

(4) a. *Meu Irmão isto vos digo p^a vos agradecer o q' então fizestes, por mi* [36]

b. *pois ja he o discurso Comum de nos encontrarmos, peçovos tudo considereis com o vosso Juizo, e affecto* [14]

(5) *e pollo mesmo he tão breve, isto pode a fortuna fazer, mas não me pode tirar a de estar sempre as vossas ordês, no em q' nunca faltarei, pedindovos me façais tão ditoza q' tenha em q' vos obedecer* [23]

Com verbos no gerúndio, há apenas seis ocorrências de próclise, todas elas diante do advérbio de negação (*não*). Orações gerundivas são ambientes preferencialmente enclíticos, mas a presença de elementos negativos predomina sobre a forma verbal, sendo o fator que leva ao uso da próclise nesses casos. Em (6a) e em (6b), temos dois exemplos de sentenças gerundivas negativas com verbos do grupo I.

(6) a. *não me demaziando mais q' a pedir vos, q' vos não esqueçais de quem ainda q' auzente vos Ama* [67]

b. *os meus achaques são tão rixos e ariscados, q' não permitem dilacões, não mos diminuindo a grande violencia q' a mi mesma me faço vivendo aqui* [2]

Grupo II: verbos com os quais ocorrem apenas casos de ênclise. Foram localizados no *corpus* 16 verbos que ocorrem apenas com ênclise, sendo que cada um ocorre apenas uma vez. A tabela 6 mostra a quantificação completa das ocorrências desses verbos com pronomes átonos em ênclise, de acordo com as formas verbais que apresentam.

Tabela 6 – Verbos que ocorrem apenas com ênclise

VERBOS	Indic.	Subj.	Imp.	Inf.	Ger.	TOTAL
Abandonar	1					1
Acelerar			1			1
Consolar	1					1
Consultar					1	1
Desculpar			1			1
Embarcar				1		1
Encaminhar				1		1
Enganar	1					1
Fortalecer				1		1
Furtar	1					1
Lançar				1		1
Nomear					1	1
Numerar					1	1
Propor			1			1
Sossegar				1		1
Tratar				1		1
TOTAL	4	0	3	6	3	16

Fonte: dados da pesquisa

Em frases finitas com verbos no modo indicativo, neste grupo, há quatro ocorrências de clítico em posição pós-verbal. Não ocorre ênclise com verbos no modo subjuntivo. Com verbos no modo imperativo, há três ocorrências. Quanto às formas nominais, são seis as ocorrências de pronomes enclíticos a verbos no infinitivo e três a verbos no gerúndio.

No *corpus* sob análise, a colocação pós-verbal do clítico ocorre categoricamente em três tipos de ambientes sintáticos: o contexto V1 (quando o verbo está em posição inicial de orações principais afirmativas), exemplificado na sentença (7a), o modo imperativo afirmativo, exemplificado na sentença (7b) e o gerúndio (exceto negativo), exemplificado na sentença (7c). Outro ambiente que também favorece o uso da ênclise é o infinitivo nominalizado, em construções como a de (7d). À exceção das frases negativas, que conforme também já foi visto na bibliografia e será confirmado com dados do *corpus*, são categoricamente proclíticas, todas as orações imperativas e gerundivas ocorreram com ênclise.

- (7) a. *p^a outra occazião serei mais larga, **abandonovos** licenca pois he so o tempo q' vivo o q' fallo com vosco e pollo mesmo he tão breve* [23]

b. *Acudime e **desculpame** se não tiverdes novas minhas q' he porq' não posso q' nunca tive tão mao* [76]

c. *peçovos q' considereis esta verdade **consultandoo** so com o muito q' o meu affecto vos merece* [2]

d. *segurovos q' eu vollo pago, com a mesma afeição se na minha mão estivera o **sosegarvos** delle bem podeis vos ter por serto que nenhũa couza ha no Mar do, que eu mais dezeje* [43]

Grupo III: verbos com os quais ocorrem tanto a próclise quanto a ênclise.

A maioria das ocorrências concentra-se neste grupo, totalizando 651 casos, assim subdivididos: 474 na forma CL+V e 177 na forma V+CL. Nota-se que maioria dos verbos dessa lista ocorrem muitas vezes no *corpus*, sendo os de maior frequência: *dar* (78 ocorrências), *fazer* (67 ocorrências), *ver* (47 ocorrências), *dizer* (44 ocorrências) e *pedir* (41 ocorrências). A alta frequência desses verbos, além de possibilitar uma maior variabilidade de tipos de construções, de formas e de modos verbais, também possibilita a constatação da mobilidade dos clíticos em diferentes contextos sintáticos com o mesmo verbo. Na tabela 7, temos os totais de próclises e de ênclises com cada um dos verbos deste grupo e em cada tipo de modo verbal com a qual os clíticos ocorrem.

Tabela 7 – Verbos que ocorrem com próclise e com ênclise

Verbos	PRÓCLISES						ÊNCLISES						Total por verbo
	Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	Infinitivo	Gerúndio	TOTAL PRÓC.	Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	Infinitivo	Gerúndio	TOTAL ÊNC.	
Achar-se	20	1				21	1					1	22
Acudir		1				1			1			1	2
Ajudar				1		1				1		1	2
Ajuntar		2				2					1	1	3
Alargar	1			1		2				2		2	4
Atender		1				1			1			1	2
Bastar	1					1	1					1	2
Cansar						0					1	1	1
Certificar						0	1				2	3	3
Condenar			1			1	1					1	2
Conhecer	2					2				1		1	3
Constar	5					5					1	1	6
Continuar	1	1		1		3	1					1	4
Crer	1					1			3			3	4

Verbos	PRÓCLISES					ÊNCLISES					Total por verbo		
	Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	Infinitivo	Gerúndio	TOTAL PRÓC.	Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	Infinitivo		Gerúndio	TOTAL ÊNC.
Criar	1					1	1					1	2
Dar	37	11		14		62	3	3	6	4		16	78
Descobrir						0			1			1	1
Desejar	5					5			2	1		3	8
Deter	5					5			1			1	6
Diferir			1			1		1	1			2	3
Dilatar	1		1			2						0	2
Dizer	23	2		15		40	2		2			4	44
Empenhar	1	1				2			1	1		2	4
Escrever	14			2		16				1		1	17
Escusar	1					1				1		1	2
Esperar	3					3				1		1	4
Esquecer	2					2	1					1	3
Exprimir		1				1			1			1	2
Faltar	16			1		17			3	2		5	22
Fazer	46	5		6		57	1	2	7			10	67
Ficar	11					11	1			1		2	13
Guardar		7				7			1			1	8
Imputar		1				1				1		1	2
Insinuar	1					1			1	2		3	4
Ir	3			2	1	6			2	1		3	9
Julgar	1					1			1			1	2
Lembrar	5	7				12		3		2		5	17
Livrar	1					1			2			2	3
Mandar	7	3				10	1		1	2		4	14
Mostrar	3					3			1			1	4
Mover						0				1		1	1
Negar	1					1				1		1	2
Oferecer	7	1		1		9		1		1		2	11
Ouvir	3	1				4		1				1	5
Parecer	5	4		2		11	1			1		2	13
Pedir	17			5		22	14		2	3		19	41
Persuadir		1				1		1	1	2		4	5
Pesar						0	2					2	2

Verbos	PRÓCLISES						ÊNCLISES						Total por verbo
	Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	Infinitivo	Gerúndio	TOTAL PRÓC.	Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	Infinitivo	Gerúndio	TOTAL ÊNC.	
Poder	1					1	1					1	2
Por	3	2				5				1		1	6
Procurar	3	3		1		7				3	2	5	12
Prometer	2					2					1	1	3
Receber	1			1		2				1		1	3
Remeter	2					2				1		1	3
Resignar	1					1				2		2	3
Responder	1			1		2		1		1		2	4
Retirar				2		2				1		1	3
Segurar	8			1		9	6	3		3	10	22	31
Ser	11	1				12	1			1		2	14
Significar	2	1				3				1		1	4
Sujeitar	1					1				1		1	2
Tirar	4			2		6					1	1	7
Tocar	5			1		6				1		1	7
Tomar	1	2				3					1	1	4
Trazer	4	1				5				2		2	7
Valer				1		1					1	1	2
Ver	10	3		29		42				5		5	47
Vir	4	1				5	1					1	6
TOTAL	315	65	3	90	1	474	41	0	21	65	50	177	651

Fonte: dados da pesquisa

Observando detalhadamente esta tabela, podemos verificar uma alternância quanto à preferência pelo uso da próclise com algumas formas verbais e pelo uso da ênclise com outras. A próclise é preferencial em frases finitas com verbos no modo indicativo, apresentando 315 ocorrências, contra apenas 41 de ênclise. No modo subjuntivo, a próclise é categórica, ocorrendo em todas as 65 sentenças. Em frases com verbos no infinitivo, também há preferência pela próclise, que consta de 90 ocorrências, contra 65 de ênclise.

Já a colocação enclítica é predominante em frases com verbos no modo imperativo e no gerúndio. No imperativo, constam de 21 ocorrências de ênclise e os três casos de próclise encontram-se em frases negativas, que é ambiente de próclise

obrigatória. Com verbos no gerúndio, há 50 ocorrências de ênclise e um único caso de próclise, também diante do advérbio de negação, que condiciona a próclise. A tabela 8 apresenta a distribuição da próclise e da ênclise neste grupo.

Tabela 8 – Distribuição de próclise e ênclise com verbos do grupo III em tempos simples

Modo verbal	Próclises	Ênclises	TOTAL
Indicativo	315 (88,4%)	41 (11,6%)	356
Subjuntivo	65 (100%)	-	65
Imperativo	3 (12,5%)	21 (87,5%)	24
Infinitivo	90 (58,8%)	65 (41,2%)	155
Gerúndio	1 (2%)	50 (98%)	51
TOTAL	474	177	651

Fonte: dados da pesquisa

A partir dos dados desta tabela, nota-se que os contextos que mais possibilitam a variação entre colocação enclítica e proclítica são sentenças em que o verbo se apresenta no modo indicativo ou no infinitivo. Aparentemente, o modo imperativo e o gerúndio também apresentam variação, sendo esta condicionada pela presença ou ausência de um sintagma negativo.

Assim como foi descrito com base nas sentenças do grupo I, há neste grupo uma vasta quantidade de períodos compostos por subordinação e por coordenação. Considerando apenas as frases com verbos no modo indicativo, temos 122 orações subordinadas, todas com próclise. Vejamos o contraste entre as sentenças (8) e (9), ambas com o verbo *criar*, porém a primeira em uma oração subordinada e a segunda em início de oração sem elemento proclisador.

(8) *se bem o Amor de huã Irmã q' vos Criou em seus braços, pareçelhe q' sempre tem q' dizer* [1]

(9) *Manoel pereira he sogeito de boas partes, criouse no serviço de nossos Pays* [63]

Quanto às 43 orações coordenadas, há também prevalência da próclise e apenas três ocorrências de ênclise. Diante das conjunções *mas* e *pois*, mantém-se o padrão proclítico, sendo a conjunção *e* a única que ocorre com os dois tipos de colocação. As sentenças (10a) e (10b) demonstram essa alternância, com os verbos *parecer* e *pesar*, respectivamente:

(10) a. *e a outra, he mais particular, minha, e me parece requerer alguma consideração* [14]

b. *eu vos dou Muito Amorozas, graças por elle e pezame infinito, não poderes remediar este* [35]

Vejamos agora dois exemplos com o verbo *bastar*, que ocorre duas vezes em orações coordenadas, uma com a próclise e a outra com a ênclise. Em ambos os exemplos, temos orações coordenadas sindéticas, sendo (11a) aditiva e (11b) adversativa, mas nota-se que em (11a), há um elemento pré-verbal (o pronome demonstrativo *isto*) que pode atuar como desencadeador da próclise, ao passo que em (11b), o SV é precedido pela conjunção *mas*, que permite tanto uma quanto a outra colocação pronominal.

- (11) a. *Suponho q' o faltarem me cartas vossas não he falta de Affecto, e isto me basta por consolação* [1]
 b. *veio me ler hũ papel q' dis he vosso q' duvidei por conhecer a letra e me parecer no estillo mui diferente de outros q' vi, mas bastoume ouvir q' era vosso p^a lhe dar toda a atenção* [61]

O modo subjuntivo é exclusivamente proclítico em todo o *corpus*. Ocorre 62 vezes com os verbos deste grupo, todas com a próclise. Em (12a), temos um exemplo com o verbo *ajuntar* no presente do subjuntivo; em (12b), com o verbo *permitir* no pretérito imperfeito do subjuntivo e em (12c), com o verbo *dar* no futuro do subjuntivo.

- (12) a. *queira D's q' a este se ajuntem outros e asi seja elle servido* [18]
 b. *so vos me pudereis livrar destes sustos e suceços pedindo a el Rey de França <que> me permitisse antes q' estes apertos chegassem me consentisse entrar em hũ Mosteiro na primeira terra de França* [76]
 c. *e não tenho outra p^{te} p^a onde ir q' p^a Hamburgo se aqui me derem passagẽ p^a la e de la licença p^a eu ir* [51]

O modo imperativo, quando afirmativo, é sempre enclítico, ao contrário do negativo, que é categoricamente proclítico. Nas Cartas CB, esse padrão é mantido, quaisquer que sejam os verbos, como mostram as sentenças (13a), com o verbo *atender*, e (13b), com o verbo *condenar*. Em todo o *corpus*, há apenas um verbo com o qual ocorrem as duas formas imperativas, sendo uma afirmativa, mantendo o padrão enclítico e uma negativa, mantendo o padrão proclítico. As sentenças (14a) e (14b) mostram esse contraste com o verbo *diferir*.

- (13) a. *esta he a conta q' vos posso dar de quem dezejo, atendeime* [79]
 b. *tudo isto vos digo porq' se me suceder algũa couza não me condeneis pois vos sois so quem me podeis valler* [21]
 (14) a. *ouvio e differime, elle sabe o como isto se pode efetivar* [71]
 b. *quando ativer, não me diffirais esta esperanca, por hũ instante* [40]

Quanto às formas nominais, os verbos no infinitivo apresentam variação de colocação do clítico tanto na forma simples, quanto na forma flexionada. Quando a

construção CL+V_{inf} é precedida por uma das preposições *para*, *por*, ou *de*, mantém-se o padrão proclítico, como nas sentenças (15a), (15b) e (15c). Em orações com o infinitivo nominalizado, a regra categórica é a ênclise, como na sentença (16).

- (15) a. *nunca ouve, occazião segura, para vos dizer q' a rezão, q' ouve para eu não fazer esta jornada, foi o insinuarsse dela* [41]
b. *por esta cauza, como por me dizerem, q' nenhũa carta, vai sem exame, me não alargo mais, q' vos melhores notiças tende q' as minhas* [24]
c. *Depois de me faltarem Cartas, ha quatro ou sinco mezes me chegou hũa de V. Mag^{de}* [46]
- (16) *esta vos faço de Londres para adonde ha dous dias q' cheguei q' procurando o ir me p^a Portugal cõ todas as veras possiveis, pois ate cheguei a dizer, o queria fazer, como pessoa particular* [20]

Os verbos no gerúndio mantêm o padrão de colocação pós-verbal, exceto diante do sintagma de negação, que ocorre uma única vez com um verbo deste grupo III. Nas sentenças (17a) e (17b), temos dois exemplos do padrão enclítico com verbos no gerúndio, e na sentença (18), o caso de próclise. Em (17a), também temos em destaque um caso de próclise com o gerúndio, diante da negação, porém com um verbo do grupo I, que já foi descrito anteriormente.

- (17) a. *entendi q' ficaveis com saude mas perplexa q' **nomeandome** vos nella ao Duque e não vos **declarando** mais* [25]
b. *estando para entrar, no coche, **indome** divertir ao Campo, e passear por ordem do Medico, recebi hũa vossa* [58]
- (18) *Meu Irmão, não **se indo** este navio com a pressa q' eu imaginava abro de novo essa* [25]

Na descrição dos principais tipos de construções que ocorrem nos três grupos, tivemos uma visualização geral dos padrões de colocação de pronomes átonos em todo o *corpus*. Através da classificação pelos modos verbais, percebemos claramente os contextos e tipos de construções que ocorrem apenas com próclise, os que ocorrem apenas com ênclise e os que possibilitam uma liberdade de colocação. Nas próximas seções, vamos explorar com mais detalhes esses tipos de ambientes.

2.3 CLÍTICOS EM FRASES FINITAS

Conforme foi demonstrado na revisão da bibliografia e na seção anterior com exemplos extraídos do *corpus*, há ambientes que condicionam o uso da ênclise, assim como há ambientes que condicionam o uso da próclise. De acordo com a forma verbal, já identificamos que o modo subjuntivo (Anexo II) é 100% proclítico, que o modo imperativo (Anexo III) e o gerúndio (Anexo V) são preferencialmente enclíticos e que a variação propriamente dita ocorre em contextos com o verbo no modo indicativo (Anexo I) e na forma nominal infinitiva (Anexo IV). Na tabela 9, temos o agrupamento e a quantificação das ocorrências de próclise e de ênclise no *corpus*, de acordo com o modo verbal:

Tabela 9 – Distribuição de próclise e ênclise em tempos simples

MODO VERBAL	PRÓCLISES	ÊNCLISES	TOTAL
Indicativo	503 (91,8%)	45 (8,2%)	548
Subjuntivo	110 (100%)	-	110
Imperativo	3 (11%)	24 (89%)	27
Infinitivo	138 (66%)	71 (34%)	209
Gerúndio	7 (11,6%)	53 (88,4%)	60
TOTAL	761 (79,8%)	193 (20,2%)	954

Fonte: dados da pesquisa

A aparente variação que mostra 11% de próclise em orações imperativas e 11,6% de próclise em orações gerundivas é, na verdade, condicionada por fatores intralinguísticos. Essas ocorrências são encontradas em contextos de negação, onde a colocação pré-verbal é obrigatória.

Em orações com verbos no modo indicativo, também vemos uma alta porcentagem de próclise (91,8%) em relação à de ênclise (8,2%), que é ocasionada pela vasta quantidade de períodos compostos de subordinação e coordenação, contextos que determinam (no caso das subordinadas) ou favorecem (no caso das coordenadas) o uso da colocação pré-verbal.

Em sentenças com verbo no infinitivo, parece ocorrer uma variação mais livre; vemos que entre as porcentagens de ocorrência de cada variante (66% de próclise e 34% de ênclise) há uma diferença menor do que ocorre com os outros modos e formas verbais. Veremos agora quais são os fatores que atuam na colocação dos clíticos em cada tipo de sentença.

2.3.1 Ordem fixa (modo indicativo)

A partir da listagem de todas as 548 frases finitas com o verbo no modo indicativo (Anexo I), foram identificados os contextos sintáticos em que os clíticos ocorrem, de acordo com o elemento que antecede ao sintagma verbal (SV). Temos na tabela 10 o agrupamento e a quantificação das ocorrências nesses contextos.

Tabela 10 – Distribuição de próclise e ênclise com verbos no modo indicativo de acordo com o elemento pré-verbal

ELEMENTO PRÉ-VERBAL	PRÓCLISES	ÊNCLISES
Nenhum (contexto V1)	-	27 (100%)
A. Sintagma negativo	26 (100%)	-
B. Advérbio proclisador	53 (100%)	-
C. Quantificador	20 (100%)	-
D. Conjunção de subordinação	217 (100%)	-
E. Advérbios ou SPs adverbiais	32 (100%)	-
F. <i>por isso / por essa causa</i>	7 (100%)	-
G. Outros elementos	25 (100%)	-
Sujeito nominal	17 (100%)	-
Sujeito pronominal	19 (90,5%)	2 (9,5%)
Conjunção de coordenação	38 (82,6%)	8 (17,4%)
Outras orações subordinadas	49 (86%)	8 (14%)
TOTAL	503	45

Fonte: dados da pesquisa

Observando a tabela acima, notamos que maioria dos contextos apresenta 100% de próclise e mesmo nos contextos que apresentam variação, a próclise também se sobressai. A seguir, veremos exemplos de cada um desses contextos, complementando, quando possível ou aplicável, com o que prevêm as gramáticas ou com o que foi atestado em outros trabalhos acerca de tais ambientes. Os elementos enumerados na tabela acima são aqueles que ocorrem apenas com próclise.

2.3.1.1 Ênclise como padrão fixo

Temos primeiramente um ambiente de ênclise obrigatória, o contexto V1, que ocorre 27 vezes no *corpus*, considerando apenas os casos com verbos em tempos simples no modo indicativo, padrão que já era esperado com base na literatura. Todos os estudos precedentes acerca da história dos clíticos no português europeu (tanto antigo, quanto contemporâneo) comprovam a obrigatoriedade da

ênclise quando o hospedeiro verbal ocorre em posição inicial de frase. As sentenças em (19) exemplificam essas ocorrências de ênclise no contexto V1.

- (19) a. **Esqueceume** dizervos q' o Papa he o padrinho [5]
b. **Dizemme**, q' ay varias embarcacoes, q' vão para esse Reyno [32]
c. **Sertificovos**, q' eu me não tenho descuidado [33]

2.3.1.2 Próclise como padrão fixo

Um fator que favorece a alta frequência da próclise é o efeito de elementos lexicais “proclisadores”, ou “unidades desencadeadoras / indutoras de próclise”, que podem ser: um sintagma negativo (*não, nada, ninguém, nunca, nem, sem*), um advérbio de focalização (*também, até, mesmo, apenas, só, somente, logo, antes*) ou aspectual (*já, ainda, quase, bem, mal*), um sintagma do tipo *qu-*, ou um quantificador (*todos, ambos*). A seguir, serão dados exemplos de frases em que esses elementos ocorrem no *corpus*, desencadeando a próclise em todos os casos. Os elementos que induzem a próclise em cada sentença estão sublinhados e os sintagmas verbais (SV) do tipo CL+V estão em negrito.

A. Sintagmas negativos

Sentenças negativas são um ambiente de próclise obrigatória que se mantém fixo em todas as fases da história do português. Os dados obtidos no *corpus* corroboram essa afirmação, apresentando 100% de próclise nas 26 sentenças negativas com verbos no indicativo, exemplificadas por (20) a seguir:

- (20) a. em rezão de todo o Mundo estar em guerra, não **me detenho** mais [6]
b. Novas daqui não **nas dou** asi por não ser Novelleira como por as não saber [18]
c. Nada disto **me dezanima** nem desmaya o de q' todos aqui se admirão supondo todos q' vos folgareis de me ver [33]

B. Advérbios proclisadores

Certos advérbios atuam como elementos atratores da próclise, os chamados proclisadores. São os advérbios de focalização ou aspectuais. Dentre as 548 frases com verbos no modo indicativo, temos 53 ocorrências desses advérbios, diante dos quais encontra-se 100% de próclise. As sentenças em (21) a seguir exemplificam essas ocorrências:

- (21) a. Aqui **nos representou** o residente de Saboya da p^{te} de Madama real, q' o Duque, depois de sair da minoridade, retificara o contrato, nova q'. m^{to} estimamos e' Rey e eu [1]

- b. O Correo não he ainda vindo, e por isso, pouco tenho q' dizer, pois não sei aq' responde, so o faço no geral em que vos sempre me emcomendais [3]
- c. ainda agora o faço com tanta dificuldade, q' de novo me torno a remeter ao mesmo enviado, esperando q' na p^{ra} occazião estarei descansada [8]
- d. Meu Irmão. ja vos escrevi mais largamente pello correo, mas agora se offereçe occazião de Navio [28]
- e. O Amor e cuidado, q' me mostrastes em mandardes o vosso expresso foi, e so podia ser o unico allivio em tão grande tribulação como por mi tem passado, bem vos merece aminha Amoroza affeição [29]
- f. D's por sua Misericordia me acuda pois he so de quem me posso valler, pois vos tenho a vos tão longe sempre me deu esta distancia grande penna mas agora me cauza hũa grande distração o não na poder remediar [39]
- g. este Rey ^{daqui} tinha me prometido navios ja se me escuzou q' mos não pode dar [76]
- h. asi vos peço me deixeis cõ as dependencias de q' vivo q' são as de vosso favor, as quais sempre procurarei merecer [75]

C. Quantificadores

Quantificadores pronominais são elementos atratores de próclise, quer ocorram isoladamente (22a), quer ocorram como parte de constituintes mais vastos (22b), conforme demonstrado por Martins (2013). Rocha (2009, p. 56), que também analisou dados do século XVII, afirma que o quantificador atua como elemento atrator da próclise apenas quando ocupa uma posição interna à oração, estando à esquerda do verbo. No *corpus* em estudo, foram localizadas 20 ocorrências de próclise diante de quantificadores desse tipo. A seguir, temos dois exemplos dessas ocorrências.

- (22) a. este Rey dis q' vai em pessoa a Irlanda, pocos o crem se for asim, Mayor confuzão hade ser q' da outra vez [76]
- b. Como estiver certa não duvidais delle todos os achaques me serao leves [15]

D. Conjunções de subordinação

Orações subordinadas são ambientes obrigatoriamente proclíticos. Nas Cartas CB, temos uma amostragem significativa de contextos de subordinação; considerando apenas as frases com verbos em tempos simples no modo indicativo, são 217 ocorrências que apresentam, categoricamente, a próclise, como exemplificado com as sentenças em (23):

- (23) a. o grande Alvorosso, com q' me acho he inexplicavel e pois eu não tenho forças para vollo comunicar e maes para vos agradecer [10]
- b. Meu Irmão, quando esta la chegar ja tereis recebido a minha, em q' vos dizia o g^{de} gosto, q' me cauzou a boa nova de vos ter nacido hũ filho, queira D's q' a este se ajuntem outros [18]
- c. não alcanço o mais q' quereis dizer e perguntando a Simão de Souza, a quem vós vos remeteis elle não soube dar sahida minha questão [25]

d. *naquelle tempo tive o principal por mi, como foi el Rey q' D's tem o qual se empenhou, como se vão a me Patrocinar* [36]

Com base nos estudos precedentes, a totalidade de próclises nesses contextos já era esperada diante dos elementos acima citados: sintagmas negativos, advérbios proclisadores, quantificadores e conectivos de subordinação. No entanto, além desses elementos já previstos pela literatura, as Cartas CB também nos revelam alguns outros ambientes mais específicos em que a próclise também se mostrou categórica: diante de sintagmas preposicionais com função adverbial de modo e de tempo, de outras conjunções e de pronomes demonstrativos. A seguir, veremos algumas sentenças em que esses elementos parecem atuar como atratores de próclise.

E. Outros advérbios ou SPs com função adverbial

Há 32 ocorrências de próclise diante de sintagmas adverbiais ou sintagmas preposicionais com função adverbial (de modo ou de tempo). Esses dados diferem dos dados de Rocha (2009, p. 130), que verificou 21% de ênclise em ambientes sintáticos semelhantes, em um *corpus* da mesma época. As sentenças em (24) a seguir exemplificam essas ocorrências:

- (24) a. *mui particularm^{te} vos dou as graças por me dizer o vosso enviado* [68]
b. *com a penna na mão me acha o vosso enviado elle me tras hũa Carta vossa que sendo estas para mi sempre, de gosto e estima* [81]
c. *naquela occazião vos manifestei ao largo o que por vezes vos tenho representado, e faltandome a vossa resposta effectiva, o torno a fazer*

F. *Por isso, para isso, por sua causa*

Diante dessas expressões, a próclise é categórica em todas as ocorrências, que totalizam sete sentenças, exemplificadas nas sentenças em (25) abaixo:

- (25) a. *ia não posso ter a penna na mão e por isso me despeço dezejandovos todas as felicidades possiveis sempre* [68]
b. *dezejando, ja m^{to} fazello de mais perto, e p^a isto vos peço vos lembreis, do q' vos eu tanto pedia na posta passada* [6]
c. *D's por sua infinita bondade e misericordia, se lembre dos Aflictos, pois por sua cauza o sofrem e padecem tanto por essa cauza* [20]

G. Outros elementos

Outros elementos que ocorrem nas cartas antecedendo ao verbo com um clítico em próclise são expressões nominais, pronomes demonstrativos (*este, isto,*

esses, etc.), constituintes de redobro de clítico, e outros complementos do verbo (quando o complemento nominal ocorre antes do predicado, invertendo a ordem canônica). As sentenças (26), (27), (28) e (29) ilustram, respectivamente, cada um desses elementos ou tipos de construções que ocorrem no *corpus*:

- (26) *Na minha doença **se verificou** a estima q' fas da minha saude e vida, pollos testemunhos de ternura* [15]
- (27) *isto **vos digo** porq' vos e a Raynha vossa molher entendais* [17]
- (28) *A mim **me assistio** com toda a satisfação e se vio bem como nesta Corte se estimão vossos Menistros, quando elles satisfazem a sua obrigação*
- (29) *sobre esta mesma materia **vos escrevo** largo por hum navio que el rey meu Cunhado me conçedeu*

Apresentados e verificados os principais elementos atratores de próclise, percebemos que os ambientes sintáticos denominados como de ordem fixa mantêm-se estáveis nas orações finitas. Os contextos com os demais constituintes que vimos na tabela 10 (sujeito nominal, sujeito pronominal, conjunção de coordenação e outras orações) serão descritos na próxima sub-seção.

2.3.2 Ordem variável

No documento sob análise, a partir do elemento que antecede ao verbo, foram quantificadas as possibilidades de variação em orações principais, coordenadas e em contextos nos quais o SV do tipo CL+V ou V+CL é antecedido por outra oração dependente. Na tabela 11, temos as porcentagens desses ambientes sintáticos, que podemos caracterizar como contextos relevantes, ou seja, de potencial variação entre próclise e ênclise, como já demonstrado nos trabalhos precedentes.

Tabela 11 – Contextos relevantes de variação com verbos no indicativo

ELEMENTO PRÉ-VERBAL	PRÓCLISES	ÊNCLISES
Sujeito nominal	17 (100%)	-
Sujeito pronominal	19 (90,5%)	2 (9,5%)
Conjunção de Coordenação	38 (82,6%)	8 (17,4%)
Outros tipos de orações	49 (86%)	8 (14%)
TOTAL	123 (86,6%)	19 (13,4%)

Fonte: dados da pesquisa

Nota-se que mesmo nesses contextos, em que a ordem é variável, prevalece a colocação proclítica. Começando a descrição pelas orações em que o SV é precedido por um sujeito nominal, poderíamos dizer que se trata de um contexto de ordem fixa, uma vez que ocorre categoricamente a próclise. Entretanto, dados de outros estudos (MARTINS, 1994; GALVES e PAIXÃO DE SOUSA, 2005; ROCHA, 2009) mostram variação entre próclise e ênclise em ambiente sintático idêntico, em outros *corpora* do mesmo período; já as gramáticas contemporâneas mostram que a ordem obrigatória de uso no português europeu atual é a ênclise.

A. Sujeito nominal

Quando o SV é antecedido por sujeito nominal, ocorre a próclise em todas as 17 sentenças. Nas sentenças em (30) a seguir, temos dois exemplos dessas ocorrências:

- (30) a. *el Rey Guilherme o difficulta*, sendo tão inconsideravel, q' lhe não pode ajudar as suas despesas, e ami, fas me falta [7]
b. *este mal do braço me começou* a 7 de novembro, o primeiro q' entrei, em espanha e por isso nunca vos pude escrever [10]

B. Sujeito pronominal

Com o verbo precedido por um sujeito pronominal, ocorrem 19 casos de próclise, exemplificada em (31a), e apenas dois de ênclise, exemplificada em (31b). Esses dados também contrastam com as gramáticas contemporâneas (BRITO, 2006; MARTINS, 2013), que mostram que em orações principais, quando o sujeito pronominal antecede ao SV, a colocação pós-verbal é obrigatória.

- (31) a. eu **vos dou** Muito Amorozas graças por elle e pezame infinito, não poderes remediar este [35]
b. eu **digo vos** não sei o q' ha de ser de Mi tão Aflita [19]

C. Conjunções de coordenação

Em orações coordenadas, prevalece a próclise nas explicativas (23 ocorrências, todas com próclise) e nas aditivas (19 ocorrências, sendo 14 com próclise e cinco com ênclise). Orações coordenadas adversativas ocorrem apenas quatro vezes no *corpus*, sendo três com ênclise e uma com próclise. Nas sentenças (32) a (34) abaixo, temos exemplos de cada tipo dessas ocorrências:

- (32) Explicativa com próclise (100%): *por essa cauza se permite o q' por nenhuma ourtra, e bem se ve pois **se abrem** as clauzuras, por se irem buscar os remedios que o lugar não pode dar de si* [15]
- (33) a. Aditiva com próclise (82%): *Antes Desta chegará la M^{el} Dias e **vos dara** da minha parte, as forçozas rezões, q' desta ves tive* [73]
b. Aditiva com ênclise (18%): *eu vos dou Muito Amorozas, graças por elle e **pezame** infinito, não poderes remediar este* [35]
- (34) a. Adversativa com próclise (25%): *respondi o q' tomara vos rellatará elle com toda a verdade mas elle **me fallou** com hūs termos tão alheos do q' minhas respostas merecião q' me deu occazião apena q' vos tenho significado* [61]
b. Adversativa com ênclise (75%): *este Amor he tão delicado, da menor couza fas g^{de} reparo, mas **consolasse** com não achar em si, couza q' desmereço* [1]

Em coordenadas explicativas, as Cartas CB apresentaram 100% de próclise. Esse resultado coincide com os de Rocha (2009), que também encontrou 100% de próclise em ambiente sintático idêntico. Entretanto, a gramática contemporânea do português é categoricamente enclítica nesse tipo de contexto.

Em coordenadas aditivas, temos uma proporção inversa à encontrada por Rocha (2009, p. 133); enquanto seu *corpus* apresentou 82% de ênclise e 18% de próclise, nas Cartas CB encontramos 18% de ênclise e 82% de próclise. Esse dado pode ser um indicativo da mudança em curso que estaria ocorrendo nesse período, pois a própria autora conclui que os documentos por ela analisados apresentam uma gramática mais inovadora no que se refere à colocação dos clíticos.

A predominância da ênclise em coordenadas foi verificada apenas nas adversativas, resultado que coincide com os demais estudos, mas que não é suficiente para se fazer inferências sobre mudança sintática, uma vez que temos nas cartas uma amostragem muito pequena de orações adversativas: apenas quatro sentenças, sendo três com ênclise e uma com próclise.

D. Outras orações

Quando o elemento pré-verbal é outra oração, ocorre 86% de próclise e 14% de ênclise, ou seja, a variação ocorre em favor da próclise. Esses dados diferem das gramáticas contemporâneas, pelo que mais uma vez podemos pressupor que a mudança sintática em favor da ênclise terá ocorrido depois do período em que as cartas foram escritas. Temos em (35) e (36), respectivamente, exemplos de próclise e de ênclise, com outras orações antecedendo ao sintagma verbal:

- (35) a. *a Infanta minha sobrinha me escreve, mas como vos fazeis memção della na vossa, vos peço, queirais fazer, o mesmo agora [16]*
b. *Meu Irmão, estando com a penna na mão me veyo el Rey Meu cunhado, a convidar, para q' eu fosse, ser Madrinha de hũ filho [5]*
c. *se me persuadira q' esta chegara a Lisboa me atreuera a tudo conforme a o dezejo q' tenho de meuer La [33]*
d. *despois de aver m.^{to} tempo me faltão Cartas vossas me aviza Simão de Souza o qual esta aqui cõ gota q' não tem nenhũa para mi [48]*
- (36) a. *como he couza tanto de meu gosto peço vos q' queirais duplicar os Abraços [67]*
b. *e porq' eu vos sei merecer esta boa vontade, peçovos me signifiquéis, asi no effeito, como na brevidade [75]*
c. *para ser diretamente avalliado e me necessario atalhar estes tão gostozos discursos [27]*

Assim, vemos que a próclise prevalece mesmo nos contextos que permitiriam a ênclise, sendo a ordem preferencial nos ambientes de livre variação neste documento. Ao todo, obtivemos 86,6% de próclise e 13,4% de ênclise nesses contextos em frases finitas com verbos no modo indicativo. Comparando esse resultado com os de outros trabalhos, temos que Lobo (1992), por exemplo, encontra prevalência da próclise em documentos do século XVI. Por outro lado, Rocha (2009) encontra uma predominância da ênclise em seu *corpus* do século XVII.

No entanto, vimos na seção 1.3.2 que as discussões a respeito desse período ainda perduram entre sintaticistas. Galves (2003) também encontra o padrão proclítico em textos seiscentistas, inclusive com correspondências do Padre Antônio Vieira, que Martins (1994) havia apontado como precursor da mudança sintática.

Galves, Britto e Paixão de Souza (2005) através de dados obtidos em textos literários produzidos entre os séculos XVI e XIX, sugerem que a mudança de padrão sintático terá ocorrido em período posterior ao século XVII.

Martins (1994; 2011) defende a coexistência de duas “gramáticas” nesse período, uma conservadora (proclítica) e uma inovadora (enclítica), comparando textos de autores da mesma geração: “Padre António Vieira e D. Francisco Manuel de Melo, nascidos no mesmo ano (1608), patenteiam respectivamente a inovação gramatical e a conservação da gramática antiga” (MARTINS, 1994, p. 606). Segundo essa perspectiva, com os resultados até aqui obtidos, podemos situar a gramática de Catarina como mais conservadora, pois mantém o padrão proclítico nos contextos em que a variação de colocação é permitida.

2.3.3 Mesmo verbo, contextos diferentes

Nas Cartas CB, há verbos com os quais ocorre a variação do tipo V+CL ~ CL+V do mesmo clítico, em tempos, pessoas e modos idênticos. Quando no modo indicativo, essa variação ocorre com os verbos: *achar-se*, *dar*, *dizer*, *fazer*, *parecer*, *pedir*, *segurar*, *ser* e *ver*. Vejamos como essas construções se apresentam no *corpus* em estudo. No quadro 5 abaixo, temos à esquerda as formas variantes e entre parênteses o número de ocorrências de cada forma. À direita, temos a lista de frases com cada verbo, com o SV em negrito e o elemento proclisador, quando presente, sublinhado. As células com as ocorrências de ênclise estão em destaque apenas para facilitar a visualização e diferenciá-las das ocorrências de próclise.

Quadro 5 – Variação ênclise / próclise com os mesmos verbos no indicativo

V+CL ~ CL+V	FRASES
<p>ACHO-ME ~ ME ACHO (1 / 11)</p>	Meu Irmão. Achome com a penna na mão p ^a procurar novas da Raynha [67]
	e continua em me defender, e proteger, com taõ singulares mostras de affecto, <u>q' me acho</u> empenhada [1]
	o grande Alvorosso, <u>com q' me acho</u> he inexplicavel [10]
	ha tres dias <u>q' me acho</u> com algũa melhoria suposto q' he tão poca q' outra ves me começo a repetir as picadas [24]
	nesta desconsolação me acho não sabendo q' caminho busque para saber de vos [25]
	mas enganeime, pois me acho so com a falta del Rey [30]
	Achando grande differença do tempo em q' eu nelle vivi com el Rey q' D's tem ou <u>em q' eu</u> de prezente me acho , A D's so devo recorrer [49]
	e como he tocarme nos olhos, he <u>com q' me acho</u> mais falta de paciencia [61]
	que eu mando, sandys a significarvos a alegria, gosto e alvorosso, <u>com que me acho</u> na esperança do que tantos annos ha dezejo de ver essa Choroa bem establecida [66]
	pollo g ^{de} affecto q' sempre vos lembrara, conhecer me nesta materia com pollo bê servida <u>q' me acho</u> por estes sogetos [75]
	e <u>agora me acho</u> prizioneira sem ter outrem de quem espere refugio [76]
pois parece vos não move nem o m ^{to} q' padeço nem o grande risco <u>em q' eu aqui me acho</u> de q' todos comigo estão bem sensiveis [76]	

V+CL ~ CL+V	FRASES
DOU-VOS ~ VOS DOU (3 / 8)	dou vos as graças com toda a afeição [81]
	douvos as graças pollo primeiro gosto brevemente espero darvolo, pollo segundo [66]
	Meu Irmão. dou vos as graças pollo grande cuidado que me significais [43]
	<u>cõ todo o Affecto</u> vos dou as graças, do q' tivestes q ^{do} mandastes a o Duq' q' fallase, ao embaixador [50]
	<u>mui particularm^{te}</u> vos dou as graças por me dizer o vosso enviado [68]
	junto com os parabems, vos dou o agradecimento dellas [16]
	<u>Outra ves</u> vos dou as graças polla licença q' destes ao Conde de Castel [65]
	eu vos dou Muito Amorozas, graças por elle e pezame infinito, não poderes remediar [35]
	este se não pode agora diminuir conforme esta relação q' vos dou pois he serto estiveme detendo [52]
recebi hũa vossa, <u>polla qual</u> vos dou graças, polla ternura, q' mostras terdes de mim [59]	
A Minha chegou poucos dias hũa vossa <u>polla qual</u> vos dou muitos agradecimentos [42]	
DIGO-VOS ~ VOS DIGO (1 / 13)	eu digo vos não sei o q' ha de ser de Mi tão Aflita [19]
	mas <u>ja</u> vos digo ariba, a posta não he vinda e cõ os tempos de q' fallo se retardão muito [3]
	<u>isto</u> vos digo porq' vos e a Raynha vossa molher entendais [17]
	<u>tudo isto</u> vos digo porq' se me suceder algũa couza não me condeneis [21]
	irais ponderar o q' <u>da outra banda desta</u> vos digo e q' considereis, cõ madureza q' estas occaziões não vê [25]
	vos torno a repetir o q' <u>na primeira</u> vos digo , segurandovos a minha vontade estar prompta [28]
	Meu Irmão <u>isto</u> vos digo p ^a vos agradecer o q' então fizestes, por mi [36]
	Cae neste dia em que eu espero as boas novas <u>que</u> vos digo , pois he o dia q' o Correyo as pode trazer [37]
	nem sempre se faz isto q' vos digo todos o falão, e vos achão rezão em me quererdes mais segura [41]
	<u>por isso</u> vos digo que se vos virdes sem cartas minhas não me culpeis [53]
	e por o enviado, não estar aqui, q' <u>ja</u> vos digo esta em Londres, a Menhaa nos avistaremos [54]
	para qualquer dos males he esta terra bem ma, <u>sempre</u> vos digo vos so me podeis curar [65]
	e por acabar cõ as devoções todas <u>por hũa ves</u> vos digo q' amenhã vou a Arabida [78]
não julgueis vos polla detença q' eu tenho mudado de rezolucão pois vos digo o q' medetê [7]	
DIZEM-ME ~ ME DIZEM (1 / 1)	Dizemme , q' ay varias embarcacões, q' vão ara esse Reyno [32]
	Despois de ter feito esta me dizem , q' algús dos navios q' acompanhão, a Raynha, hão de chegar a Lisboa [19]
FAZ-ME ~ ME FAZ (1 / 5)	el Rey Guilherme o difficulta, sendo tão inconsideravel, q' lhe não pode ajudar as suas despezas, e ami, fas me falta [7]
	o grande dezejo q' tenho de vos ver me fas parecer a occazião mui propia [14]
	vossa memoria esta em mi tão presente, p ^a me tiranizar, o de q' me não queixo, q' <u>suposto</u> me fas padecer [23]
	outra ves, me começão a repetir, as picadas, <u>o que</u> me fas crer, me apostemara de novo o peito [24]
	e nestas revoluções e [soidam], em q' me eu acho, <u>cada hora</u> me fas necessitar mais dellas [42]
e <u>o q'</u> me faz mais serto de que vos me entendeis he q' ja vollo tenho manifestado [14]	
PARECE-LHE ~ LHE PARECE (1 / 1)	se bem o Amor de huã Irmãa q' vos Criou em seus bracos, pareçelhe q' sempre tem q' dizer [1]
	e França facillita muito isto, não se lhe opondo, ajudando <u>a tudo q'</u> lhe parece pode promover a restauração a el Rey Meu Cunhado [41]

V+CL ~ CL+V	FRASES
<p>PEÇO-VOS ~ VOS PEÇO (13 / 13)</p>	<p>não mos diminuindo a grande violencia q' ami mesma me faço vivendo aqui, peçovos q' considereis esta verdade consultando so com muito q' o meu affecto bem vos merece [2]</p> <p>peçovos me deis hūas Amorozas lembranças a V^{ra} e minha sobrinha [4]</p> <p>e maes para vos agradecer, o vosso Affecto e tudo, q^{to} vos fazeis, por mi, peçovos, tenhais hūa pequinina de paciencia ate eu estar mais forte, pois se me vai a vista dos olhos [10]</p> <p>pois ja he o discurso Comum de nos encontrarmos peçovos tudo considereis com o vosso Juizo, e affecto [14]</p> <p>e asim vos darei conta della peçovos q' não estraheis as impertinencias q' eu antes desta tinha escrito [54]</p> <p>como he couza tanto de meu gosto peço vos q' queirais duplicar os Abraços [67]</p> <p>peço vos o queirais fazer ou q' esta ia o ache feito, para que com tida a diligencia se ponha a caminho [74]</p> <p>peçovos vos queirais informar disto cō particularidade, e q' façais toda a diligencia possivel [75]</p> <p>peçovos considerando tudo isto, queirais vos que elle tenha marca do vosso favor e da minha intercessão [77]</p> <p>peço vos m^{to} q' com o vosso poder e authoridade alhaneis todas as difficuldades q' se puderẽ offerecer [79]</p> <p>e por isso nunca vos pude escrever, peço vos me justifiqueis com a Raynha [10]</p> <p>e porq' eu vos sei merecer esta boa vontade, peçovos me signifiqueis, asi no effeito, como na brevidade [75]</p> <p>peçovos, me lembreis a minha linda Sobrinha e fazei cō ella q' me queira bẽ [75]</p> <hr/> <p>dezejando, ja m^{to} fazello de mais perto, e <u>p^a isto</u> vos peço vos lembreis, do q' vos eu tanto pedia [6]</p> <p><u>asim</u> vos peço com toda ainstancia serteza e rezulução por eu não estar ainda de toda convalecida [6]</p> <p>e se vos rezolverdes a me não fazeres tão ditoza, daime conta vos peço para que não perca tudo [14]</p> <p>a Infanta minha sobrinha me escreve, mas como vos fazeis memção della, na vossa, vos peço, queirais fazer, o mesmo agora [16]</p> <p>mas so vos podeis e <u>asi</u> vos peço o que irais, e juntamente a minha sobrinha m^{to} Amorozas lembranças [27]</p> <p>e depois de isto tudo feito, vos peço queirais, dar Ordem para que Bellas se prepare, para me receber [37]</p> <p>espero sempre imitar e <u>asi</u> vos peço o favorecais no q' puderdes o q' vos agradecerei [70]</p> <p>elle sabe o como isto se pode effectivar, <u>asi</u> vos peço o queirais por obra [71]</p> <p>e aprincipal cauza q' he a do serviço de D's, vos peço cō toda ainstancia, queirais empenharvos [75]</p> <p><u>o q' eu</u> vos peço he sobre a crýasam de doys colegyos da companhia [75]</p> <p>sem me alargar mais <u>agora</u> vos peço agradeçais a minha Sobrinha o trabalho q' teve [68]</p> <p>em chegando aqui he impossivel passar e <u>asi</u> vos peço me deixeis cō as dependencias de q' vivo [75]</p> <p>Meu Irmão <u>outra ves</u> vos peço me queirais dar boa velhice [71]</p>
<p>PEDE-ME ~ ME PEDE (1 / 1)</p>	<p>Dom Henrique Manoel chegou aqui da India, pedeme q' o patrocine p^a comvosco [70]</p> <p>Mister Stafford a quem el Rey Meu cunhado tem elegido, por seu enviado a Castella me pede lhe faça esta, eu o faço com boa vontade, por ser elle, Cavalheiro [83]</p>
<p>SEGURO-VOS ~ VOS SEGURO (6 / 2)</p>	<p>segurovos que o Mundo sabe avaliar o que vos eu mereço [11]</p> <p>segurovos nunca mais q' agora me dezejei, de mais perto, p^a pessoalmente vos dar as graças [30]</p> <p>segurovos q' elle esta bem satisfeito de mi pois sabe eu fui sempre boa cunhada [41]</p> <p>Meu Irmão dou vos as graças pollo grande cuidado que me significais nas vossas e particularmente na vossa ultima que tendes de mi, segurovos que eu vollo pago, com a mesma affeição [43]</p> <p>polla cauza de hūa canellada segurovos q' não necessitão as minhas Afflições de novo [48]</p> <p>espero não desmereça, por me ter servido mais particularm^{te} e segurovos q' se dezenpenhara bem do em q' o occupardes</p> <p>eu espero, vos atenhais tão bem, <u>q'</u> vos seguro he couza bem triste acabar asi hū tal Anno [17]</p> <p><u>tão bem</u> vos seguro q' os tempos aqui não estão mui descansados particularmente comigo [45]</p>

V+CL ~ CL+V	FRASES
É-ME ~ ME É (1 / 3)	para so ser diretamente avalliado e me necessario atalhar estes tão gostozos discursos [27] darão mais particular noticia <u>do como o seu serviço me he</u> aseito [66] conforme ao estado em q' me eu acho <u>tudo me he</u> soccorro, pois estas alterações me traxerão mayores encargos e menos rendas [7] pois <u>asi me he</u> bem conte, como os mais me julgão despois da perda del Rey q' D's tẽ [14]
VEIO-ME ~ ME VEIO (1 / 1)	Hontem me deu boa occazião de penna e me deixo de modo, q' não pode el Rey, e a Corte toda deixar de alcançar a grave q' me deu veio me ler hũ papel q' dis he vosso de q' duvidei por conhecer a letra e me parecer no estillo mui diferente de outros q' vi [61] Meu Irmão, estando com a penna nao mão, me veio el Rey Meu cunhado, a convidar, para q' eu fosse, ser Madrinha de hũ filho

Vemos que na maioria das frases, as ocorrências de próclise e de ênclise estão em contextos onde a colocação é condicionada por fatores como os descritos na seção anterior e quantificados na tabela 9. Tomando como exemplos os pares: *acho-me ~ me acho*, *dou-vos ~ vos dou*, *dizem-me ~ me dizem*, *parece-lhe ~ lhe parece*, e *veio-me ~ me veio*, vemos que as ocorrências de ênclise estão todas em início de oração, contexto V1, que condiciona a colocação pós-verbal do clítico. Nesses casos, não podemos falar em variação livre, já que V+CL ~ CL+V aparece em ambientes sintáticos distintos.

Com o verbo *dizer* na primeira pessoa do singular, o clítico *vos* ocorre uma vez em ênclise, precedido pelo sujeito pronominal, e 13 vezes em próclise. Vejam-se os elementos indutores da próclise sublinhados nas respectivas frases. O único caso de ênclise está em uma oração principal e os de próclise estão em orações dependentes, razão pela qual não se pode atestar uma livre variação.

Com o verbo *fazer* na terceira pessoa do singular, temos o par *faz-me ~ me faz*, com um caso de ênclise e cinco de próclise. A ênclise ocorre em uma coordenada aditiva, contexto de ordem variável no *corpus* em estudo. Os cinco casos de próclise ocorrem em ambientes que condicionam a colocação pré-verbal: orações subordinadas, que sabemos ser um contexto de próclise obrigatória, ou em frases complexas em que o SV do tipo CL+V é antecedido por outra oração, contexto que apresenta 86% de próclise.

Os pares *peço-vos ~ vos peço* e *seguro-vos ~ vos seguro* são os que mais apresentam colocação variável, mas também em contextos sintáticos que condicionam a preferência pela ênclise ou pela próclise; o verbo *pedir* na primeira pessoa do singular, por exemplo, que ocorre 13 vezes com ênclise e 13 com próclise, apresenta-se no contexto V1 em seis desses casos de ênclise, sendo a variável

dependente da posição do verbo na frase, enquanto os casos de próclise ocorrem na presença de elementos atratores, como conectores de subordinação e advérbios. Em relação ao par *seguro-vos ~ vos seguro*, temos seis casos de ênclise, dentre os quais quatro ocorrem em contexto V1, e dois casos de próclise em que essa colocação é obrigatória: um em oração subordinada e o outro com o verbo antecedido por um advérbio proclisador.

Finalmente, com o verbo *ser*, temos o par *é-me ~ me é*, sendo um caso de ênclise e três de próclise. A ênclise encontra-se em um contexto de ordem variável, com o verbo precedido por outra oração, mas as próclises encontram-se em contextos de ordem fixa, onde elementos proclisadores atraem a colocação pré-verbal.

Observando atentamente esses casos específicos, vemos como os diversos fatores demonstrados na seção 2.3 atuam na determinação da colocação pronominal, ora enclítica, mas maioritariamente proclítica. Mesmo que a ordem “normal” da língua portuguesa seja a colocação pós-verbal, considerando o padrão não-marcado SVO, uma vez que o pronome clítico é complemento do verbo, quantitativamente a colocação pré-verbal é predominante, devido à força de vários tipos de elementos atratores (de uma forma geral, advérbios e conjunções) e de contextos condicionadores de próclise (nas cartas, a alta ocorrência de orações subordinadas finitas, ambiente obrigatoriamente proclítico).

Assim, concluímos a descrição da colocação pronominal nos contextos com verbos no modo indicativo em diferentes tipos de orações e de ambientes sintáticos. Vimos as possibilidades de variação com diferentes verbos nos mesmos contextos e com os mesmos verbos em diferentes contextos. Na próxima seção, veremos as ocorrências de clíticos com verbos no infinitivo.

2.4 CLÍTICOS EM ORAÇÕES NÃO-FINITAS (INFINITIVO)

Com verbos no infinitivo, temos 209 ocorrências de pronomes átonos, sendo 138 em próclise (66%) e 71 em ênclise (34%). Aparentemente, trata-se da forma verbal que apresenta mais mobilidade entre as duas variantes, diferentemente do que vimos na seção anterior sobre os verbos no modo indicativo, com os quais a próclise é preferencial na grande maioria dos contextos.

Said Ali (2008, p. 29) demonstra a importância de se fazer a distinção entre as formas simples e flexionadas, principalmente nos casos de infinitivo regido por preposição ou por locução prepositiva. Martins (2013) identifica as estruturas infinitivas que permitem quaisquer das colocações no português contemporâneo, ressaltando que essa variação “é característica das orações com infinitivo simples, mas não das orações com infinitivo flexionado”.

Nesta seção, veremos os elementos que atuam na colocação dos pronomes clíticos no *corpus* em estudo, diante de verbos no infinitivo, verificando os contextos que podem favorecer cada variante ou permitir variação livre. Assim como foi feito com as frases finitas, vamos identificar os contextos de ordem fixa, os de ordem variável e aqueles casos em que a variação ocorre com os mesmos verbos.

2.4.1 Ordem fixa (infinitivo)

A partir das 209 frases com verbos no infinitivo (Anexo IV), foram identificados os elementos que antecedem ao sintagma verbal (SV). Temos na tabela 12 a quantificação desses elementos.

Tabela 12 – Distribuição de próclise e ênclise com verbos no infinitivo de acordo com o elemento pré-verbal

ELEMENTO PRÉ-VERBAL	PRÓCLISES		ÊNCLISES	
	Simple	Flex.	Simple	Flex.
Artigo definido	1 (3%)	-	24 (86%)	3 (11%)
Outra oração	-	-	9 (100%)	-
A. Preposição <i>para</i>	40 (85%)	7 (15%)	-	-
B. Preposição <i>por</i>	4 (67%)	2 (33%)	-	-
C. Preposição <i>em</i>	5 (63%)	3 (37%)	-	-
D. Preposição <i>de</i>	41 (87%)	5 (11%)	1 (2%)	-
E. Preposição <i>sem</i>	3 (100%)	-	-	-
Preposição <i>a</i>	3 (30%)	1 (10%)	6 (60%)	-
Advérbio ou SP adverbial	2 (40%)	-	3 (60%)	-
Conjunções de coordenação	4 (33%)	2 (17%)	5 (42%)	1 (8%)
Conjunções de subordinação	6 (55%)	2 (18%)	3 (27%)	-
<i>haver que / ter que / ter mais que</i>	6 (67%)	-	3 (33%)	-
Outro SV	1 (7%)	-	12 (86%)	1 (7%)
TOTAL	116 (56%) + 22 (10%)		66 (32%) + 5 (2%)	

Fonte: dados da pesquisa

Nota-se que na maioria dos contextos em que o verbo é regido por preposição, a próclise é categórica. O sintagma de negação também é um fator que condiciona a colocação pré-verbal, assim como é regra nas orações finitas. A variação ocorre diante da preposição *a*, de algumas conjunções e de outros elementos que serão detalhados na próxima seção.

2.4.1.1 Ênclise como padrão fixo

Em contextos com infinitivo nominalizado, a ordem fixa é a ênclise, em todas as 24 ocorrências desse tipo, sendo 23 com o infinitivo simples (37a) e duas com o infinitivo flexionado (37b). Em apenas um caso de infinitivo nominalizado ocorreu a próclise (38), devido ao elemento de negação.

- (37) a. *nunca ouve, occasião segura, para vos dizer q' a rezão, q' ouve para eu não fazer esta jornada, foi o insinuar de la q' os estillos, daquella choroa erão sempre fazerem as despezas* [41]
 b. *espero que quando recebais, esta minha, esteja tudo o dela em tão bom estado, que espereis o receberdesme em vossa Companhia* [38]
- (38) *credeme q' não foi falta da minha solicitação, o não me ver, eu na minha patria já, pois o tenho procurado com todo o callor* [19]

Outro contexto em que a ênclise se mostrou categórica foi nas sentenças em que o verbo hospedeiro de um clítico é antecedido por outra oração da qual esse verbo é dependente. Há nove ocorrências desse tipo, todas com o verbo no infinitivo simples (não flexionado), como exemplificado em (39) e (40) a seguir:

- (39) *foi D's servido descubrir me este dos nossos Naturais e por elles envio esta* [62]
- (40) *he q' estas considerações são mui Melancolicas, e sertas e q' me da g^{de} penna verme no risco, e não poder eu livrarme delle* [19]

2.4.1.2 Próclise como padrão fixo

Diante de verbos regidos pelas preposições *para*, *por*, *em* e *de*, a próclise é categórica. Há uma única exceção de ênclise com a preposição *de*. Abaixo temos dois exemplos dessas ocorrências de cada preposição, sendo que o exemplo de letra *a* é o caso de infinitivo simples e o exemplo de letra *b* é o caso de infinitivo flexionado.

A. Preposição *para*

Ocorre 47 vezes; 40 com o infinitivo simples e sete com o flexionado.

- (41) a. *Meu Irmão isto vos digo p^a vos agradecer o q' então fizestes, por mi* [36]
 b. *Lá me foirão buscar para me Arguiem, sem nenhũa cauza sopor corroborarem o seu procedimento* [36]

B. Preposição *por*

Ocorre seis vezes; quatro com o infinitivo simples e duas com o flexionado.

- (42) a. *mui particularm^{te} vos dou as graças por me dizer o Vosso enviado* [68]
 b. *por ^{esta} cauza como por me dizerem q' nenhũa carta, vai sem exame, me não alongo mais* [24]

C. Preposição *em*

Ocorre oito vezes; cinco com infinitivo simples e três com o flexionado.

- (43) a. *nenhũa pessoa catholica pode ter consolação eu me procuro aquella poca q' posso ter em me retirar de tudo que me seja em contrario* [52]
 b. *e vos achão rezão em me quererdes mais segura de q' eu aqui posso estar pois aqui agora se vive em hũ perpetuo susto* [43]

D. Preposição *de*

Ocorre 47 vezes; 41 com o infinitivo simples, cinco com o flexionado e uma única exceção de ênclise nesse contexto.

- (44) a. *esta era a minha principal, de me ver adonde com sosiego pudesse emcomendar amĩ e a estas grandes revoluções* [41]
b. *pois ja he o discurso Comum de nos encontrarmos peçovos tudo considereis com o vosso Juizo, e affecto* [14]
- (45) *eu não dezejo outra do mundo, mais q' a de ver me aonde me possa emcomendar a D's* [49]

E. Preposição *sem*

Ocorre apenas três vezes no *corpus*, todas com o infinitivo simples. Como a preposição *sem* é um elemento de negação, também podemos atribuir a atração do clítico a esse aspecto, uma vez que diante de sintagmas negativos, a colocação pré-verbal é obrigatória, independentemente se em formas finitas ou não finitas.

- (46) *não querendo perder o direito de Inglaterra nẽ desgostar a que dava os Navios me impedio a ocazião sem me dar outra* [51]

Com verbos no infinitivo, portanto, a próclise é categórica diante dessas preposições. Segundo Martins (1994), a próclise era o padrão fixo de colocação pronominal nesses contextos, entre os séculos XIV e XVII, o que também é confirmado por Rocha (2009, p. 149). Com dados do CRPC, entretanto, Martins (2013) demonstra que orações infinitivas simples introduzidas por essas mesmas preposições admitem a variação entre próclise e ênclise, mas chama a atenção para as diferenças idiolectais entre os autores tomados como referência. Segundo Brito *et al.* (2006, p. 864), a ênclise pode ocorrer em alguns desses domínios acima descritos apenas quando o infinitivo é simples; com o infinitivo flexionado, somente a próclise é possível. Said Ali (1908) considera que a colocação enclítica nesses casos pode ser motivada por razões fônicas, mas que a ordem preferencial diante de preposições é a próclise.

Considerando esses trabalhos, bem como os demais já mencionados no referencial teórico, vemos que os dados obtidos nas Cartas CB revelam o padrão esperado para os referidos contextos. Na próxima subseção, veremos quais são os ambientes que admitem variação livre do clítico com verbos no infinitivo, e os casos de variação da colocação dos mesmos clíticos com os mesmos verbos.

2.4.2 Ordem variável

A variação com verbos no infinitivo parece ocorrer de maneira mais livre em diferentes contextos. Na tabela 13, temos a quantificação e as porcentagens de ocorrências de próclise e de ênclise, com verbos no infinitivo simples e flexionado, diante de cada tipo de elemento que antecede ao verbo nas orações em contextos relevantes de variação.

Tabela 13 – Contextos relevantes de variação com verbos no infinitivo

ELEMENTO PRÉ-VERBAL	PRÓCLISES		ÊNCLISES	
	Simple	Flex.	Simple	Flex.
A. Preposição <i>a</i>	3 (30%)	1 (10%)	6 (60%)	-
B. Advérbio ou SP adverbial	2 (40%)	-	3 (60%)	-
C. Conjunções de coordenação	4 (33%)	2 (17%)	5 (42%)	1 (8%)
D. Conjunções de subordinação	6 (55%)	2 (18%)	3 (27%)	-
E. <i>haver que / ter que / ter mais que</i>	6 (67%)	-	3 (33%)	-
F. Outro SV	1 (7%)	-	12 (86%)	1 (7%)
TOTAL	22 (36,1%) + 5 (8,2%)		32 (52,4%) + 2 (3,3%)	

Fonte: dados da pesquisa

Nota-se que diferentemente do que ocorre com as formas verbais finitas, com os verbos no infinitivo, a colocação enclítica é preferencial na maioria dos contextos, exceto nas orações subordinadas, que são predominantemente próclíticas. Entretanto, não temos diferenças tão significativas entre as porcentagens de cada tipo: considerando apenas esses contextos, são 44,3% de próclise e 55,7% de ênclise. Vejamos agora exemplos de frases com cada um desses elementos.

A. Preposição *a*

Ocorre 10 vezes: três próclises com o infinitivo simples, uma próclise com o infinitivo flexionado, e seis ênclises com o infinitivo simples.

- (47) a. *sou obrigada a vos dizer q' bem conhecida he a verdade do Marques* [61]
 b. *pois donde ha exercitos, e Armadas, iguaes não como os do Anno passado q' os mais se unirão a se entregarem, mas deste ves, ambas as partes se resolvem a Peleliar* [21]
- (48) *esta boa nova q' me mandastes de terdes hum fº ainda o foi mais pois encontrou com a prohibição em França de o expresso, passar a trazerme nova* [21]

B. Advérbios ou SPs com função adverbial

Ocorrem cinco vezes: duas próclises com o infinitivo simples e três ênclises, também com o infinitivo simples.

- (49) *juntamente **me emcarregar** delle, ao mesmo tempo que o tirei da Relligião, peçovos considerando tudo isto* [77]
- (50) *pois não posso particurlam^{te} **fazello*** [27]

C. Conjunções de coordenação

Ocorrem 12 vezes: quatro próclises com o infinitivo simples, duas próclises com o infinitivo flexionado, cinco ênclises com o infinitivo simples e uma ênclise com o infinitivo flexionado.

- (51) a. *veio me ler hũ papel q' dis he vosso de q' duvidei por conhecer a letra e **me parecer** no estillo mui differente de outros q' vi* [61]
- b. *por aver estado dous dias antes tão mal de hũas dores q' me derão tão fortes e continuas q' depois de gemer e suar, tres ou quatro horas sem diminuirem, mas **se acrescentarem**, mandei chamar hũ dos relligiozos, persuadindo me, q' a minha hora era chegada* [47]
- (52) a. *queira D's ajudalo e **darnos** sosego q' sera mais estimado depois de tantas perturbações* [63]
- b. *e pois este me faltou, q' eu cuidava a ser o caminho mais breve e seguro em rezão das Cartas se abrirem e **deterem mas*** [40]

D. Conjunções de subordinação

Ocorrem 11 vezes: seis próclises com o infinitivo simples, duas próclises com o infinitivo flexionado e três ênclises com o infinitivo simples.

- (53) a. *pedindovos me façais tão ditoza q' tenha em q' **vos obedecer*** [23]
- b. *espero não desmereça, por me ter servido mais particularm^{te} e segurovos q' se dezenpenhara bem do em q' **o ocupardes*** [63]
- (54) *depois de vos dizer isto, não me fica outra couza mais que **segurar vos** que em todo o tempo me achareis sempre tão firme como Amante Irmaa* [83]

E. Haver que / ter que / ter mais que

Orações infinitivas subordinadas a essas partículas ocorrem nove vezes: seis próclises com o infinitivo simples e três ênclises com o infinitivo simples.

- (55) a. *de presente ay q' **vos dar** conta q' o segundo q' se contou deste mes me trouxe o secretario de estado por nome Conde de Nothimgão hũ recado* [51]
- b. *ja não tenho mais q' **vos dizer** pois parece vos não move nem o m^{to} q' padeço nem o grande risco em q' eu aqui me acho* [76]
- (56) *não tenho mais q' **resignarme** na vontade ou p^a. mais propiam^{te}. dizer sugeitarme a permissão divina* [44]

F. Outros sintagmas verbais

Construções em que o verbo hospedeiro de um clítico é antecedido por outro sintagma verbal ocorrem 14 vezes: uma próclise com o infinitivo simples, 12 ênclises com o infinitivo simples e uma ênclise com o infinitivo flexionado.

- (57) *sempre com boas novas vossas q' eu aprovar a eleição q' delle fizestes bastava o saber foi vossa o marques q' parte p^a esse Reyno vos fara presente* [69]
- (58) a. *vos dava conta do recado e termos, q' este Rey tinha tido comigo, pois era mandarme significar q' era conveniente p^a segurança de seu governo* [36]
- b. *mas a juntas q' se fazião no meu Palacio e q' com a minha asistencia não era decorozo fazeremsse exames tão apertados* [51]

Assim, vemos que CL+V ~ V+CL ocorre mais livremente em contextos similares e até mesmo em contextos idênticos, com verbos no infinitivo. Diante da preposição *a*, encontramos quatro casos de próclise e seis de ênclise, ou seja, uma variação aparentemente livre.

Advérbios ou expressões adverbiais parecem não ter a mesma influência atratora do clítico para a posição pré-verbal, tal como vimos que ocorre nas frases finitas. Entretanto, temos apenas dois exemplos de próclise e três de ênclise nesse tipo de contexto, sendo também uma amostragem pouco significativa para se formular hipóteses sobre a variação da colocação dos clíticos diante de tais elementos.

Diante de conjunções de coordenação e subordinação, temos variação tanto com as formas simples quanto com as flexionadas. Diferentemente do que ocorre com as formas finitas, que são preferencialmente proclíticas nesses contextos, com o infinitivo a variação entre próclise e ênclise é mais recorrente. No português contemporâneo, também se trata de um ambiente que permite quaisquer das colocações (MARTINS, 2013).

Quanto a orações infinitivas introduzidas por partículas como *haver que*, *ter que* ou *ter mais que*, ou por outros tipos de SV, temos construções muito parecidas, como em (55b) e (56), que apresentam respectivamente a próclise e a ênclise, diante do mesmo elemento pré-verbal. Quando o verbo no infinitivo é precedido por outro SV, sem no entanto configurar-se em perífrase verbal, a ordem preferencial é a ênclise, como mostram (58a) e (58b). A sentença (57) é o único caso em que ocorre a próclise nesse tipo de oração.

Comparando esses dados com os de outros trabalhos descritivos dos clíticos em sincronias pretéritas, e com as gramáticas atuais do português, podemos inferir que em orações infinitivas, as normas de uso mantêm-se relativamente estáveis ao longo da história da língua. Os contextos de ordem fixa, bem como os de ordem variável, não atestam mudanças significativas, como as que foram demonstradas quando confrontamos os dados do século XVII com os dados contemporâneos. Assim sendo, as ocorrências de clíticos com verbos no infinitivo não testemunham que haveria nesse período uma mudança em curso, mas sim uma variação estável no que se refere à colocação dos clíticos nesse contexto sintático.

2.4.3 Mesmo verbo, contextos diferentes

Da mesma forma que demonstramos com os verbos no modo indicativo, também com os verbos no infinitivo ocorre variação de colocação do mesmo clítico em formas idênticas, mas não necessariamente em contextos similares. Vejamos como essas construções se apresentam no *corpus* em estudo. Os verbos identificados com esse tipo de variação foram: *alargar*, *dar*, *dizer*, *faltar*, *fazer*, *pedir*, *retirar*, *segurar* e *ver*. No quadro 6 abaixo, temos à esquerda as formas variantes e entre parênteses o número de ocorrências de cada forma. À direita, temos a lista de frases com cada verbo, com o SV em negrito e o elemento proclisador, quando presente, sublinhado. As células com as ocorrências de ênclise estão em destaque apenas para facilitar a visualização e diferenciá-las das ocorrências de próclise.

Quadro 6 – Variação ênclise / próclise com os mesmos verbos no infinitivo

V+CL ~ CL+V	FRASES
ALARGAR-ME ~ ME ALARGAR (2 / 1)	ao ser me forçado ir ver a Raynha e a el Rey que estão ambos indispostos me tira o alargarme [81] e me necessario atalhar estes tão gostozos discursos, por as forças me não permitirem alargarme em rezão de ficar de novo sangrada [27] <u>sem me alargar</u> mais agora vos peço agradeçais a minha Sobrinha [68]
DAR-NOS ~ NOS DAR (1 / 1)	queira D's ajudalo e darnos sosego [63] A circumstancia que me dizeis da Rainha ficar tão boa estimo muchissimo D's a conserve, <u>p^a brevem^{te}</u> nos dar outro [16]
DAR-VOS ~ VOS DAR (2 / 9)	a mim so me cabe darvos as graças polla honrra que a todos elles fizestes [6] o que eu com maior vontade fizera pessoalmente que he o darvos os parabems a vos e a Raynha [11] e por esta cauza so me fica q' vos dar conta da minha saude q' de mais nem me em carrego [3] A unica novidade q' ha de q' vos dar conta he q' a Raynha de Castella dizem vai dando a vella pollo Canal [17] <u>segurovos</u> nunca mais q' agora me dezejei, de mais perto, <u>p^a pessoalmente</u> vos dar as graças [30] eu não tenho mais de q' uos dar conta, pois uolla tenho dado de tudo o q' tem passado [33] pois he so <u>para</u> uos dar conta, de me não ser possivel fazer, a minha jornada cõ a grande brevidade [34] asi que ouve ocazião <u>de</u> vos dar esta não melhor conta de mi, o fis queira D's chegue a vossa mão [41] de presente ay q' vos dar conta q' o segundo q' se contou deste mes me trouxe o secretario de estado por nome Conde de Nothingão hũ recado [51] O meu gosto nesta occazião he tão grande que não sei como o exprima <u>para</u> vos dar [65] por isso tardei <u>em</u> vos dar as graças da vossa escrita por tão boa secretaria vossa filha e minha sobrinha [67]

V+CL ~ CL+V	FRASES
DIZER-VOS ~ VOS DIZER (2 / 13)	ami não me toca mais q' dizervos , o m ^{to} q' el Rey me priva de todo o meu cuidado [15]
	esqueceume dizervos q' o Papa he o padrinho [5]
	Não tenho q' vos dizer no tocante a minha jornada [7]
	não posso deixar de vos dizer o q' devo a sua benevolença de q' cada dia da mayores prova [15]
	despois de procurar novas vossas não se me offerece q' vos dizer so das grandes tempestades [22]
	despois de vos dizer isto, não tenho outra novidade, que vos dizer, e asim torno outra ves as esperanças [37]
	despois de vos dizer isto, não tenho outra novidade, que vos dizer , e asim torno outra ves as esperanças [37]
	não posso deixar, de vos dizer q' nesta posta tenho dobrada fé [37]
	nunca ouve occazião segura, p^a vos dizer q' a rezão q' ouve p ^a eu não fazer esta jornada, foi o insinuarsse [41]
	em húa Nação de q' o poder esta da outra p ^{te} p^a vos dizer tudo o ser Catholica he o negoço [51]
	não tenho outra couza, q' vos dizer senão dezejavros, aquellas que vos eu dezejo [59]
	sou obrigada a vos dizer q' bem conhecida he a verdade do Marques [61]
	Dos meus particulares não tenho q' vos dizer de novo né por agora [63]
	despois de vos dizer isto, não me fica outra couza mais que segurar vos [83]
ja não tenho mais q' vos dizer pois parece vos não move nem o m ^{to} q' padeço nem o grande risco em q' eu aqui me acho [76]	
FALTAREM-ME ~ ME FALTAREM (1 / 1)	suponho q' o faltarem me cartas vossas não he falta de Affecto, e isto me basta por consolação [1]
	Despois de me faltarem Cartas, ha quatro ou sinco mezes me chegou húa de V. Mag ^{de} [46]
FAZER-VOS ~ VOS FAZER (1 / 1)	estou certa tendes m ^{ta} experiencia e satisfação por isso a sua prudência deixo o fazervos prezente o estado dos negoços [8]
	estando para vos fazer esta, se me duplicão as rezões pois a primeira e a principal, para mi, he sempre o dezejo de boas novas vossas [14]
PEDIR-VOS ~ VOS PEDIR (2 / 4)	não me demaziando mais q' a pedir vos , q' vos não esqueçais de quem ainda q' auzente vos Ama [67]
	ainda que o que agora digo tera aqui não quero faltar pedirvos me lembreis a minha Irmaa [49]
	mas ja me falta a respiração, ficando me so para vos pedir as novas da vossa saude [2]
	abro de novo essa para com todas as veras possiveis vos pedir que irais ponderar [25]
	Ouvindo q' não tendes a melhoria q' vos dezejo faço esta não so p^a vos pedir empregueis particularmente, algũa pessoa que com toda a miudeza, me de Conta da vossa saude [65]
com tudo não estou tão mortificada q' deixe de vos pedir deis a Minha Irma hū abraço [78]	
RESPONDER-VOS ~ VOS RESPONDER (1 / 1)	não posso nesta occazião respondervos e por o enviado, não estar aqui, q' ja vos digo esta em Londres [54]
	e so vos sois pode vosso p ^a esta comfição, e p^a vos responder do sitio e da jornada [78]
RETIRAR-ME ~ ME RETIRAR (1 / 2)	tenho visto, o não poder fazer nada o retirarme em quanto, estas couzas se a sentão [60]
	eu me procuro aquella poca q' posso ter em me retirar de tudo que me seja em contrario [52]
	q' eu aqui estou exposta sem ter aquem recorrer nem França a q' me retirar q' foi sempre a Choroa q' em todo o tempo recebeu, os Princepes em apertos [22]
SEGURAR-VOS ~ VOS SEGURAR (2 / 1)	não me fica outra couza mais que segurar vos que em todo o tempo me achareis sempre tão firme [83]
	não me fica, mais que dizer se não o segurarvos a penna grande que tive quando vi os embarços [31]
	Não quero deixar passar correo, sem vos segurar que fico, de saude [24]

Aparentemente, encontramos também uma prevalência da próclise com esses verbos. No quadro 6, temos um total de 49 sentenças, das quais 15 são enclíticas e 34 são proclíticas. Excluindo os ambientes de ênclise obrigatória, ou seja, os casos de infinitivo nominalizado, que totalizam em seis, passamos a nove ocorrências de ênclise. Da mesma forma, excluindo os ambientes de próclise obrigatória, ou seja, aqueles em que o infinitivo é regido por uma das preposições *de*, *em*, *por*, *para* ou *sem* (sublinhados nas frases do quadro), que totalizam em 21, passamos a 13 ocorrências de próclise. Os pares *faltarem-me ~ me faltarem* e *fazer-vos ~ vos fazer* ocorrem ambos em ambientes que condicionam a colocação pré ou pós-verbal, respectivamente, pelo que não se pode falar em variação livre nesses casos específicos. Com o par *alargar-me ~ me alargar*, temos a ênclise obrigatória na primeira sentença e, na segunda, um caso de ênclise precedido por outro SV, ambiente predominantemente enclítico, como vimos na seção anterior (ver as frequências de cada tipo nas tabelas 12 e 13).

Com os pares *dar-nos ~ nos dar*, *reponder-vos ~ vos responder* e *segurar-vos ~ vos segurar*, todas as ocorrências de próclise ocorrem com verbos regidos por preposições que atuam como atratores da colocação pré-verbal. No par *retirar-me ~ me retirar*, a ênclise ocorre com infinitivo nominalizado, ambiente em que a colocação pós-verbal é obrigatória. Logo, também podemos excluir esses pares, que não representam a variação livre; as duas variantes se alternam com formas verbais idênticas, mas não em contextos sintáticos similares.

Finalizando, temos os pares *dar-vos ~ vos dar*, *dizer-vos ~ vos dizer* e *pedir-vos ~ vos pedir* como os que ocorrem em maior número, porém vemos poucos casos em que se perceba contextos de variação: 1) *dar-vos ~ vos dar* (2/9): a primeira ocorrência de *dar-vos* está em ambiente que favorece a ênclise, pois o verbo é dependente de um SV que o antecede; a segunda, como já vimos, está em ambiente de ênclise obrigatória, o infinitivo nominalizado. Dentre as nove ocorrências de *vos dar*, cinco estão em ambientes em que a próclise é obrigatória, sendo o verbo regido por preposição, e quatro em ambientes em que a próclise é preferencial (embora não a determinem como obrigatória), como os contextos de subordinação e os verbos dependentes de partículas do tipo *ter que*, *haver que*. 2) *dizer-vos ~ vos dizer* (2/13): com este par, temos apenas duas frases que apresentam contextos semelhantes: “*ami não me toca mais q’ dizervos, o m^{to} q’ el Rey me priva de todo o meu cuidado*”

e “*ja não tenho mais q’ vos dizer pois parece vos não move nem o m^{to} q’ padeço (...)*”, que são contextos nos quais os dados do *corpus* nos mostraram livre variação, independentemente dos tipos de verbos. Construções desse tipo são recorrentes em várias cartas, também com outros verbos. 3) *pedir-vos ~ vos pedir (2/4)*: as formas variantes também se encontram em ambientes distintos. Na primeira sentença, a ênclise é precedida pela preposição *a*, diante da qual a colocação se mostrou variável, e, na segunda sentença, é precedida por outro SV, ambiente em que a ênclise prevalece. Quanto aos quatro casos de próclise, três são precedidos por preposições que condicionam a colocação pré-verbal e um é antecedido por uma expressão adverbial, contexto de ordem variável. Assim, temos apenas um par de formas variantes que ocorrem no mesmo contexto: *dizer-vos ~ vos dizer*. Os demais casos são condicionados ou favorecidos por fatores como os descritos na seção anterior.

Comparando esses dados com os das formas finitas, vemos que o infinitivo permite a variação livre em maior número de contextos, razão pela qual as quantificações de próclise e de ênclise apresentam porcentagens mais aproximadas: considerando todas as ocorrências sem levar em conta o contexto, temos a proporção de 66% de próclise e 34% de ênclise. Essas porcentagens aproximam-se ainda mais se considerarmos apenas os contextos relevantes, ou seja, aqueles em que a variação é possível: nesses contextos, temos a proporção de 44,3% de próclise e 55,7% de ênclise. Resumindo: quando quantificamos os dados absolutos, temos a variação em favor da próclise, mas quando quantificamos apenas as ocorrências em contextos relevantes, a variação se mostra em favor da ênclise.

Assim, concluímos a descrição da colocação pronominal nos contextos com verbos no infinitivo em diferentes tipos de orações e de ambientes sintáticos. Vimos as possibilidades de variação com diferentes verbos nos mesmos contextos e com os mesmos verbos em diferentes contextos. Na próxima seção, descreveremos as ocorrências de clíticos com perífrases verbais.

2.5 PERÍFRASES VERBAIS

A gramática tradicional define perífrases verbais (ou conjugações perifrásticas) como uma sequência constituída por um verbo auxiliar ou semiauxiliar, geralmente em uma forma finita, e um verbo principal em uma das formas não finitas (ou nominais). Vimos na seção 1.3 que o padrão regular em perífrases verbais com particípio passado e com gerúndio é a cliticização ao verbo auxiliar, não ao principal. Nas perífrases com particípio passado, a cliticização ao verbo auxiliar é obrigatória no português europeu⁸ pela impossibilidade de verbos no particípio passado ocorrerem como hospedeiros de pronomes clíticos. Nas perífrases com gerúndio, o clítico também deve ocorrer adjacente ao verbo auxiliar, seja em próclise ou em ênclise. Já em estruturas infinitivas, o pronome átono pode ocorrer proclítico ao verbo finito que seleciona a oração principal, mas na ausência de elementos proclisadores, também pode ocorrer enclítico ao verbo principal no domínio infinitivo (MARTINS, 2013).

Para a compreensão dos conceitos relacionados às perífrases verbais, incluo na bibliografia as obras: *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares* (2002) de Anabela Gonçalves e Teresa da Costa, o capítulo 10 – *Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras* de Inês Duarte, na Gramática da Língua Portuguesa (MATEUS *et al.*, 2006) e o capítulos 15 – *Tempo Verbal* (2013) de Fátima de Oliveira, na Gramática do Português.

Nas próximas seções, veremos como esses dados foram sistematizados de acordo com o verbo principal e agrupados de acordo com as formas não finitas desses verbos.

⁸ No português brasileiro, a regra geral em perífrases verbais é a cliticização em próclise do pronome átono ao verbo principal. Essas construções ocorrem sempre na configuração [V_{aux}-CL-V], estando o verbo principal (V) em quaisquer das formas nominais: particípio, gerúndio ou infinitivo. Exemplos: *Ele já havia me mostrado aquelas cartas* [V_{aux}-CL-V_{part}]. *Ele estava me mostrando aquelas cartas* [V_{aux}-CL-V_{ger}]. *Ele ainda vai me mostrar aquelas cartas* [V_{aux}-CL-V_{inf}]. Nesses exemplos, também podemos perceber a presença de advérbios que atuam como proclisadores em todas as épocas do PE (*já* e *ainda*). No PB, esses elementos não se comportam como atratores de próclise em perífrases verbais.

2.5.1 Dados gerais

Em todo o *corpus*, temos 186 casos de clíticos ligados a perífrases verbais (Anexo VI), dos quais 179 estão antepostos ao respectivo verbo auxiliar ou semi-auxiliar (nas sub-seções que se seguem, veremos detalhadamente as definições desses termos), dois estão pospostos ao verbo principal no infinitivo e cinco estão pospostos ao verbo auxiliar ou semiauxiliar. Essas ocorrências são assim distribuídas: 120 com o verbo principal no infinitivo na forma [CL-V_{aux}-V_{inf}], 57 com o verbo principal no particípio passado na forma [CL-V_{aux}-V_{part}] e duas com o verbo principal no gerúndio na forma [CL-V_{aux}-V_{ger}]. Ainda temos dois casos em que o clítico ocorre enclítico ao verbo principal no infinitivo [V_{aux}-CL-V_{inf}] e cinco em que o clítico ocorre no meio da perífrase verbal [V_{aux}-CL-V], dentre as quais três têm o verbo principal no particípio, uma tem o verbo principal no gerúndio e uma tem o verbo principal no infinitivo.

Na tabela 14, vemos a distribuição dessas ocorrências, considerando os verbos principais das perífrases verbais, pois sabemos que os clíticos ocorrem como complementos desses verbos, embora seus hospedeiros verbais sejam, na grande maioria dos casos, os auxiliares ou semiauxiliares.

Tabela 14 – Clíticos em perífrases verbais de acordo com o verbo principal

Verbos principais	CL-V-V _{part}	CL-V-V _{ger}	CL-V-V _{inf}	V-V-CL	V-CL-V	Total por verbo
Achar	1		1			2
Achar-se	1					1
Ajudar			1			1
Alcançar	1					1
Alegar			1			1
Aliviar	1					1
Apontar	1					1
Arguir			1			1
Arrepende			1			1
Assistir		1	1			2
Avaliar			1			1
Aventurar			1			1
Aviar		1				1
Buscar			2			2
Cansar			2			2
Chamar			2			2
Chegar	1					1

Verbos principais	CL-V-V_{part}	CL-V-V_{ger}	CL-V-V_{inf}	V-V-CL	V-CL-V	Total por verbo
Conduzir			1			1
Conseguir			2			2
Conservar			1			1
Contentar			1			1
Crer			1			1
Curar			1			1
Dar	10		14			24
Deferir			1			1
Deixar			1			1
Desalojar			1			1
Descobrir			1			1
Desejar	1					1
Deter			2		1	3
Dilatar				2		2
Dizer	3		8		1	12
Efetivar			1			1
Embargar	1					1
Empregar			1			1
Encomendar			2			2
Encontrar			1			1
Enfadar	1					1
Entender			1			1
Escrever	8		1		1	10
Esperar			3			3
Esquecer			1			1
Estar			1			1
Excluir			1			1
Executar			1			1
Exprimir					1	1
Falar	1					1
Faltar			1			1
Fazer	4		11			15
Ficar			1			1
Informar			1			1
Inventar			1			1
Ir			1			1
Lembrar			1			1
Livrar			2			2
Mandar	2		1			3

Verbos principais	CL-V-V_{part}	CL-V-V_{ger}	CL-V-V_{inf}	V-V-CL	V-CL-V	Total por verbo
Manifestar	1		1			2
Merecer			2			2
Nascer	1					1
Ocorrer	1					1
Oferecer	1		1			2
Ouvir			1			1
Passar	2		1			3
Pedir	2		1			3
Persuadir			2			2
Por	1					1
Procurar	1		2			3
Prometer					1	1
Remediar			1			1
Remeter			1			1
Renovar	1					1
Repetir	1		3			4
Representar	2					2
Requerer			1			1
Resolver	1					1
Resultar			1			1
Retirar			1			1
Segurar			1			1
Ser	1					1
Servir	2					2
Significar	1					1
Solicitar			1			1
Suceder			1			1
Temer			2			2
Ter			2			2
Tirar			1			1
Tomar			1			1
Tramar	1					1
Trazer			1			1
Valer			3			3
Ver			4			4
Vir			1			1
TOTAL	57 (30,6%)	2 (1,1%)	120 (64%)	2 (1,1%)	5 (3,2%)	186

Fonte: dados da pesquisa

Os dados da tabela 14 mostram que nas Cartas CB a colocação proclítica ao verbo auxiliar ou semiauxiliar é a regra geral de uso nas perífrases verbais, com poucas exceções. Somadas as ocorrências de cada tipo [CL-V-V_{part}] + [CL-V-V_{ger}] + [CL-V-V_{inf}] temos 179, que totalizam 97,2% das perífrases verbais. As demais ocorrências (duas do tipo V-V_{inf}-CL e quatro do tipo V-CL-V) estão em contextos específicos que veremos mais adiante. Nas próximas sub-seções, veremos as definições específicas de cada tipo de perífrase verbal e a descrição dessas ocorrências no *corpus*.

2.5.2 Perífrases verbais com particípio passado

Perífrases verbais com particípio passado são os tempos compostos do português, construídos com o verbo auxiliar *ter* em um tempo finito e o particípio passado do verbo principal (também denominado verbo pleno). Distinguem-se das demais perífrases verbais por estabelecerem diretamente relações temporais com os tempos simples, permitindo, em contextos adequados, uma livre alternância entre eles (*tinha dito ~ disse / dissera*). Do ponto de vista sintático, a sequência V+V_{part} (ou *ter+PP*) constitui uma unidade, sendo impossível analisar o domínio participial como constituinte autônomo. Também utilizado na construção dos tempos compostos é o verbo *haver* como auxiliar, embora menos frequente (GONÇALVES e COSTA, 2002, p. 51; OLIVEIRA, 2013, p. 528).

No *corpus* sob análise, temos 60 ocorrências de clíticos com perífrases verbais em tempos compostos, dentre as quais 57 apresentam a forma [CL-V-V_{part}], com o pronome átono proclítico ao verbo auxiliar e apenas três apresentam a forma [V-CL-V_{part}], com o pronome átono enclítico ao verbo auxiliar. Em (59a), temos um exemplo do tipo de construção que mais ocorre no *corpus*, com o clítico *vos* enclítico ao auxiliar *ter* no presente + *escrever* no particípio. Em (59b), temos um grupo clítico em contração⁹ (*vos* dativo + o acusativo) enclítico ao auxiliar *ter* no presente + *manifestar* no particípio.

(59) a. *mas estes serviços **mos tem feito** ademonstrações a q' me não obrigarão a ter* [61]

b. *eu fico esperando, que quando, esta la chegar, vos **me tereis mandado**, estas mesmas boas novas* [5]

As ocorrências do tipo [V-CL-V_{part}] apresentam-se em contextos que favorecem ou condicionam a colocação do clítico depois do verbo finito. Em (60a), a ênclise ao verbo auxiliar *ter* pode ser explicada pela nominalização do infinitivo, contexto em que a colocação pós-verbal é obrigatória. Em (60b), temos um início absoluto de oração, ou seja, contexto V1, no qual é impossível que o clítico se desloque para antes do verbo auxiliar (na escrita portuguesa contemporânea, seria: *tenho-vos já dito*). Vejamos o contraste entre as ocorrências de (60b) e (60c), estruturas semelhantes em que o mesmo clítico ocorre com a mesma perífrase verbal. Em (60c), diferentemente de (60b), temos em evidência um elemento favorecedor de

⁹ No quadro 3, na seção 3.1, encontram-se todas as possibilidades de contração de clíticos no português. Para mais detalhes sobre esse aspecto gramatical, ver Martins (2013).

próclise, o pronome demonstrativo *isto*. Por fim, temos em (60d) a única ocorrência de perífrase verbal com a forma [V-CL-V_{part}]. Nesse mesmo contexto, a ênclise ao auxiliar é obrigatória no português europeu contemporâneo, pois o elemento pré-verbal é o sujeito nominal (na escrita portuguesa contemporânea, seria: *este Rey daqui tinha-me prometido navios*).

- (60) a. *Meu Irmão confeço os q' he p^a mim g^{de} desconolação o ter vos escrito des ou doze e não ter resposta de nenhuã destas* [45]
- b. *tenho vos, ja dito tanto disto q' não quero mais importunar o q' eu fio do vosso bom natural e Amor q' me tendes* [62]
- c. *isto vos tenho ja dito tanto q' se o vos quizerdes remediar, podeis e so vos podeis* [17]
- d. *este Rey daqui tinhame prometido navios ja se me escuzou q' mos não pode dar, e he serto q' elles não podem fazer nada* [76]

Quanto aos verbos que ocorrem como auxiliares nos tempos compostos, o verbo *ter* é predominante, ocorrendo 57 vezes. O verbo *haver* ocorre duas vezes, sendo uma no pretérito mais-que-perfeito composto (61a) e a outra em condicional composto (61b). O verbo *ser* ocorre uma única vez (62c), no futuro composto.

- (61) a. *e he duro q' não dando a cauza aja de sofrer como se a ouvera dado, mas eu não vejo outro remedio, mais q' resignarme* [21]
- b. *como por falta de saude, me ei rezolvido a passar a França a beber as Agoas de Borbon, q' são da mesma Calidade de aquellas q' aqui me fazem bem* [60]
- c. *p^a dar satisfação a qualquer queixa q' por carta vossa me for representada mas certa estou a não representareis com fundam^{to}* [1]

Comparando esses dados com os de estudos precedentes, podemos afirmar que o padrão de colocação dos clíticos em tempos compostos se mantém diacronicamente estável na língua. As gramáticas contemporâneas confirmam que a cliticização ao verbo auxiliar é obrigatória em perífrases verbais com participio passado, seja em próclise ou em ênclise. No *corpus* que aqui descrevemos, a próclise é a ordem preferencial e a ênclise é utilizada apenas em construções específicas como a de (60d).

2.5.3 Perífrases verbais com gerúndio

Perífrases verbais com gerúndio são construções aspectuais que denotam ação contínua em curso, quando com o verbo auxiliar no presente, ou já concluída, quando com o verbo auxiliar no passado. No português europeu contemporâneo, construções com gerúndio são geralmente constituídas por uma forma finita do verbo *ir* seguida de uma forma gerundiva (GONÇALVES e COSTA, 2002, p. 63); com outros verbos auxiliares (*estar, ficar, permanecer*), o padrão geral de uso em Portugal é o chamado infinitivo gerundivo, que apresenta a forma [V_{aux} + a + infinitivo], com valor aspectual progressivo (MARTINS, 2013).

As perífrases verbais com gerúndio comportam-se de forma semelhante aos tempos compostos com participio passado: o pronome átono ocorre adjacente, necessariamente, ao verbo finito. No *corpus* sob análise, foram encontradas apenas três ocorrências de clíticos associados a perífrases verbais com gerúndio, sendo duas com a estrutura [CL-V-V_{ger}] e uma com a estrutura [V-CL-V_{ger}]. Nas sentenças (62a), (62b) e (63), temos todas as ocorrências desse tipo. Em (63), apesar da falta de pontuação, que é uma característica comum em todas as cartas, nota-se pelo contexto que a perífrase verbal está em início de oração, ou seja, a posição V1 justifica a colocação pós-verbal do clítico, que se hospeda na forma finita do verbo *estar*.

- (62) a. *não estou p^a mais q' **me estou aviando** p^a amenhaa ir dormir* [36]
b. *asi aos q' vão, como a esses poucos q' **me ficão assistindo** q' he so a consolação q' esta afflicta Irmaa pode ter* [55]
- (63) *este se não pode agora diminuir conforme esta relação q' vos dou pois he certa **estiveme detendo** com esta digreção esperamdo se chegava o correo* [52]

Parafraseando essas formas no PE contemporâneo, teríamos o infinitivo gerundivo com subida do clítico opcional nas três sentenças: (62) a. *que me estou a aviar / que estou-me a aviar / que estou a aviar-me*; (62) b. *que me ficam a assistir / que ficam-me a assistir / que ficam a assistir-me*; (63) *Estive-me a deter / Estive a deter-me*. Em (63), a forma **Me estive a deter* seria agramatical, dada a impossibilidade do clítico ocorrer em início absoluto de sentença, porém seria possível em outros contextos sintáticos. Já no PB, em que as construções gerundivas são mais comuns, teríamos, respectivamente: (62) a. *que estou me aviando*; (62) b. *que ficam me assistindo*; (63) *Estive me detendo*.

2.5.4 Perífrases verbais com infinitivo

Perífrases verbais com infinitivo são construções em que um verbo semiauxiliar ocorre seguido de um verbo principal no infinitivo simples. Semiauxiliares, segundo a definição de Duarte (2006, p. 315), são “verbos esvaziados de significado lexical, sem grelha argumental, que respondem afirmativamente a alguns, mas não a todos os critérios de auxiliaridade” e podem ser temporais, aspectuais ou modais. Temos, portanto, esses três tipos de construções com infinitivo.

Quanto à colocação dos pronomes átonos, o clítico pode ocorrer adjacente ao verbo infinitivo do qual é complemento, ou ao verbo semiauxiliar finito que seleciona a oração infinitiva. Segundo Martins, 2013 (p. 2231):

Nesta segunda situação, o clítico não cliticiza ao verbo na forma infinitiva do qual depende sintática e semanticamente, sendo o seu complemento indireto um argumento interno, ligando-se antes ao verbo que seleciona a oração infinitiva. Utilizando uma linguagem metafórica, em linguística chama-se a este fenômeno subida do clítico, porque o clítico com que "sobe" da forma verbal infinitiva da oração subordinada para a forma verbal da qual depende a oração subordinada.

No *corpus* aqui descrito, temos 123 ocorrências de perífrases verbais com infinitivo, dentre as quais 120 apresentam a forma (CL-V-V_{inf}), duas apresentam a forma (V-V_{inf}-CL) e uma apresenta a forma (V-CL-V_{inf}). Veremos agora como essas ocorrências foram subcategorizadas, de acordo com a natureza do verbo semiauxiliar: temporal, aspectual e modal.

2.5.4.1 Infinitivo com semiauxiliares temporais

Segundo Gonçalves e Costa (2002, p. 64), os verbos semiauxiliares temporais exprimem a posição do intervalo de tempo em que ocorre o estado de coisas descrito (o ponto do evento) relativamente ao momento da enunciação, podendo exprimir, geralmente, um futuro próximo. Nesta categoria, temos o verbo *haver (de)*, que ocorre 15 vezes, *ir*, que ocorre cinco vezes, e *vir*, que ocorre uma vez. A subida do clítico é categórica neste contexto, como demonstrado nas sentenças (64a), (64b) e (64c), nas quais o clítico ocorre anteposto ao verbo semiauxiliar.

- (64) a. *de toda a sorte me aveis de achar Irmã verdadeira e por conseqüente mui Amante de tudo o que vos tocar* [30]
b. *Lá me foirão buscar para me Arguirem, sem nenhũa cauza so por corroborarem o seu procedimento* [36]
c. *espero me venha encontrar, a raya, p^a me Acompanhar como creado vosso* [64]

2.5.4.2 Infinitivo com semiauxiliares aspectuais

Verbos semiauxiliares aspectuais são aqueles cuja principal função é a de alterar a forma como uma situação é perspectivada, podendo focalizar o início da ação, uma mudança de estado, de lugar ou de posse, ou o estado resultante da ação (OLIVEIRA, 1996 *apud* GONÇALVES e COSTA, 2002, p. 65). O termo conjugação perifrástica é mais utilizado para designar construções com esses verbos. Nesta categoria, temos quatro ocorrências da forma [*tornar a + V_{inf}*], duas ocorrências da forma [*começar a + V_{inf}*] e uma ocorrência da forma [*costumar + V_{inf}*]. A subida do clítico é também categórica neste contexto, tal como demonstram as sentenças (65a), (65b) e (65c).

- (65) a. e por ser mas breve a passagem, **vos torno a repetir** o q' na primeira vos digo, segurandovos a minha vontade estar prompta [28]
b. e esta nação **se começa a persuadir** do pouco q' ella val p^a vos servir [61]
c. este he so o caminho de meu descanso, o portador espero ache em vos a honrra que **lhe custumais fazer** o mais q' não digo leva elle recomendado [71]

2.5.4.3 Infinitivo com semiauxiliares modais

Os semiauxiliares modais são verbos que expressam possibilidade, probabilidade, obrigatoriedade ou permissão para que aconteça a ação expressa pelo verbo principal (GONÇALVES e COSTA, 2002, p. 64). Nesta categoria, temos a maioria das ocorrências de clíticos adjacentes a perífrases verbais no infinitivo: 93 na forma [CL-V-V_{inf}], uma na forma [V-CL-V_{inf}] e uma na forma [V-V_{inf}-CL]. Os verbos modais que ocorrem no *corpus* são: *poder* (66 ocorrências), *querer* (11 ocorrências), *desejar* (4 ocorrências), *dever* (3 ocorrências), *mandar* (2 ocorrências), *esperar* e *procurar* (uma ocorrência de cada). Outros verbos que também veiculam conteúdos modais com verbos no infinitivo são: *saber* (3 ocorrências) e *fazer* (duas ocorrências). As sentenças em (66) e em (67) exemplificam as ocorrências com esses verbos.

- (66) a. *tenho tudo o q' na vida* **me pode dar** cabal satisfação, nã eu quero agora cuidar tenho rezão de me queixar [1]
b. *não for ja tarde para o remediardes, eu espero, de vos* **me queirais ajudar**, e de todo não dezemparrar [36]
c. *Irmaa q' vos Ama e* **vos dezeja ver** [52]
d. *so vos* **lhe podeis dar** o remedio e q' **lho deveis dar** pois o perigo he evidente, e assim ou per a me terdes convosco, ou em parte [43]
e. *para mandar estes boms religiosos para as suas mesmas Provincias, donde* **os mandei pedir**, o bem q' tem cumprido com as funcções dos Charecteres [55]

- (67) a. *espero em D's pois foi servido de ma conceder seja p^a eu a **saber melhor empregar** [69]*
 b. *e q' façais toda a diligencia possivel por o **fazer executar** pois não podeis fazer aD's mayor serviço q' o procurarhe per este caminho [75]*

Quanto aos casos particulares em que não ocorre a subida do clítico, temos as sentenças (68a) e (68b) que apresentam a forma [V-CL-V_{inf}] e a sentença (69), que apresenta a forma [V-V_{inf}-CL]. Em (68a), assim como em (69), temos os dois verbos da perífrase no infinitivo, sendo que ocorre a nominalização do verbo modal, impossibilitando a colocação pré-verbal. Em (68b), temos o único caso em que o elemento negativo não atrai o clítico para a posição pré-verbal. É interessante notar que nas duas sentenças de (68) o verbo principal é *dilatar*, que parece não admitir subida de clítico em contextos infinitivos com verbos modais.

- (68) a. *se ele me consedera o **poder dillatarme** mais eu o fizera mas ja me falta a respiração, ficandome so para vos pedir novas da vossa saude [2]*
 b. *não **quero dillatarme**, temendo q' agrossaria do Campo ajuntandosse a propia possa ser dezagradavel [67]*
- (69) *Comforme o tempo em que vos escrevo julgai vos os meus alvorossos, Com hũa esperança tão bem fumdada, que he impossivel para mi o **podellos expremir** [37]*

Os dados obtidos nas Cartas CB apresentam 98,3% de subida do clítico em perífrases verbais com infinitivo, sendo uma regra quase categórica no nosso *corpus*. Segundo Martins (2016, p. 12), a subida dos pronomes clíticos em perífrases verbais com infinitivo era regra geral no português medieval, com raras exceções, mas seu uso vai perdendo espaço a partir do século XVI, e a possibilidade de cliticização do pronome átono ao infinitivo passa a ser preponderante em textos do século XVIII em diante. Entretanto, a autora chama atenção para o fato, mais uma vez, desses textos fornecerem dados “enganadores”, sobre os quais estaria atuando uma “forte pressão normativa no sentido de considerar a subida do clítico uma opção ilegítima ou incorreta”. No português falado em Portugal, o uso da subida do clítico continua a ser preferencial nesses contextos.

2.6 INTERPOLAÇÃO

A interpolação consiste na quebra de adjacência entre o clítico anteposto e o verbo, por meio da interposição de outros elementos sintáticos que poderiam ser: um constituinte negativo, um advérbio, um sintagma preposicional, um pronome sujeito ou um pronome forte objeto direto (BRITO *et al.*, 2006, p. 847). Esse fenômeno é frequente em textos do português antigo e clássico, mas começa a perder espaço a partir do século XVII. Relembrando a explicação de Martins (1994, p. 182), já citada parcialmente na seção 1.3.1:

exceptuados os elementos que precedem o clítico em estruturas com interpolação (isto é, conjunção ou pronome relativo, nas orações dependentes finitas; preposição, nas orações dependentes não finitas; advérbio, quantificador ou sintagma focalizado, nas orações não-dependentes), qualquer constituinte que, no português medieval e clássico, pudesse ocupar na oração uma posição pré-verbal, podia ocorrer interpolado entre o clítico e o verbo. Se alguns dos constituintes interpoláveis ocorrem mais frequentemente entre o clítico e o verbo do que outros, isso deve-se apenas ao fato de serem necessariamente (no caso do operador de negação predicativa), normalmente (no caso do sujeito), ou frequentemente (no caso dos oblíquos adverbiais e preposicionais) pré-verbais.

Nas Cartas CB, temos 79 casos de interpolação, sendo o elemento mais frequente o sintagma de negação, *não*, que ocorre 57 vezes. Também temos o pronome *eu*, que ocorre 17 vezes e o pronome *vós*, que ocorre duas vezes e três casos em que ocorre mais de um elemento interpolado. Considerando o tipo de conjugação verbal, temos 54 casos com tempos simples e 25 com perífrases verbais. Vejamos, na tabela 15, a quantificação desses elementos de acordo com suas ocorrências no *corpus*.

Tabela 15 – Distribuição dos casos de interpolação no *corpus*

Conjugação	Não	Pronome reto	OUTROS	TOTAL
Simple	37	14	3	54
Perífrases	20	5	-	25
TOTAL	57	19	3	79

Fonte: dados da pesquisa

Dentre os 258 verbos listados no início deste capítulo, 47 ocorrem em contextos de interpolação, quer em conjugações simples ou em perífrases, quer com formas finitas ou não finitas. Na tabela 16, temos a quantificação completa dessas ocorrências com cada verbo, conforme ocorrem no *corpus*.

Tabela 16 – Interpolação de acordo com o elemento interpolado e com o verbo

Verbos	NÃO		PRONOME RETO		OUTROS	Total por verbo
	Simple	Perífrase	Simple	Perífrase	Simple	
Achar-se			3			3
Ajudar		1				1
Alargar	1					1
Atrever	1					1
Bulir		1				1
Caber					1	1
Cansar	1					1
Certificar		1				1
Chegar	1					1
Dar	4	1	2			7
Declarar		1				1
Descuidar		1				1
Desejar			3			3
Deter	1	1				2
Dilatar	1					1
Diminuir		2				2
Escrever		1				1
Esperar			1			1
Esquecer	1					1
Explicar	1			1		2
Faltar	1	1				2
Fazer	2	4				6
Ficar	1					1
Fugir		1				1
Imputar	1					1
Levar		1				1
Livrar		1				1
Mandar			3			3
Merecer			1			1
Mover	1					1
Obrigar	1					1
Pedir	1		1		1	3
Perder	1					1
Permitir	2					2
Pesar	1					1
Procurar			1			1
Queixar-se		1				1

Verbos	NÃO		PRONOME RETO		OUTROS	Total por verbo
	Simple	Perífrase	Simple	Perífrase	Simple	
Remediar				1		1
Representar	1					1
Restituir		1				1
Saber	3	1				4
Sair			1			1
Ser	5					5
Suceder	1					1
Temer	1					1
Unir	1					1
Vencer		1				1
TOTAL	36 (46,8%)	20 (25,4%)	14 (17,7%)	5 (6,3%)	3 (3,8%)	79

Fonte: dados da pesquisa

Nota-se a predominância do advérbio de negação como elemento interpolável nas Cartas CB; somadas as porcentagens de ocorrência do *não* em conjugações simples e em perífrases verbais, obtém-se que 72,2% dos casos de interpolação ocorrem em sentenças negativas. Em (70) e (71), respectivamente, temos dois exemplos de cada tipo dessas ocorrências. Em (70b), temos também um caso de interpolação com uma perífrase verbal.

- (70) a. e bem sabeis vos q' isto nace de hũ coração tão singello, q' ainda asi **se não explica** [75]
b. he bem me alivie do cuidado de q' **lhe não suceda** algũa couza de q' eu **os não possa livrar**, o q' para mi seria penna irremediavel [55]
- (71) a. pois he sertissimo, q' eu **me não posso bullir**, deste Reyno, salvo so, se vos, mo procurardes por vossos, Meyos [19]
b. el Rey Guilherme o difficulta, sendo tão inconsideravel, q' **lhe não pode ajudar** as suas despezas, e ami, fas me falta

Um pouco mais incomum é a interpolação de pronomes pessoais retos, que ocorre 19 vezes, sendo 17 com o pronome *eu* e apenas duas com o pronome *vós*. Todos esses casos ocorrem em orações subordinadas, como as sentenças (72) e (73) que se seguem:

- (72) a. segurovos que o Mundo sabe avaliar o que **vos eu mereco** taõ bê que não ficareis da perda em mostrar que o estimais [11]
b. conforme ao estado em q' **me eu acho** tudo me he soccorro, pois estas alterações me trouxerão mayores encargos e menos rendas [7]
- (73) isto vos tenho ja dito tanto q' se **o vós quizerdes** remediar, podeis [17]

Por fim, há três casos de interpolação de dois elementos. Em (74), temos um constituinte de redobro do clítico *me* (*a mim*) e o advérbio de negação. Em (75), temos o pronome reto *vós* e o advérbio *tanto*. Em (76), ocorrem, entre o clítico *lho* [*lhe dat. + o ac.*] e o infinitivo flexionado do verbo *pedir*, o pronome reto *vós* e o *não*.

- (74) se **me a mi não coubera** parte nisto, não vos dera esta conta, pois das alheas não me toca [42]
- (75) dezejando, ja m^{to} fazello de mais perto, e p^a isto vos peço vos lembreis, do q' **vos eu tanto pedia** na posta passada [6]
- (76) e todo o Mundo se Maravilha de **lho vos não pedirdes** pois se emtende q' esse sera o Modo p^a elle o Conceder [62]

Vemos com os exemplos acima que os casos de interpolação foram encontradas em diferentes tipos de orações dependentes, mas não se registrou um único caso de interpolação em orações não-dependentes. Este dado confere com Lobo (1996, p. 111), que evidencia com dados do período anterior (século XVI) o domínio da interpolação nas orações dependentes: subordinadas finitas ou subordinadas reduzidas de infinitivo com preposição.

A predominância do *não* como o elemento que ocorre interpolado mais frequentemente também confere com os dados de outros *corpora*, como os de Martins (1994; 2011), Paixão de Sousa (2004) e Rocha (2009). Segundo Martins (1994, p. 194), a interpolação do *não* apresenta características diferentes da interpolação dos outros elementos, que ocorriam mais frequentemente no português medieval e clássico. A autora também afirma que a perda da interpolação generalizada ocorre em paralelo à crescente preferência pela ênclise, que ganha espaço nos séculos subsequentes, até se tornar a ordem preferencial de colocação dos clíticos.

Os dados das Cartas CB confirmam a perda da interpolação de vários elementos, revelando, nesse aspecto, uma gramática inovadora no sentido de não apresentar um fenômeno linguístico que já caía em desuso no período em que foram escritas. Por outro lado, os dados do *corpus* como um todo revelam ainda uma gramática conservadora no que se refere à colocação dos clíticos, pois na grande maioria dos contextos de possível variação, predomina o padrão de colocação proclítico, que começaria a sofrer seu declínio nos períodos subsequentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas missivas utilizadas como *corpus* neste trabalho constituem um relevante testemunho linguístico do século XVII. Sabe-se que o gênero textual em questão favorece o uso de uma linguagem mais próxima à linguagem vernacular, por se tratar de narrativas pessoais, a um destinatário familiar. Além disso, as cartas analisadas foram escritas por uma mulher letrada, culta e influente, o que era raro no período sob análise, mesmo nas classes mais altas da sociedade portuguesa.

As primeiras etapas de coleta dos dados já possibilitaram a observação de diferentes fenômenos linguísticos que essas cartas revelam; alguns, já em desuso nos nossos dias e outros, ainda recorrentes. Também foi perceptível que em alguns contextos, os padrões de colocação pronominal utilizados nas cartas correspondem aos padrões que persistiram ao longo da história do português europeu, como por exemplo, a subida do clítico em perífrases verbais. Em outros aspectos, entretanto, foi o português brasileiro que adquiriu certos padrões, como por exemplo, o uso generalizado da próclise em orações não-dependentes. Essa percepção, embora não fosse o cerne principal do trabalho, foi muito válida para a sistematização dos dados.

Através da identificação de todos os verbos que ocorrem no *corpus* com pronomes clíticos dependentes, foi possível verificar uma aparente variabilidade. O termo *aparente* é aqui utilizado para ressaltar que na maioria dos casos de variação, o uso de uma ou de outra variante é determinado por fatores sintáticos, como a posição do verbo hospedeiro na frase, o tipo de oração em que ocorre e a presença de determinados constituintes. A listagem desses verbos revelou-se fundamental para um melhor entendimento da colocação dos pronomes átonos, fornecendo informações sobre os 258 verbos que permitem a próclise e/ou a ênclise, sendo um importante parâmetro, tanto para a identificação das estruturas, como para a classificação das ocorrências de acordo com os modos verbais e com as formas nominais. As formas complexas (perífrases verbais) e os casos de interpolação foram considerados separadamente, devido às especificidades sintáticas dessas construções.

Todas as ocorrências foram quantificadas e subcategorizadas de acordo com os elementos pré-verbais e com os tipos de orações. Com esta metodologia mais precisa no tratamento dos dados, levando em conta os verbos hospedeiros e os

ambientes sintáticos, foi possível verificar a variação da colocação pronominal no português seiscentista, através de um *corpus* inédito e original. A organização dos dados por meio dos verbos possibilitou uma análise mais apurada dos modos e formas verbais com que os clíticos ocorrem com mais frequência. Vimos que os modos indicativo e subjuntivo favorecem a próclise, enquanto o modo imperativo e a forma gerundiva favorecem a ênclise. A forma infinitiva possibilita mais variabilidade, ainda que também dependente dos contextos e dos elementos pré-verbais.

Foi possível descrever parcialmente a gramática da autora das cartas no que se refere à colocação pronominal e situá-la no contexto linguístico do século XVII, através da comparação com resultados de outros estudos, tanto históricos quanto contemporâneos. Vimos que diferentes contextos revelam diferentes padrões. Considerando o ponto de conflito entre as pesquisadoras Martins (1994) e Galves (2003), sobre o qual fizemos uma breve reflexão em 1.3.2 (ver pág. 60-65), os dados das Cartas CB aproximam-se da hipótese de Galves, que defende que a mudança sintática ocorrida no português europeu foi posterior ao século XVII. Martins aponta para a ideia de ter sido o século XVII o período de transição, em que teriam coexistido duas gramáticas distintas em competição. Considerando essa hipótese, Catarina de Bragança seria representativa da gramática mais conservadora do padrão proclítico, que foi predominante no período medieval, mas que começaria a entrar em declínio e dar lugar ao padrão enclítico, que veio a perdurar no português europeu.

A alta ocorrência de orações subordinadas é um dos principais fatores que favorecem a predominância da próclise. Conforme já atestado na bibliografia, contextos de subordinação são ambientes de próclise obrigatória em todas as fases da história do português. Também quando o verbo hospedeiro é antecedido por certos elementos, como sintagmas negativos, advérbios focalizadores ou aspectuais, quantificadores ou sintagmas do tipo *qu-*, a próclise é obrigatória. Por outro lado, quando o verbo hospedeiro ocupa a posição inicial na frase, os contextos V1, a ênclise é a ordem obrigatória. Tais ambientes revelaram-se produtivos no *corpus*.

Nos contextos relevantes de variação em orações finitas, considerando as frases com verbos no modo indicativo, a próclise mostrou-se altamente predominante (86%). Portanto, é no âmbito dessas orações que se observam diferenças entre a sintaxe das cartas e as normas vigentes no português europeu contemporâneo. Quando o verbo é antecedido por sujeito nominal ou pronominal, por exemplo, nas

cartas prevalece a próclise, mas neste mesmo contexto o padrão de uso atual é a ênclise. Mesma variabilidade é encontrada nas frases em que o verbo hospedeiro do clítico é antecedido por outra oração. Em orações coordenadas também ocorre variação em favor da próclise, nos mesmos contextos em que o português atual favorece a ênclise. Além desses elementos já previstos pela literatura, as Cartas CB revelam alguns outros ambientes mais específicos em que a próclise também se mostrou categórica: diante de sintagmas preposicionais com função adverbial de modo e de tempo, de outras conjunções e de pronomes demonstrativos.

Com o verbo hospedeiro do clítico no infinitivo, maior possibilidade de variação ocorre nas cartas, exceto nos contextos de ordem fixa: ênclise quando o infinitivo é nominalizado (precedido pelo artigo definido *o*) e próclise com verbos regidos por algumas preposições (*para, por, em, de e sem*). As poucas exceções encontradas diante desses elementos foram favorecidas por contextos específicos. Os contextos de ordem fixa, bem como os de ordem variável, não atestam mudanças significativas quando confrontamos os dados obtidos nas cartas com os dados contemporâneos. Assim sendo, as ocorrências de clíticos com verbos no infinitivo não testemunham que haveria nesse período uma mudança em curso, mas sim uma variação estável no que se refere à colocação dos clíticos nesse contexto sintático.

Em perífrases verbais com participípio e com gerúndio, a cliticização ao verbo auxiliar é regra em todas as ocorrências. Nas perífrases com infinitivo, temos 98,3% de subida do clítico, padrão que se mantém produtivo no PE contemporâneo. Nesse mesmo contexto, as gramáticas atuais mostram a possibilidade de variação entre a cliticização ao verbo auxiliar finito ou não finito, e ao verbo principal no infinitivo.

Quanto à interpolação, traço arcaizante que teria começado a cair em desuso na época em que as cartas foram escritas, os dados apresentados pelas cartas confirmam o que já era previsto com base em outros estudos descritivos. Não há interpolação generalizada de vários elementos entre o clítico e o verbo hospedeiro, como era comum até ao século XVI; nesses contextos, o elemento que prevalece no *corpus* é o advérbio de negação *não*, que vem a ser o único elemento possível de ocorrer interpolado, nas fases subsequentes da história do português.

Com esta análise, acredita-se ter cumprido o objetivo de fornecer uma contribuição ao conhecimento sintático da colocação pronominal no português do século XVII, através de uma descrição detalhada de um *corpus* original.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria Lúcia de Oliveira Lopes. D. Catarina de Bragança, uma princesa portuguesa na Corte dos Stuarts. In: *D. Catarina de Bragança e o Paço da Rainha*. Lisboa: Europress, 2005. p. 121-167.
- ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO. *Casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra*. Disponível em: <<http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/casamento-de-d-catarina-de-braganca-com-carlos-ii-de-inglaterra>>. Acesso: 18 Jan. 2017.
- ASSUNÇÃO, Carlos; FERNANDES, Gonçalo; ROMEU, Rogélio Ponce de León. Prefácio e introdução da edição fac-similada de ROBOREDO, Amaro de. *Verdadeira grammatica latina para se bem saber em breve tempo*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, 2007. Disponível em: <http://www.utad.pt/vPT/Area2/investigador/CEL/CelCollections/Documents/CEL_Lingu%C3%ADstica_1.pdf>. Acesso: Jan. 2016.
- BOLÉO, Maria Luísa Paiva. *D. Catarina de Bragança (1638-1705), Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra*. 2005. Disponível em: <<http://www.leme.pt/biografias/catarina>>. Acesso: 16 Jan. 2017.
- BRAGANÇA, Catarina de [entre 1687 e 1692]. *Original Letters of Catherine of Braganza Queen of Charles II*. Manuscripts Department of British Museum. London: Egerton Catalogue, n. 1534, Order SCH 24215. Microfilme.
- BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª Edição. Lisboa: Editorial Caminho, 2006 [1983]. Capítulo 20, p. 826-867.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Gramáticos portugueses do século XVI*. Amadora, Portugal: Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand, 1978. 103 p.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *A Galáxia das línguas na época da expansão*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992. 174 p.
- BYNON, Theodora. *Historical Linguistics*. Great Britain: Cambridge University Press, 1986 [1977]. 309 p.
- CARDEIRA, Esperança. *O Essencial sobre a História do Português*. Lisboa: Editora Caminho, 2006. 106 p.
- CASIMIRO, Augusto. *Dona Catarina de Bragança Rainha de Inglaterra, filha de Portugal*. Lisboa: Portugália Editora, 1956. 560 p.
- CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Colaboração de Rita Marquilhas e J. León Acosta. Lisboa: Universidade Aberta, 1991. 335 p.
- CASTRO, Ivo. *Introdução à História do Português*. 2ª Ed. Lisboa: Edições Colibri, 2011 [2004]. 242 p.
- CASTRO, Ivo. Formação da Língua Portuguesa. In: RAPOSO, Eduardo Paiva; BACELAR, Maria Fernanda; MOTA, Maria Antónia; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália (Org.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. Capítulo 1, p. 7-13.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger (Org.) *História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. Título original: *Histoire de la vie privée 3: De la Renaissance aux Lumières* (1986). São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 113-158.

COHEN, Maria Antonieta A. de M. Manuscrito inédito do século XVII: Cartas de Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra, a seu irmão D. Pedro II, rei de Portugal. In: *Gênese e Memória*. IV Encontro Internacional dos Pesquisadores de manuscritos e de edições. São Paulo: Annablume, 1995.

COHEN, Maria Antonieta A. de M. A língua do século XVII e a língua contemporânea. In: *VI Encontro Internacional da ALFAL – Associação de Linguística e Filologia da América Latina*. Las Palmas de Gran Canaria, 1996.

COHEN, Maria Antonieta A. de M. Catarina de Bragança, personagem histórica X Catarina, figura feminina. In: *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, v. 18, n. 22. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1998. p. 89- 105.

COHEN, Maria Antonieta A. de M. et al. Projeto BTLH: Banco de Textos para pesquisa em *Linguística Histórica*. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais / CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1999.

COHEN, Maria Antonieta A. de M. Pressupostos teórico-metodológicos do projeto Filologia Bandeirante. In: MEGALE, Heitor (Org.). *Filologia Bandeirante*, Estudos 1. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 111-131.

COHEN, Maria Antonieta A. de M. Mapa geográfico: apresentação e breve estudo de documento relativo ao caminho para as Minas. *Caligrama*, v.15, p.11-131. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

COHEN, Maria Antonieta A. de M. A busca linguística em sincronias pretéritas do português: questões metodológicas. *Caletroscópio*, v. 3, n. 5, Mariana-MG: Universidade Federal de Ouro Preto, 2015, p. 11-32.

COHEN, Maria Antonieta A. de M. Pelos caminhos de Minas: o português nos manuscritos da Estrada Real. *Caletroscópio*, v. 4, Mariana-MG: Universidade Federal de Ouro Preto, 2016, p. 8-26.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, Diacronia e História: o problema da mudança linguística*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Título original: *Sincronía, diacronía y historia: el problema del cambio lingüístico* (1973). Rio de Janeiro: Presença / São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979. 238 p.

COSTA, Avelino de Jesus. *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*. 3ª Ed. muito melhorada [1977, 1982]. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004 [1976]. 357 p.

CUESTA, Pilar Vazquez; LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática portuguesa*. 3ª Ed. revisada e aumentada. Madrid: Gredos, 1971.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008 [1995]. 762 p.

DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. 5ª Ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970 [1918]. 442 p.

DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª Ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2006 [1983]. Capítulo 10, p. 295-316.

FRANCO, José Eduardo; SILVESTRE, João Paulo. Introdução da edição fac-similada de OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012 [1536]. 247 p.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. Manual para Normalização de publicações técnico-científicas. 9ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014 (1990). 263 p.

GALVES, Charlotte. Sintaxe e estilo: a colocação de clíticos nos sermões do Padre Vieira. In: ALBANO, Eleonora *et al.* (Org.) *Saudades da Língua*. São Paulo: Mercado das Letras, 2003. p. 245-260.

GALVES, Charlotte; BRITTO, Helena; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from Tycho Brahe Corpus. In: *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, 2005, p. 39-67.

GALVES, Charlotte; LOBO, Tânia. Ordem dos clíticos. In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson. (Org.) *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 174-206.

GONÇALVES, Anabela; COSTA, Teresa da. (*Auxiliar a*) *Compreender os verbos auxiliares*. Lisboa: Edições Colibri, 2002. 137 p.

HAUY, Amini Boainain. *História da língua portuguesa I: séculos XII, XIII e XIV*. São Paulo: Ática, 1989. 120 p.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Tradução de Maria Manuela Gouveia Delille. Título original: *Altportugiesisches Elementarbuch* (1933). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986. 418 p.

ILARI, Rodolfo. O português no contexto das línguas românicas. In: RAPOSO, Eduardo Paiva; BACELAR, Maria Fernanda; MOTA, Maria Antónia; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália (Org.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. Capítulo 3, p. 50-66.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. Título original: *Sociolinguistic Patterns* (1972). São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 373 p.

LASS, Roger. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997 *apud* MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 208 p.

LAUFER, Roger. *Introdução à Textologia*. São Paulo: Perspectiva, 1980 *apud* COHEN, Maria Antonieta A. de M. Catarina de Bragança, personagem histórica X Catarina, figura feminina. In: *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, v. 18, n. 22. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1998. p. 89- 105.

LIÃO, Duarte Nunes do. *Origem da língua portuguesa*. Introdução, selecção e texto modernizado por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975 [1606]. 92 p.

LIMA, Cassandra C. *Transcrição de manuscrito seiscentista do português não-literário lusitano para fins de estudos linguísticos*. 66 f. Monografia (Bacharelado em Português com ênfase em estudos linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LOBO, Tânia. A sintaxe dos clíticos. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.) *A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador, EDUFBA, 1996, p. 85-115.

LUCCHESI, Dante. ARAÚJO, Silvana. *A Teoria da Variação Linguística*. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso: 05 Mar. 2017.

MARQUILHAS, Rita. Fenómenos de mudança na história do português. In: RAPOSO, Eduardo Paiva; BACELAR, Maria Fernanda; MOTA, Maria Antónia; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália (Org.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. Capítulo 2, p. 17-44.

MARTINS, Ana Maria. *Clíticos na história do Português*. 628 p. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

MARTINS, Ana Maria. O primeiro século do português escrito. In: *Na nosa lingoage galega: a emerxencia do galego como lingua escrita na Idade Media*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega-Instituto da Lingua Galega, 2007, p. 161-184. Disponível em: http://www.clul.ulisboa.pt/files/ana_maria_martins/MartinsPrimeiroSeculo.pdf. Acesso: Jan. 2017.

MARTINS, Ana Maria. Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino. In: *Estudos de Linguística Galega*, v. 3, 2011, p. 83-109.

MARTINS, Ana Maria. A posição dos pronomes pessoais clíticos. In: RAPOSO, Eduardo Paiva; BACELAR, Maria Fernanda; MOTA, Maria Antónia; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália (Org.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. Capítulo 65, p. 2231-2302.

MARTINS, Ana Maria. Variação sintática no português quinhentista: a colocação dos pronomes clíticos. In: *Estudos de Linguística Galega*, 7, 2015, p. 83-94.

MARTINS, Ana Maria. *Mudanças falhadas no português dos séculos XV-XVII*. Palestra do I ELI – Encontro de Línguas Ibéricas. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2016.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989. 859 p.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *A Carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador: EDUFBA, 1996. 285 p.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e linguísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.) *O Português Quinhentista: Estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA / UEFS, 2002. p. 29-41.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 208 p.

MELO, H Livia de. *O Português lusitano no século XVII: análise da colocação dos pronomes clíticos nas cartas de Catarina de Bragança*. 66 f. Monografia (Bacharelado em Português com ênfase em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Não publicado.

MICHAËLLIS DE VASCONCELOS, Carolina. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Dinalivro – Distribuidora Nacional de Livros, 1946. 441 p.

MIRA MATEUS, Maria Helena. *A Língua Portuguesa: Teoria, Aplicação e Investigação*. Lisboa: Edições Colibri, 2014. 206 p.

MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª Ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2006 [1983]. 1127 p.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.) *Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012 [2004], p. 9-14.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.) *Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012 [2004], p. 15-25.

OLIVEIRA, Fátima de. Tempo Verbal. In: RAPOSO, Eduardo Paiva; BACELAR, Maria Fernanda; MOTA, Maria Antónia; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália (Org.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. Capítulo 15, p. 510-544.

OLIVEIRA, Fátima de. Semântica. In: FARIA, Isabel Hub et al. (Org.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho apud GONÇALVES, Anabela; COSTA, Teresa da. *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares*. Lisboa: Ed. Colibri, 2002. 137 p.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da linguagem portuguesa. Fac-simile*, introdução e edição actualizada e anotada por José Eduardo Franco e João Paulo Silvestre. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012 [1536]. 247 p.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. *Língua Barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. 455 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.) *Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012 [2004], p. 67-71.

PAIVA, Dulce de Faria. *História da Língua Portuguesa II. Século XV e meados do século XVI*. São Paulo: Ática, 1988. 124 p.

ROCHA, Nilzete da Silva. *Clíticos: ingrediente na cozinha portuguesa do século XVII*. 166 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da língua portuguesa: estudos e observações*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Fundação Biblioteca Nacional, 2008 [1908]. Coleção Antônio de Morais Silva, v. 7. 260 p.

SAID ALI, Manuel. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 8ª Ed. revista e comentada pelo Prof. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1969 [1923]. 249 p.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7ª Ed. melhorada e aumentada de Lexeologia e Formação de palavras e Sintaxe do português histórico. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1971 [1931]. 375 p.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012 [2004], p. 147-177.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986 [1952]. 670 p.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sócio-linguística*. 7ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2003 [1985]. 96 p.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Ática, 1990. 208 p.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 6ª Ed. Portuguesa. Tradução de Celso Cunha. Título original: *Histoire de la langue portugaise* (1980). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994 [1980]. 113 p.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Estudos de filologia portuguesa*. Seleção e organização de Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1961. 364 p.

REFERÊNCIAS DAS ILUSTRAÇÕES

Mapas 1 e 4: TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. Título original: *Histoire de la langue portugaise* (1980). E-book Digital Source. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/158086/mod_resource/content/1/TEYSSIER_%20HistoriaDaLinguaPortuguesa.pdf>. Acesso: Jan. 2017.

Mapa 2: MARQUES, António; COSTA, Fátima. *História e Geografia de Portugal - 5º Ano*. Disponível em: <http://hgp-recursos.blogspot.com.br/2008/03/mapa-dos-reinos-cristos-no-sculo-xi_06.html>. Acesso: Jan. 2017.

Mapa 3: GRIGÓRIO, Patrícia. *As guerras de Reconquista e a formação do reino de Portugal*. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/patriciagrigo3/as-guerras-de-reconquista-e-a-formao-do-reino-de-portugal>>. Acesso: Jan. 2017.

Figura 1: BRAGANÇA, Catarina de [entre 1687 e 1692]. *Original Letters of Catherine of Braganza Queen of Charles II*. Manuscripts Department of British Museum. London: Egerton Catalogue, n. 1534, Order SCH 24215. Microfilme.

Figura 2: PEREIRA, Adelina. *Catarina de Bragança, uma rainha a recordar*. Disponível em: <<http://www.adiaspora.com/cronicas>>. Acesso: 05 Mai. 2017.

Figura 3: CATARINA de Bragança, infanta de Portugal. Disponível em: <<http://geneall.net/pt/nome/4078/d-catarina-de-braganca-infanta-de-portugal>>. Acesso: 05 Mai. 2017.

Figura 4: MELO, H Lúvia de. Estátua de D. Catarina de Bragança em Lisboa. Acervo pessoal. Lisboa, 2016.

REFERÊNCIAS DAS ABONAÇÕES em 1.3.1

CORDIAL-SIN – *Corpus* Dialectal para o Estudo da Sintaxe. Disponível em: <<http://www.clul.ulisboa.pt/pt/recursos/24-recursos/361-cordial-sin-corpus-dialectal-para-o-estudo-da-sintaxe>>. Acesso: Jan. 2016

CRPC – *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo. Disponível em: <<http://www.clul.ulisboa.pt/pt/23-investigacao/714-crpc-corpus-de-referencia-do-portugues-contemporaneo>>. Acesso: Jan. 2016.

MARTINS, Ana Maria. *A posição dos pronomes pessoais clíticos*. In: RAPOSO, Eduardo Paiva; BACELAR, Maria Fernanda; MOTA, Maria Antónia; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália (Org.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

C. Pires, *Delfim* – PIRES, José Cardoso. *O Delfim*. Lisboa: Moraes Editores, 1968.

C. Pires, *Hóspede* – PIRES, José Cardoso. *O Hóspede de Job*. Lisboa: Moraes Editores, 1964.

F. Namora, *Adoradores* – NAMORA, Fernando. *Os Adoradores do Sol*.

F. Namora, *Domingo* – NAMORA, Fernando. *Domingo à Tarde*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.

F. Namora, *Homem* – NAMORA, Fernando. *O Homem Disfarçado*. Lisboa: Editora Arcádia.

F. Namora, *Trigo* – NAMORA, Fernando. *O Trigo e o Joio*. Lisboa: Editora Arcádia.

J. Sena, *Sinais* – SENA, Jorge de. *Sinais de Fogo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

L. Antunes, *Fado* – ANTUNES, António Lobo. *Fado Alexandrino*. Lisboa: Edições Dom Quixote, 1989.

ANEXO I: MODO INDICATIVO

VERBOS	FRASES
Abandonar	p ^a outra occazião serei mais larga, abandono vos licenca pois he so o tempo q' vivo o q' fallo com vosco [23]
Abrir	e por essa cauza se permite o q' por nenhua outra, e bem se ve pois se abrem as clauzuras [15]
Acabar	esta observancia tem feito a Corte e não se acabão de admirar da cauza della tirão o excesso do meu Amor p ^a comvosco [61]
Achar	com a penna na mão me acha o vosso enviado elle me tras hũa Carta vossa [81] não me fica outra couza mais que segurar vos que em todo o tempo me achareis sempre tão firme [83] todos o falão, e vos achão rezão em me quererdes mais segura de q' eu aqui posso estar [43] Posto q' me escreve M ^{el} Dias, q' elle vos achõ em Salvaterra nos divertim ^{tos} da Caça [79]
Achar-se	Meu Irmão. Achome com a penna na mão p ^a procurar novas da Raynha [67] e continua em me defender, e proteger, com taõ singulares mostras de affecto, q' me acho empenhada [1] donde estava bem para me fazer raynha e agora me acho prizioneira sem em ter outrem de quem espere refugio [76] pois parece vos não move nem o m ^{to} q' padeço nem o grande risco em q' eu aqui me acho [76] nesta desconsolação me acho não sabendo q' caminho busque para saber de vos [25] mas enganeime, pois me acho so com a falta del Rey [30] Achando grande differença do tempo em q' eu nelle vivi com el Rey q' D's tem ou em q' eu de presente me acho , A D's so devo recorrer [49] e como he tocarme nos olhos, he com q' me acho mais falta de paciencia [61] que eu mando, sandys a significarvos a alegria, gosto e alvorosso, com que me acho na esperança [66] o grande Alvorosso, com q' me acho he inexplicavel e pois eu não tenho forças para vollo comunicar [10] pollo g ^{de} affecto q' sempre vos lembrara, conhecer me nesta materia, com pollo bê servida q' me acho por estes sogeitos [75] ha tres dias q' me acho , com algũa melhoria suposto q' he tão poca q' outra ves, me começo repetir, as picadas [24] não me fica outra couza mais que segurarvos que em todo o tempo me achareis sempre tão firme como Amante Irmãa [83] estes dias, me achei delle, tão maltratada q' o Doutor Mendez, esteve para fazer junta de medicos [24] seguro mayor sossego do q' aqui se acha ou pode ainda esperar pois he ir buscar Amparo [60] he hũ pouco triste p. ^a hũa Molher, q' se acha so, sem Marido e já de todo sem esperança de recorrer [21] q' não he das couzas mais facis do Mundo, o sahir destas partes do Norte, quem em ellas se acha de presente [22] eu me seguro de melhor rezulução q' a de me ver aqui no perigo em que a minha vida se acha asi por falta de gosto [2] eu farei de estar dependente desta Nação a qual de presente se acha com bem q' fazer [43] hũa molher tão desgraciada como eu q' se achava so q' tinha perdido Marido [51] q' ate os soldados naturais delle se achão [--] intereissados e mortos [72]
Acomodar	eu me acomodei em tudo dizendo eu dezejava fazer tanto a viagē q' não reparava nas ceremonias [51]
Acompanhar	nelles vos acompanho , com hũa increivel alegria a qual não se pode manifestar, desta distançia [66] mas não posso faltar a timotheo de faria, por ser dos Portugueses que me acompanharão e me se servio sempre [77]
Aconselhar	e juntamente, saber o q' me aconselha o grande cuidado, q' me significais em todas as vossas eu vos cauzo [35]

VERBOS	FRASES
Admirar	eu disto poco me admiro pois vejo cauza q' ay para isso aD's [3]
	e por esta mesma rezão me admiro de não ouvir o q' vos pareça sobre este particular em quanto me faltão estas noticias [52]
	eu respondi ao Secretario o m ^{to} q' eu me admirava daquelle Message [51]
	Nada disto me dezanima nem desmaya o de q' todos aqui se admirão supondo todos q' vos folgareis de me ver [33]
	o que todo o mundo q' sabe esta verdade se admira que em hũa liga de tantos Princepes Catholicos a Igreja de Inglaterra, se ache em este estado [53]
	mas he hũ risco tão manifesto q' todo o mundo se admira ao q' eu aqui estou exposta [62]
Afastar	pois nos afastamos ambos, mim mesmo, dezejo, de me ver eu na minha Patria, o q' eu sempre tanto dezejei [41]
Afirmar	com o gosto de que vos estais disto tão persuadido como o meu Amor vos affirma , e todos os instantes da minha vida [30]
Afligir	ha quatro ou sinco mezes me chegou hũa de V. Mag ^{de} aqual me magoa tanto, como me affligio pois continha as tristes, novas da infanta minha sobrinha ficar com tantas queixas [46]
Agradecer	e assi vos peço o favoreçais no q' puderdes o q' vos agradecerei com as mais obrigações q' vos dei [70]
	de novo vos agradeço as boas novas queira D's trazellas a boa escreve o [ilegivel] de Sancto Antonio nosso Portugues [81]
Alargar	por eu estar com esta pressa não vos posso, dizer mais p ^a a primeira occazião me alargarei mais [58]
Alcançar	E eu não tenho gosto nem comueniencia de estar em outra parte e isto bem se alcança [33]
Alegrear	se não, por, outras vias e sempre me alegre q ^{do} são, as que dezejo [38]
	p ^a o demais não vos alegre outras rezões pois vos as sabeis todas as q' eu tenho [79]
Amar	Irmã q' vos Ama com todo seu coração [1]
	a boa amizade e união entre estas duas Choroas, q' não sera difficultozo conservar porq' el Rey vos ama m ^{to} de coração [9]
	Ja tenho estado mui dillatada e temo q' em todo. aD's q' vos g ^{de} Abrill 7 do mes Irmã q' sobre tudo vos ama [14]
	Irmã q' vos Ama e vos dezeja ver [52]
	Vossa Irmã q' vos Ama e dezeja ver [56]
	não me demaziando mais q' a pedir vos, q' vos não esqueçais de quem ainda q' auzente vos Ama e Amara sempre [67]
Apertar	estou serto, me não faltareis, com a serteza dotempo, porque tanto vos apertei , me fizesseis, avizo [40]
Apostemar	outra ves, mecomeção a repetir, as picadas, o que me fas crer, me apostemara de novo o peito [24]
Arreponder	eu estou ameaçada q' não ei de escapar desta ves tão bem como da outra pois se arreponderão quando ja era tarde [76]
Arriscar	pois se estiuera na minha mão me arriscara no coração do inuerno a passar os Pireneos, ou embarcarme em nauios cheos de Pintas e febres malignas [33]
Asertar	e com bem imperfeita saude, segurandome q' ninguem me asertera a cura [27]
Assentar	retirarme em quanto, estas couzas se asentão aporta donde ay tanto parentesco, com esta familia Real [60]
Assistir	não me descuidando, de mandar aos Portuguezes, q' aqui me assistem , que quando vos virem rellatem, os meus affectos [11]
	Simão de Souza pobre q' cõ a gota me assiste como pode eu estou tão cançada q' me não posso deter [51]
	A mim me assistio com toda a satisfação e se vio bem como nesta Corte se estimão vossos Menistros [9]
Atrever	se me persuadira q' esta chegara a Lisboa me atreuera a tudo conforme a o dezejo q' tenho de me uer La [33]
	porq' temo se atreva avos escrever a vos, com as mesmas duvidas com q' em minha mesma prezença se atrevo a fallar [61]
Avaliar	e asi vos peço me deixeis cõ as dependencias de q' vivo q' são as de vosso favor, as quais sempre procurarei merecer como quem tão bê as avalia [75]
Avisar	q' he ainda, do Embaixador, o qual espero vem por Caminho conforme vos avizei , quando vos disse [37]
	despois de aver m. ^{to} tempo me faltão Cartas vossas me aviza Simão de Souza o qual esta aqui cõ gota q' não tem nenhũa para mi [48]
Avistar	a Menhaa nos avistaremos e asi do q' ajustarmos, asim eu como elle, vos faremos m ^{to} particular avizo [54]
Bastar	mas bastoume ouvir q' era vosso p ^a lhe dar toda a atenção [61]
	Suponho q'. o faltarem me cartas vossas não he falta de Affecto, e isto me basta por consolação [1]
Caber	a mim so me cabe darvos as graças polla honra que a todos elles fizestes, dezejando, ja mto fazello de mais perto [6]

VERBOS	FRASES
Causar	sempre me deu esta distancia grande penna mas agora me cauza hũa grande distração o não na poder remediar [39]
	ja tereis recebido aminha, em q' vos dizia o g ^{de} gosto, q' me causou a boa nova de vos ter nacido hũ filho [18]
	e juntamente, saber o q' me aconselha o grande cuidado, q' me significais em todas as vossas eu vos cauzo [35]
Certificar	sertificovos , q' eu me não tenho descuidado [33]
Chegar	Despois de me faltarem Cartas, ha quatro ou sinco mezes me chegou hũa de V. Mag ^{de} [46]
	do q' toca a minha pessoa, vos tenho sempre dado conta como vos tereis alcançado se he q' la vos chegão todas [44]
	ja não sei o como me explique se não numerando as e tão bem duvido se vos chegarão la todas [51]
Começar	este mal do braço me começou a 7 de novembro, o primeiro q' entrei, em espanha e por isso nunca vos pude escrever [10]
Comparar	lhe dar toda a atenção, e dezejar não faltar a o q' fosse vosso gosto, q' claro esta se compara com a conciencia [61]
Competir	daime liçensa para q' falle com este zello pois me compete como a mais interessada pollas rezõens q' ja aponteí [30]
Conceder	sobre esta mesma materia vos escrevo largo por hum navio que el rey meu Cunhado me conçedeu so para fazer por mi [11]
Condenar	olhay vos q' ja se falla, em q' eu sou como os outros va[ilegivel] julgaremme e condenamme , o q' não sera mui dificultoso despois de eu estar em hũ castello com guardas [36]
Conhecer	e quantos me conhecem , q' sabem não ha p ^a mi na terra couza q' mais estime q' o Principe de Portugal [61]
	creo são mui bem empregados, vos sabeis isto melhor que eu, pois ha mais tempo, que o conhece [83]
Conseguir	e numca se conseguira se não pollo caminho q' em outras vos tenho apontado [50]
	se vos empenhardes por mi e ordenardes a o vosso enviado em frança he serto o conseguireis [76]
Considerar	q ^{do} de novo oconsidererei , julgei q' toda a parte, q' não he Franca visto não ser Portugal pois aqui me não dão navios [36]
	Bem creo me considerareis nimia, pois tantas vezes vos molesto cõ cartas minhas, mas juntam ^{te} spero me perdoareis [23]
Consolar	este Amor he tão delicado, da menor couza fas g ^{de} reparo, mas consolasse com não achar em si couza q' desmereço [1]
Constar	pois me são tão gratas quando, me consta se vem boas as minhas são viver de esperanças [74]
	Meu Irmão. Simão de Souza me manda dizer q' polla q' recebeu do correo lhe consta q' vos me escreveis [72]
	pois vos q' estais de longe, não vos consta o como eu aqui estou [21]
	pois, isso, sabeis vos e vos consta , q' eu o não sei [21]
	estou em suas Mãos salvo se vos me puderdes livrar, o q' eu bem sei vos fizereis, se vos constara o Meu grande risco [36]
Contar	espero, que desta ves mo faça mais singular que em nenhũa outra asi o contarei eu se lhe derdes credito [71]
	o segundo q' se contou deste mes me trouxe o secretario de estado por nome Conde de Nothimgão hũ recado [51]
Continuar	como o passar com a dieta de leite sem outra mais continuei ya 15 dias e nos ultimos se me enfraqueceu o estomago [53]
	neste não vos poderei, dar, essa informação, pois me continua ainda o mesmo mal [24]
Convir	Portugal he so o q' me convem , mas isto não podera ser se vos não mandardes Navios bastantes para me levarem [43]
Correr	hũ empenho mais particular me corre com elle, pois o desacomodei, tirando o de xabregas, adonde elle estava [77]
Crer	este Rey dis q' vai em pessoa a Irlanda, pocos o crem se for asim, Mayor confuzão ha de ser [76]
Criar	se bem o Amor de huã Irmãa q' vos Criou em seus bracos, pareçelhe q' sempre tem q' dizer [1]
	Manoel pereira he sogeito de boas partes, criouse no serviço de nossos Pays [63]

VERBOS	FRASES
Dar	he q' estas considerações são mui Melancolicas e sertas e q' me da g ^{de} penna verme no risco [19]
	pois he a reallidade do negoço, so o tratallo e por isso depende de vos, o q' ami me da hum grande Animo [28]
	vos sabeis bem que o contheudo della e para mi de tanta alegría, pois me da esperanças de vos ver [81]
	salvo de acompanhar nella, com sempre fazer a el Rey cujas molestias me dão mais cuidado q' as minhas [63]
	O enviado Joseph de faria, me deu a vossa carta, e com ella tive o gosto, q' sempre com boas novas [69]
	sempre me deu esta distancia grande penna mas agora me cauza hũa grande distração o não na poder remediar [39]
	e em Ambos me faltou carta vossa o q' me deu penna, pois sempre as espero com alvorosso [42]
	Hontem me deu boa occazião de penna e me deixo de modo [61]
	e me deixo de modo, q' não pode el Rey, e a Corte toda deixar de alcançar a grave q' me deu [61]
	mas elle me fallou com hūs termos tão alheos do q' minhas respostas merecião q' me deu occazião apena [61]
	espero q' vos me dareis este, pois so podeis com boas novas vossas de q' depende toda a minha consolação [15]
	eu estava de Cama, por aver estado dous dias antes tão mal de hũas dores q' me derão tão fortes e continuas [47]
	cujo procedimento, nesta terra corresponde ao bom caractere q' vos delle me destes na q' por elle me escrevestes [57]
	mas q' numca pude acabar com el Rey me desse Navios prometendo me mos daria no Inverno [51]
	he serto q' elle os da a Vossa Cunjada, a Raynha de Castella o q' eu sei he q' eu os procuro com o mesmo afinco [56]
	Novas daqui não nas dou asi por não ser Novelleira [18]
	q' lhe fazem ca g. ^{de} falta para se defemderem do g ^{de} poder del Rey de França, q' lhe da aqui g ^{de} cuidado [19]
	são os continuos Allaridos q' ha minha porta estou ouvindo todas as vezes q' ao povo lhe da na cabeça queimar ao Papa [18]
	cõ todo o Affecto vos dou as graças, do q' tivestes q ^{do} mandastes ao Duq' q' fallase ao embaixador nos meus particulares [50]
	mui particularm ^{te} vos dou as graças por me dizer o vosso enviado [68]
	junto com os parabems, vos dou o agradecimento dellas [16]
	Outra ves vos dou as graças polla licença q' destes ao Conde de Castel [65]
	em todas as vossas eu vos cauzo eu vos dou Muito Amorozas, graças por elle e pezame infinito, não poderes remediar [35]
	este se não pode agora diminuir conforme esta relação q' vos dou pois he serto estiveme detendo [52]
	recebi hũa vossa, polla qual vos dou graças, polla ternura, q' mostras terdes de mim [59]
	A Minha chegou poucos dias hũa vossa polla qual vos dou muitos agradecimentos [42]
	o tempo q' vos tendes hũa f ^a q' parece de D's vos deu p ^a estes tempos p ^a a fazerdes hũa g ^{de} Princeza [26]
	e assi vos peço o favoreçais no q' puderdes o q' vos agradecerei com as mais obrigações q' vos dei [70]
	pois me continua ainda o mesmo mal, do peito, de que, ja em outra vos dei conta [24]
	a outra em q' ja vos dei conta como vinha p ^a o Castello de windsor, em o qual estou ha quase hũ mês [49]
	na ultima q' uos escreui como vos colhereis pollos numeros, uos daua conta do recado e termos, q' este Rey tinha tido [36]
	Antes Desta chegara, la M ^{el} Dias e vos dara da minha parte, as forçozas rezões, q' desta ves, tive [73]
hum Principe, tão dezejado e de que tanto necessitava a este e a outros mais que eu espero o Ceo vos dara [16]	
allomenos sendo Catholica se me a mi não coubera parte nisto, não vos dera esta conta [42]	
brevemente vos darei conta que he estar alojada em caza de hũ Boticario adonde tenho, hũ passeio de Arvores [53]	
em breves horas ja tomarei a rezulução q' puder tomar e asim vos darei conta della [54]	
não sei o effeito q' produzira do q' for eu vos darei conta [72]	
dou vos as graças com toda a affeição [81]	
douvos as graças pollo primeiro gosto brevemente espero darvolo, pollo segundo [66]	

VERBOS	FRASES
	Meu Irmão dou vos as graças pollo grande cuidado que me significais [43]
Declarar	quando esta la chegar saberei mais particularmente vosso intento pois insinuandomo tantas vezes numca vos declarais [42]
Defender	eu me defendi o melhor, q' pude, com a força edireito, da minha rezão, q' nestes tempos, he o peor q' se pode allegar [36] D's sabe em q' vira a dar por os Animos estarem mui asesos contra mim e faltarme quem em outra semelhante me Defendeu [45]
Deitar	para mi consolação he g ^{de} ver as m ^{ias} benções q' me deitão , milhões de pessoas q' comungão cada dia nella [59]
Deixar	Hontem me deu boa occazião de penna e me deixo de modo, q' não pode el Rey, e a Corte toda deixar de alcançar a grave q' me deu [61] sendo q' em tão tinha eu hũ bõ Amigo, q' D's me tirou e me deixou so [36] e assim so com vos me deixou a quem compete fazer o q' elles não puderão por desgraça e não culpa [76] A vossa ultima de 14 de Novembro me deixou com cuidado pois vos quexais de hũ catarro espero em D's tenha passado [18] Obrigadissima me deixais com a vossa Affectuouza lembrança, posso bem segurar, q' o meu g ^{de} Amor a merece tanto [78] Ainda ardo cõ medicamentos m ^{to} molestos, e com repetições de frios e febres de 15 ou dezaseis horas, q' me deixão m ^{to} debilitada [15] mas com tudo o q' não tem remedio como já vos deixo apontado, não ay mais q' resolver [14]
Desacomodar	hũ empenho mais particular me corre com elle, pois o desacomodei , tirando o de xabregas, adonde elle estava [77]
Desanimar	Nada disto me dezanima nem desmaya o de q' todos aqui se admirão supondo todos q' vos folgareis de me ver [33]
Desejar	Saudades ainda não he partida, não he m ^{to} pois eu o dezejo tanto oje [23] Meu irmão. Ouvindo q' não tendes a melhoria q' vos dezejo faço esta [65] espero que esta vos ache com a boa saude que vos dezejo [12] segurovos nunca mais q' agora me dezejei , de mais perto, p ^a pessoalmente vos dar as graças [30] adonde iulgão q' ay que, eu e os q' me dezejo bem asas folgarão, de me ver em parte que eu não correse risco [43]
Desempenhar	constandome q' se a occazião o permitisse, se dezespenharia , mui bê do q' ao q' se obrigava [57] espero não desmereça, por me ter servido mais particularm ^{te} e segurovos q' se dezespenhara bem do em q' o ocupardes [63]
Despedir	por isso me despeço dezejandovos todas as felicidades possiveis sempre [68] vive mais cortes p ^a comigo de q' se despediu e a outra he quasi atravessar toda a Alemanha [72]
Deter	para isto espero cada dia novas vossas, e tardão não sei donde se detem , so sei q' me não chegão [53] em rezão de todo o Mundo estar em guerra, não me detenho mais [54] outra ves vos lembro q' por todo junho he bê eu esteja embarcada não me detenho mais [6] o q' me Obriga a dizer isto he q' não julgueis vos polla detença q' eu tenho mudado de rezolução pois vos digo o q' medetê [7] porq' não são emtertinimentos os q' me detem [56]
Dever	eu multiplico as vias p ^a asi vos obrigar, a q' por ambos me restituais o q' me deveis q' estamos ca ainda em quaesma [82] a Cortezania del Rey França e de todo este Reyno he estranha p ^a comigo o q' tudo vos devo a vos [8] he a cauza q' o vento lhe he contrario, mas p ^a vos agradecer o m ^{to} q' vos devo não he necessario q' elle aqui chegue [79]
Difícultar	el Rey Guilherme o difficulta , sendo tão inconsideravel, q' lhe não pode ajudar as suas despezas, e ami, fas me falta [7]
Dilatar	quando estiver mais aliviada e espero sera brevemente me dillatarei mais [59]
Ditar	fazendo disso sempre particular estado, com a minha inclinação me dicta segurando vos dos Afectos de hũa I Amante [63]

VERBOS	FRASES
Dizer	eu digo vos não sei o q' ha de ser de Mi tão Afrita [19]
	Dizemme , q' ay varias embarcações, q' vão para esse Reyno [32]
	mas ja vos digo ariba, a posta não he vinda e cõ os tempos de q' fallo se retardão muito [3]
	isto vos digo porq' vos e a Raynha vossa molher entendais [17]
	tudo isto vos digo porq' se me suceder algũa couza não me condeneis [21]
	que irais ponderar o q' da outra banda desta vos digo e q' considereis, cõ madureza q' estas occaziões não vê [25]
	vos torno a repetir o q' na primeira vos digo , segurandovos a minha vontade estar prompta [28]
	Meu Irmão isto vos digo p ^a vos agradecer o q' então fizestes, por mi [36]
	Cae neste dia em que eu espero as boas novas que vos digo , pois he o dia q' o Correyo as pode trazer [37]
	nem sempre se faz isto q' vos digo todos o falão, e vos achão rezão em me quererdes mais segura [41]
	por isso vos digo que se vos virdes sem cartas minhas não me culpeis [53]
	e por o enviado, não estar aqui, q' ja vos digo esta em Londres, a Menhaa nos avistaremos [54]
	para qualquer dos males he esta terra bem ma, sempre vos digo vos so me podeis curar [65]
	e por acabar cõ as devoções todas por hũa ves vos digo q' amenhãa vou a Arabida [78]
	não julgueis vos polla detença q' eu tenho mudado de rezolucão pois vos digo o q' medetê [7]
	comforme vos avizei, quando vos disse dera conta a el Rey Meu Cunhado [37]
	e asim torno outra ves as esperanças, que ja vos disse de avizo [37]
como ja em outra vos disse fora de Londres em hũa cabana q' aluguei [52]	
Meu Irmão, quando esta la chegar ja tereis recebido aminha, em q' vos dizia o g ^{de} gosto, q' me cauzou a boa nova de vos ter nacido hũ filho, queira D's q' a este se ajuntem outros [18]	
sinto tanto o cuidar nisto, q' he a rezão q' vos dizia estar cançada, mas em tudo devemos recorrer aD's [59]	
se eu tivera mais tempo, vos dissera , a Cortezania, e [cere]mia, com q' aqui me receberão [64]	
so vos direi q' eu estou alojada no Palacio do Papa, o qual o vice legado me Offereceu [64]	
Meu Irmão. Depois de ter feito esta me dizem q' algũs dos navios q' acompanhão a Raynha hão de chegar a Lisboa [19]	
A el Rey meu Cunhado fis presente o q' na vossa me dizeis [29]	
tão bem me dis a Infanta minha sobrinha, andava ainda achacadinha [48]	
Duplicar	para vos fazer esta, se me duplicão as rezões pois a primeira e a principal, para mi, he sempre o desejo de boas novas [14]
Empenhar	naquelle tempo tive o principal por mi, como foi el Rey q' D's tem o qual se empenhou , como se vão a me Patrocinar [36]
Empregar	salvador Taborda vos tera ja dado conta, de q' eu o Empreguei a elle mesmo, esperando, o seu Characterere [33]
Encarregar	e por esta cauza so me fica q' vos dar conta da minha saude q' de mais nem me emcarrego [3]
	e basta o mesmo portador tera dado conta, de que lhe e'ncorregei [31]
	a el Rey disse o q' vos me encarregasteis elle o estimou muito, e a Nação pois sabẽ a p ^{te} q' eu tenho [41]
	Manoel Dias dis sobre isto algũa couza, porq' todos lhe encarregão , emtendendo ser mui urgente, o q' lhe eu mando [37]
Encomendar	pouco tenho q' dizer, pois não sei aq' resposta, so o faço no geral em que vos sempre me emcomendais [3]
Encontrar	as deste reyno eu as não sei p ^a as dar e vos encontrareis com melhores rellatores do q' eu sou [49]
Enfraquecer	como o passar com a dieta de leite sem outra mais continueiya 15 dias e nos ultimos se me enfraqueceu o estomago [53]
Enganar	não cuidava eu que na liberdade em q' D's me pos me avia de vir nenhum outro bom effeito q' o de vossa companhia mas enganeime , pois me acho so com a falta del Rey [30]

VERBOS	FRASES
Entender	e o q' me faz mais serto de que vos me entendeis he q' ja vollo tenho manifestado [14]
	creo eu, q' se vos asi o entendereis q' não me avieis de deixar perecer [62]
	e todo o Mundo se Maravilha de lho vos não pedirdes pois se entende q' esse sera o Modo p ^a elle o Conceder [62]
	ja se entende q' eu so fallo dos meus particulares q' o vir el Rey ontem fazer me hũa vizita [47]
Enternecer	e de outra parte bem me enternece a falta q' pode aver [59]
Escolher	e agora se offerece a melhor e a mais ditoza pois el Rey o escolheu para a companhar a Raynha minha minha Irmaã [80]
Escrever	a Infanta minha sobrinha me escreve , mas como vos fazeis m ^{ção} della, na vossa vos peço, queirais fazer, o mesmo agora [16]
	Meu Irmão Posto q' me escreve M ^{el} Dias, q' elle vos achõ em Salvaterra nos divertim ^{tos} da Caça [79]
	Simão de Souza me manda dizer q' polla q' recebeu do correo lhe consta q' vos me escreveis por hũ navio q' ainda ca não chegou [72]
	nesta terra corresponde ao bom caractere q' vos delle me destes na q' por elle me escrevestes , quando aqui chegou [57]
	o eleitor Pallatinno, me escreveo a mi e mandou pedir a el Rey Meu Cunhado, Armada p ^a conduzir a Raynha de Portugal [14]
	sobre esta mesma materia vos escrevo largo por hum navio que el rey meu Cunhado me çonçedeu [11]
	Comforme otempo em que vos escrevo julgai vos os meus alvorossos, Com hũa esperança tão bem fundada [37]
	he a segunda q' nesta occazião vos escrevo , sendo q' no tempo prezente, me não da minha penna fuga a fazer esta [61]
	Por via do Marques vos escrevo , e o torno a repetir por via de Gaspar de Abreu [82]
	ia vos escrevi mais largamente pello correo, mas agora se offereçe occazião de Navio [28]
	na ultima q' uos escreui , como vos colhereis pollos numeros, uos daua conta do recado e termos q' este Rey tinha tido [36]
	oito dias há vos escrevi de Leão, e depois de o ter feito me trouxe, Manoel Dias hũa vossa [64]
eu não sei ainda formalm ^{te} tudo o q' se tẽ passado nesses negoçoos e principalm ^{te} no ultimo sobre q' vos escrevi [79]	
ja la vos tera chegado a ultima que vos escrevi , da data de 7 de Abrill [2]	
Escuzar	este Rey daqui tinha me prometido navios ja se me escuzou q' mos não pode dar [76]
Esmerar	em o q' toda a minha vida me esmerarei fazendo disso sempre particular estado, com a minha inclinação me dicta [63]
Esperar	dezejando sempre novas vossas, agora as espero com muita mayor impaciência [11]
	e em Ambos me faltou carta vossa o q' me deu penna, pois sempre as espero com alvorosso [42]
	quando elles satisfazem a sua obrigação com o modo q' delles se espera [9]
Esquecer	no Melhor dia que para mi a no Anno, do qual sempre me lembrei, e sei numca me esquesera , que he o de vossos Annos [37]
	desta dinstância ja me esquecia , que eu mando, sandys a significarvos a alegria, gosto e alvorosso, com que me acho [66]
	esqueceume dizervos q' o Papa he o padrinho [5]
Estimar	asi pollo dezejo q' eu tinha de ver a Meu Irmão e Patria, q' me estimavão e lhe não pezaria de me ver [51]
	segurovos que o Mundo sabe avaliar o que vos eu mereço taõ bẽ que não ficareis da perda em mostrar que o estimais [11]
	a el Rey disse o q' vos me encarregasteis elle o estimou muito, e a Nação pois sabẽ a p ^{te} q' eu tenho [16]
	Eu o estimei m ^{to} pello bem q' em toda a occazião me tem servido, segurandome q' todo q' a mi se fas vos pertence a vos [68]
	A mim me assistio com toda a satisfação e se vio bem como nesta Corte se estimão vossos Menistros [9]
Falar	mas elle me fallou com hũs termos tão alheos do q' minhas respostas merecião [61]
	todos o falão , e vos achão rezão em me quererdes mais segura de q' eu aqui posso estar [41]
	eu espero, de vos me queirais ajudar, e de todo não dezemparrar, olhay vos q' já se falla , em q' eu sou como os outros [36]

VERBOS	FRASES
Faltar	se ele me conserdera o poder dillatarme mais eu o fizera mas ja me falta a respiração, ficandome so para vos pedir novas [2]
	pois he so o que me pode ficar quando me falta , o único e grande de vos ver [5]
	pois vem q' não so me falta o Apoio de el' Rey q' D's tem, e q' tanto eu tão seguro da outra ves [36]
	mas como isto não he practicauei e as Assistencias q' depemdem dos outros me faltão , não me fica mais q' as esperanças [33]
	despois de aver m ^{to} tempo me faltão Cartas vossas me aviza Simão de Souza o qual esta aqui cõ gota q' não tem nenhũa [48]
	he so o refugio q' me fica Novas vossas me faltão e Minhas não sei como vollar envie, pois estes tempos empedem tudo [49]
	e por esta mesma rezão me admiro de não ouvir o q' vos pareça sobre este particular emquanto me faltão estas noticias [52]
	asim como vos me faltais nisso o que eu muito estimo propondeme algũ meyo q' pode ser q' vos ocorra melhor q' ami [41]
	Por via do Marques vos escrevo, e o torno a repetir por via de Gaspar de Abreu, por ambos me faltastes com duas regras [82]
	e nellas vereis o q' vos tenho escrito hũa ves q' se me faltou a o respeito não tenho mais q' esperar [51]
	lembraivos que eu não tenho da minha parte faltado despois que me faltou el Rey de vollo pedir [11]
	q' me tenho achado sempre mal despois q' el Rey me faltou , o q' so vos podeis neste mundo curar [68]
	achei q' o tinhão embargado, por 40 dias, e pois este me faltou , q' eu cuidava a ser o caminho mais breve e seguro [40]
	os dous ultimos Correos chegarão, e em Ambos me faltou carta vossa o q' me deu penna, pois sempre as espero [42]
esta ternura espero numca me faltareis com ella [29]	
não sei se chegara la, porq' ainda lhe falta Castella q' he o de q' me não temo menos [40]	
Fazer	el Rey Guilherme o difficulta, sendo tão inconsideravel, q' lhe não pode ajudar as suas despezas, e ami, fas me falta [7]
	o grande dezejo q' tenho de vos ver me fas parecer a occazião mui propia [14]
	e a vossa memoria esta em mi tão presente, p ^a me tirarizar, o de q' me não queixo, q' suposto me fas padecer [23]
	outra ves, mecomeção a repetir, as picadas, o que me fas crer, me apostemara de novo o peito [24]
	e nestas revoluções e soidam, em q' me eu acho, cada hora me fas necessitar mais dellas [42]
	e o q' me faz mais serto de que vos me entendeis he q' ja vollo tenho manifestado [14]
	lembrai vos q' somos filhos de hũ Pays, e May, q' a minha desgraça, me fes so e em terra estranha [76]
	nesta materia me não dilato polla ter por [superllva] conhecendo a justiça q' me fazeis [58]
	dou vos as graças com toda a afeição, pois me fazeis a justiça de reconhecer que o meu affecto, que nemhũa couza o satisfas se não so a nossa companhia [81]
	q' não permitem dilacões, não mos diminuindo a grande violencia q' a mi mesma me faço vivendo aqui [2]
	o Poder oje esta na mão, daquelles, q' ja me fizerão conspiradora contra contra el Rey q' D's tem [36]
	pois isto he melhor para vos pois vos fizera timido e outro fora para mi q' me fizera mais venturoza [76]
	com a serteza do tempo, porque tanto vos apertei, me fizesseis , avizo [37]
	passar a França a beber as Agoas de Borbon, q' são da mesma Calidade de aquellas q' aqui me fazem bem [60]
	agora q' acho algũ bom effeito destas medecinas o faço p ^a de todo o confirmar, segurandovos q' as vossas espero [4]
	agora o faço , segurando vos que empregais os vossos affectos em quem os sabe avaliar [67]
	pois eu não vinha em estado de o fazer por mão propia, ainda agora o faço com tanta difficultade [8]
	pouco tenho q' dizer, pois não sei aq' responda, so o faço no geral em que vos sempre me emcomendais [3]
	por seu enviado a Castella me pede lhe esta, eu o faço com boa vontade, por ser elle, Cavalhero [83]
	e sendo esta a rezão que o faz tanto mais moço que eu, e juntamente me emcarregar delle [77]
asi que ouve occazião de vos dar esta não melhor conta de mi, o fis queira D's chegue a vossa mão [41]	
são ambas necessarissimas, p ^a se viver nelle, principalm ^{te} q ^{do} a distancia das couzas as fas mais apeteciveis [23]	
polla data desta vereis o donde a faço pois aqui estou, ainda neste Castello [44]	

VERBOS	FRASES
	se a minha saude me dera licença p. ^a proseguir o fizera mas venho de hũa jornada dillatada e o não posso fazer [30]
	se ele me consedera o poder dillatarme mais eu ofizera mas ja me falta a respiração [2]
	s q' eu o Empreguei a elle mesmo, esperando, o seu Charactere, o faria mais , afortunada q' o Meu Official [33]
	não tenho mais de q' uos dar conta pois uolla tenho dado de tudo o q' tem passado e asi o farei do mais q' for sucedendo [33]
	nem sempre se faz isto q' vos digo [43]
	segurandome q' todo q' a mi se fas vos pertence a vos pois he o por onde me vê [68]
	não he cumprimentos o por onde se fazê as couzas [50]
	a juntas q' se fazião no meu Palacio e q' com a minha assistencia não era decorozo fazeremsse exames tão apertados [51]
	q' navios numca cà mais este governo mos ha de dar q' não podem mandarem nos tão longe q' lhe fazem ca g ^{de} falta [19]
	desde agora começo a fazello, dandovos as graças, asi do q' tendes feito por mi como da Merçe q' lhe fizestes a elle [79]
	eu em todas as occaziões q' posso, vos faço saber de mi, e com o mesmo cuidado procuro novas vossas [53]
	esta vos faço por não perder o costume, q' tenho de o fazer por todas as ocaziões, q' se offerecem [47]
	esta vos faço de Londres para adonde ha dous dias q' cheguei q' procurando o ir me p. ^a Portugal [20]
	em tal conjectura D's vos fes esta m ^{so} de livrar a hũ Principe q' estava embaraçado como os demais [25]
	Na outra vos fis mção, e asi q' considerando tudo o aprincipal cauza q' he a do serviço de D's [75]
	pois el Rey so por isso espera p ^a aprestar os Nauios como por varias vezes, vos fis presente por mi [37]
	e toda a Nação e no meu particular se mostra da mesma sorte q' ia vos fis a saber na minha ultima [29]
	mas asim q' eu mudei de opinião vollo fis a saber com a brevidade, que eu pude [40]
	ate o tempo, q' agora volla fiz mandando hũ Portugues o qual ainda asi achou tanto difficuldade asi aqui como em França [40]
	pois isto he melhor para vos pois vos fizera tímido e outro fora para mi q' me fizera mais venturoza [76]
	a Menhaa nos avistaremos e asi do q' ajustarmos, asim eu como elle, vos faremos m ^o particular avizo [54]
	bastava o saber foi vossa o marques q' parte pa esse reyno vos fara presente o estado ê q' ficção as couzas deste [69]
	porq' vai correndo o quarto mes q' a tenho perdida, e estive em gravissimo perigo da vida, como creio se vos faria avizo [15]
	Do estado das couzas deste reyno, tereis alcansado tudo, se se vos fazem avizos como conuem [15]
	e como este he tão grande e agigantado ficção lhe as esperanças mui seguras de que vos não detereis [11]
	e por esta cauza so me fica q' vos dar conta da minha saude q' de mais nem me em carrego [3]
	com este seguro me fica a esperanca de vos ver [13]
	Não posso deixar de vos manifestar o gosto, que me fica , de ouvir, que tendes melhoria [27]
	eu mandei hũ memsageiro, tão fiel, não me fica , mais que dizer se não o segurarvos a penna grande que tive [31]
	as Assistencias q' depemdem dos outros me faltão, não me fica mais q' as esperanças [33]
	despois de vos ter dito isto não me fica mais q' dizer q' esperar esta avizo [40]
	A D's so devo recorrer pois em este aperto, e soledad he so o refugio q' me fica [49]
	estas e ambas depemdem de vos q' he a esperança q' me fica [50]
	despois de vos dizer isto, não me fica outra couza mais que segurar vos que em todo o tempo me achareis sempre tão firme como Amante Irmaa [83]
	e se chegara esta dita não me fica outra q' dezejar, se não occazião de vos servir com ella [69]
	se eu for tão ditoza q' possa alcançar esta felicidade, não me ficara nada q' envejar aquelles q' considerão q' logrão as mayores q' o mundo pode dar [75]
Ficar	
Fundar	esta speranca q' he o que da Allento a minha vida que tão bem se funda no vosso [27]
Furtar	mas este Rey sabio, furtoulhe a volta e elle he o q' sabe tudo [25]
Governar	segurai vos vos q' o mundo ainda q' g ^{des} Princeses não se governa se não por interesses [50]

VERBOS	FRASES
Grangear	q' eu me ouvesse de dezalojar da unica caza q' eu tinha em Inglaterra a qual o Meu Dote me grangeou e q' el Rey era a melhor testemunha q' eu tinha [51]
Haver	e he so o Caminho, outro Nenhũ não no ha , seguraivos q' navios numca cà mais este governo mos ha de dar [19]
Honrar	por essa Cauza Meu Cunhado o honrrou m ^{to} com a mais Corte aD's [65]
Impedir	Meu Irmão. O Andar estes dias de purgos e sangrias me empediu o procurar novas vossas de Mão propia [4]
	não querendo perder o direito de Inglaterra nẽ desgostar a que dava os Navios me impedio a ocazião sem me dar outra [51]
	Manoel Dias vos tera já dado conta, das rezões que eu tive, e' me impedirão a jornada, tão dezejada de mim [31]
Impor	estes serviços mos tem feito ademonstrações a q' me não obrigarão a te goso q ^{tos} aleives me impuzerão meus inimigos [61]
Insinuar	hũ recado da parte deste Rey Guilherme em o qual me insinuava o dezejo q' eu sahisse desta minha mesma caza [51]
Ir	a minha he bem e por essa cauza sou tão breve, que me vou , respirar, ao Campo, de quando em quando [12]
	naquelle tempo tive o principal por mi, como foi el Rey q' D's tem oqual se empenhou, como se vão a me Patrocinar [36]
	tenhais hũa pequinina de paciencia ate eu estar mais forte, pois se me vai a vista dos olhos [10]
Jactar	e seu Pay perdeu a vida na persecução passada so polla fée, elle se jacta de favores vossos [83]
Julgar	pois asi me he bem conte, como os mais me julgão despois da perda del Rey q' D's tẽ [14]
Lembrar	outra ves vos lembro q' por todo junho he bê eu esteja embarcada não me detenho mais [6]
	eu por mi confego q' he hũ dos g ^{des} obsequios q' me podeis fazer, não so pollo g ^{de} affecto q' sempre vos lembrara , conhecer me nesta materia, com pollo bê servida q' me acho por estes sogeitos [75]
	Cae no melhor dia que para mi a no Anno, do qual sempre me lembrei e sei nunca me esquesera [37]
	não lhe contentando nada que e fora da sua Patria, sendo que della nada lhe lembra , em rezão de sair della tão piqueno [77]
Livrar	se isto me procurardes sera a mayor obrigação q' creatura mortal, pode fazer a outra, pois a livra dos Mayores riscos [21]
Magoar	ha quatro ou sinco mezes me chegou hũa de V. Mag ^{de} aqual me magoa tanto, como me affligio [46]
Mandar	e pella vossa colho recebestes as noticias q' vos eu mandovos o tempo que o intentava [40]
	todas as vezes q' posso alcanssar ocazião segura vos mando novas minhas segurandome q' vos mereçe o meu Amor [39]
	despois de ter esta serrada me manda hũa vossa, o vosso ultimo enviado [40]
	Neste instante q' são nove horas da Noute, me manda o vosso enviado hũa Carta vossa de Londres [54]
	Meu Irmão. as boas novas, q' me mandastes , por Jaques da Costa, forão de tão grande gosto para mi [16]
	esta boa nova q' me mandastes de terdes hum f ^o ainda o foi mais pois encontrou com a prohibição em França [21]
	pois aqui me não dão navios nẽ vos mos mandais em toda a outra p ^{te} do mundo [36]
achara em vos o agrado q vos mereçe el Rey q' o manda , q' certo he m ^{to} , pollo m ^{to} q estima vossa boa amizade [1]	
Manifestar	naquela occazião vos manifestei ao largo o que por vezes vos tenho representado, e faltandome a vossa reposta effectiva, o torno a fazer [2]
	e a verdade, cada dia se manifesta mais seu Animo e Affecto p ^a comigo [15]
Maravilhar	se não por vosso meyo, para com el Rey de França e todo o Mundo se maravilha de lho vos não pedirdes [62]

VERBOS	FRASES
Merecer	Vai este enviado p ^a residir nessa vossa Corte, achara em vos o agrado q' vos mereçe e'l Rey q' o manda [1]
	e não cuido vos mereçe pouco pello g ^{de} . empenho, q' tem mostrado, e continua em me defender [1]
	q' as vossas espero com aquella realidade e impaciência q' o vosso Amor me segura e o meu vos mereçe [4]
	porque me prometo me aveis de defferir com toda a brevidade, conforme a o meu desejo, e a o que meu Amor vos mereçe , e como este he tão grande e agigantado [11]
	bem vos mereçe a minha Amoroza affeição esta ternura espero numca me faltareis com ella [29]
	todas as vezes q' posso, alcanssar ocazião segura vos mando novas minhas segurandome, q' vos mereçe o meu Amor [39]
	peçovos q' considereis esta verdade consultandoo so com o muito q' o meu affecto vos mereçe [2]
	peço vos tudo considereis, com o vosso Juizo, e affecto, q' o meu bem vollo mereço , e se me não derdes o gosto [14]
eu sou de opinião elle o mereçe por aver dado mui boa conta de si [70]	
posso bem segurar, q' o meu g ^{de} Amor a mereçe tanto asi q' passando Otem pellas vossas jenellas estive p ^a Arribar [78]	
Meter	esta liga protestante, espera o fortalecersse, com Calumnias e aleives, em os quais nos metem a todos [37]
Molestar	Bem creio me considerareis nimia, pois tantas vezes vos molesto cõ cartas minhas [23]
Mostrar	O Amor e cuidado, q' me mostrastes em mandardes o vosso expresso foi, e so podia ser o unico allivio [29]
	e toda a Nação e no meu particular se mostra da mesma sorte q' ia vos fis a saber na minha ultima [29]
	na saude tão debil o tempo, espero, vos mostrara a verdade [15]
Nascer	estando com a penna nao mão, me veyo el Rey Meu cunhado, a convidar, para q' eu fosse, a bautizar ser Madrinha de hũ filho, que lhe nasceu otem, queira D's guardallo [5]
Negar	este Rey não segue esse estillo p ^a comigo pois duas vezes me negou ja o tomar agoas e o passar p ^a a minha Patria [22]
Obrigar	o q' me Obriga a dizer isto he q' não julgueis vos polla detença q' eu tenho mudado de rezolução [7]
	se a occazião o permitisse, se dezempenharia, mui bê do q' ao q' se obrigava por ser pessoa de honrra e esforço [57]
Ocupar	se vos parece q' excedo os limites tomando vos este pouco tempo q' estas regias vos occupão [67]
Oferecer	ia vos escrevi mais largamente pello correo, mas agora se offereçe occazião de Navio [28]
	e nunca teve a dita de em esse mesmo ir com ella a Portugal por falta de occazião, o de que elle sempre teve grande penna e agora se offereçe a melhor e a mais ditoza [80]
	esta vos faço por não perder o costume, q' tenho de o fazer por todas as occaziões, q' se offerecem [47]
	vereis por ellas q' em todas as occaziões, q' se offerecerão não tenho faltado [50]
	despois de procurar novas vossas não se me offereçe q' vos dizer [22]
	esta occazião, se me offereçe e não ha outra por onde vos eu possa dar novas minhas [76]
so vos direi q' eu estou alojada no Palacio do Papa, o qual o vice legado me Offereceu e despejou de proposito [64]	
Ouvir	Vai Gaspar de Abreu, e deixa nesta Corte m ^{lo} bom nome, pollos boñs termos com q' se ouve com todos [9]
	q' o vir el Rey otem fazer me hũa vizita a qual de parte a parte se ouve com toda a seremonia [47]
	nem por todos os caminhos se ouve outra couza q' huã tão g ^{de} furia contra mi [45]
Pagar	e particurlamente na vossa ultima que tendes de mi, segurovos que eu vollo pago , com a mesma affeição [43]
Parecer	se bem o Amor de huã Irmã q' vos Criou em seus bracos, pareçelhe q' sempre tem q' dizer [1]
	e França facillita muito isto, não se lhe opondo, ajudando a tudo q' lhe parece pode promover a restauração [41]
	espero q' o meu Amor, achara em vos desculpa se vos parece q' excedo os limites tomando vos este pouco tempo [67]
	as quais não sei se impute aos Annos se ao poco gosto pois me parece leva a mayor p ^{te} [69]
	e a outra, he mais particular, minha, e me parece requere algũa consideração [14]
se não pollo caminho q' em outras vos tenho apontado O qual so me parece pode concluir as duas couzas [50]	

VERBOS	FRASES
Pedir	peçovos q' considereis esta verdade consultando so com muito q' o meu affecto bem vos merece [2]
	peçovos me deis hūas Amorozas lembranças a V ^{ra} e minha sobrinha [4]
	e maes para vos agradecer, o vosso Affecto e tudo, q ^{to} vos fazeis, por mi, peçovos , tenhais hūa pequinina de paciencia [10]
	pois ja he o discurso Comum de nos encontrarmos peçovos tudo considereis com o vosso Juizo, e affecto [14]
	e asim vos darei conta della peçovos q' não estraheis as impertinencias q' eu antes desta tinha escrito [54]
	como he couza tanto de meu gosto peço vos q' queirais duplicar os Abraços [67]
	peço vos o queirais fazer ou q' esta ia o ache feito, para que com toda a diligencia se ponha a caminho [74]
	peçovos vos queirais informar disto cō particularidade, e q' façais toda a diligencia possivel [75]
	peçovos considerando tudo isto, queirais vos que elle tenha marca do vosso favor e da minha intercessão [77]
	peçovos m ^{to} q' com o vosso poder e authoridade alhaneis todas as difficuldades q' se puderẽ offerecer [79]
	e por isso nunca vos pude escrever, peço vos me justifiqueis com a Raynha [10]
	e porq' eu vos sei merecer esta boa vontade, peçovos me signifiqueis, asi no effeito, como na brevidade [75]
	peçovos , me lembreis a minha linda Sobrinha e fazei cō ella q' me queira bẽ [75]
	dezejando, ja m ^{to} fazello de mais perto, e p ^a isto vos peço vos lembreis, do q' vos eu tanto pedia na posta passada [6]
	asim vos peço com toda ainstancia serteza e rezulução por eu não estar ainda de toda convalecida [6]
	e se vos rezolverdes a me não fazeres tão ditoza, daime conta vos peço para que não perca tudo [14]
	a Infanta minha sobrinha me escreve, mas como vos fazeis m ^{ca} o della, na vossa, vos peço , queirais fazer, o mesmo agora [16]
	mas so vos podeis e asi vos peço o que irais, e juntamente a minha sobrinha m ^{to} Amorozas lembranças [27]
	e depois de isto tudo feito, vos peço queirais, dar Ordem para que Bellas se prepare, para me receber [37]
	spero sempre imitar e assi vos peço o favorecais no q' puderdes o q' vos agradecerei com as mais obrigações [70]
	elle sabe o como isto se pode effeivar, asi vos peço o queirais por obra [71]
	e aprincipal cauza q' he a do serviço de D's, vos peço cō toda ainstancia, queirais empenharvos [75]
	e por algūas rezões não comseguida, o q' eu vos peço he sobre a crýasam de doys colegyos da companhia [75]
sem me alargar mais agora vos peço agradeçais a minha Sobrinha o trabalho q' teve cansandosse em escrever [68]	
chegando aqui he impossivel passar e asi vos peço me deixeis cō as dependencias de q' vivo q' são as de vosso favor [75]	
Meu Irmão outra ves vos peço me queirais dar boa velhice [71]	
meu Irmão isto he o q' D's quer e o q' vos pede [25]	
Dom Henrique Manoel chegou aqui da India, pedeme q' o patrocine p ^a comvosco [70]	
Mister Stafford a quem el Rey Meu cunhado tem elegido, por seu enviado a Castella me pede lhe faça esta [83]	
e he o cazo q' os relligiozos q' da Companhia q' aqui estão em meu serviço me pedem , queira interceder com vosco [75]	
he so o q' meu Cunhado me pedio , quando soube a minha rezulução [6]	
Perder	encarregai com todo o encarecimento os meus particulares aD's q' o tempo se perde , e o de Inglaterra não he mui firme [12]
	so em hūa Noute se perderão 4 ou 5 Inglezes e hū Ollandes de 60 e 70 peças [22]
Perdoar	mas juntam ^{te} spero me perdoareis esta falta lembrandovos q' he so a consolacão de q' dependo [22]
Permitir	o bem q' tem cumprido com as funcções dos Charecteres em quanto os tempos o permitirão agora q' estão tão mudados [55]
	e folgo m ^{to} de saber q vos passais tão bẽ o tempo e q' a vossa saude vos permite esses exercicios [79]
	e por essa cauza se permite o q' por nenhua outra, e bem se ve pois se abrem as clauzuras [14]
Pertencer	segurandome q' todo q' a mi se fas vos pertence a vos pois he o por onde me vẽ [68]
	O capitão frevanhão que foi o ultimo que teve saudades todo o tempo que ella me pertemseo e nunca teve a dita de em esse mesmo ir com elle a Portugal [80]

VERBOS	FRASES
Pesar	eu vos dou Muito Amorozas, graças por elle e pezame infinito, não poderes remediar este [35] pezame lhe continue tanto o mal se vos fizerdes o q' podeis da vossa p ^{te} porq' ella mude de Ar [48]
Pilhar	mas este Rey sabio, furtoulhe a volta e elle he o q' sabe tudo, pois por mar lhe pilha Navios e barcos e os daqui queimão todas as cartas, q' vem de França por Hollanda [25]
Poder	insinuandovos o meyo so da minha segurança como da minha consolação q' se he esta so estivera de por meyo puderasse passar [62] confio me mandeis boas novas nessas q' so me podem ainda sendo menos as occaziões de pena [63]
Por	não cuidava eu que na liberdade em q' D's me pos me avia de vir nenhum outro bom effeito q' o de vossa companhia mas enganeime, pois me acho so com a falta del Rey [30] e por isso lhe ponho Numeros q' bem creio, eu q' se vos tivereis todas as q' eu vos tenho mandado [44] e he serto q' elles não podem fazer nada q' el Rey de França lhe pora hũ cabresto q' estes não sabem o q' ão de fazer [76]
Pretender	pois vos toca por dobrados titulos pois o q' se pretende são dous collegios q' ja estão comesados conforme eu entendo [75]
Privar	ami não me toca mais q' dizervos, o m ^{to} q' el Rey me priva de todo o meu cuidado [15]
Procurar	he serto q' elle os da a Vossa Cunhada, a Raynha de Castella o q' eu sei he q' eu os procuro com o mesmo afinco eu da minha p ^{te} a procuro , o q' posso e asi me sogeito a viver fora de Londres, em hũ buraquinho [35] nenhũa pessoa catholica pode ter consolação eu me procuro aquella poca q' posso ter em me retirar de tudo que me seja em contrario [52]
Prometer	Se os ventos tiverão sido mais favoraveis, ja agora brevemente, me prometera eu a boa e amigavel resposta [13] dezejando sempre novas vossas, agora as espero com muita mayor impaciencia porque me prometo me aveis de defferir [11]
Queixar-se	A vossa ultima de 14 de Novembro me deixou com cuidado pois vos queixais de hũ catarro espero em D's tenha passado [18]
Querer	Meu Irmão se D's primeiramente asi o quis e vos secundariamente disso levais gosto, de toda a sorte me aveis de achar Irmãa verdadeira [30] elles tiverão a pique de não voltarem, q' os querião prender na Armada [76] q' não sei q' antes vos quizera menos Amante, e mais poderozo, pois isto he melhor para vos pois vos fizera timido e outro fora para mi q' me fizera mais venturoza [76]
Rasgar	q' se não estivera ia no Correo eu a rasgava , mas ia não posso [54]
Receber	se eu tivera mais tempo, vos dissera a Cortezania, e ceremia com q' aqui me receberão mas ficara p ^a outra ocazião [64]
Relatar	respondi o q' tomara vos rellatara elle com toda a verdade [61]
Remeter	no q' toca a este ponto me remeto a Simão de Souza, e creio vos tereis la primeiro a noticia [50] não alcanço o mais q' quereis dizer e perguntando a Simão de Souza, quem vos vos remeteis elle não soube dar sahida minha questão [25]
Repetir	eu isto vos repito , em todas as minhas, a ver se em algũa acho o bom effeito de vos me procurardes a minha liberdade [22]
Reportar	agora q' ha portador seguro, pudera eu relatar o muito, q' aqui ha sucedido, mas pello mesmo, me reporto que como, elle he carta viva ha de ser o melhor rellator [57]
Representar	Aqui nos representou o residente de Saboya da p ^{te} de Madama real [1]
Resignar	facilm ^{te} me rezigno , neste particular pois vos toca, e ami agora acabar esta, pois o tempo e o meu dezejo, se não unem [23]
Resolver	mas vendo q' he tarde me resolvo a mandar esta [52] mas deste ves, ambas as partes se resolvem a Peleiar e a defender [21]
Responder	tenho pedido navios a este Rey, e me respondeu , ser impossivel o poder dar mos de presente [56]
Restituir	eu multiplico as vias p ^a asi vos obrigar, a q' por ambos me restituais o q' me deveis q' estamos ca ainda em quaresma tempo de restituções [82]
Retardar	mas ja vos digo ariba, a posta não he vinda e cõ os tempos de q' fallo se retardão muito [3]
Rogar	com toda a instancia vos rogo trateis della cõ aquelle cuidado, q' ella merece [65]
Saber	he o por onde me vê o q' por aqui passa vos o sabeis por melhores rellatores q' eu ia não posso ter a penna na mão [68] o gosto não he nem pode ser muito, Ds' o sabe pois a relligião he tão fortemente perseguida, q' se não pode declarar [20]
Sair	e todos me sahirão frustrados, salvador Taborda vos tera ja dado conta [33]
Satisfazer	dou vos as graças com toda a affeição, pois me fazeis a justiça de reconhecer que o meu affecto, que nemhũa couza o satisfaz se não so a nossa companhia [81]

VERBOS	FRASES
Segurar	segurovos que o Mundo sabe avaliar o que vos eu mereco [11]
	segurovos nunca mais q' agora me dezejei, de mais perto, p ^a pessoalmente vos dar as graças [30]
	segurovos q' elle esta bem satisfeito de mi pois sabe eu fui sempre boa cunhada [41]
	Meu Irmão dou vos as graças pollo grande cuidado que me significais nas vossas e particularmente na vossa ultima que tendes de mi, segurovos que eu vollo pago, com a mesma affeição [43]
	por respeito de vos estares indispsto de hũa resi polla cauza de hũa canellada segurovos q' não necessitão as minhas Afflições de novo [48]
	espero não desmereça, por me ter servido mais particularm ^{te} e segurovos q' se dezenpenhara bem do em q' o ocupardes [63]
	eu espero, vos atenhais tão bem, q' vos seguro he couza bem triste acabar asi hũ tal Anno e começar outro não melhor [17]
	tão bem vos seguro q' os tempos aqui não estão mui descaçados particularmente comigo [45]
	as q' vos eu poderei dar me seguro , q' vos não gostareis de ouvir [18]
	peçovos q' considereis esta verdade consultandoo so com o muito q' o meu affecto vos merece q' se asi ofizerdes, eu me seguro de melhor rezulucão [2]
Ser	espero q' em vos achem a boa acolhida q' p ^a com os outros vos tenho pedido, o q' eu me seguro da vossa parte não falte [55]
	q' as vossas espero com aquella realidade e impaciençia q' o vosso Amor me segura e o meu vos merece [4]
	e porq' me segurava q' estas Aspersões se avião de Arguir [51]
	em quanto mais particularmente o fazeis como me segurais elle aceitou o q' ouviu com grandes demonstraçoens de querer continuar hũa boa correspondencia cõ Vosco [29]
	para so ser diretamente avalliado e me necessario atalhar estes tão gostozos discursos [27]
	darão mais particular noticia do como o seu serviço me he aseito [66]
	conforme ao estado em q' me eu acho tudo me he soccorro, pois estas alteraçõens me trouxerão mayores encargos [7]
	pois asi me he bem conte, como os mais me julgão despois da perda del Rey q' D's tẽ [14]
	a melhor porq' em effeito o he e unica pois todos os Princepes de g ^{de} nome em toda a Europa estão, ja cazados [25]
	cada hora e isso mesmo parece q' he a cauza q' o vento lhe he contrario, mas p ^a vos agradecer o m ^{to} q' vos devo [79]
Servir	em q ^{to} me não (corroída) er, vos he penozo continuar [1]
	Foi D's servido livrarme, espero p ^a lhe não ser ingrata, pois so p ^a com elle o sou a tantos benefícios [15]
	pois me são tão gratas quando, me consta se vem boas [74]
	de sorte, q' para seguro de tudo, me foi necessario fechar a Capella, o q' numca fis despois q' cheguei a Inglaterra [36]
	Suposto q' os Correyos são bem tardios esta boa nova q' me mandastes de terdes hum f ^o ainda o foi mais pois encontrou com a prohibiçãõ em França de o expresso, passar a trazerme nova [21]
	Como estiver serto não duvidais delle todos os achaques me serao leves [15]
	pois vos sabeis todas as q' eu tenho p ^a dezejar a comodidade de meu serviço e a de hũa pessoa q' vos serve [79]
	Vai Manoel pra q' trouxe comigo, e me servio todos estes Annos com toda a satisfacão [63]
	mas não posso faltar a Timoheo de faria, por ser dos Portugueses que me acompanharão e me se servio sempre com toda a fidelidade, e pontualidade [77]
	Torno a repetir as graças dos bõs Ministros q' mandastes com esperanças nos servirão a vos e a mi em negocio taõ Arduo com satisfacão [82]
Significar	e juntamente, saber o q' me aconselha o grande cuidado, q' me significais em todas as vossas eu vos cauzo [35]
	Meu Irmão dou vos as graças pollo grande cuidado que me significais nas vossas [43]
Soar	não era decorozo fazeremsse exames tão apertados e q' tudo isto asi se soava ainda q' ella de mim não crehia [51]
Sofrer	D's por sua infinita bondade e misericordia, se lembre dos Afflictos, pois por sua cauza o sofrem [20]
Solicitar	hum explicavel alvorosso sertificandome q' o vosso Amor me solicitará o q' so eu sei apeterer [28]
	procurandoas por toda a parte com diligencia q' hũa Irmãa tão verdadeiramente, Amante as solicita [57]
Sujeitar	eu da Minha p ^{te} a procuro, o q' posso e asi me sogeito a uiuer fora de Londres, em hũ buraquinho [35]
Sustentar	e tendo o grande risco de tantos exercitos, q' se sustentão do q' roubão tudo isto são inconvenientes os quais eu confeço [72]

VERBOS	FRASES
Ter	não sei remedio p ^a q' appellar porq' vai correndo o quarto mes q' a tenho perdida, e estive em gravissimo perigo da vida [15]
	ja la terão chegado as Saudades e cõ estarem tão distantes, as tenho ca bê presentes [75]
	D's lhe de quietação q' sendo asi eu a terei tão bem [15]
	D's por sua Misericordia me acuda pois he so de quem me posso valler, pois vos tenho a vos tão longe [39]
	o q' eu fio do vosso bom natural e Amor q' me tendes he q' vos aveis de Arrepender quando ja for tarde p ^a me remedear [62]
Tirar	se eu tivera mais tempo, e menos alvorossos pudera dizer mais, mas estas rezões a o ser me forçado ir ver a Raynha e a el Rey que estão ambos indispostos me tira o alargarme [81]
	sendo q' em tão tinha eu hũ bõ Amigo, q' D's me tirou e me deixou so e tão so, q' nêhũ ministro vosso, pode aver aqui [36]
	q' a minha desgraça me tirou da Minha Patria, donde estava bem para me fazer raynha e agora, me acho prizioneira [76]
	e sendo esta a rezão que o faz tanto mais moço que eu, e juntamente me emcarregar delle, ao mesmo tempo que o tirei da Relligião [77]
Tocar	se me a mi não coubera parte nisto, não vos dera esta conta, pois das alheas não me toca [42]
	se se vos fazem avizos como conuem, ami não me toca mais q' dizervos, o m ^{to} q' el Rey me priva de todo o meu cuidado [15]
	Annos dillatados daime, o gosto, de abreviardes, o q' vos toca de sorte [74]
	q' queirais entrar nesta materia p ^a os patrocinar pois vos toca por dobrados titulos [75]
	facilm ^{te} me rezigno, neste particular pois vos toca , e ami agora acabar esta, pois o tempo e o meu dezejo, se não unem [23]
Tomar	Meu Irmão eu espero vos o tomareis m ^{to} aperto pois hũa f ^a molher, e hũa Irmãa so não tẽ de que se valer se não de vos pois sois toda a nossa proteção [50]
Trazer	de presente ay q' vos dar conta q' o segundo q' se contou deste mes me trouxe o secretario de estado por nome Conde de Nothingão hũ recado [51]
	oito dias há vos escrevi de Leão, e depois de o ter feito me trouxe , Manoel Dias hũa vossa [64]
	elle me tras hũa Carta vossa que sendo estas para mi sempre, de gosto e estima, vos sabeis bem que o contheudo della e para mi de tanta alegria [81]
	conforme a o estado em q' me eu acho tudo me he soccorro, pois estas alterações me trouxerão mayores encargos [7]
Unir	pois donde ha exercitos, e Armadas, iguaes não como os do Anno passado q' os mais se unirão a se entregarem [21]
	não me condeneis pois vos sois so quem me podeis valler, procurando com a parte com quem vos unis [21]
Ver	quando o vi asertar, na acção, q' fes em se offereçer ao serviço del Rey Meu Cunhado, constandome q' se a occazião o permitisse, se dezempenharia, mui bê do q' ao q' se obrigava [57]
	e esta nação se começa a persuadir do pouco q' ella val p ^a vos servir quando a vem tão mal baratar [61]
	cada dia da mayores provas, ou por genorosidade ou compaixão do poco gosto com q' me ve viver [15]
	sem aver nenhũ outro resgatada, do g ^{de} aperto em q' me vejo , junto com o g ^{de} e evidente perigo em q' eu decontino estou [50]
	pois me vejo em hũa prizão, q' asi se pode chamar cedeada, por mar eterra [41]
	mas o g ^{de} dezejo q' eu tenho de me ver em algũa caza relligioza adonde so me vira consolada [56]
	A mim me asistio com toda a satisfação e se vio bem como nesta Corte se estimão vossos Menistros [9]
	e por essa cauza se permite o q' por nenhua outra, e bem se ve pois se abrem as clauzuras [14]
de outras muitas rezões q' não allego por não ser comprida, valendome so dasapontadas, q' são bem forçozas e q' já se virão ambas nesta mesma nação em q' me eu acho so [14]	
quando o vi , depois de vos dizer isto, não tenho outra novidade, que vos dizer, easim torno outra ves as esperanças [37]	
Verificar	Na minha doença se verificou a estima q' fas da minha saude e vida, pollos testemunhos de ternura [15]
Vir	veio me ler hũ papel q' dis he vosso de q' duvidei por conhecer a letra e me parecer no estillo mui diferente de outros [61]
	estando com a penna nao mão, me veyo el Rey Meu cunhado, a convidar, para q' eu fosse, ser Madrinha de hũ filho [5]
	he o por onde me vë o q' por aqui passa vos o sabereis por melhores rellatores q' eu ia não posso ter a penna na mão [68]
	pois me são tão gratas quando, me consta se vem boas [74]
	pois a todos nos vem de mui longe, eu por mi confeço q' he hũ dos g ^{des} obsequios q' me podeis fazer [75]
Viver	e vos achão rezão em me quererdes mais segura de q' eu aqui posso estar pois aqui agora se vive em hũ perpetuo susto [43]

ANEXO II: MODO SUBJUNTIVO

VERBOS	FRASES
Abreviar	e com este seguro me fica a esperanza de vos ver pedindovos com toda a instancia o abrevieis [13]
Achar	peço vos o queirais fazer ou q' esta ia o ache feito, para que com tida a diligencia se ponha a caminho [74] Meu Irmão, espero que esta vos ache com a boa saude que vos dezejo [12] espero que esta vos ache avos e a Raynha minha Irmãa com perfeita saude [37]
Achar-se	que em hũa liga de tantos Princepes Catholicos a Igreja de Inglaterra, se ache em este estado [53]
Aconselhar	isto he tudo q' vos posso dizer, pedindo vos q' me aconselheis o mais depressa que puderdes [41]
Acudir	D's por sua Misericordia me acuda pois he so de quem me posso valler [39]
Ajuntar	queira D's q' a este se ajuntem outros e asi seja elle servido [18] D's nos ajunte ja a todos para que eu logre, o porque, ha tanto tempo suspiro [38]
Aliviar	he bem me alivie do cuidado de q' lhe não suceda algũa couza de q' eu os não possa livrar, o q' para mi seria penna [55]
Atender	he mais particular, minha, e me parece require algũa consideração, pois parece iusto, se atenda aos muitos accidentes [14]
Atrever	e porq' temo se atreva a vos escrever a vos com as mesmas duvidas com q' em minha prezença se atrevo a fallar [61]
Aumentar	porq' el Rey vos ama m ^o de coração, e dezeja m ^o se augmente em toda a p ^{te} o vosso credito e bom nome [9]
Avisar	o q' lhe eu mando e he so q' da minha parte, vos avize he q' o sitio, Nomeado, ariba, e o q' faço escolha, por emprestimo [37]
Conceder	se ele me consedera o poder dillatarme mais eu o fizera mas ja me falta a respiração [2]
Consentir	pedindo a el Rey de França me permitisse antes q' estes apertos chegassem me consentisse entrar em hũ Mosteiro [76]
Conservar	A circumstancia que me dizeis da Rainha ficar tão boa estimo muchissimo D's a conserve , p ^a brevem ^{te} nos dar outro [15]
Continuar	a Infanta minha sobrinha, andava ainda achacadinha pezame lhe continue tanto o mal [48]
Culpar	por isso vos digo que se vos virdes sem cartas minhas não me culpeis [53]
Dar	so p ^a vos pedir empregueis particularmente, algũa pessoa que com toda a miudeza, me de Conta da vossa saude [65] peçovos me deis hũas Amorozas lembranças a V ^{ra} e minha sobrinha [4] D's lhe de quietação q' sendo asi eu a terei tão bem [15] D's vos de todas as felissidades que vos eu dezejo, e a o Reyno todo pois em mi e tão natural o dezejalas [30] o gosto, que me fica, de ouvir, que tendes melhoria D's vola de e continue, para amparo dessa Choroa [27] Ao vosso enviado emcarreguei q' da minha parte vos desse conta da minha chegada a França [8] se a minha saude me dera licença p. ^a proseguir o fizera mas venho de hũa jornada dillatada e o não posso fazer [30] mas q' numca pude acabar com el Rey me desse Navios prometendo me mos daria no Inverno [51] espero, que desta ves mo faça mais singular que em nenhũa outra asi o contarei eu se lhe derdes credito [71] mas he so o q' esta minha mão ir me por junto do Mar por não perder tempo, nem occazião se he q' me derem navios [56] e não tenho outra p ^{te} p ^a onde ir q' p ^a Hamburgo se aqui me derem passagê p ^a la e de la licença p ^a eu ir [51]
Deixar	não me deixeis perder tempo de vos ver e o bom de navegar [74] e asi vos peço me deixeis cõ as dependencias de q' vivo q' são as de vosso favor [75]
Desmandar	cada dia se manifesta mais seu Animo e Affecto p ^a comigo, e fas não se desmande mais o Odio dos contrarios [15]
Dever	não quero dizer q' nisto me devais m ^o pois he o em q' eu vou tão interessada mas tão bẽ he necessario q' o saibais [50]
Dizer	A circumstancia que me dizeis da Rainha ficar tão boa estimo muchissimo D's a conserve, p ^a brevem ^{te} nos dar outro [16] Irmão credeme se vos dizer q' medezejo m ^o ver livre daqui despois de tudo [36]
Duvidar	ser obrigada a testemunhar verdade de q' não cuidei se duvidasse , mas estes serviços mos tem feito ademonstrações [61]
Empenhar	se vos empenhardes por mi e ordenardes a o vosso enviado em França [76]

VERBOS	FRASES
Encarregar	pedindo vos q' me aconselheis o mais depressa que puderdes nestas minhas tão grandes difficuldades no q' me encarregais da boa coresponçia para com el Rey meu Cuhado [41]
Enviar	Novas vossas me faltão e Minhas não sei como vollas envie [49]
Explicar	São tantas as q' vos tenho escrito, por todas as occaziões q' se tem offerecido q' ja não sei o como me explique [51]
Exprimir	O meu gosto nesta occazião he tão grande que não sei como o exprima para vos dar [65]
Favorecer	e assi vos peço o favoreçais no q' puderdes o q' vos agradecerei com as mais obrigações q' vos dei [70]
Fazer	no em q' nunca faltarei, pedindovos me façais tão ditoza q' tenha em q' vos obedecer [23]
	espero, que desta ves mo faça mais singular que em nenhũa outra asi o contarei eu se lhe derdes credito [71]
	não duvidais he serto o não poderem diminuir, nenhuãs diligencias, se ouver quem as faça o q' não cuido avera [9]
	consultandoo so com o muito q' o meu affecto vos merece q' se asi ofizerdes , eu me seguro de melhor rezulucão [2]
	pedi ao vosso enviado, vos fizesse isto prezente da minha parte na posta passada [6]
Festejar	espero me mandeis boas novas vossas q' sempre chegarão a tempo q' eu as festeje [61]
Fiar	pois chnesia bem q' esta Choroa não tẽ outrem de quem se fie [36]
Guardar	Ja tenho estado mui dillatada e temo q' em todo. aD's q' vos g^{de} Abrill 7 do mes Irmãa q' sobre tudo vos ama [14]
	a D's peço q' vos guarde e q' se lembre de mim oje 28 de outubro [20]
	D's q' vos g^{de} como dezeja esta V C [23]
	D's de baixo de cuja Protecção estamos q' uos g^{de} os Annos [33]
	aD's q' vos g^{de} 19 de Agosto [52]
	a D's q' vos g^{de} para serdes sempre a consolação desta vossa Irmãa e Amante [58]
	com a pressa q' manda este expresso aD's q' vos g^{de} 13 de março [60]
Impedir	pois não vejo couza q' lho impida , como tão bẽ he serto q' eu não vejo nenhũ tão so caminho para me eu sahir daqui [18]
Impor	q ^{tos} aleives me impuzerão meus inimigos e esta observancia tem feito a Corte [61]
Imputar	não sem repetições deaques as quais não sei se impute aos Annos se ao poco gosto pois me parece leva a mayor p ^{te} [69]
Informar	que o mais depressa que pudesse encontrasse ao Conde de pontevel e o informasse da minha rezolucão [31]
Justificar	peçovos me justifiqueis com a Raynha segurandolhe, q' não tivestes carta minha [10]
Lembrar	dezejando, ja m ^{to} fazello de mais perto, e p ^a isto vos peço vos lembreis , do q' vos eu tanto pedia na posta passada [6]
	tenho emcomendado ao Duq' q' seja meu procurador nesta materia e volla lembre cõ todo o Cuidado [49]
	peçovos, me lembreis a minha linda Sobrinha e fazei cõ ella q' me queira bẽ [75]
	aquí não quero faltar pedirvos me lembreis a minha Irmãa dezejo q' ella emtenda a nossa cina p ^a lhe poder escrever [49]
	peço me lembre a vossos filhos com tudo como he couza tanto de meu gosto [67]
	D's por sua infinita bondade e misericordia, se lembre dos Aflictos, pois por sua cauza o sofrem [20]
	a D's peço q' vos guarde e q' se lembre de mim oje [20]
Mandar	espero me mandeis boas novas vossas q' sempre chegarão a tempo q' eu as festeje [61]
	confio me mandeis boas novas nessas q' so me podem ainda sendo menos as occaziões de pena [63]
	D's disponha tudo p ^a sua mayor gloria e ami me mande boas novas vossas [82]
Manifestar	mandei a outros q' da minha parte vollo Manifestassem , não posso deixar de vos dizer q' nesta posta tenho dobrada fée [37]
Obrigar	mas o serto he q' eu aquí não tenho parte para onde ir salvo se a necessidade me obrigar com aperto de fugir [43]
Ocorrer	asim como vos me faltais nisso o que eu muito estimo propondeme algũ meyo q' pode ser q' vos ocorra melhor q' ami [41]
Oferecer	quer D's q' se ofereça occazião deste nosso Navio [44]
Ouvir	sei eu bem que quando vos mas ouvirdes aveis de ser da minha mesma opinião [13]

VERBOS	FRASES
Parecer	pois so elle he poderozo para lhe dar hum bõ fim, e asi não vos pareça q' foi omissão minha [41]
	espero vos pareça tão bem como ami [14]
	e por esta mesma rezão me admiro de não ouvir o q' vos pareça sobre este particular em quanto me faltão estas noticias [52]
	e vos não podeis fazer couza nenhũa q' mais se pareça cõ os nossos antepassados q' o dilatar a companhia [75]
Patrocinar	Dom Henrique Manoel chegou aqui da India, pedeme q' o patrocine p ^a comvosco [70]
Permitir	não quero eu iulgar tão mal nem de mi nê de ninguem, nem que vos o permitais ser do de outra sorte como o eu espero [71]
	pedindo a el Rey de França me permitisse antes q' estes apertos chegassem me consentisse entrar em hũ Mosteiro [76]
	constandome q' se a occazião o permitisse , se dezempenharia, mui bê do q' ao q' se obrigava [57]
Persuadir	pois se de mim dependera o porme sobre huã taboa, e lançalla ao Mar se me persuadira q' esta chegara a Lisboa [33]
Por	sabeis vos e vos consta, q' eu o não sei, que me ponhão na minha Patria segura e descancada [21]
	peço vos o queirais fazer ou q' esta ia o ache feito, para que com toda a diligencia se ponha a caminho [74]
Preparar	queirais dar Ordem para que Bellas se prepare para me receber [37]
Procurar	e vos não tendes aqui quem com Charactere o procure eu digo vos não sei o q' ha de ser de Mi tão Afrita [19]
	se isto me procurardes sera a mayor obrigação q' creatura mortal, pode fazer a outra, pois a livra dos Mayores riscos [21]
	eu me não posso bullir, deste Reyno, salvo so, se vos, mo procurardes por vossos, Meyos, e aliados [19]
Querer	e como sem elle não possa presumir de vos, me queirais sobre as pennas q' Padeço [1]
	peçovos, me lembreis a minha linda Sobrinha e fazei cõ ella q' me queira bê [75]
Representar	que pode ser que a algũs Animos tímidos, se lhe representem , eu antes quero cuidar isto que prezumir [71]
Resolver	lembraivos dos muitos annos q' peno, e se vos rezolverdes a me não fazeres tão ditoza, daime conta [14]
Saber	mas tão bê he necessario q' o saibais porq' se não souberdes novas minhas, q' o não imputeis a descuido [50]
Sair	era conveniente p ^a segurança de seu governo me sahisse , eu do meu Palacio e caza a offerecendome qualquer dos seus [36]
Ser	eu me procuro aquella poca q' posso ter em me retirar de tudo que me seja em contrario [52]
Servir	p ^a q' aquella che q' primeiro chegasse, fosse o q' primeiro me servisse com hũ credito, aberto com o q' mostraveis [36]
Significar	e porq' eu vos sei merecer esta boa vontade peço vos me signifiquéis , asi no effeito, como na brevidade [75]
Suceeder	tudo isto vos digo porq' se me suceeder algũa couza não me condeneis pois vos sois so quem me podeis valler [21]
Ter	eu espero, vos atenhais tão bem, q' vos seguro he couza bem triste acabar asi hũ tal Anno e começar outro não melhor [17]
	quando ativer , não me diffirais esta esperanca [40]
Tomar	e vos mostrais tanto gosto de q' eu as tome para nos vermos mais depreça [52]
	não vi eu couza em minha vida q' se se tomar com calor q' esteja mais perto de se concluir [50]
Trazer	e com o mesmo cuidado procuro novas vossas, as quais D's me traga conforme eu dezejo [53]
Ver	se me não derdes o gosto de querer q' eu vos veja , q' he o tudo ao q' a minha consolacão aspira respondeime [14]
	esta não tem outro remedio se não so o q' Ambos dezejamos pois he o ver me eu hũa terra adonde vos veja e sirva a D's [53]
	por isso vos digo que se vos virdes sem cartas minhas não me culpeis [53]

ANEXO III: MODO IMPERATIVO

VERBO	TIPO	FRASES
Acelerar	Afirm.	segurandovos que este meu Dezejo não he appetite mas madura resolução acellerayia vos pois podeis [11]
Acudir	Afirm.	Acudime e desculpaime se não tiverdes novas minhas q' he porq' não posso q' nunca tive tão mao [76]
Atender	Afirm.	esta he a conta q' vos posso dar de quem dezejo, atendeime [80]
Condenar	Neg.	isto vos digo porq' se me suceder algũa couza não me condeneis pois vos sois so quem me podeis valler [21]
Crer	Afirm.	Credeme q' para mi não he esta a menor Circunstancia do q' padeço, faltarme, o melhor Cordeal [56]
		credeme q' não foi falta da minha solicitação, o não me ver, eu na minha patria já, pois o tenho procurado [19]
		Irmão credeme se vos dizer q' medezejo m ^{to} ver livre daqui despois detudo [36]
Dar	Afirm.	lembraivos dos muitos annos q' peno, e se vos rezolverdes a me não fazeres tão ditoza, daime conta vos peço para que não perca tudo, pois verei aqui a Raynha [14]
		daime licença p ^a q' falle com este zello pois me compete como a mais interessada pollas rezões q' ja apontei [30] Annos dillatados daime , o gosto, de abreviardes, o q' vos toca de sorte [74]
Desculpar	Afirm.	Acudime e desculpaime se não tiverdes novas minhas q' he porq' não posso q' nunca tive tão mao [76]
Diferir	Afirm.	ouvio e differime , elle sabe o como isto se pode effectivar [71]
	Neg.	quando ativer, não me diffirais esta esperanca, por hũ instante [40]
Dilatar	Neg.	fazeimo logo a saber não me dillateis tanto goso, nem hũ instante mais do necessario [14]
Fazer	Afirm.	e se eu for tão ditoza q' asi seja, fazeimo logo a saber não me dillateis tanto goso [14]
		tanto q' tomardes a resolução, do modo q' isto ha de ser fazeime logo a saber por hũ expresso [40]
Lembrar	Afirm.	lembraivos que eu não tenho da minha parte faltado despois que me faltou el Rey [11]
		lembraivos dos muitos annos q' peno, e se vos rezolverdes a me não fazeres tão ditoza, daime conta [14]
		como nos dizemos lembrai vos q' somos filhos de hũ Pays, e May, q' a minha desgraça, me fes so [76]
Oferecer	Afirm.	e ja que vos ainda mo não permitis alomenos, offereçeia ambas da minha parte [11]
Ouvir	Afirm.	ouvio e differime, elle sabe o como isto se pode effectivar [71]
Persuadir	Afirm.	persuadivos q' o de q' trato não he tão difficultozo como parece sabendosse dispor [28]
Propor	Afirm.	asim como vos me faltais nisso o que eu muito estimo propondeme algũ meyo q' pode ser q' vos ocorra [41]
Responder	Afirm.	se me não derdes o gosto de querer q' eu vos veja, q' he o tudo ao q' a minha consolacão aspira respondeime ao q' vos q' avendo aqui dicensoes alteraçoes ou em riscos de Vida [14]
Segurar	Afirm.	he so o Caminho, outro Nenhũ não no ha, seguraivos q' navios numca câ mais este governo mos ha de dar [19]
		e seguraivos q' o q' mais agradar, sera o mais q' eu haja de escolher [14]
		segurai vos vos q' o mundo ainda q' gd ^{es} Princepes não se governa se não por interesses [50]

ANEXO IV: INFINITIVO

VERBO	TIPO	FRASES
Abrir	Flex.	q' eu cuidava a ser o caminho, mais breve e seguro em rezão, das Cartas, se abrirem , e deterem mas [40]
Acompanhar	Simple	e espero me venha encontrar, a raya, p ^a me Acompanhar como creado vosso [64]
Aconselhar	Simple	o Doutor Mendez, esteve para fazer junta de medicos, para com toda a brevidade, me aconselhar [24]
Acrescentar	Flex.	despois de gemer e suar, tres ou quatro horas sem diminuirem, mas se acrescentarem , mandei chamar hũ dos relligiosos, persuadindo me, q' a minha hora era chegada [47]
Agradecer	Simple	não tenho forças para vollo cumunicar, e maes p ^a vos agradecer , o vosso Affecto e tudo, q ^{to} vos fazeis, por mi [10]
		mas p ^a vos agradecer o m ^{to} q' vos devo não he necessario q' elle aqui chegue [79]
		Meu Irmão isto vos digo p ^a vos agradecer o q' então fizestes, por mi [36]
Ajudar	Simple	queira D's ajudalo e darnos sosego q' sera mais estimado despois de tantas perturbações [63]
	Flex.	folgo q' nesta na occazião q' esta chegar estejam elles avista, p ^a me ajudarem a pedir hũ favor vosso [75]
Alargar	Simple	ao ser me forçado ir ver a Raynha e a el Rey que estão ambos indispostos me tira o alargarme [81]
		e me necessario atalhar estes tão gostozos discursos, por as forças me não permitirem o alargarme em rezão de ficar de novo sangrada [27]
		sem me alargar mais agora vos peço agradeçais a minha Sobrinha [68]
Aliviar	Flex.	A minha esperança esta em vós, me aliviardes desta penna, mandandome embaixador [12]
Arguir	Flex.	Lá me foirão buscar para me Arguirem , sem nenhũa cauza sopor corroborarem o seu procedimento [36]
Compor	Flex.	e estar ahi ate estas couzas se comporem por algũs Mezes pois he so a p ^{to} donde hũa Princeza desgraciada longe da sua Patria pode buscar Proteção [76]
Comunicar	Simple	não tenho forças para vollo cumunicar , e maes p ^a vos agradecer, o vosso Affecto e tudo, q ^{to} vos fazeis, por mi [10]
Conceder	Simple	espero em D's pois foi servido de ma conceder seja p ^a eu a saber melhor empregar [69]
		e todo o Mundo se Maravilha de lho vos não pedirdes pois se emtende q' esse sera o Modo p ^a elle o Conceder [62]
Concluir	Simple	não vi eu couza em minha vida q' se se tomar com calor q' esteja mais perto de se concluir [50]
Confirmar	Simple	agora q' acho algũm bom effeito destas medecinas o faço p. ^a de todo o confirmar , segurandovos q' as vossas espero [4]
Conhecer	Simple	não so pollo g ^{de} affecto q' sempre vos lembrara, conhecer me nesta materia, com pollo bẽ servida q' me acho [75]
Conseguir	Simple	por acabar de o conseguir não foi possivel o differirsseme com o q' aqui estou ate eu não sei quando [20]
Continuar	Simple	pollo m ^{to} q' estima vossa boa amizade, e dezeja occaziões de a continuar , e augmentar [1]

VERBO	TIPO	FRASES
Dar	Simples	e por esta cauza so me fica q' vos dar conta da minha saude q' de mais nem me emcarrego [3]
		A unica novidade q' ha de q' vos dar conta he q' a Raynha de Castella dizem vai dando a vella pollo Canal [17]
		segurovos nunca mais q' agora me dezejei, de mais perto, p ^a pessoalmente vos dar as graças [30]
		eu não tenho mais de q' uos dar conta, pois uolla tenho dado de tudo o q' tem passado, e asi o farei do mais [33]
		pois he so para uos dar conta, de me não ser possivel fazer, a minha jornada cõ a grande brevidade [34]
		pois so elle he poderoso para lhe dar hum bõ fim [41]
		asi que ouve ocazião de vos dar esta não melhor conta de mi, o fis queira D's chegue a vossa mão [41]
		de presente ay q' vos dar conta q' o segundo q' se contou deste mes me trouxe o secretario de estado por nome Conde de Nothingão hũ recado [51]
		O meu gosto nesta ocazião he tão grande que não sei como o exprima para vos dar [65]
		ca por isso tardei em vos dar as graças da vossa escrita por tão boa secretaria vossa filha e minha sobrinha [67]
		mas bastoume ouvir q' era vosso p ^a lhe dar toda a atenção [61]
		não querendo perder o direito de Inglaterra nẽ desgostar a que dava os Navios me impedio a ocazião sem me dar outra [51]
		as deste reyno eu as não sei p ^a as dar e vos encontrareis com melhores rellatores do q' eu sou [49]
		estimo muchissimo D's a conserve, p. ^a brevem ^{te} nos dar outro [16]
		queira D's dar ma boa de vos ver e brevemente [56]
		pois tenho pedido navios a este Rey, e me respondeu, ser impossivel o poder dar mos de presente [56]
queira D's ajudalo e darnos sosego [63]		
a mim so me cabe darvos as graças polla honrra que a todos elles fizestes [6]		
o que eu com maior vontade fizera pessoalmente que he o darvos os parabems a vos e a Raynha [11]		
douvos as graças pollo primeiro gosto brevemente espero darvolo , pollo segundo [66]		
Defender	Simples	e continua em me defender , e proteger, com taõ singulares mostras de affecto [1]
	Flex.	q' lhe fazem ca g ^{de} falta para se defemderem do g ^{de} poder del Rey de França, q' lhe da aqui g ^{de} cuidado [19]
Descobrir	Simples	foi D's servido, descubrir me este dos nossos Naturais e por elles envio esta [62]
Desejar	Simples	D's vos de todas as felissidades que vos eu dezejo, e ao Reyno todo pois em mi e tão natural o dezejalas a hũ so Irmão q' eu tenho [30]
		não tenho outra couza, q' vos dizer senão dezejarvos , aquellas que vos eu dezejo [59]
Deter	Flex.	eu cuidava a ser o caminho, mais breve e seguro em rezão das Cartas se abrirem, e deterem mas [40]
Diferir	Simples	não foi possivel o differirsseme com o q' aqui estou [20]

VERBO	TIPO	FRASES
Dizer	Simples	ami não me toca mais q' dizervos , o m ^{lo} q' el Rey me priva de todo o meu cuidado [15]
		esqueceume dizervos q' o Papa he o padrinho [5]
		Não tenho q' vos dizer no tocante a minha jornada [7]
		não posso deixar de vos dizer o q' devo a sua benevolença de q' cada dia da mayores prova [15]
		despois de procurar novas vossas não se me offerece q' vos dizer so das grandes tempestades [22]
		despois de vos dizer isto, não tenho outra novidade, que vos dizer, easim torno outra ves as esperanças [37]
		despois de vos dizer isto, não tenho outra novidade, que vos dizer , e asim torno outra ves as esperanças [37]
		não posso deixar, de vos dizer q' nesta posta tenho dobrada fée [37]
		nunca ouve, occazião segura, para vos dizer q' a rezão, q' ouve para eu não fazer esta jornada [41]
		em hũa Nação de q' o poder esta da outra p ^{le} p ^a vos dizer tudo o ser Catholica he o negoço [51]
		não tenho outra couza, q' vos dizer senão dezejarvos, aquellas que vos eu dezejo [59]
		sou obrigada a vos dizer q' bem conhecida he a verdade do Marques [61]
		Dos meus particulares não tenho q' vos dizer de novo nê por agora [63]
		despois de vos dizer isto, não me fica outra couza mais que segurar vos que em todo o tempo me achareis [83]
	ja não tenho mais q' vos dizer pois parece vos não move nem o m ^{lo} q' padeço nem o grande risco [76]	
mui particularm ^{le} vos dou as graças por me dizer o Vosso enviado [68]		
Flex.	por esta cauza, como por me dizerem , q' nenhũa carta, vai sem exame, me não alargo mais [24]	
Embarcar	Simples	pois se estiuera na minha mão me arriscara no coração do inuerno a passar os Pireneos, ou embarcar me em nauios cheos de Pintas e febres malignas [33]
Empenhar	Simples	Na outra vos fis mēção, e asi q' considerando tudo o aprincipal cauza q' he a do serviço de D's, vos peço cõ toda ainstancia, queirais empenharvos nisto cõ todo o calor [75]
Encaminhar	Simples	se vos tivereis todas as q' eu vos tenho mandado sendo bẽ dificultozo o emcaminhallas a minha parte [44]
Encarregar	Simples	juntamente me encarregar delle, ao mesmo tempo que o tirei da Relligião [77]
Encontrar	Simples	pois ja he o discurso Comum de nos encontrarmos peçovos tudo considereis com o vosso Juizo [14]
Entregar	Flex.	donde ha exercitos, e Armadas, iguaes não como os do Anno passado q' os mais se unirão a se entregarem [21]
Escrever	Simples	Meu Irmão, não sei se terei occazião de vos escrever outra pois esta Nação procura evitar todo o comercio [53]
		e porq' temo se atreva a vos escrever a vos, com as mesmas duvidas com q' em minha mesma prezença [62]
Estimar	Simples	não me fica outra q' dezejar, se não occazião de vos servir com ella, sera novo motivo p ^a a estimar de todo [69]
Exprimir	Simples	quando omostrallo, quando estiver, de mais perto, pois desta distancia, he impossivel exprimillo [38]
Facilitar	Simples	eu dezejava fazer tanto a viagē q' não reparava nas ceremonias em ordē a facilitar e o q' el Rey não quis vir [51]
Faltar	Simples	por os Animos estarem mui assessos contra mim e faltarme quem em outra semelhante me Defendeu [45]
		Credeme q' para mi não he esta a menor Circunstancia do q' padeço, faltarme , o melhor Cordeal [57]
	Flex.	suponho q' o faltarem me cartas vossas não he falta de Affecto, e isto me basta por consolação [1]
		Despois de me faltarem Cartas, ha quatro ou sinco mezes me chegou hũa de V. Mag ^{de} [46]

VERBO	TIPO	FRASES
Fazer	Simples	tendes m ^{ia} experiência e satisfação por isso a sua prudência deixo o fazervos presente o estado dos negócios [9]
		ja se entende q' eu so fallo dos meus particulares q' o vir el Rey ontem fazer me hũa vizita [47]
		desde agora começo a fazello dandovos as graças, asi do q' tendes feito por mi [79]
		pois não posso particurlam ^{te} fazello [27]
		hũa ves que eu mudei de rezulução fazello saber ao conde, com a mayor brevidade que pude [31]
		a mim so me cabe darvos as graças polla honrra q' a todos elles fizestes, dezejando ja m ^{to} fazello de mais perto [6]
		estando para vos fazer esta, se me duplicão as rezões pois a primeira e a principal, para mi, he sempre o dezejo de boas novas vossas [14]
		a minha desgraça me tirou da Minha Patria donde estava bem p ^a me fazer raynha e agora me acho prizioneira [76]
		mas faço força a minhas lagrimas p ^a a fazer em todas as occaziões q' me tem fallado o Marques [61]
	se eu tivera mais occaziões de procurar novas vossas não faltaria, em no fazer , pois ando sempre [62]	
Ao vosso enviado emcarreguei q' da minha parte vos desse conta da minha chegada a França, pois eu não vinha em estado de o fazer por mão propia [8]		
esta vos faço por não perder o costume, q' tenho de o fazer por todas as ocaziões, q' se offerecem [47]		
Flex.	e q' com a minha assistencia não era decorozo fazeremsse exames tão apertados [51]	
Fortalecer	Simples	pois esta liga protestante, espera o fortalesersse , com Calumnias e aleives [37]
Guardar	Simples	queira D's guardallo , para augmento desta tenrra Christandade q' o evangelho, aqui vai semeando [5]
Insinuar	Simples	nunca ouve, occazião segura, para vos dizer q' a rezão, q' ouve para eu não fazer esta jornada, foi o insinuarsse de la q' os estillos, daquella choroa erão sempre fazerem as despezas [41]
Ir	Simples	esta vos faço de Londres para adonde ha dous dias q' cheguei q' procurando o ir me p ^a Portugal [20]
		D's sabe o q' me podera suceder mas he so o q' esta minha mão ir me por junto do Mar por não perder tempo [56]
	Flex.	fizestes a honrra ao Conde de Castel melhor delle dardes licença p ^a se ir p ^a a patria q' todos os naturais della tanto Amamos [68]
	Flex.	e bem se ve pois se abrem as clauzuras, por se irem buscar os remedios que o lugar não pode dar de si [15]
Julgar	Flex.	olhay vos q' ja se falla, em q' eu sou como os outros va(ilegivel) ulgaremme e condenamme, o q' não sera mui dificultozo despois de eu estar em hũ castello com guardas [36]
Lançar	Simples	se de mim dependera o porme sobre huã taboa, e lançalla ao Mar se me persuadira q' esta chegara a Lisboa [33]
Levar	Flex.	mas isto não podera ser se vos não mandardes Navios bastantes para me levarem , ou me recomendardes a algũs dos vossos Alliados antigos de quem eu possa fazer confiança [43]
Livrar	Simples	Foi D's servido livrarme , espero p ^a lhe não ser ingrata, pois so p ^a com elle o sou a tantos benefícios [15]
		e q' me da g ^{de} penna verme no risco, e não poder eu livrarme delle [19]
Mandar	Simples	q' este Rey tinha tido comigo, pois era mandarme significar q' era conveniente p ^a segurança de seu governo [36]
Manifestar	Simples	Não posso deixar de vos manifestar o gosto, que me fica, de ouvir, que tendes melhoria [27]
Mostrar	Simples	que quando mostrallo , quando estiver, de mais perto, pois desta distancia, he impossivel exprimillo [38]
Obedecer	Simples	pedindovos me façais tão ditoza q' tenha em q' vos obedecer [23]
Obrigar	Simples	eu multiplico as vias p ^a asi vos obrigar , a q' por ambos me restituais o q' me deveis [82]
Ocupar	Flex.	por me ter servido mais particularm ^{te} e segurovos q' se dezenpenhara bem do em q' o ocupardes [63]
Oferecer	Simples	quando o vi asertar, na acção, q' fes em se offerecer ao serviço del Rey Meu Cunhado [57]
Parecer	Simples	aomesmo escrevi hũa Carta dandolhe amesma noticia por me parecer conveniente ao vosso serviço e ao meu [32]
		veio me ler hũ papel q' dis he vosso de q' duvidei por conhecer a letra e me parecer no estillo mui diferente [61]
Patrocinar	Simples	q' queirais entrar nesta materia p ^a os patrocinar pois vos toca por dobrados titulos [75]
		tive o principal por mi, como foi el Rey q' D's tem o qual se empenhou, como se vão a me Patrocinar [36]

VERBO	TIPO	FRASES
Pedir	Simples	não me demaziando mais q' a pedir vos , q' vos não esqueçais de quem ainda q' auzente vos Ama [67]
		ainda que o que agora digo tera aqui não quero faltar pedirvos me lembreis a minha Irmãa [77]
		mas ja me falta a respiração, ficando me so para vos pedir as novas da vossa saude [2]
		para com todas as veras possiveis vos pedir que irais ponderar o q' da outra banda desta vos digo [25]
		faço esta não so p ^a vos pedir empregueis particularmente, algũa pessoa que com toda a miudeza, me de Conta da vossa saude [65]
		com tudo não estou tão mortificada q' deixe de vos pedir deis a Minha Irma hũ abraço [78]
		não tenho da minha parte faltado despois que me faltou el Rey de vollo pedir pois varias vezes tenho instado [11]
Persuadir	Simples	por isso, creio q' o persuadirse o mundo, q' so eu sou a interessada neste tão grande gosto [33]
Por	Simples	se demim dependera o por me sobre huã taboa, elançolla ao Mar se me persuadira q' esta chegara a Lisboa [33]
Preparar	Simples	fazeime logo a saber por hũ expresso p ^a eu ter esse gosto, e me preparar , despois de vos ter dito isto não me fica mais q' dizer [40]
		elle de conta das jornadas e caminhos, q' eu ei de fazer, para se preparar , o necessario [64]
Prevenir	Simples	so falta o avizo de la para se prevenir a esquadra, que me ha de conduzir [74]
Procurar	Simples	isto vos repito em todas as minhas aver se em algũa acho o effeito de vos me procurar des minha liberdade [22]
		não podeis fazer a D's mayor serviço q' o procurar he per este caminho [75]
		na vossa mão esta o procurallo e dessa sorte esta quazi conseguido [13]
		todas as vezes q' posso, alcanssar ocazião segura vos mando novas minhas segurandome, q' vos mereçe o meu Amor o procurallas vos e suposto q' tenho este cuidado [38]
Queixar-se	Simples	tenho tudo o q' na vida me pode dar cabal satisfação, nẽ eu quero agora cuidar tenho rezão de me queixar [1]
Querer	Flex.	e vos achão rezão em me querer des mais segura de q' eu aqui posso estar [43]
Receber	Simples	queirais dar Ordem para que Bellas se prepare para me receber pois dizẽ os Medicos, e protestão [37]
	Flex.	espero que quando recebais, esta minha, esteja tudo o dela em tão bom estado, que espereis o receber desme em vossa Companhia [38]
Recomendar	Flex.	mas isto não podera ser se vos não mandardes Navios bastantes para me levarem, ou me recomendardes a algũs dos vossos Alliados antigos de quem eu possa fazer confiança [43]
Remediar	Simples	o q' eu fio do vosso bom natural e Amor q' me tendes he q' vos aveis de Arrepender quando ja for tarde para me remedear [62]
	Flex.	salvo se vos me puderdes livrar, o q' eu bem sei vos fizereis, se vos constara o Meu grande risco, se não for ja tarde para o remediardes [36]
Remeter	Simples	em esta não tenho mais q' remeter me [49]
Resignar	Simples	não tenho mais q' resignarme na vontade ou p ^a mais propiam ^{te} dizer sugeitarme a permissão divina [44]
		mas eu não vejo outro remedio, mais q' resignarme , pois vos q' estais de longe [21]
Responder	Simples	não posso nesta occazião respondervos e por o enviado, não estar aqui, q' ja vos digo esta em Londres [54]
		e so vos sois pode vosso p ^a esta comfição, e p ^a vos responder do sitio e da jornada ao q' me preguntais digo, q' o tempo he tão excellente, q' tudo faz mui agradavel aqui [78]
Retirar	Simples	tenho visto, o não poder fazer nada o retirarme em quanto, estas couzas se a sentão [60]
		nenhũa pesoa catholica pode ter consolação eu me procuro aquella poca q' posso ter em me retirar de tudo [52]
		eu aqui estou exposta sem ter aquem recorrer nem França a q' me retirar q' foi sempre a Choroa q' em todo o tempo recebeu, os Princepes em apertos [22]
Revezar	Flex.	q' ate os soldados naturais delle se achão intereissados e mortos ainda q' ay g ^{de} e vida do em os revezarem isto ainda não he o tudo [72]
Saber	Simples	sempre com boas novas vossas q' eu aprovar a eleisão q' delle fizestes bastava o saber foi vossa [69]
Segurar	Simples	e se chegasse a não poder segurarme em França pois conhesia bem q' esta Choroa não tẽ outrem [36]
		não me fica outra couza mais que segurar vos que em todo o tempo me achareis sempre tão firme [83]
		não me fica, mais que dizer se não o segurarvos a penna grande que tive quando vi os embaraços [31]
		Não quero deixar passar correo, sem vos segurar que fico, de saude sendo, que neste não vos poderei, dar, essa imformação, pois me continua ainda o mesmo mal [24]
Ser	Simples	estas rezões e o ser me forçado ir ver a Raynha e a el Rey que estão ambos indispostos me tira o alargarme [81]

VERBO	TIPO	FRASES
Servir	Simple	e se chegara esta dita não me fica outra q' dezejar, se não occasião de vos servir com ella [69] e esta nação se começa a persuadir do pouco q' ella val p ^a vos servir [61]
Significar	Simple	ja me esquecia, que eu mando, sandys a significarvos a alegria, gosto e alvorosso, com que me acho [66]
Sossegar	Simple	segurovos que eu vollo pago, com a mesma affeição se na minha mão estivera o sosegar vos [43]
Sujeitar	Simple	não tenho mais q' resignarme na vontade ou p ^a mais propiam ^{te} dizer sugeitarme a permissão divina [44]
Ter	Flex.	eu não tenho menos dezejo de vos ver, q' vos tendes de me terdes em Portugal [3] vos lhe podeis dar o remedio e q' lho deveis dar pois o perigo he evidente e asim ou pera me terdes convosco [43]
Tiranzar	Simple	e a vossa memoria esta em mi tão presente, p ^a me tiranzar , o de q' me não queixo, q' suposto me fas padecer [23]
Tirar	Simple	pois D's foi servido e me tirar a el Rey e em sua abzencia el Rey seu Irmão desterrado [76] e os q' tem seu humor, parece q' tratão de me tirar a vida apuras pennas e esta nação se começa a persuadir [61]
Tocar	Simple	poem duvida a meu affecto p ^a comvosco e como he tocarme nos olhos he com q' me acho a falta de paciencia [61] de toda a sorte me aveis de achar Irmã verdadeira e por consequente mui Amante de tudo o que vos tocar [30]
Tratar	Simple	isto tão bem eu asi confeço, pois he a reallidade do negoço, so o tratallo e por isso depende de vos [28]
Trazer	Simple	esta boa nova q' me mandastes de terdes hum f ^o ainda o foi mais pois encontrou com a prohibição em França de o expresso, passar a trazerme nova [21] juntamente de novo vos agradeço as boas novas queira D's trazellas a boa [81]
Valer	Simple	e hũa Irmã so não tẽ de que se valer se não de vos pois sois toda a nossa protecção [50]
Vencer	Simple	D's e mais vos q' suposto estas duas couzas bastão p ^a com ellas se vencer tudo o mais difficulতো do mundo [23]

VERBO	TIPO	FRASES
Ver	Infinitivo	o q' so dezejo pois he o verme em terra de Cathollicos adonde com quietação me possa emcomendar a D's [44]
		e q' esta não tem outro remedio se não so o q' Ambos dezejamos pois he o ver me eu hũa terra adonde vos veja e sirva a D's [53]
		he q' estas considerações são mui Melancolicas, e sertas e q' me da g ^{de} penna verme no risco [19]
		eu não dezejo outra do mundo, mais q' a de ver me aonde me possa emcomendar aD's [49]
		nenhũa couza ha no Mar do que eu mais dezeje que o ver vos especialmente nestes tempos tão embaraçados [43]
		eu me seguro de melhor rezulção q' a de me ver aqui no perigo em que a minha vida se acha [2]
		A minha esperança esta em vos me aliviardes desta penna mandandome embaixador, que faça os meos, e vossos negoços para me ver com vosco [12]
		se lhe derdes credito como eu spero segurandovos dos dezejos, que eu tenho de me ver comvosco [71]
		Nada disto me dezanima nem desmaya ode q' todos aqui se admirão supondo todos q' vos folgareis de me ver [33]
		se me persuadira q' esta chegara a Lisboa me atreuera a tudo conforme a o dezejo q' tenho de me uer La [33]
		era a minha principal, de me ver adonde com sosego pudesse emcomendar amí e a estas grandes revoluções [41]
		pois nos afastamos ambos, mim mesmo, dezejo, de me ver eu na minha Patria, o q' eu sempre tanto dezejei [41]
		credeme q' não foi falta da minha solicitação, o não me ver , eu na minha patria já, pois o tenho procurado [19]
		adonde iulgão q' ay que eu e os q' me dezeção bem asas folgarão de me ver em parte q' eu não correse risco [43]
		o g ^{de} dezejo, q' tive, depois q' começarão estas rezulções de me ver em parte, q' estivesse com quietação [60]
		asi pollo dezejo q' eu tinha de ver a Meu Irmão e Patria, q' me estimavão e lhe não pezaria de me ver [51]
		o q' não he muito p ^a dezejar, mas o g ^{de} dezejo q' eu tenho de me ver em algũa caza relligioza [56]
		eu não tenho menos dezejo de vos ver , q' vos tendes de me terdes em Portugal [3]
		he so o que me pode ficar q ^{do} me falta, o único e grande de vos ver A Raynha minha Irmãa e a minha Sobrinha [5]
		e com este seguro me fica a esperanca de vos ver pedindovos com toda a instancia o a brevieis [13]
	o grande dezejo q' tenho de vos ver me fas parecer a occazião mui propia [14]	
em todo certificandome vos me aveis de assistir ao grande dezejo q' eu tenho de vos ver [28]		
pois alcanço que vos não me dezejais ver ami como eu perpetuamente suspiro por vos ver a vos [30]		
a o tempo, que eu iulgava, que não avia nenhũm para vos ver a vos e a minha dezejada patria [31]		
e quando asim for esperarei o gosto de vos ver a quem elle de os augmentos q' esta l dezeja [31]		
o dezejo q' eu sempre tive de vos ver este se não pode agora diminuir conforme esta relação q' vos dou [52]		
mas remato q' a vossa carta e o meu dezejo estão mui bem unidos q' o meu todo he de vos ver [40]		
vos sabeis bem que o contheudo della e para mi de tanta alegria, pois me da esperanças de vos ver depois de hũas eternidades de tempos [81]		
nunca mais q' agora me dezejei, de mais perto, p ^a pessoalmente vos dar as graças por vos ver rezoluto [30]		
tenho ja treze dias com mui poca melhoria imputandoa adillação de vos ver [73]		
queira D's dar ma boa de vos ver e brevemente em quanto eu não tenho este gosto, me vou retirar [56]		
não me deixeis perder tempo de vos ver e o bom de navegar [74]		
Flex.	não me descuidando, de mandar aos Portuguezes, que aqui me assistem, que quando vos virem rellatem, os meus affectos de que elles são aqui testemunhas [11]	
	e vos mostrais tanto gosto de q' eu as tome para nos vermos mais depreça [52]	
Verter	Simple	ficaremos ambas aliviadas ella com saude e eu com o gosto de lhe verter , eu espero vos fareis por isso [48]
Viver	Simple	são ambas necessarissimas, p ^a se viver nelle, principalm ^{te} q ^{do} a distancia das couzas as fas mais apeteciveis [23]

ANEXO V: GERÚNDIO

VERBOS	FRASES
Ajuntar	não quero dillatar me, temendo q' agrossaria do Campo ajuntandosse a propia possa ser dezagradavel [67]
Cansar	agora vos peço agradeçais a minha Sobrinha o trabalho q' teve cansandosse em escrever [68]
Certificar	em todo certificandome vos me aveis de assistir ao grande dezejo q' eu tenho de vos ver [28] ami me da hum grande Animo e juntamente hum explicavel alvorosso certificandome q' o vosso Amor me solicitara [28]
Constar	quando o vi asertar, na acção, q' fes em se offereçer ao serviço del Rey Meu Cunhado, constandome q' se a occazião o permitisse, se dezempenharia mui bê do q' ao q' se obrigava [57]
Consultar	peçovos q' considereis esta verdade consultandoo so com o muito q' o meu affecto vos merece [2]
Contentar	não he tão grande musico, e mui bom Criado, e fino portugues, não lhe contentando nada que e fora da sua Patria [77]
Dar	ao mesmo escrevi hũa Carta, dando lhe amesma noticia por me parecer convincente ao vosso serviço [32] agradeçais a minha Sobrinha o trabalho q' teve cansandosse em escrever, dando me não so a Consolação de novas [68] desde agora começo a fazello, dandovos as graças, asi do q' tendes feito por mi como da Merçe q' lhe fizestes a elle [79] eu tenho feito todas as diligencias da Minha parte, dandovos todas as noticias [62]
Declarar	e não vos declarando mais não alcanço o mais q' quereis dizer e perguntando a Simão de Souza, aquem vos remeteis [25]
Demasiar	não me demaziando mais q' a pedir vos, q' vos não esqueçais de quem ainda q' auzente vos Ama [67]
Descuidar	e allem disso, não me descuidando , de mandar aos Portuguezes, que aqui me assistem, que quando vos virem rellatem [11]
Desejar	por isso me despeço dezejandovos todas as felicidades possiveis sempre [68]
Diminuir	os meus achaques são tão rixos e ariscados, q' não permitem dilacões, não mos diminuindo a grande violencia q' a mi mesma me faço vivendo aqui [2]
Empenhar	se vos, mo procurardes por vossos, Meyos, e aliados empenhandovos , nisso, e he so o Caminho [19]
Escrever	tanto asi he q' escrevendovos eu na minha ultima q' hia p ^a Hamburgo [36]
Escusar	numca pude acabar com el Rey me desse Navios prometendo me mos daria no Inverno na primavera passada hũa ves escuzandosse com a Raynha de Castella [51]
Esperar	Não tenho mais que repetir o mesmo, que em outras pois o Correyo, não he uindo, esperandoo eu com g ^{de} impaciencia [35]
Faltar	se algũa dezemquietação aqui succeder ou por morte de outrem ou em sua vida, faltandome el Rey aqui ^{aquem} ei de buscar [14] naquela occazião vos manifestei ao largo o que por vezes vos tenho representado, e faltandome a vossa reposta effectiva, o torno a fazer [2]
Ficar	ja me falta a respiração, ficandome so para vos pedir novas da vossa saude [2]
Imputar	tenho ja treze dias com mui poca melhoria imputandoa adillação de vos ver [73]
Insinuar	tenho feito todas as diligencias da minha parte, dandovos todas as noticias insinuandovos o meyo da minha segurança [62] espero q' quando esta la chegar saberei mais particularmente o vosso intento pois insinuandome tantas vezes numca vos declarais [42]
Ir	estando para entrar, no coche, indome divertir ao Campo, e passear por ordem do Medico, recebi hũa vossa [58] Meu Irmão, não se indo este navio com a pressa q' eu imaginava abro de novo essa [25]
Lembrar	espero me perdoareis esta falta lebrandovos q' he so a consolacão de q' dependo [23] e faltandome a vossa reposta effectiva, o torno a fazer lebrandovos , q' os meus achaques são tão rixos e ariscados, q' não permitem dilacões [2]
Mandar	minha esperança esta em vos me aliviardes desta penna mandandome embaixador q' faça os meos, e vossos negoçeos [12] se vos fizerdes o q' podeis da vossa p ^{te} porq' ella mude de Ar mandando a , p ^a a vizinhança [48]
Mover	visto as novidades estarem, sempre aqui, Movendosse , cada instante, sem haver quem daqui se possa excluir [42]
Negar	negandome vos isto vede q' adonde buscarei Protecção [14]
Nomear	entendi q' ficaveis com saude mas perplexa q' nomeandome vos nella a o Duque e não vos declarando mais [25]
Numerar	ja não sei o como me explique se não numerando as e tão bem duvido se vos chegarão la todas [51]
Oferecer	era conveniente p ^a segurança de seu governo me sahisse eu do meu Palacio e caza a offerecendome qualquer dos seus [36]
Opor	e França facillita muito isto, não se lhe opondo , ajudando a tudo q' lhe parece [41]

VERBOS	FRASES
Parecer	as minhas são viver, de esperanças parecendome cada hora, Annos dillatados daime, o gosto, de abreviades [74]
Pedir	mas não me pode tirar a de estar sempre as vossas ordês, no em q' nunca faltarei, pedindovos me façais tão ditoza q' tenha em q' vos obedecer [23] e com este seguro me fica a esperança de vos ver pedindovos com toda a instancia o abrevieis [13] isto he tudo q' vos posso dizer, pedindovos q' me aconselheis o mais depressa que puderdes [41]
Persuadir	cada correo espero com alvorosso, persuadindome vos achaveis algũ caminho o qual eu posso ignorar [3] mandei chamar hũ dos relligiozos, persuadindome , q' a minha hora era chegada [47]
Procurar	o meu mayor sentimento he o não poder ter noticias vossas, procurandoas por toda a parte [57] q' asi seja, procurando me via q' eu estou promptissima, quando ativer [40]
Prometer	numca pude acabar com el Rey me desse Navios prometendo me mos daria no Inverno [51]
Segurar	Eu o estimei m ^{to} pello bem q' em toda a occazião me tem servido, segurandome q' todo q' a mi se fas vos pertence a vos [68] todas as vezes q' posso, alcanssar ocazião segura vos mando novas minhas segurandome , q' vos mereçe o meu Amor [39] e com bem imperfeita saude, segurandome q' ninguem me asertera a cura [27] peçovos me justifiqueis com a Raynha segurandolhe , q' não tivestes carta minha [10] agora q' acho algũ bom effeito destas medecinas o faço p ^a de todo o confirmar, segurandovos q' as vossas espero [4] queirais vos saber de mais perto como eu espero em D's e em vos segurandovos que este meu Dezejo não he appetite [11] agora o faço, segurando vos que empregais os vossos affectos em quem os sabe avaliar [68] se lhe derdes credito como eu spero segurandovos dos dezejões, que eu tenho de me ver comvosco [71] com a minha inclinação me dicta segurandovos dos Afectos de hũa l mais Amante [63] vos torno a repetir o q' na primeira vos digo, segurandovos a minha vontade estar prompta, para concorrer em todo [28]
Tirar	hũ empenho mais particular me corre com elle, pois o desacomodei, tirando o de xabregas, adonde elle estava [77]
Tomar	espero q' o meu Amor, achara em vos desculpa se vos parece q' excedo os limites tomando vos este pouco tempo [67]
Valer	de outras muitas rezões q' não allego por não ser comprida, valendome so dasapontadas, q' são bem forçozas [14]

ANEXO VI: PERÍFRASES VERBAIS

VERBOS PRINCIPAIS	TIPO	FRASES
Achar	CI-V-Inf.	de toda a sorte me aveis de achar Irmã verdadeira e por conseqüente mui Amante de tudo o que vos tocar [30]
	CI-V-Part.	pois he ir buscar Amparo a hũa Choroa aonde as afflictas desta Nação o tem achado com hũa assistencia tão grande q' pode ser meyo para a restauração [60]
Achar-se	CI-V-Part.	se não estivera mui indisposta e de cura, q' me tenho achado sempre mal despois q' el Rey me faltou [68]
Ajudar	CI-V-Inf.	não for ja tarde para o remediardes, eu espero, de vos me queirais ajudar , e de todo não dezemparar [36]
Alcançar	CI-V-Part.	despois das grandes revoluções q' ha avido, do q' toca a minha pessoa, vos tenho sempre dado conta como vos tereis alcançado se he q' la vos chegão todas as q' vos tenho escritas [44]
Alegar	CI-V-Inf.	eu me defendi o melhor, q' pude, com a força e direito, da minha rezão, q' nestes tempos, he o peor q' se pode allegar [36]
Aliviar	CI-V-Part.	D's por sua infinita bondade e misericordia a tenha já aliviado de todos [46]
Apontar	CI-V-Part.	e numca se consiguira se não pollo caminho q' em outras vos tenho apontado O qual so me parece pode concluir as duas couzas [50]
Arguir	CI-V-Inf.	e lhe não pezaria de me ver e porq' me segurava q' estas Aspersões se avião de Arguir [51]
Arreponder	CI-V-Inf.	o q' eu fio do vosso bom natural e Amor q' me tendes he q' vos aveis de Arreponder q ^{do} ja for tarde [62]
Assistir	CI-V-Inf.	em todo certificandome vos me aveis de assistir ao grande dezejo q' eu tenho de vos ver [28]
	CI-V-Ger.	aos q' vão, como a esses poucos q' me ficão assistindo q' he so a consolação q' esta afflicta Irmãa pode ter [55]
Avaliar	CI-V-Inf.	por tão boa secretaria vossa filha e minha sobrinha agora o faço, segurando vos que empregais os vossos affectos em quem os sabe avaliar [68]
Aventurar	CI-V-Inf.	q' se eu tivera navios no coração do inverno me ouvera de aventurar , o q' não he muito p ^a dezejar [56]
Aviar	CI-V-Ger.	não estou p ^a mais q' me estou aviando p ^a amenhaa ir dormir [36]
Buscar	CI-V-Inf.	pois se abrem as clauzuras, por se irem buscar os remedios que o lugar não pode dar de si [15]
		Lá me foirão buscar para me Arguirem, sem nenhũa cauza so por corroborarem o seu procedimento [36]
Cansar	CI-V-Inf.	asi não vos quero cansar mais, com aquillo q' por tantas vezes vos tenho pedido [17]
		eu não vos quero cançar mais, o peor de tudo he que estou tão ma de saude q' não posso proseguir [40]
Chamar	CI-V-Inf.	pois me vejo em hũa prizão, q' asi se pode chamar cedeada, por mar e terra [41]
		hũa a mão direita e outra a esquerda q' mais propriamente se poder chamar recretes q' cazas [52]
Chegar	CI-V-Part.	ja la vos tera chegado a ultima que vos escrevi, da data de 7 de Abrill [2]
Conduzir	CI-V-Inf.	so falta o avizo de la para se prevenir a esquadra, que me ha de conduzir e como este se não pode fazer em quanto não ay embaixador nomeado [74]
Conseguir	CI-V-Inf.	mas não se pode conseguir se não por vosso meyo, para com el Rey de França [62]
		com tudo não no pude conseguir , q' os portos estavam todos tomados, com ordês apertadissimas [40]
Conservar	CI-V-Inf.	com a grande fama que a sua vos merecia, não na podendo conservar aqui por falta de exercicio [77]
Contentar	CI-V-Inf.	não avendo nenhũa outra so couza no mundo q' me possa contentar , nem eu haja de procurar, mais q' a vossa favoravel rezolução [28]
Crer	CI-V-Inf.	pezame infinito, não poderes remediar este, o q' facilmente se pode crer , sem exegeração [35]
Curar	CI-V-Inf.	para qualquer dos males he esta terra bem ma, sempre vos digo vos so me podeis curar todos [65]

VERBOS PRINCIPAIS	TIPO	FRASES
Dar	CI-V-Inf.	tenho tudo o q' na vida me pode dar cabal satisfação [1]
		se asi for he so a nova q' terei q' me possa dar g ^{de} gosto [49]
		so vos lhe podeis dar o remedio e q' lho deveis dar pois o perigo he evidente [43]
		as novas q' eu de mi vos posso dar , são mui breves, q' quem não tem gosto, não pode ter saude [18]
		esta he a conta q' vos posso dar de quem dezejo, atendeime [80]
		as q' eu daqui vos posso dar são so de faltas de saude [52]
		neste não vos poderei, dar , essa imformação, pois me continua ainda o mesmo mal. do peito [24]
		ficando com a mesma de saber se avera nesta terra algũa couza em q' eu vos possa dar gosto [75]
		bem julgareis vos a penna, q' amim me deve dar isto [53]
		so vos lhe podeis dar o remedio e q' lho deveis dar pois o perigo he evidente [43]
		Meu Irmão outra ves vos peço me queirais dar boa velhice [71]
		pois este não he tempo de me quererem dar navios pois tem tanta necessidade delles [41]
	seguraivos q' navios numca mais este governo mos ha de dar q' não podem mandarem nos tão longe [19]	
	eu tinha ordenado hũ expresso, para vos ir dar esta conta este presente [41]	
	CI-V-Part.	isto não podoser sem difficuldades das quais eu por vezes vos tenho dado conta [52]
		o q' ja por tantas Cartas e Caminhos vos tenho dado Conta e juntamente advertido [62]
		despois das grandes revoluções q' ha avido, do q' toca a minha pessoa, vos tenho sempre dado conta [44]
		eu de tudo isto vos tenho sempre dado conta e numca tive nenhuã reposta vossa [45]
		eu não tenho mais de q' uos dar conta, pois uolla tenho dado de tudo o q' tem passado, e asi o farei [33]
		quando esta la chegar Manoel Dias vos tera ja dado conta, das rezões q' eu tive e me impedirão a jornada, [31]
salvador Taborda vos tera ja dado conta, de q' eu o Empreguei a elle mesmo [33]		
a vos não vos tera dado g ^{de} penna, esta nomeação [74]		
e asi não vos pareça q' foi omisão minha, o não vos ter dado esta noticia [41]		
e he duro q' não dando a cauza aja de sofrer como se a ouvera dado , mas eu não vejo outro remedio, mais q' resignarme [21]		
Deferir	CI-V-Inf.	porque me prometo me aveis de defferir com toda a brevidade, conforme a o meu dezejo [11]
Deixar	CI-V-Inf.	creo eu, q' se vos asi o entenderis q' não me avieis de deixar perecer [62]
Desalojar	CI-V-Inf.	q' sobre hūs Argumentos tão debeis e sobre tudo tão incertos eu me ouvesse de dezalojar da unica caza q' eu tinha em Inglaterra [51]
Descobrir	CI-V-Inf.	pois ando sempre estando os caminhos, por onde a possa descobrir foi D's servido, descobrir me este [62]
Desejar	CI-V-Part.	o q' eu sempre tanto dezejei, e se numca o tivera dezejado tempo era este para não dezejar outra couza [41]
Deter	CI-V-Inf.	esta p ^a dar a vella não me posso deter aD's [62]
	CI-V-Ger.	na p ^a occasião estarei mais descansada para me poder deter so direi a Cortezania del Rey França e de todo este Reyno he estranha p ^a comigo [8]
Dilatar	V-V-CI	não quero dillatar me temendo q' agrossaria do Campo ajuntandosse a propia possa ser dezagradavel [67]
		se ele me consedera o poder dillatarme mais eu o fizera mas ja me falta a respiração [2]

VERBOS PRINCIPAIS	TIPO	FRASES
Dizer	CI-V-Inf.	por eu estar com esta pressa não vos posso, dizer mais p ^a a primeira occazião me alargarei mais [58]
		mas como e so não sei o q' a podera fazer, isto he tudo q' vos posso dizer , pedindo vos q' me aconselheis [41]
		para quem depende desta terra e o q' vos posso dizer , com a pressa q' manda este expresso [59]
		não vos posso dizer mais q' tenho alterado, a rezulução, q' tinha tomado, das agoas de Borbon [59]
		em quanto me faltão estas noticias não sei q' vos possa dizer as q' eu da qui vos posso dar são so de faltas de saude [52]
		não sei, q' vos possa dizer mais q' todas as diligencias q' tenho feito [56]
	V-CI-Inf.	isto he o tudo q' nesta materia vos devo dizer porq' não são emtertinimentos os q' me detem [56]
		pois a livra dos Mayores riscos, e desgostos q' se pode dizer o papel e acheo e eu não tenho dito nada [21]
CI-V-Part.	tudo o q' lhe eu peço com toda a Cortezania e poder folgar eu poder vos dizer o ser asi desta banda [7]	
	eu disto vos tenho dito tanto, a mais de hū Anno q' ja não tenho mais q' vos dizer [76]	
	isto vos tenho ja dito tanto q' se o vos quizerdes remediar, podeis [17]	
V-CI-Part.	despois de vos ter dito isto não me fica mais q' dizer [40]	
	tenho vos ja dito tanto disto q' não quero mais importunar o q' eu fio do vosso bom natural e Amor [62]	
Efetivar	CI-V-Inf.	ouvio e differime, elle sabe o como isto se pode efetivar asi vos peço o queirais por obra [71]
Embargar	CI-V-Part.	achei q' o tinhão embargado , por 40 dias e pois este me faltou [40]
Empregar	CI-V-Inf.	espero em D's pois foi servido de ma conceder seja p ^a . eu a saber melhor empregar [69]
Encomendar	CI-V-Inf.	pois he o verme em terra de Cathollicos adonde com quietação me possa encomendar a D's [44]
		Eu não dezejo outra do mundo, mais q' a de ver me aonde me possa encomendar aD's [49]
Encontrar	CI-V-Inf.	espero me venha encontrar , a raya, p ^a me Acompanhar como creado vosso [64]
Enfadar	CI-V-Part.	temo q' vos tenho enfadado m ^{to} [67]
Entender	CI-V-Inf.	a cauza de estas contradicoeñs ou repugnancias vos as aveis de entender melhor q' eu [21]
Escrever	CI-V-Inf.	este mal do braço me comecou a 7 de novembro, o primeiro q' entrei, em espanha e por isso nunca vos pude escrever [10]
		não repito de novo o que por tantas vos tenho escrito , so a execucao emcomendo q' seja accellerada [13]
	CI-V-Part.	Se la tiverem e chegado todas as q' vos tenho escrito , vereis por ellas q' em todas as occaziões, q' se offerecerão não tenho faltado [50]
		por varias vezes vos tenho ja escrito o grande dezejo, q' tive, despois q' começarão estas rezuluções [50]
		São tantas as q' vos tenho escrito , por todas as occaziões q' se tem offerecido q' ja não sei [51]
		la terão chegado as minhas Cartas e nellas vereis o q' vos tenho escrito hūa ves q' se me faltou a o respeito não tenho mais q' esperar [51]
		esta vai a ventura pois de tantas q' vos tenho escrito [50]
		não ha mais que fazer da vossa sim que he o que ja em outras vos tenho escrito , seguros que o Mundo sabe avaliar o que vos eu mereco [11]
CI-V-CI	como vos tereis alcançado se he q' la vos chegão todas as q' vos tenho escritas [44]	
Esperar	CI-V-Inf.	conhecendo, q' nimguem a pode de presente esperar aqui e asi por esta cauza [60]
		e não se pode esperar outra couza, adonde a Igreja esta tão opprimida [35]
		estiveme detendo com esta digreção esperamdo se chegava o correo com algūa rezolução, ou se a podia esperar , por algū outro avizo [52]
Esquecer	CI-V-Inf.	este p ^a mi foi tão g ^{de} q' quase me fes esquecer aos Mais o q' não he facil [48]
Estar	CI-V-Inf.	para qualquer lugar do Mundo oje em q' se pode estar com segurança e decoro, mas não se pode conseguir se não por vosso meyo [63]
Excluir	CI-V-Inf.	as novidades estarem, sempre aqui, Movendosse, cada instante, sem haver quem daqui se possa excluir [42]
Executar	CI-V-Inf.	e q' façais toda a diligencia possivel por o fazer executar pois não podeis fazer aD's mayor serviço [75]
Exprimir	V-CI-V	Comforme o tempo em que vos escrevo julgai vos os meus alvorossos, Com hūa esperanza tão bem fumdana, que he impossivel para mi o podellos exprimir [37]

VERBOS PRINCIPAIS	TIPO	FRASES
Falar	CI-V-Part.	mas faço força a minhas lagrimas p ^a a fazer em todas as occaziões q' me tem fallado o Marques [61]
Faltar	CI-V-Inf.	o que eu tenho por mais serto, pois vos não me podias faltar [52]
Fazer	CI-V-Inf.	o portador espero ache em vos a honrra que lhe costumais fazer o mais q' não digo leva elle recomendado [71]
		eu tenho apontado hū Official meu p ^a . q' em cazo q' esteja algūs dias lhe va fazer meu comprimento [18]
		q' são so os dezempenhos de q' eu so me posso fazer capas nesta materia [68]
		eu por mi confeço q' he hū dos g ^{des} obsequios q' me podeis fazer , não so pollo g ^{de} affecto [75]
		por que tenho tal opressão em Londres, que escaçam ^{te} o posso fazer [12]
		e não sei eu outra couza q' o possa fazer se não esta [48]
		mas como e so não sei o q' a podera fazer isto he tudo q' vos posso dizer, pedindo vos q' me aconselheis [41]
		Taõbem vos podera fazer presente se for necessario, a verdade de meu affecto p ^a com vosco [9]
		q' procurando o ir me p ^a Portugal, cõ todas as veras possiveis, pois ate cheguei a dizer, o queria fazer , como pessoa particular [20]
		em quanto não ay embaixador nomeado peço vos o queirais fazer ou q' esta ia o ache feito [74]
e porque naquella occazião vos manifestei ao largo o que por vezes vos tenho representado, e faltandome a vossa reposta effectiva, o torno a fazer [2]		
CI-V-Part.	mas estes serviços mos tem feito ademonstrações a q' me não obrigarão a ter [61]	
	eu ja não tenho braço p ^a escrever nesta occazião, pois ja o tenho feito tão largamente [77]	
	espero eu que agora vos não faleis, tal escolha, mas em cazo que atenhais feito , encarregai com todo o encarecimento os meus particulares [12]	
	oito dias há vos escrevi de Leão, e depois de o ter feito me trouxe, Manoel Dias hūa vossa [64]	
Ficar	CI-V-Inf.	pois he so o que me pode ficar quando me falta, o único e grande de vos ver [5]
Informar	CI-V-Inf.	peço vos vos queirais informar disto cõ particularidade, e q' façais toda a diligencia possivel [75]
Inventar	CI-V-Inf.	debaixo de sospeita contra o governo sem cauza mais q' quimeras de quem as queria inventar era couza mui triste e mui poco segura [51]
Ir	CI-V-Inf.	e depois de roto, que eu me quero ir não he agradavel a Nação que eu deixo [37]
Lembrar	CI-V-Inf.	estes dias que vos não pude escrever, vos mandei lembrar a expedição da minha jornada [38]
Livrar	CI-V-Inf.	estou em suas Mãos salvo se vos me puderdes livrar o q' eu bem sei vos fizereis si vos constara o meu grande risco [36]
		q' a nação esta inda de peor humor q' estava de antes so vos me pudereis livrar destes sustos e suceços [76]
Mandar	CI-V-Inf.	ou por expresso ou como o pudermos mandar conforme os caminhos q' descobrimos [54]
	CI-V-Part.	eu fico esperando, que quando, esta la chegar, vos me tereis mandado , estas mesmas boas novas [5]
Manifestar	CI-V-Inf.	nelles vos acompanho, com hūa increivel alegria a qual não se pode manifestar , desta distancia [66]
	CI-V-Part.	e o q' me faz mais serto de que vos me entendeis he q' ja vollo tenho manifestado [14]
Merecer	CI-V-Inf.	agora o faço, segurando vos que empregais os vossos affectos em quem os sabe avaliar e por toda a vida os procurara merecer q' são so os dezempenhos [68]
		e porq' eu vos sei merecer esta boa vontade peçovos me signifieis, asi no effeito como na brevidade [75]
Nascer	CI-V-Part.	q' me cauzou a boa novva de vos ter nacido hū filho, queira D's q' a este se ajuntem outros [18]
Ocorrer	CI-V-Part.	não tenho mais q' esperar e não tenho outra p ^{te} p ^a onde ir q' p ^a Hamburgo se aqui me derem passagē p ^a la e de la licença p ^a eu ir isto me tem ocorrido e o q' eu de procurar olhai a q' estado tenho chegado [51]
Oferecer	CI-V-Inf.	peçovos m ^{to} q' com o vosso poder e autoridade alhaneis todas as difficuldades q' se puderē oferecer [79]
	CI-V-Part.	São tantas as q' vos tenho escrito, por todas as occaziões q' se tem oferecido q' ja não sei o como me explique [51]
Ouvir	CI-V-Inf.	infinitos tempos he o dezejo ouvir e agora o espero ver [66]

VERBOS PRINCIPAIS	TIPO	FRASES
Passar	CI-V-Inf.	pois verei aqui a Raynha pois nos ha de passar polla porta, em embarcassões Inglesas [14]
	CI-V-Part.	Com negoceos e pouca saude se me tem passado alguns correos, em que me não foi possivel procurar, novas vossas [38] eu não sei ainda formalm ^{te} tudo o q' se tê passado nesses negoceos e principalm ^{te} no ultimo [79]
Pedir	CI-V-Inf.	para mandar estes boms religiosos para as suas mesmas Provincias, donde os mandei pedir , o bem q' tem cumprido com as funcções dos Charecteres [55]
	CI-V-Part.	asi não vos quero cansar mais, com aquillo q' por tantas vezes vos tenho pedido [17] espero que em vos achem a boa acolhida, q' para com os outros vos tenho pedido [55]
Persuadir	CI-V-Inf.	e ai algûs q' julgão q' em vos he so falta de poder, q' nimguem se pode persuadir , q' o meu Amor merece melhor agradecim ^{to} [76] e esta nação se começa a persuadir do pouco q' ella val p ^a vos servir [61]
Por	CI-V-Part.	e como o meu dezejo não era de carregar a quem tanto tem q' defender, pois he o Monarca q' se tem posto da parte da Igreja em deferença dos catholicos que aqui estamos oje tão oprimidos [41]
Procurar	CI-V-Inf.	e sabem bem q' so vos me podeis procurar o remedio pois de presente não pode ser p ^a . a Patria [62] esta ternura espero nunca me faltareis com ella pois no em q' em mi estiver sempre o saberei procurar [29]
	CI-V-Part.	credeme q' não foi falta da minha solicitação, o não me ver, eu na minha patria já, pois o tenho procurado com todo o callor [19]
Prometer	V-CI-V	este Rey daqui tinha me prometido navios ja se me escuzou q' mos não pode dar [76]
Remediar	CI-V-Inf.	sempre me deu esta distancia grande penna mas agora me cauza hũa grande distração o não na poder remediar [39]
Remeter	CI-V-Inf.	ainda agora o faço com tanta difficuldade, q' de novo me torno a remeter a o mesmo enviado [8]
Renovar	CI-V-Part.	agora se tem renouado , de sorte, q' para seguro de tudo, me foi necessario fechar a Capella, o q' numca fis despois q' cheguei a Inglaterra [36]
Repetir	CI-V-Inf.	Por via do Marques vos escrevo, e o torno a repetir por via de Gaspar de Abreu [82] e por ser mas breve a passagem, vos torno a repetir o q' na primeira vos digo [28] ha tres dias q' me acho, com algũa melhoria, suposto q' he tão poca q' outra ves, mecomeção a repetir , as picadas, o que me fas crer, me apostemara de novo o peito [24]
	CI-V-Part.	Nesta digo tudo e estou como em varias cartas vos tenho repetido , prompta, p ^a dar satisfação [1]
Representar	CI-V-Part.	e porque naquella occazião vos manifestei ao largo o que por vezes vos tenho representado , e faltandome a vossa reposta effectiva, o torno a fazer [2] p ^a dar satisfação a qualquer queixa q' por carta vossa me for representada mas certa estou a não representareis com fundam ^{to} [1]
Requerer	CI-V-Inf.	e a outra, he mais particular, minha, e me parece require algũa consideração, pois parece iusto [14]
Resolver	CI-V-Part.	como por falta de saude, me ei rezolvido a passar a França a beber as Agoas de Borbon [60]
Resultar	CI-V-Inf.	hũa obra q' por todos os caminhos vos ha de rezultarem grangearia, asi p ^a cõ Deos, e p ^a comigo [75]
Retirar	CI-V-Inf.	em quanto eu não tenho este gosto, me vou retirar , em algũa parte de Inglaterra adonde so D's sabe o q' me podera suceder [56]
Segurar	CI-V-Inf.	elle he carta viva ha de ser o melhor rellator, o q' eu sei e vos posso, segurar como seguro [57]
Ser	CI-V-Part.	salvador Taborda vos tera ja dado conta, de q' eu o Empreguei a elle mesmo, esperando, o seu Charactere, o faria mais, afortunada q' o Meu Official o tinha sido da primeira ues [33]
Servir	CI-V-Part.	espero não desmereça, por me ter servido mais particularm ^{te} [63] Eu o estimei m ^{to} pello bem q' em toda a occazião me tem servido , segurandome q' todo q' a mi se fas vos pertence a vos [68]
Significar	CI-V-Part.	mas elle me fallou com hûs termos tão alheos do q' minhas respostas merecião q' me deu occazião apena q' vos tenho significado [61]
Solicitar	CI-V-Inf.	por isso quanto estiver na minha mão o ei de solicitar suposto não sei o effeito q' produzira [72]
Suceeder	CI-V-Inf.	em quanto eu não tenho este gosto, me vou retirar, em algũa parte de Inglaterra adonde so D's sabe o q' me podera suceder [56]
Temer	CI-V-Inf.	deixo o fazervos presente o estado dos negoceos no tempo presente, e o q' se pode temer com a vinda do Parlam ^{to} q' sera p ^a os 19 de Abril q' vem [19] tudo se pode temer , pollo q' ha pouco vimos [9]
	CI-V-Inf.	não sei se terei occazião de vos escrever outra pois esta Nação procura evitar todo o comercio, q' se pode ter com França [53] se em algũa acho o bom effeito de vos me procurardes a minha liberdade q' não sendo so por esse caminho he serto, por nenhũ outro a posso ter [22]
Tirar	CI-V-Inf.	isto pode a fortuna fazer, mas não me pode tirar a de estar sempre as vossas ordês [23]
Tomar	CI-V-Inf.	estando eu na minha caza quieta sem dar nenhũa occazião nem aver nella couza de q' se pudesse tomar nenhũa [51]

VERBOS PRINCIPAIS	TIPO	FRASES
Tramar	CI-V-Part.	queira D's assistir a el Rey p ^a descobrir tanta aleivozia q' se tem tramado p ^a q' cessem as perturbações [69]
Trazer	CI-V-Inf.	Cae neste dia em que eu espero as boas novas que vos digo, pois he o dia q' o Correyo as pode trazer [37]
Valer	CI-V-Inf.	D's por sua Misericordia me acuda pois he so de quem me posso valler , pois vos tenho a vos tão longe [39]
		sendo asi não tenho eu animo de ver hũa perscecução e não lhe poder valer por mais asertado [60]
		tudo isto vos digo porq' se me suceder algũa couza não me condeneis pois vos sois so quem me podeis valler procurando com a parte com quem vos unis [21]
Ver	CI-V-Inf.	pois alcanço que vos não me dezejais ver ami como eu perpetuamente suspiro por vos ver a vos [30]
		Irmão credeme se vos dizer q' medezejo m^{to} ver livre da qui [36]
		Irmaa q' vos Ama e vos dezeja ver [52]
		infinitos tempos he o dezejo ouvir e agora o espero ver [66]
Vir	CI-V-Inf.	não cuidava eu que na liberdade em q' D's me pos me avia de vir nenhum outro bom effeito q' o de vossa companhia mas enganeime [30]

ANEXO VII – INTERPOLAÇÃO

VERBOS	FRASES
Achar-se	valendome so das apontadas, q' são bem forçozas e q' já se virão ambas nesta mesma nação em q' me eu acho so [14]
	sempre as espero com alvorosso e nestas revoluções, em q' me eu acho , cada hora me fas necessitar mais dellas [42]
	conforme ao estado em q' me eu acho tudo me he soccorro, pois estas alterações me trouxerão mayores encargos [7]
Ajudar	el Rey Guilherme o difficulta, sendo tão inconsideravel, q' lhe não pode ajudar as suas despezas, e ami, fas me falta [7]
Alargar	eu fico doente e por isso me não alargo q' estou de purga [43]
	por esta cauza, como por me dizerem, q' nenhũa carta, vai sem exame me não alargo mais [24]
Atrever	leva sua May q' pella m ^{ta} idade, se não atreve aviver entre tantos sobresaltos, como aqui vivemos [63]
Bulir	pois he sertissimo, q' eu me não posso bullir , deste Reyno, salvo so, se vos, mo procurardes por vossos, Meyos [19]
Caber	se me a mi não coubera parte nisto, não vos dera esta conta, pois das alheas não me toca [42]
Cansar	de tudo isto vos tenho sempre dado conta e numca tive nenhuã reposta vossa asi q' não prosigo por vos não cansar mais [45]
Certificar	pollo q' ha pouco vimos, o q' vos eu posso certificar he q' estas considerações são mui Melancolicas [19]
Chegar	para isto espero cada dia novas vossas, e tardão não sei donde se detem, so sei q' me não chegão [53]
Dar	mas conforme o tempo he favoravel chegara tarde e creio lhe não dara alcanse [17]
	he a segunda q' nesta occazião vos escrevo, sendo q' no tempo presente, me não da minha penna fuga a fazer esta [61]
	pois aqui me não dão navios nê vos mos mandais em toda a outra p ^{te} do mundo [36]
	se me não derdes o gosto de querer q' eu vos veja, q' he o tudo ao q' a minha consolacão aspira respondeime [14]
	as q' vos eu poderei dar me seguro, q' vos não gostareis de ouvir [18]
	esta occazião, se me offerece e não ha outra por onde vos eu possa dar novas minhas [76]
	este Rey ^{daqui} tinha me prometido navios ja se me escuzou q' mos não pode dar , e he certo q' elles não podem fazer nada [76]
Declarar	Ds' o sabe pois a relligião he tão fortemente perseguida, q' se não pode declarar [20]
Descuidar	sertificovos, q' eu me não tenho descuidado [33]
Desejar	e a essa Choroa lhe venhão, as felissidades, q' lhe eu dezejo [18]
	D's vos de todas as felissidades que vos eu dezejo , e ao Reyno todo pois em mi e tão natural o dezejalas [30]
	não tenho outra couza, q' vos dizer senão dezejarvos, aquellas que vos eu dezejo [59]
Deter	ficão lhe as esperancas mui seguras de que vos não detereis , em cooperardes comigo [11]
	eu estou tão cançada q' me não posso deter ainda q' me mui necessario [51]
Dilatar	nesta materia me não dilato polla ter por superllva conhecendo a justiça q' me fazeis [68]
Diminuir	este se não pode agora diminuir conforme esta relação q' vos dou [52]
	não duvidais he certo o não poderem diminuir , nenhuãs diligencias, se ouver quem as faça o q' não cuido avera [9]
Escrever	estes dias que vos não pude escrever , vos mandei lembrar a expedição da minha jornada [38]
Esperar	não quero eu iulgar tão mal nem de mi nê de nimguem, nem que vos o permitais ser do de outra sorte como o eu espero [71]
Esquecer	não me demaziando mais q' a pedir vos, q' vos não esqueçais de quem ainda q' auzente vos Ama [67]
Explicar	e bem sabeis vos q' isto nace de hũ coração tão singello, q' ainda asi se não explica [75]
	espero q' vos tendeis considerado isto por mi de melhor de q' vollo eu sei explicar [37]
Faltar	e para aposta seguinte, estou certa, me não faltareis , com a serteza do tempo [37]
	asi com toda a confiança spero de D's, e de vos q' me não ha de faltar esta speranca q' he o que da Allento a minha vida [27]

VERBOS	FRASES
Fazer	lembraivos dos muitos annos q' peno, e se vos rezolverdes a me não fazeres tão ditoza, daime conta [14]
	Meu irmão a vos se vos não fara de novo ver a Manoel Dias nessa terra, pollas muitas vezes que a ella tem ido [71]
	pois ha quatro mezes o não podê fazer em nenhũa outra parte destes [59]
	se a minha saude me dera licença p ^a proseguir o fizera mas venho de hũa jornada dillatada e o não posso fazer [30]
	so falta o avizo de la para se prevenir a esquadra, que me ha de conduzir e como este se não pode fazer em quanto não ay embaixador nomeado [44]
	adonde com quietação me possa emcomendar a D's o q' cõ ella se não pode fazer aqui e não he de admirar [74]
Ficar	bem vedes vos q' vos não fica escolha em tal conjectura D's vos fes esta m ^{ção} de livrar a hũ Principe q' estava embaraçado como os demais [26]
Fugir	o q' eu so acho he tomar os riscos, así como vierem, pois lhe não posso fugir [21]
Imputar	porq' se não souberdes novas minhas, q' o não imputeis a descuido [50]
Levar	pedi a este Rey Navios, a reposta a mesma, em respeito do successo Comprimentos, q' me não haõ de leuar , a Portugal [33]
Livrar	he bem me alivie do cuidado de q' lhe não suceda algũa couza de q' eu os não possa livrar , o q' para mi seria penna [55]
Mandar	Manoel Dias dis sobre isto alguã couza, porq' todos lhe encarregão, emtendendo ser mui urgente, o q' lhe eu mando [37]
	pella vossa colho recebestes as noticias q' vos eu mandava o tempo que o intentava [40]
Merecer	segurovos que o Mundo sabe avaliar o que vos eu mereço taõ bê que não ficareis da perda em mostrar que o estimais [11]
Mover	ja não tenho mais q' vos dizer pois parece vos não move nem o m ^{to} q' padeço nem o grande risco em q' eu aqui me acho [76]
Obrigar	mas estes serviços mos tem feito ademontrações a q' me não obrigarão a ter [61]
Pedir	eu tenho na minha mão o passaporte del Rey de França por mar e por terra tudo o q' lhe eu peço com toda a Cortezania [7]
	dezejando, ja m ^{to} fazello de mais perto, e p ^a isto vos peço vos lembreis, do q' vos eu tanto pedia na posta passada [6]
	e todo o Mundo se Maravilha de lho vos não pedirdes pois se emtende q' esse sera o Modo p ^a elle o Conceder [62]
Perder	mas pois así não pode ser, querei vos que se não perca , mais tempo, do que a necessidade permite [13]
Permitir	e ja que vos ainda mo não permitis alomenos, offereçaia ambas da minha parte [11]
	e me necessario atalhar estes tão gostozos discursos, por as forças me não permitirem alargarme [27]
Pesar	asi pollo dezejo q' eu tinha de ver a Meu Irmão e Patria, q' me estimavão e lhe não pezaria de me ver [51]
Procurar	pois estou certa ja agora q' a frança ja não posso ir salvo mo vós procurardes e Portugal estar tão longe [19]
Queixar-se	e a vossa memoria esta em mi tão presente, p ^a me tirarizar, o de q' me não queixo , q' suposto me fas padecer [23]
Remediar	isto vos tenho ja dito tanto q' se o vos quizerdes remediar , podeis [17]
Representar	p ^a dar satisfação a qualquer queixa q' por carta vossa me for representada mas certa estou a não representareis [1]
Restituir	Se o gosto q' tive com a vossa de 9 de Dezembro me não acaba de restituir de todo a saude não sei remedio p ^a q' apelar [15]
Saber	pois, isso, sabeis vos e vos consta, q' eu o não sei [21]
	as deste reyno eu as não sei p ^a as dar e vos encontrareis com melhores rellatores do q' eu [49]
	Novas daqui não nas dou así por não ser Novelleira como por as não saber [18]
	por ser tão grande as alterações q' estas couzas podem produzir ainda, se não podem saber , he serto q' aõ de ser [19]
Sair	pois não vejo couza q' lho impida, como tão bê he serto q' eu não vejo nenhũ tão so caminho para me eu sahir daqui [18]
Ser	q' esta p ^a partir a posta, e cõ ella, sendo q' me não he a fortuna tão favoravel [23]
	Com negoceos e pouca saude se me tem passado alguns correos, em que me não foi possivel procurar, novas vossas [38]
	por estar cançada, não dos officios, largos, da Somana Sancta pois, o não forão [59]
	Foi D's servido livrarme, espero p ^a lhe não ser ingrata, pois so p ^a com elle o sou a tantos benefícios [15]
	pois he so para uos dar conta, de me não ser possivel fazer, a minha jornada [34]
Suceder	he bem me alivie do cuidado de q' lhe não suceda algũa couza de q' eu os não possa livrar [55]

VERBOS	FRASES
Temer	não sei se chegara lá, porq' ainda lhe falta Castella q' he o de q' me não temo menos [40]
Unir	e ami agora acabar esta, pois o tempo e o meu dezejo, se não unem [23]
Vencer	como dos obstaculos, que em tão breue tempo, se não puderão uenceer em todo o tempo [34]